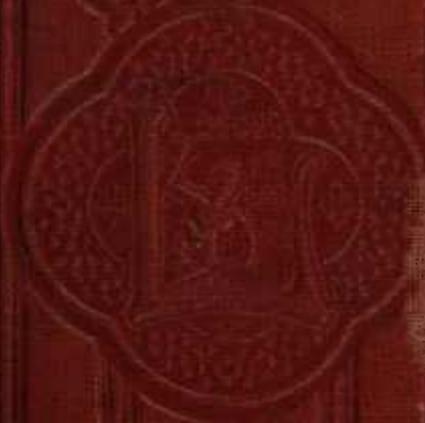
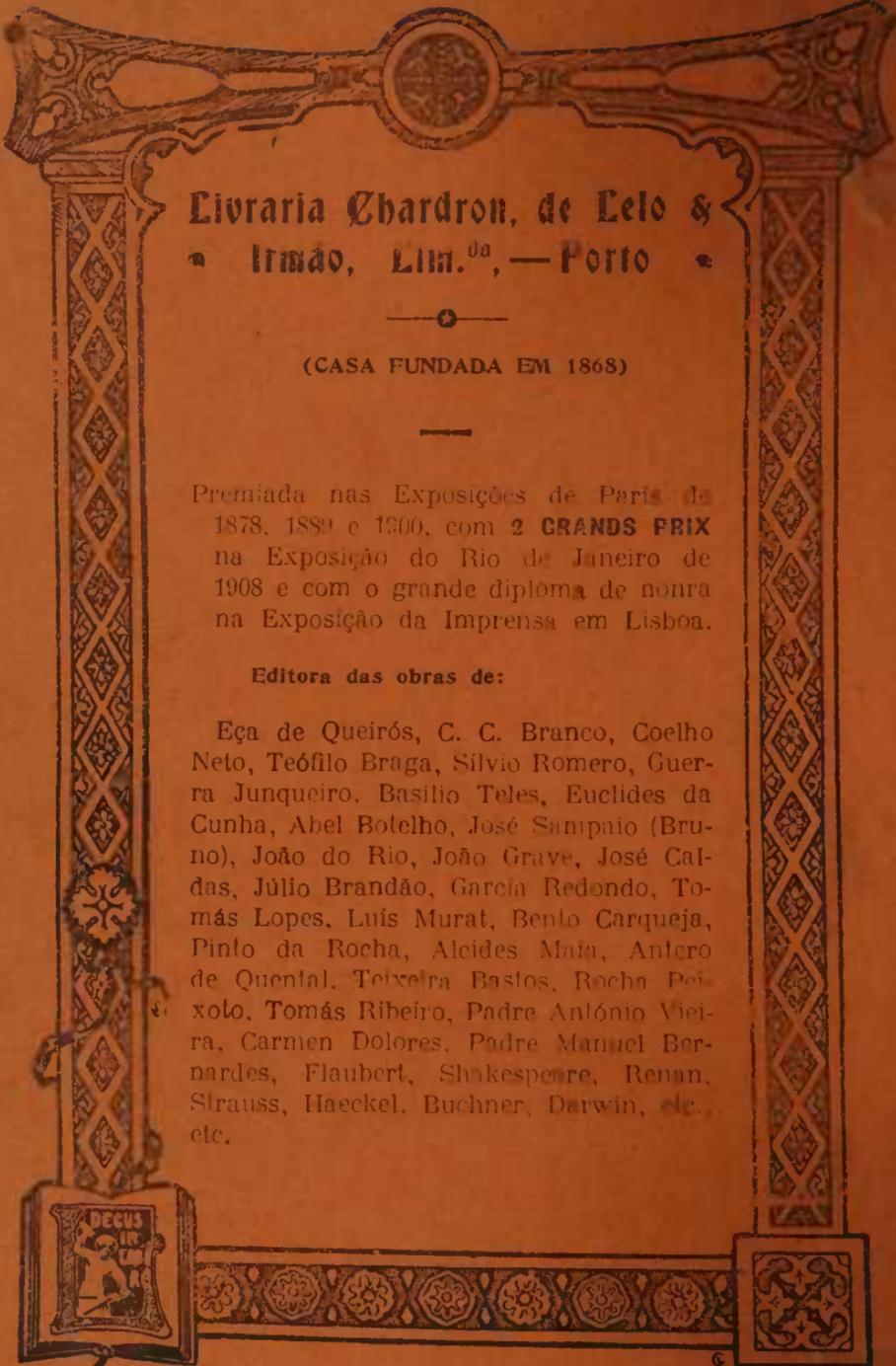


Sylvio Romero

Provocaciones y Debates





**Livraria Chardron, de Lelo &
Irmão, Lda. — Porto**

(CASA FUNDADA EM 1868)

Premiada nas Exposições de Paris de
1878, 1889 e 1900, com 2 **GRANDS PRIX**
na Exposição do Rio de Janeiro de
1908 e com o grande diploma de honra
na Exposição da Imprensa em Lisboa.

Editora das obras de:

Eça de Queirós, C. C. Branco, Coelho
Neto, Teófilo Braga, Sílvio Romero, Guerra
Junqueiro, Basílio Teles, Euclides da
Cunha, Abel Botelho, José Sampaio (Bruno),
João do Rio, João Grave, José Caldas,
Júlio Brandão, Garcia Redondo, Tomás
Lopes, Luís Murat, Bento Carqueja,
Pinto da Rocha, Alcides Maia, Antero
de Quental, Telxetra Bastos, Rocha Peixoto,
Tomás Ribeiro, Padre António Vieira,
Carmen Dolores, Padre Manuel Bernardes,
Flaubert, Shakespeare, Renan,
Strauss, Haeckel, Buchner, Darwin, etc.,
etc.



EÇA DE QUEIROZ

| | |
|---|-----|
| <i>O Crime do Padre Amaro</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Prime Basílio</i> , 1 vol. | ... |
| <i>O Mandarim</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Os Matas</i> , 2 vol. | ... |
| <i>A Relíquia</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Correspondência de Fructus Mendes</i> , 1 vol. | ... |
| <i>A Cidade e as Serras</i> , 1 vol. | ... |
| <i>A Ilustre Casa de Ramires</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Prosas Bárbaras</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Cantos</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Cartas de Inglaterra</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Esses de Paris</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Cartas familiares e bilhetes postais de Paris</i> , 1 vol. | ... |
| <i>As Minas de Salomão</i> (tradução), 1 vol. | ... |
| <i>Notas Comemporâneas</i> (sobre literatura e arte), 1 vol. | ... |
| <i>Últimas páginas</i> , 1 vol. | ... |

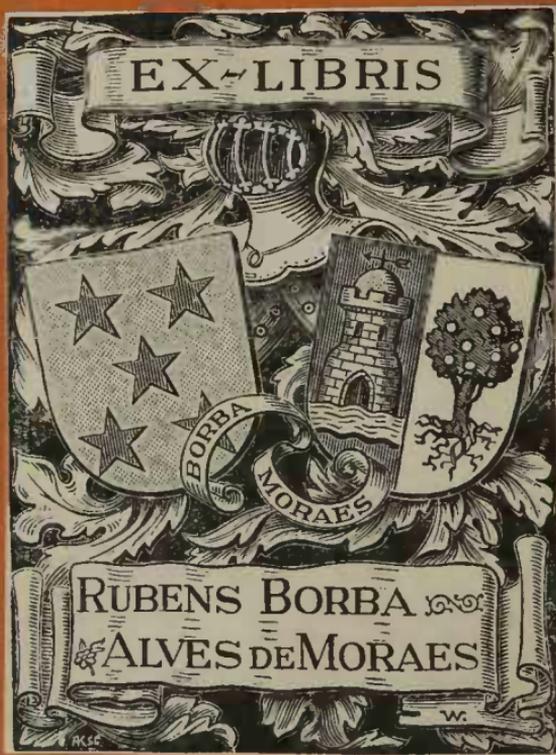
JOÃO GRAVE

| | |
|--|-----|
| <i>Os Famintos</i> , episódios da vida popular, 1 vol. | ... |
| <i>A Eterna Mentira</i> , romance, 1 vol. | ... |
| <i>O Último Fauno</i> , novela, 1 vol. | ... |
| <i>O Passado</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Gente pobre</i> , (scenas da vida rural), 1 vol. | ... |
| <i>Jornada romântica</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Reflorir</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Reinado trágico</i> , 1 vol. | ... |
| <i>A Inimiga</i> , romance, 1 vol. | ... |
| <i>A Morte vence</i> , 1 vol. | ... |
| <i>O Mutilado</i> ... | ... |
| <i>Vitória de Parsifal</i> , 1 vol. | ... |

TOMÁS RIBEIRO

| | |
|--|-----|
| <i>A Delfina do mal</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Dissoluções</i> , 1 vol. | ... |
| <i>P. Juana</i> (grande), 1 vol. | ... |
| <i>P. Juana</i> (pequena), 1 vol. | ... |
| <i>Contos que passaram</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Espectros</i> , 1 vol. | ... |
| <i>Tomás Ribeiro e a sua obra</i> , 1 vol. | ... |

(Preços, vêr a tabela em vigor)



EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

W.

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Provocações e Debates

DO MESMO AUTOR

| | |
|--|-----|
| <i>Discursos</i> , 1 vol. | 500 |
| <i>Martins Penna</i> , 1 vol. | 400 |
| <i>A America Latina</i> , 1 vol. | 500 |

SYLVIO ROMÉRO

(Da Academia Brasileira)

Provocações e Debates

(Contribuições para o Estudo do Brazil Social)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
RUA DAS CARMELITAS, 144

1910

O *accordo* assignado no Rio de Janeiro, em 9 de Setembro de 1889, entre o Brazil e Portugal, assegurou o direito de propriedade litteraria e artistica em ambos os paizes.

A presente edição está devidamente registada nas *Bibliothecas Nacionaes*, de Lisboa e Rio de Janeiro.

Imprensa Moderna—Porto

Grande Premio na Exposição do Rio de Janeiro de 1908

À santa e veneranda memoria do grande sabio

DR. EDUARDO CHAPOT PRÉVOST

homenagem

de

Sylbio Romero.

Rio, 23 de Outubro de 1908.

Rio

Dr. Arnaldo Quintella

pelo muito que lhe deve,

offerece este livro

Sylvio Romero.

Rio, 28 de Outubro de 1908.

I

UMA ESCRIPTORA BRASILEIRA

Atravez da Vida, Vesta, por
D. Amelia de Freitas Bevilaqua

Uma das cousas mais agradaveis, mais deliciosas, mais encantadoras que me tem sido dado apreciar na vida é a convivencia com a familia Clovis Bevilaqua. O casal e duas filhas. Mas o casal se compõe desse singularissimo espirito, em que o saber, a erudição, a elevação das idéas, a originalidade do pensamento se entrelaçam, se embebem, se disfarçam, se diluem, digamos assim, tão espontanea e tão docemente na modestia, a naturalidade, a despretensão, a placidez da luminosa atmospherica moral que constitue a tonalidade do character do grande escriptor, e dessa senhora, na qual a distincção se chama candura, a bondade é synonimo de delicadeza, a intelligencia é um rebento do coração, antes de ser um presente do cerebro. Que dizer das duas filhas, as duas representantes da meiguice brasileira, senão que nellas se requintou a superioridade espiritual dos pais? — Se houvesse verdade na descripção da familia patriarchal dos velhos tempos

biblicos, esse deveria ser o seu retrato. E' um espectáculo que conforta, por se perceber ao vivo estar o filão de nobres qualidades da raça longe de esgotar-se.

No meio do mercantilismo hodierno, da grosseria materialistica tão endeusada de nossos dias, encontram-se desses oasis que aviventam a fé e acrysolam a esperança, a fé nos puros devotamentos, a esperança da aquisição de altos ideaes. Ao vê-los passar, na singela superioridade de sua pureza intima, na apagada attitude de si mesmos, alguns incomprehenentes dos phenomenos sociaes, produzidos sem estardalhaço, pensam explicar o caso com uma simples phrase: são *provincianos e nortistas...* E' que esses ignoram que, em todos os tempos, os mais ruidosos gamenhos do Rio de Janeiro fôram chegados das provincias do norte e grande parte das damas, que deram ruidoso tom á sociedade elegante, eram tambem genuinas provincianas daquellas zonas.

Não quero citar nomes; não devo fazel-o, mas garanto que a lista é longa e eu a conheço.

Num meio social indisciplinado, ainda em formação, corroído por vícios alienigenos que lhe chegam dos quatro pontos do horizonte, as finas qualidades de um Clovis Bevilaqua são uma das causas do modo como o têm tratado os poderosos do dia.

A outros a quem houveram por bem incumbir em épocas varias a feitura do Codigo Civil não ousaram esquecer-se da remuneração de grossas sommas. Ao modesto jurista, ao preclaro professor do Recife... o inverso!

E' que não basta ter talento e saber! ha outros predicamentos que se fazem mais valer

em dias de agora. E é esse o motivo principal do singularismo encalhe que teve o projecto da sua lavra no Senado Federal.

Entra desta arte na região dos mythos o movel indicado recentemente como dos mais poderosos contra o projecto, — não consagrar elle a unificação do direito civil e commercial. Como se este *pium desiderium* doutrinario tivesse para tanto força, e como se essa sonhada unidade fôsse um ponto de vista definitivamente vencedor. Não será sem razão acreditar que, longe da phantasiada aspiração, o direito privado tenderá, em face da assombrosa complexidade da vida moderna, a differenciar-se cada vez mais. Pondo na base o velho e classico *Direito Civil*, regulador das relações attinentes á *familia, successões, cousas e obrigações*, terá de attender á multiplicidade de todos os problemas economicos da hodierna *produção* industrial e da *circulação* desta, formando assim o *Direito Economico-Industrial*, ramo onde as questões referentes ás industrias — *florestal, extractiva, mineira, pecuaria, agricola, machinifactory* e de *transportes*, constituirão partes distinctas, e, finalmente, assentará o *Direito Commercial*, disciplinador das especialissimas relações das *trocas, compras, vendas, cambios*, etc.

E' este o quadro que me parece verdadeiro, modificando e alargando o de De Greef.

Mas não devo esquecer que é dos romances *Através da Vida* e *Vesta* que me propuz fallar. O maior defeito da critica brasileira é não fazer, de vez em quando, indispensaveis paradas, entrar em dias de recolhimento para novos estudos e completa renovação de idéas. De posse

os nossos mais gabados criticos de apparatus gastos e imprestaveis, é para vêr a sovinaria com que se apegam a quebradas molas que deviam ha muito estar jogadas no canto dos ferros velhos.

A grande transformação por que acaba de passar a critica litteraria sob a direcção de G. Renard, Elster, P. Lacombe, B. Hanappier, Agache, semelhante áquella que renovou a critica artistica nas mãos de Haddon e E. Grosse e a esthetica theorica nas de Lotze e Vischer, é como se não existisse.

De posse de umas formulas gafadas ácerca de generos litterarios, romance, drama, poesia, estylo, linguagem e assumptos congeneres, em se lhes deparando qualquer escriptor, atiram-lhe em cima a receita e é para notar o arregaço com que blazonam: falta-lhe a imagem empolgante, a vibração dos tons, o empolgação das phrases, o amavio tentador das idéas e outras *geringonças* desse feitio... E com essas formulas negativas de uma esthetica de feira, de uma critica de pobretões, fabula-se do que se suppõe faltar nas obras dos escriptores, na impossibilidade de bem comprehender o que nellas de facto existe e deve ser estudado.

A autora de *Atravez da Vida*, entre as suas companheiras na arte da palavra escripta no Brasil, se distingue por algumas qualidades assignalaveis. E' talvez aquella que guarda mais nitido o caracter de seu sexo, as feições da alma feminina.

Se fôsem anonymos os seus contos e novellas, ainda assim deixariam vêr que fôram escriptos por penna de mulher. O mesmo não acontece com algumas de suas collegas em letras.

Sem o nome *abaixo* dos artigos que inserem nos jornaes, ou na *face* dos livros que publicam, pensar-se-ia estar a lêr a prosa de certos *blasés*, infestadores, na hora actual, do nosso pequeno meio litterario. Mettidas na convivencia espiritual desses divagadores, acham de bom imitar-lhes a *pose*, os *tics*, os amaneirados, as phrases esteriotypas, não fallando já na assimilação de certo numero de idéas anãs, mui do gosto dos pretensos duques da litteratura da moda.

Erram assim em claro as nossas patricias, quando, consciente ou inconscientemente, se deixam influir por individuos, na média, menos intelligentes do que ellas.

Fôra preferivel que, feitos bons estudos, adquirida larga instrucção, deixassem apparecer, em suas obras, as boas qualidades de espirito e de coração de que são dotadas e não imitassem imitadores de imitadores de terceira ou quarta ordem.

Se o fizessem, reappareceria em seus artigos, chronicas, contos e novellas, a sinceridade da observação, a singeleza do estylo, a naturalidade dos typos, a normalidade dos themas, a segurança e clareza da technica.

Alguns desses predicados destacam-se das paginas de *Atravez da Vida e Vesta*.

Se é acertada, como me parece, a opinião de Schilismann, quando divide os romancistas naturalistas em duas classes, os physiologistas e os psychologos; aquelles attentos aos phenomenos corporeos immeditamente perceptíveis, e só dando conta dos factos espirituaes, pelo que revelam exteriormente; os outros minuciosos analyistas dos estados d'alma mais sub-

tis; os primeiros caracterizados por um estylo vigoroso e brutal; os outros dispendo de meios de expressão mais maleaveis, mais delicados, mais percucientes; ¹ se esta divisão é exacta, a autora de *Vesta*, pertence á segunda categoria.

Atravez da Vida é a historia de uma familia de retirantes do Ceará que vem se estabelecer nos *Milagres*, sitio proximo a Olinda, em Pernambuco. Paulino, sua mulher Marianna, seus sobrinhos Maria da Luz, Jorge e Paulo, constituem o pequeno grupo.

A fabulação é simplissima.

Paulino emigrara para Pernambuco em dias asperos de secca, mas não era um *retirante* vulgar, tinha alguns recursos. Poz os dous sobrinhos no collegio, não fazendo o mesmo á sobrinha. Esta, porém, dos tres, era quem de verdade tinha a mania de estudar.

A paixão acirrou-se principalmente depois que o estouvado Jorge descerrou perante ella um mappa de geographia e, com accentuada *gabolice* de menino garrulo, fez-lhe a exposição de cousas dos varios paizes da terra e até dos astros do céu.

A *Daluz*, é como lhe chamavam, não teve mais socego; fez-se triste, merencoria, mas era sincera em sua aspiração.

Quando nas férias, o professor Chrysostomo veio dar em casa lições aos dous rapazelhos, Daluz, preza aos bilros, costuras ou bordados, ficava desattenta ao que fazia, seguindo attrahida as palavras do mestre.

Os tios lhe ralhavam; mas era tempo per-

1 *B. Hanappier.*

dido. Afinal, Paulino teve de ceder, e estava resolvida a entrada da mocinha para o collegio, quando, por mal de peccados, chega-lhe do Norte um hospede, Francisco, enviado, por um parente afastado, do Ceará.

Tiveram de crescer as despezas em casa, com arranjos varios para o recémvindo, e foi indefinidamente addiado o projecto de entrada da rapariguita para o collegio.

Resignou-se, magoada.

O novo hospede era, de todos, mais ou menos antipathizado, porque era sonso e mordaz, tendo na cara o eterno sorriso sardonico das almas gafadas por impurezas incuraveis.

A Marianna, porém, protegia-o, porque o gazo era de familia que tinha algumas posses no sertão, e a velha formulou logo o plano de casar com elle a sobrinha.

Não foi difficil metter no accôrdo o Paulino, sempre condescendente com a mulher. A Daluz aborrecia deveras o candidato dos tios á sua mão.

Durante dous annos estivera em casa o Francisco, sem que do Ceará os *arranjados* pais mais lhe enviassem recurso algum.

Já aborrecia a todos, menos á indefectivel Marianna.

Estavam as cousas neste ponto e tendiam a seguir curso mais intrincado e desagradavel, segundo as proprias palavras da autora, quando, uma occasião, o Paulino entrou em casa aos pulos de contente, avisando que empregára o rapaz, um achado inexplicavel, um emprego realmente: — casa, comida e com mil réis por mez...

Era para tomar conta da igreja dos Ingle-

zes, uma especie de secretario. E, além disso, o pai *desenbuchara*, alli estava o vale-postal com dois contos de réis para descontar os adiantamentos feitos, e um bello presente de cousas preciosas do sertão... Renasceu a alegria nos dous tios de Daluz, cujo plano de casal-a com o Francisco, naturalmente teve de recrudescer com os ultimos factos. Para maior caiporismo da moça, o rapaz facilitou o projecto dos velhos, pedindo-lhes, ao partir para o Recife, onde ia occupar o novo emprego, solememente a mão da sobrinha.

Seguem-se as torturas desta que, além de tudo, amava e era amada por um amigo de Francisco, intelligente e esquivo estudante.

Os dous nunca tiveram a coragem de manifestar o mutuo sentimento.

A moça, torturada, casou sempre com o outro.

Escusado é dizer que foi de todo infeliz.

Com ser um livrinho de pouco mais de cem paginas, *Atravez da Vida* contém um mundo e por elle se poderia reconstruir a sociedade de certas zonas do Norte, e até do Brasil em geral. Em critica litteraria, quando ella deixa de lado o gasto psychologismo de *Sainte Beuve*, e mesmo o esteril mecanicismo physicaista de *Taine* e se penetra da vasta concepção sociologica, o que importa notar não é mais, como na critica de velho estylo, o homem atravez de suas obras, senão a sociedade atravez de seus livros.

Logo nas primeiras paginas de *Atravez da Vida*, por todas as scenas que se passam na casa de Paulino e Marianna, conhece-se que se está em meio de uma dessas sociedades que têm em sciencia social a designação de com-

munarias de estado, firmadas na familia instavel.

O atulhamento da casa dos bons velhos pela parentela, alli está; tres sobrinhos e mais o filho de um amigo meio aparentado e mais os pais dos sobrinhos, quando vieram assistir ao casamento da filha.

E' o normal por este Brasil em fóra.

A tendencia geral de *pôr nos estudos* os rapazes para virem a fazer carreira, o que importa dizer — para ser candidatos ao *funcionalismo publico* ou algumas dessas chamadas *profissões liberaes*, roubando-se, assim, os braços ás profissões usuaes productoras da riqueza, da opulencia, força e grandeza das nações modernas, e até a mania recente das raparigas darem-se ao luxo *das lettras*, cursando collegios e escolas normaes, com prejuizo notorio das nobilissimas funcções que deviam exclusivamente exercer no lar, tambem lá se nos deparam.

O casamento de arranjo em que se não consulta a vontade da mulher e se dispõe de seu destino, cousa que se consegue por habilidoso machiavelismo familiar, geitosamente urdido diurnamente, quando não se impõe com violencia, não falta alli.

Entre os multiplos problemas que devem ser estudados em todo o Brasil central, digo em todo Brasil e não só no do norte, como, talvez, possam suppôr certos phantazistas, tres se destacam que merecem especial cuidado: a) o *banditismo*, largamente espalhado, com caracteres sociaes especificos, como na Corsega, na Albania, em varias regiões dos Balkans, da Asia Anterior, do Sahara e da Berberia; b) esse singularissimo phenomeno de *proselytismo* reli-

gioso, especie de prophetismo predicante, fanático, combatente e aggressivo, a que na falta de outro nome chamarei — *Maddhismo*, como o da Africa, porque elle é uma revivencia *berbere*, devido aos portuguezes, cuja mais funda raiz ethnica se prende áquelle solo: e, finalmente, c) essa especie de fórma alargada da *hospitalidade*, consistente em dar casa, conforto e gasalhado a velhos e necessitados, verdadeiros asylos dir-se-ia, mas creados e mantidos por um particular de fortuna, ou mesmo sem ella com auxilio de esmolas e donativos.

Desses tres casos especiaes e de singular valôr em nossa anthroposociologia, o ultimo se encontra no livro de D. Amelia.

E' a curiosa casa da viuva Salomão e suas irmãs, duas ancians, residentes em Porangaba, no Ceará. Davam asylo e protecção a velhos, pobres e desamparados.

Maria da Luz, acompanhada da mãe, tinha uma vez feito alli uma visita. A rapida descripção do velho casarão, da velha viuva Salomão, sua velha irmã, e do velho Viegas, um macrobio de olhar petulante e farejador, com accentuada mania erotica, é feita em traços simples mas muito firmes. Não menos firme é o destaque immediato da multidão de velhos:

«Os olhos muito moços do macrobio atorentaram a menina, que nunca os vira mais impressionantes; pareciam devoral-a, fitando-a do modo mais incommodo. Para livrar-se desse olhar impertinente, ella sahiu disfarçadamente, deu algumas voltas pela sala, indo esbarrar-se de encontro á janella que ficava perto de uma das portas lateraes por onde se entrava da rua para o salão de visitas, mas recuou ainda mais

apavorada. Uma verdadeira procissão de velhos e velhas começou a passar pela sua frente. Todos tremendo da cabeça aos pés, agarrados aos bastões que raspavam os tijollos, e dando-se as mãos uns aos outros como se quizessem formar uma quadrilha carnavalesca de ébrios, todos vacillantes, a baterem com o queixo e a cabeça num tremulo que os unia a um só laço de *sympathia electrica*, os velhos se dirigiam á criança e á mãe, estendendo ao mesmo tempo todas as mãos descarnadas, de veias salientes, a pedirem, num fremito de piedade, na mesma voz, no mesmo compasso, como se estivessem apostados para entoar a infinita canção de todos os desgraçados! Depois se dispersaram pelas ruas do jardim, no mesmo passo pouco firme, todos enfileirados sempre a se ajudarem, temendo que a terra se abrisse a cada passo para devorar os restos dessa triste decadencia allí *asylada* piedosamente...»

Note-se, desde já, por este pequeno trecho que o *estyllo* da escriptora, com ser sempre simples, mostra, de vez em quando, traços de grande vigor. *Scenas sociaes*, além das já indicadas, superabundam no livro.

Todas em rapidas *silhouettes*. Os dilacerantes exodos dos retirantes em tempos de secca no Ceará, a fome e a peste que os trucidam são de numero. «As villas, cidades e povoados ficaram quasi desertos com o assolamento da fome e da bexiga. Os passageiros ancorados no porto da Fortaleza, mesmo sem desembarcar, assistiam ao longo da praia, á caravana tristissima de homens a carregarem cinco e seis cadaveres pendurados em páos, como se fôsem criação exposta á venda.

«Dizem que, por esse tempo, no interior, houve quem matasse o proprio filho, para comer. O que se affirma, e foi mesmo verdade, é que as victimas da fome fôram innumeradas. E o povo, completamente apavorado com os horrores da secca e da peste, fugia aos bandos, emigrando para todos os cantos, longe e perto do Ceará». Scenas do Brasil real.

O facto, muito proprio das terras como as nossas, dos ranchos e estalagens á beira das estradas — apparece-nos na curiosa *garapeira do Zé Antonio*, perto de Milagres, singela mistura de venda e hospedaria, onde os viandantes matutos e sertanejos descansavam, alimentavam a si e a seus animaes. Interessante, neste ponto, é a figura da velha *Zezinha*, mulher do *Zé Antonio*; era a medica daquelles sitios. Comervas, rezas e praticas supersticiosas, exercia suas funcções e tirava-se das difficuldades.

Scenas do viver das classes mais cultas surgem-nos aqui e alli. Uma dellas é a dos banhos de mar nas bellas e afamadas praias do Carmo, em Olinda.

Privo-me de citar para não ser prolixo.

Onde, porém, *Atravéz da Vida* se destaca mais estimavel, é nas analyses e pinturas da vida psychologica de suas personagens.

São ainda aqui pinceladas quasi sempre rapidas, mas firmes. A autora consegue delinear o caracter de Paulino, de Marianna, de Maria da Luz e de Francisco sem a mais leve hesitação. Fal-o sem esforço, correntemente, por assim dizer, sem preoccupações de doutrinas e rebuscamentos de phrases.

E' como se tivesse sempre em mente a bella regra de Steiger para o dramatisa e a

applicasse conscientemente ao romance: «Mostrar do homem o que elle mesmo revelaria de si proprio, na realidade, por suas palavras e attitudes. E para crear este sêr não ha mister senão do pouco da alma que lhe vem aos labios sob a fórma de vocabulos».

As personagens no livro de D. Amelia de Freitas Bevilaqua não se entregam a largos discursos nem a violentas e espalhafatosas exhibições.

Dignos de nota são, por essa feição psychologica, os intimos soffrimento de Daluz, posta entre a situação de casar com Francisco, determinada esta pela vontade decidida dos tios, além da obrigação que suppunha ter de curvar-se pelo muito que lhes devia, e ao amor que lhe despertara o moço estudante, frequentador da casa. Os curtos encontros dos dous, a timidez de ambos, o mal entendido que entre elles se estabelecera, a scena do casamento com o outro, as attribuições da joven esposa diante da realidade do character do homem com quem desposara — devasso, jogador e ébrio, são de igual destaque.

E' preciso lêl-as por inteiro. Eu por mim repetirei aqui dous reduzidos trechos, que, aclarando o interior da alma da protagonista do livro, dão a amostra do estylo da escriptora nos seus momentos mais felizes.

A soffredora, como de razão, perdera a paz, o doce conforto do somno e tornou-se madrugadora. Eis aqui um bello quadrinho de genero: «Sempre que acordava, era muito pallida e acabrunhada. Toda a noite dormia mal, o somno fugia-lhe das palpebras, e as sombras mais funebres vinham envolvel-a. Via o tio Pau-

lino e a tia Marianna muito velhos, sacrificando-se por ella e se entrestecia profundamente. Certa manhã, quando fôra abrir a sala de visitas, avistára no jardim o tio Paulino sozinho; entrando no quarto do casal, encontrou adormecida a tia Marianna; uma curva suavissima vincava-lhe os labios ligeiramente entreabertos; as mãos enlanguecidas cruzadas no peito, davam-lhe o aspecto de santa. Estava divina assim nessa posição descuidada como se estivesse morta, descançando para sempre no seu ultimo somno. O sol muito radioso cahia em cheio sobre o seu rosto que se embranquecia naquella hora como uma estatua de marmore. Devia ter sido realmente muito bella a tia Marianna! Um sentimento de ternura muito grande apoderou-se della, e baixando um pouco o postigo da janella para sombrear o quarto, deixou docemente a tia, sem ter coragem de despertá-la».

La talvez, ou melhor, ia por certo abrir-lhe o coração e pedir conforto para sua magua e remedio para o seu destino. Como todos os que são creados fóra das casas de seus pais, sob o mando de parentes ou de estranhos, a bella sertaneja era timida, cheia de reservas e acanhamentos. O facto é mais generalizado no Brasil real do que geralmente pôdem pensar os que andam de quatro ou cinco annos a esta parte arranjando um Brasil de phantasia, capaz de embasbacar Doumers e Ferreros, montar exposições e abrir empréstimos sobre empréstimos...

(1) perverso Francisco estava no leito da morte, após a ultima canalhada que praticara e da qual sahiu gravemente ferido. Sentindo-se

nos ultimos transes, pediu que lhe deixassem fallar com a mulher:

«Quando ella entrou no quarto, todos abaixaram a cabeça commovidos e se ajoelharam. Os cabellos fartos dessa mimosa visão se encracolavam negligentemente, uns pelos hombros, outros pelas costas e a frente, na desordem de quem se levanta do leito. O rosto delicado, de feições correctas, muito branco e empallescido ao clarão dubio e vacillante da lamparina, que se conservava muito fraca para não incommodar o doente, fazia pensar no Anjo da Guarda. Sua propria figura, tremula como os raios da luz, deslizando na triste penumbra do quarto, fazia tambem lembrar essas pinturas de belleza ideal, a que o pincel dos grandes mestres unicamente tem o poder de dar vida e que deslumbram os nossos olhos extasiados de contemplal-as, como se admirassem a verdadeira realidade, tão suavemente dôce é a sensação que deixam á impressão da vista.

«O doente olhou-a um instante. As pupillas embaciadas fulguraram de repente, afogando-se nas lagrimas que desciam pelas faces, e a falla se arrastando enternecida gaguejou baixo: Adeus, Maria da Luz, perdôa... Ella estendeu-lhe a mão silenciosa, e sentiu que, mesmo de frente desse torpor de morte, não poderia absolutamente perdôar a affronta que acabava de receber. Não odiava, apenas elle deixara de existir completamente no intimo de seu sêr, e não sentia mais por essa creatura moribunda senão desprezo e desgosto. Por isso não o abraçou. O misero, todo resfriado, no ultimo declinio da vida, olhou-a ainda uma vez, quiz fallar, a voz não teve mais éco, e elle, voltado

inteiramente para ella, entregou-se a doloroso espasmo da morte, chorando como se ainda implorasse perdão».

Em synthese: *Atravez da Vida* é um romance bem feito, bem architectado, contendo bons traços de nossos costumes, bellos quadros de genero, curiosas notas psychologicas.

Vesta vai pelo mesmo caminho e theor, sendo apenas mais reduzida e menos abundante nas informações sociaes.

O drama psychologico é, porém, mais amplo e mais fundo.

O enredo é demasiado singelo, póde-se dizer que se resume nas scenas do violento ciume que *Vesta* (Veronica era o seu verdadeiro nome) tinha do marido — Ewerton. Para quem atravez do livro, além da obra de arte e da natureza do talento do escriptor, procura tomar a temperatura da atmospheria social, *Vesta* não é, como se poderia suppôr, de todo muda.

Dois phenomenos importantissimos em nosso meio estão alli para ser estudados. Refiro-me ao caso da sorte dos immigrantes portuguezes para o Brasil, especialmente do norte, a datar da segunda metade do seculo XIX. Cada vez mais reduzidos são elles, com excepção, porventura, dos que vão para Belem e Manáos. Refiro-me ainda a esses movimentos revoltosos, de accentuadas manifestações de banditismo, que devastaram nomeadamente o famoso periodo regencial e ainda hoje se reproduzem.

Justino, pai de Veronica, foi um immigrante portuguez que principiara a vida no Brasil como caixeiro em Caxias, no Maranhão, ao tempo da monstruosa revolta dos *Balaíos*. A autora não se propoz a seguir o immigrado atravez dos aza-

res de destino. Ainda assim fal-o peregrinar pelo Maranhão, Amazonas e Pernambuco, sempre cheio de trabalhos, de canceiras, a despender esforços, a lutar, até conseguir pequena fortuna.

A phase mais cruel de seu viver foi a que passou em Caxias. Os *Balaíos* invadiram bruscamente a cidade, entregando-se a toda casta de violencias e degradações. O patrão com a familia fugira alta noite, deixando no atropello o pequeno portuguez adormecido num canto da casa. Alli sozinho, despertou assombrado com o barulho horroroso que faziam os invasores nas ruas, assaltando as casas, despedaçando o que encontravam. Com as maiores difficuldades conseguiu escapar.

O menino immigrante achou-se em meio de uma dessas sombrias épocas de tremendos assanhamentos desordeiros a que damos o pomposo nome de *revoluções liberaes*. A phase regencial, já o disse, foi, como se sabe, demasiado fertil em aventuras do genero.

Uma philosophia bastarda e inepta de nossa historia costuma de inchar as bochechas e fallar dessa truculenta época em estylo de lyricas effusões: grande e fecundo tempo de soberbas virtudes... Tudo falso. E' um estribilho que se vai repetindo sem exame, e eu mesmo já o tenho feito, por acaso, alguma vez. Mas o estudo dos factos prova o contrario. Foi tempo em que os elementos selvagens ou barbaros, que repousam no fundo ethnico de nossa nacionalidade, vieram livremente á tona, alçaram o collo e produziram a anarchia, a desordem espontanea.

O banditismo proliferou, expandindo-se nas scenas mais negras. Roubos, morticinios, assassinatos espalharam-se por toda a parte.

Sei de casos do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Provincia do Rio, ouvidos em tempo, da bocca de pessoas insuspeitas, de arripiar as petreas entranhas do Pão de Assucar.

O mesmo foi por todo esse Brasil em fóra. Nem essas tragedias de horror devem ser mysterio para quem quizer estudar as chronicas desse horripilante periodo de nove annos em que não se sabe o que mais esconjurar, se o desassombro com que se moviam os bandidos, se a mão forte que lhes davam os politiqueiros do tempo, se a inercia dos Governos. Para cima de quarenta dessas grosseirissimas erupções de torpezas e crueldades assolaram o paiz de norte a sul. Como preludio do selvatico drama, que entrou largamente pelo segundo reinado a dentro, logo em 1831, dá-se a sedição de Julho no Rio de Janeiro; um motim no theatro S. Pedro; a sedição de tropas na ilha das Cobras. Rompem sedições e movimentos revoltosos no Pará, Maranhão, Ceará, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Bahia, Espirito Santo e Santa Catharina. Em 1832, rebentam os motins de 3 e 17 de Abril no Rio de Janeiro. Sedições militares surgem na comarca do Rio Negro (Amazonas) e Pernambuco. Começa a monstruosa *Cabanada*, que só terminará nesta provincia e regiões circumvisinhas em 1835. Em 1833, além dos manejos dos Caramurús, desencadeiam-se sedições em Minas, Matto Grosso, Pará, Ceará e Bahia. Em 1834, a *Cabanada* está no apogeu; multiplicam-se graves motins no Pará e Matto Grosso.

Em 1835 sobrevêm novos e terriveis motins no Pará e Pernambuco; grave e symptomatica

insurreição de *negros* na Bahia, e desordens em Minas.

Começa a famigerada revolução do Rio Grande do Sul (*Farrapos*), que terá de durar até 1844.

Em 1836, o Pará geme sobre a pressão da mais negregada de todas essas manifestações da insanidade politqueira, — a infame *Vinagrada*, na qual o elemento *tapuio* alçou o collo, tripudiando sobre a vida e a propriedade alheia. Aparecem motins na Bahia e Sergipe; continúa o Rio Grande sob as bellezas da *Farrapada*, que se protrahem pelos annos seguintes, como já se advertiu. Em 1837 — patenteia-se a estúpida *Sabinada* bahiana, que invade o anno seguinte largamente. Em 1838 é a vez da ultraindigna *Balaiada*, no Maranhão e regiões proximas, não fallando já nos attentados contra os Presidentes do Piauí e Rio Grande do Norte e da sedição em Villa Franca.

Em 1839 e 40, proseguem *Farrapos* no Rio Grande e *Balaíos* no Maranhão.

Foi entre as tropelias destes ultimos que se achou o pai de *Vesta* no assalto e tomada de Caxias...

Só o mais leviano espirito de turbulencia partidaria e a occulta propensão para praticar actos de igual selvageria, poderá tentar descobrir a mais leve sombra de altas e nobres aspirações, de bellos e grandiosos ideaes em todos esses movimentos immensamente anarchicos, inspirados pela ambição, pelos máos instinctos depredadores das massas incultas e de seus criminosos patrões, os especuladores da politica alimentaria. Para se formar pallida idéa das grosseiras crueldades, reproduzidas em dias proximos em *Canudos* e no Rio Grande do Sul,

por ocasião da revolução dos *Maragatos*, basta ler este pequeno trecho de uma testemunha occular :

«No interior da provincia o geral desalento cedia o campo ás hordas devastadoras, e que ufanas não atacavam sem victoria, e com tanta rapidez lastradas, que sua podiam chamar toda a provincia, theatro miserando de seus horrores e latrocinios, onde punham em pratica quantos flagicios inventa a perversidade do coração humano para tormento de suas victimas.

«Um só factó apontarei: a um misero ancião octogenario cortaram o ventre e nelle coseram um leitão vivo, que lhe roía as entranhas...

«Esta recordação horrivel de um supplicio tartarico foi feita ante os olhos dos filhos e da esposa do desgraçado velho ; e nem o deixaram os frios algozes sem o vêr exhalar o ultimo suspiro, no meio de crueis vascas e dolorosos gritos da familia, que além deste martyrio foi espancada em despedida...

«Pobres mulheres indefesas eram açoutadas; moças manchadas ante os olhos de seus proge-nitores, e assassinadas se resistiam... Roubados os bens e incendiadas as casas e lavouras, todos os dias chegava á Capital a nova de uma desgraça...» ¹

Ninguem tem, portanto, que espantar-se das crúas tintas com que D. Amelia pinta o pavor do menino Justino, quando foi despertado pelo medonho barulho dos *Balaíos*, no selvagem assalto ás casas de Caxias, — a ponto de occul-

¹ D. J. Gonçalves de Magalhães, *Memoria Historica da Revolução da Provincia do Maranhão*.

tar-se no largo boeiro das aguas da chuva, no predio que habitava.

Em *Vesta*, outros pequenos quadros sociaes se patenteiam aqui e alli. A pessima educação das meninas e rapazes, até os que frequentam aulas e collegios, a ponto de fazerem grosseiras troças a um respeitavel sacerdote com que se achavam de viagem ; a scena das criticas das amigas de *Vesta*, amigas com que se apresentara numa *soirée*, são do numero.

O que, porém, mais interessa no livro é o drama intimo do crime na alma da bella pernambucana. Esta era um peculiar typo de mestiça *detraquée*, na qual o mal terrivel do amor doentio foi produzindo as mais profundas devastações.

A lucta interna toma feições varias e complicadas: cresce aqui, diminue acolá; recrudescer de chofre, apazigua-se lentamente ; tem attitudes determinadas na presença do homem amado e dá margem a curiosas mutações na ausencia. E' deveras pathetico e fundamente verdadeiro.

Nem é para estranhar, porque o terrivel sentimento toma muitas vezes feições ainda mais doentias do que em *Vesta*.

Se o proprio amor é para muitos psychologos um estado morbido; se o adulterio é um crime, e pois um forte desarranjo moral, não admira que o ciume desvaire quasi sempre.

Cada qual procure lembrar-se do que tem visto na vida e ficará convencido.

Ha ciumes no amor sério e normal ; ciumes na amizade ; ciumes no amor de um sexo para com outro e até nas aberrações homo-sexuaes ; ha ciumes presentes e até retrospe-

ctivos e posthumos ; mulheres ha que chegam a ter ciumes das amizades dos marridos a seus proprios irmãos. E' deste thema singular exemplo o caso de Elsa, mulher de Frederico, no drama *Lumpensesidel*, de Ernesto von Worzogen, a qual chegava a soffrer e definhar por causa da amizade de Frederico e Guilherme, irmãos os dous !

A novellistica brasileira pouco ou nada tem variado os seus themas.

Quasi não tem sahido das estafadas theses do amor e do adulterio.

A autora de *Vesta*, sem pretensões, sem vaidades innovadoras, sem armar ao effeito, naturalmente, placidamente, recordando scenas que tem visto, em seus contos e novellas tem tratado themas novos ou pelo menos pouco vulgares.

E' de justiça reconhecê-lo.

Não desenrolei as peripecias da psychopathia da formosa filha de Justino e Jacy.

Ha mister ler a novella para sentil-a.

Apontarei apenas uma das scenas mais cruciantes.

A principal preocupação do ciume de *Vesta* era contra Martinha, bella moça das relações da familia de Ewerton.

Aconteceu que essa supposta rival veio a fallecer.

A outra, sob o ponto de vista do ciume, sentiu um como allivio.

Entretanto, resolveu ir fazer a ultima visita á antiga amiga :

«A morta, vestida de azul, entre flôres muito vivas e alegres, dentro do esquite branco, os

olhos entreabertos e os labios a sorrir, tinha tanta meiguice que a commoveu.

«Ajoelhou-se, muito triste e piedosa, junto á estatua da rival e murmurou baixinho: eu te perdôo !...»

«Toda a infelicidade do seu passado lhe veio logo ao espirito, como se fôsse uma scena muito pallida, tambem morta, uma cousa ephemera que ella vira apenas representar. O ciume se acabara de repente. Entretanto, para sua grande desgraça, nessa hora triste, o Ewerton entrou no quarto mortuario ; defronte do quadro tocante, duas lagrimas lhe rolaram pelas faces, lagrimas sentidas que desapontaram immediatamente a ciumenta Vesta. Num alarma desesperado, tomada de um odio violento contra o cadaver que parecia reviver, olhou para o marido desvairada e tremula, dizendo a si propria: meu Deus, que fatalidade horrivel ! Como elle a adora ! Que amor profundo ! Mesmo morta, ainda é ella que triumpha !»

«Um gemido que não poude abafar, um grito rouco, entrecortado de soluços sahiu de sua garganta e perdeu-se tristemente no salão, onde jazia o cadaver, entre vélas que escorriam lentamente as lagrimas de cera no soalho.

«Os olhos da infeliz se voltavam para o caixão da morta e depois para o marido. Presentia muito bem; o tumulo que ía se fechar para aquella vida, arrancava de sua alma o resto das alegrias, e dizia, morta de ciumes do cadaver: antes fôsse eu que seguisse essa divina estrada por onde ella vai, voando docemente acompanhada pela ternura do seu olhar que eu amo tanto ! Tudo eu esqueceria, se elle ainda me adorasse assim...»

Não ha nessas desprezenciosas phrases a rebuscada tortura dos que se julgam mestres da palavra escripta. Mas a sua mesma simplicidade ajuda a despertar a emoção moral e faz presentir até onde ía funda a fatal mania da pobre ciumenta.

Adoeceu de dôr, desanimo, desalento, minada pela psychopathia que a combaliu até á morte.

As ultimas paginas do livro, registradoras do progressivo incendio, são verdadeiramente impressionantes.

Setembro de 1908.

II

VISIONARIO

(POR MATHEUS D'ALBUQUERQUE)

I

Um dos phenomenos mais curiosos e mais impressionantes que se possam imaginar é a carreira vertiginosa das escolas litterarias, nomeadamente as de poesia, nas ultimas tres décadas do seculo XIX.

E' como se nada houvesse fixo, tudo estivesse a se esboroar no mundo do pensamento : construcções a cahir antes de concluidas, doutrinas e systemas a murchar logo no nascedouro.

O classicismo tinha durado mais de tres seculos ; o romantismo uns bons setenta annos, antes de soffrer os primeiros golpes ; as novas escolas, com alguns semestres apenas, sentiam-se atacadas pela critica, quando não pelo indifferentismo geral.

Neste primeiro decennio do seculo XX as cousas acham-se um pouco mais firmes e mais desassombrada é a tarefa de poetas e escriptores.

Apparecer em 1900 ou 1910 não é precisa-

mente o mesmo que iniciar a vida das luctas espirituaes em 1870 ou 1880.

E aqui não posso deixar de lançar saudosos olhares para quarenta annos atraz.

Faz exactamente quarenta annos, porque foi em 1869, que, em artigo appreciativo dos *Harpejos poeticos*, de Santa Helena Magno, ataquei desrespeitosamente o velho romantismo, em geral, com as suas lamurias lamartinescas, seus scepticismos byronianos, suas ironias mussetistas, suas vacuidades hugoanas e, peculiarmente o nosso, com as suas ladainhas a Magalhães, seus indianismos a Dias e a Alencar, seus erotismos collegiaes a Azevedo.

O momento litterario era, então, muito curioso no Recife: havia um resto de classicismo representado em Antonio Joaquim de Mello e Soares de Azevedo; uma especie de compromisso entre romantismo e classicismo chefiado por Torres Bandeira; um eclecticismo de varias tendencias em que se filiavam Carneiro Vilella, Generino dos Santos, Almino Affonso e Eduardo de Carvalho. No terreno das discussões jornalisticas o voltaireanismo de Abreu e Lima acabava de terçar armas com as catholicidades de Pinto de Campos, secundadas estas pelo conselheiro Autran, drs. Braz Florentino e Soriano de Souza. Franklin Tavora — no conto e na novella estreitava-se com talento, mas ainda sem rumo. Aprigio Guimarães dava largas ao seu liberalismo, antes de se metter a escrever dramas.

Mas o momento mobil, o momento agitador estava ainda com a poesia e os arrebatamentos democraticos e socialistas de Victor Hugo; Tobias, Castro Alves e Victoriano Palhares andavam na ordem do dia.

Castro Alves tinha-se retirado para a Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo, funcionando como o propagandista andante da nova escola ; mas era como se estivesse na *bella Veneza transplantada*, no meio de seus pares.

Cumprê notar que Victor Hugo, ainda vivo e que tinha de distender a existencia por perto de vinte annos, estava então em meio de sua segunda phase, o periodo que Brunetièrè chama *epico-satyrico* e devia chamar de preferencia *epico-lyrico*, porque a satyra no grande poeta das *Contemplações* era de caracter muito secundario diante do fragor lyrico que a animava. A phase de inspiração apocalyptica iniciou-se depois, com o *Année Terrible* (1871), proseguiu na segunda serie da *Légende des Siècles* (1877), *L'art d'être grand-père* (1877) e foi acabar em *Le Pape, La Pitié Suprême, L'Ane, Religions et Religion, Les Quatre Vents de l'esprit, etc.*

Quer isto dizer que o Hugo, mestre e guia de nossos poetas, foi o bello cantor da phase lyrica (1822-52) e do periodo epico-lyrico (1852-71) e não o dos ultimos tempos.

Com todas as reduções que é hoje de moda fazer, o enorme, o genial talento de Victor Hugo é um facto incontestavel e sua influencia na litteratura universal phenomeno visivel a olhos nús.

Era indispensavel, pois, certa dóse de coragem para atacar em 1869 o romantismo e nelle o maior de seus representantes, acatado por valorosos discipulos.

E' verdade que já existiam, naquelle tempo, algumas tentativas revolucionarias em Leconte de Lisle, nos dominios da poesia, em Gustavo Flaubert, nos do romance ; mas seus auctores

davam-nas como prolongamentos do proprio romantismo. O que é certo, porém, é que eu e toda a gente do Brasil as ignoravamos naquelles dias.

O enorme retumbamento de Leconte e Flaubert, e, pela mesma época, de Sully-Prudhomme, Fr. Coppée, Zola e Maupassant, e mais tarde, de Mallarmé, Verlaine, Tolstoi e Ibsen, foi cousa muito posterior, especialmente quanto aos ultimos.

Escusado é fallar em Baudelaire, fallecido em 1867, cuja influencia é pelos mesmos criticos francezes declarada posterior de largos annos á sua morte em sua propria terra. Sua poesia, além de tudo, não foi outra cousa mais, na phrasa de Zola, do que a cauda esteril do romantismo.

No grande mundo e, depois no Brazil, succederam-se philosophismo, realismo, naturalismo, decadismo, symbolismo, impressionismo, psychologismo, exotismo, naturismo, um verdadeiro cinematographo em ismos... em vertiginosa rapidez.

No Recife o primeiro brado contra o systema romantico foi dado em nome, e por inspiração da moderna critica religiosa e mythologica. Desde os primeiros dias de 1868, e durante todo 69, sob a influencia da polemica entre Abreu e Lima e Pinto de Campos, os assumptos mythicos e religiosos despertavam-me a attenção.

Atirei-me aos novos demolidores.

Diversas obras de Max Müller — *Ensaio de critica e religião*, *Sciencia da religião*, *Estudos de mythologia*; de Renan — *A vida de Jesus*, *Os Apostolos*, *São Paulo*, *Estudos de historia religiosa*, *Ensaio de moral e critica*, *A*

origem da linguagem; de Bréal — *Hercules e Cacus*; de Michel Nicolas — *Estudos criticos sobre a Biblia, Doutrinas religiosas dos judeus nos dois seculos anteriores á era christã*; de Scherer — os dois excellentes volumes, que têm quasi o mesmo titulo e se não devem confundir — *Mélanges de critique religieuse* e *Mélanges d'histoire religieuse*; de Eugenio Burnouf — *Introdução ao estudo do buddhismo*; de seu parente Emilio Burnouf — o incomparavel livro — *A sciencia das religiões*, — fizeram-me as delicias e fôram os inspiradores da doutrina então aventada de que *a poesia moderna havia de se inspirar na critica religiosa*.

Não foi só, intercorrentemente, nos artigos consagrados aos *Harpejos poeticos*, de Santa Helena Magno, e, em seguida, nos que tiveram por objecto as *Phalenas*, de Machado de Assis, as *Espumas Fluctuantes*, de Castro Alves, as *Peregrinas*, de Victoriano Palhares que a these foi defendida. Foi tambem em estudo especial intitulado — *O que entendemos por poesia critica* — que está para ler-se no 2.º n.º da *Crença* (1870).

Mais tarde, pouco mais tarde, as *Paroles de Philosophie positive*, de Littré, fizeram-me comprehender que alguma cousa mais larga havia para inspirar os poetas — a philosophia.

Pelo mesmo tempo, a *Historia da litteratura ingleza*, a *Philosophia da arte na Grecia*, além dos volumesitos consagrados á arte na Italia e nos Paizes Baixos, de Taine, me tinham mostrado a larga estrada da critica firmada nas sciencias, peculiarmente a mesologia, a physiologia, a anthropologia, a ethnographia, além das indispensaveis achegas psychologicas.

Por isso é que o criticismo poetico do primeiro momento passou a denominar-se *poesia philosophica*, ou mais geralmente, e com muita impropriedade, *poesia scientifica*.

Nos annos de 1868 e 69 assentára as doutrinas e preparára os escriptos publicados em 1870.

Celso de Magalhães, Souza Pinto, Inglez de Sousa só depois appareceram, sustentando idéas mais ou menos divergentes.

Araripe Junior, que cursára a Faculdade de Direito e residira no Recife desde 1860 ou 61 até 1869 ou 70, não déra até então o menor signal de vida.

O mesmo aconteceu com Capistrano de Abreu, que não tugiou nem mugiu durante todo aquelle mesmo 70, por elle passado inteiro em Pernambuco.

Foi preciso que Rocha Lima, testemunha de nossas luctas em 1871 e 72, voltando ao Ceará, sua patria, estimulasse os dois tardigrados, já alli tambem retirados.

A prioridade de Pernambuco em nossas modernas lides espirituaes, iniciada com o hugoanismo, mantivera-se com o criticismo e o philosophismo em poesia; sustentara-se seguidamente, por duas décadas, firmando-se successivamente na poesia, na critica litteraria, no *folk-lore*, na philosophia, na renovação do direito, cuja transformação pelas doutrinas evolucionistas de Darwin, já em 1875 annunciára em acto de defeza de theses perante a Faculdade.

Assim se passaram as cousas, durante os decennios de 1869-89; desenrolaram-se todas as escolas, ou suppostas taes, todos aquelles *ismos* acima citados.

Percebi immediatamente que toda aquella confusão tendia a acabar, ficando apenas de pé o lyrismo de bôa seiva, largo, vasto, independente, livre, sem preocupações de escolas, sem lemmas doutrinarios, suprema expressão das agitações doridas d'alma moderna, na ancia inexgottavel de exprimir e symbolisar artisticamente, poeticamente as peripecias da vida e mais as emoções e assombros dos enygmata da existencia.

Os documentos dessa previsão, hoje plenamente realisada com a moderna pleiade de poetas, encontram-se nos artigos consagrados aos *Novos Ideaes*, de Mucio Teixeira, ao *Lucas*, de Servilio Gonçalves, á *Linha Recta*, de Mathias Carvalho, ás *Ondas*, de Luiz Murat.

O doce e magnificente espirito do auctor do *Visionario* me desculpará estas recordações que a muita gente má parecerão inopportunas.

Mas é que nem todos querem vêr que sou forçado de vez em quando a andar com o mosquete em punho para defender a minha pobre palhoça assaltada quasi diariamente por gafeiros zeverissimescamente assanhados.

A vivendasinha é choça de roça, mas tem um pequeno pomar, onde amadurecem alguns fructos doirados a que tenho de andar de guarda.

Se temos visto os que esconjuram a nossa *verve destemperada* inspirarem discipulos que lhes repetem as basofias; se temos visto os representantes dessa pretenciosissima e banalisissima diplomatecete lettrada, poída de erros, fallar da evolução litteraria em nossa terra no tom de quem trata de colonia agora descoberta, de terras baldias, onde agora mesmo elles fincaram as primeiras estacas, sem reparar que em cima

do outeiro já de ha muito estava o povoado e edificada a nossa igreginha parochial, pequenina, é certo, mas muito aceiada, muito alva, muito catita para estes ermos...

A zéverissimada não dá ou melhor finge não dar por isso e leva fogo para ter mais cuidados ao servir o pirarucú do Amazonas nas aristocraticas mesas dos Ferreros e consortes.

Ha por estes lados peixes e caças mais saborosas do que as tartarugas de Marajó.

Venhamos, porém, ao *Visionario* e seu auctor.

II

A pleiade dos admiraveis representantes d'esse possante lyrismo independente, com que sonhava de trinta annos a esta parte, depois que palpei a inviabilidade das escolas succedaneas do romantismo, acha-se agora á frente da poesia brazileira.

Vicente de Carvalho, Pereira Barretto, Emilio de Menezes, Goulat Andrade, Amadeu Amaral, Hermes Fontes, Costa e Silva, Gustavo Ferreira são do numero.

Luiz Murat, deixando o parnasianismo a que sacrificou a principio, Theotônio Freire, França Pereira, João Barreto de Menezes, quando tangem as lyras, segundo a velha phrase consagrada, alçam agora igual canto e entôam as mesmas harmonias.

Matheus de Albuquerque, com ser ainda muito joven, é uma das mais altas figuras no grupo. Seu livro, a que deu o bem achado ti-

tulo de *Visionario*, não é uma collecção de poesias soltas, reunidas ao acaso. Não é também um poema com enredo, certo numero de personagens, um desfecho mais ou menos engenhoso, conforme os antigos moldes.

Nada disto.

Excluida a ultima peça, *Ode civica*, dedicada á memoria de Martins Junior, é o livro, de principio a fim, uma especie de symphonia em vinte e nove tons e em vinte e nove partes, em que o amôr, tomando por pretexto o poeta, reduzido ao que os gregos chamavam intelligente repouso, *ataraxia*, transuda e exhala magias e encantamentos da natureza inteira.

Tudo tem um ruido, um sussurro, uma voz, uma expressão, um accorde para fazer sentir as exuberancias do coração amante. O universo inteiro é canoro, é sonoro, desde o imperceptivel ciciar dos insectos leves e irisantes, até os altos brados dos ventos nas franças dos florestaes vetustos; desde o apagado afflar das borboletas sobre as flôres perfumadas, até os fragores assombrosos das grandes aguas; desde as melodias mimosas e macias dos passaros melancolicos, até os imaginados choros das espheras infinitas nos espaços sem termo.

Nisto é que vae a originalidade do poeta do *Visionario*.

Elle não alçou o canto para nos dar conta das visões fugitivas que tivesse da sua amada; para revelar os fulgurantes brilhos de seus olhares ou os occultos thesouros de seu espirito; deixar ver as accumuladas riquezas de sua alma ou as deliciosas ternuras de seu sentir; vislumbrear o diamantino escritorio de seus affectos ou a sedosa maciez de seus cabellos.

Não tomou da lyra para, menestrel á romantica, fazer a historia de sua paixão, narrar as peripecias de seus amores, traçar a biographia, por assim dizer, de sua vida subjectiva.

Não. Seu processo é outro e é por onde se destaca e toma posição propria, repito.

Não quer isto dizer que o poeta não falle de si e não se apresente como o protagonista no mundo de seus amores.

Mas a tonalidade geral de sua poesia irrompe principalmente da natureza exterior, reduzindo-o a mero collaborador, e, por vezes, a mero espectador das scenas que elle põe em movimento. Temos, dest'arte, o singular espectáculo duma poesia pessoal, subjectiva, intima — na intenção, e, ao mesmo tempo, exterior, naturalista, impessoal, objectiva — na execução.

O poeta representa o papel dum magico, dum Nostradamus que, dando o toque, o signal para o inicio de suas aparições, não as póde mais conter e tem de a ellas assistir, aterrorisado e passivo, como qualquer estranho.

Não é tudo.

Se o poeta apparece, mas se perde no meio das visões, dos encantamentos que, com vara magica, faz brotar do mundo ambiente, sua amada surge tambem, é certo, para logo ser transformada num doce phenomeno natural, mas duma natureza transfigurada, phantastica, translucida, mixto de realidade e miragem, mundo encantado, supra-sensível, parecido com o nosso na modelação geral das fórmãs, porém feito de outra materia, tecida de luz e ouro, de ideacs e meiguices, de carinhos e sonoridades, de sonhos impalpaveis e deslumbramentos infinitos.

Dir-se-ia um brinco indefinível de deusas, fruindo a vida no mais phantasiOSO prazer das eternidades inapagaveis. Especie de pantheismo, em que o Deus que tudo aviventa e em tudo se transmuda, não é o Deus dos metaphysicos, senão uma alma de mulher, inebriada de amôr.

Lêde, lêde, e reparae que, neste sentido, é um dos livros mais suggestivos da litteratura de nossos dias.

Talvez só nas obras das novas poetisas se encontrem notas congeneres; em *Eblouissements*, *Cœur Innombrable*, *L'Instant Eternel*, de musas femininas recentes.

Eis aqui:

“Tu vens, pulchra Vestal, branca visão alada,
Milagrosa visão de brilhos e carinhos!
Scintilla em teu olhar a gloria da alvorada,
Gorgeia em tua voz o festival dos ninhos.

.....

Envolve-te um sendal de pallida turqueza,
Recamado de sóes e rutilas opalas;
Todo um fausto real de olympica princeza
Resplende e cega em ti, como em nupcias de galas.

Eu te vejo sorrir num esplendor de santa
Que desce de um paiz tanslucido e risonho;
E, ao vêr-te assim sorrir, minh'alma exulta e canta
E vae de céu em céu, indo de sonho em sonho....”

Ainda mais:

“Divina apparição de um claro paraizo,
Emanaste da luz que a todo mundo inflamma.
Ah! que doce calor na luz do seu sorriso!
Quanto beijo a voar dos teus olhos em chamma!

Como surge o luar em negros céos remotos,
Sorrindo ao coração das flôres do deserto,
Surgiste para mim, eburnea flôr de lotus,
E a estancia appetecida avistamos de perto.

Nesse recanto azul, transfloreado, erguemos,
Como artistas de lenda, em flóridos pomares,
Um ninho de jasmins, lyrios e chrysanthemos,
Alvo, nobre, offuscando a prata dos luares.

Era um lindo castello erguido entre esplendores,
Um nevado primor de graça bysantina,
De marmore brilhando em fulgidos labores,
Na eterna irradiação que os sonhos illumina.

Dentro, sob um docel de flôres e de plumas,
Tinhas uma feição de santa e de rainha,
Estrella de outro céo, phantastico, sem brumas,
Descida ao mundo vil para grandeza minha.

Em torno, era um festim soberbo e namorado
De passaros no albor das madrugadas claras;
Na propria luz do sol, no espaço alcandorado,
Cantava um madrigal de vozes as mais caras.,,

Finalmente, mais duas ou tres estrophes ao acaso, porque fôra mister citar todo o livro:

“Tirremes a povoar uns mares fabulosos,
Onde, em élos de sons de impalpaveis cadeias,
Funde-se a branda voz de pares amorosos
Ao cantico nupcial de lyricas sereias.

Do teu macio olhar rebentam primaveras,
Com sussurros de amôr palpitando nos ramos,
E a alada multiidão que desce das esferas
Ao luminoso exílio em que nos adoramos.

Claras fontes rolando em ondas de alva opala,
Beijos, fulgurações, saudades de outros climas.
Teu soberano olhar, sem lagrimas, propala,
Na gloria das manhãs alacres de vindimas.,,

Notem a doçura do verso, o primor da métrica, a facilidade da rima, o esplendor das imagens, a perfeição da lingua. Como este encantado instrumento, ao serviço dos lyricos brasileiros, se tem apurado!...

Matheus de Albuquerque, sobretudo no fim das estrophes, tem o condão de fazer versos admiraveis que ficam tremulando na imaginação da gente como flammulas festivas.

Nas poucas quadras citadas vejamos:

“Gorgeia em tua voz o festival dos ninhos.,”

“Ah! que doce calor na luz do teu sorriso!,”

“Alva, nebre, offuscando a prata dos luares.,”

“Estrella de outro céo, phantastico, sem brumas.,”

“De passaros no albor das madrugada claras.,”

“Beijos, fulgurações, saudades de outros climas.,”

São versos de ouro, versos que merecem beijos.

O livro está cheio d’elles. O autor está inteiramente senhor de sua arte; é um poeta de raça. Possui os predicados dos grandes lyricos: imaginação, espontaneidade, a musica da palavra, a variedade das tintas e dos tons, desenho e colorido nos quadros, movimento na phrase, vibração nos sentimentos, acuidade psychologica. Talento, talento, talento, para tudo resumir na palavra que define o que muitos supõem ter e só poucos possuem.

Se eu estivesse disposto, aproveitaria o ensejo que ora me offerece este magnifico poeta do Norte para formular certa theoria que se poderia appellidar das *antinomias estheticas*,

mais reaes que as antinomias da metaphysica discutidas por Kant.

E' cousa que me anda a fustigar o espirito de muito tempo a esta parte, mas agora seria inoportuna.

Ao magico do *Visionario* só tenho a enviar daqui o saudar das grandes admirações.

Rio, 5-3-909.

III

A QUESTÃO DA ORTOGRAPHIA ¹

Peço mil perdões á Academia, por só agora vir dizer algumas palavras em justificação de haver assignado o projecto substitutivo ao do nosso illustrado confrade Medeiros e Albuquerque.

Motivos de ordem particular privaram-me de cumprir esse grato dever. E ainda maior dóse de perdões tenho obrigação de pedir a esta douta assembléa, por ousar abrir a bocca em assumpto no qual a minha incompetencia tem sido proclamada, por terriveis aristarcos, algumas duzias de vezes.

Mas a Academia sabe que isto de *estyllo* e *linguagem* é como *valentia* e *honradez*. Sujeitos poltrões, covardes, mofinos, mas espertos, entram tanto a blazonar, a proposito de tudo, de sua coragem, seu ardor para a lucta, sua força, suas proezas de valentões, que quasi toda a gente acaba por consideral-os taes.

¹ Exposição que devia ser lida na Academia de Lettras, no dia 4 de Julho de 1907.

Individuos sem dignidade, almas gafadas de vícios e incorrecções trazem, não raro, a bocca cheia de honra, moralidade, nobreza de sentimentos, dignidade... e são, quasi sempre, acreditados...

E' muitas vezes o que se dá na região das letras, pelo que toca a essas coisas, algum tanto enygmaticas, de *estylo, linguagem, grammatica...* Escriptorsinhos, quasi collegiaes em sciencias e letras, surgem a miudo a atroar os ouvidos burguezes com os magicos palavrões trajados de maiusculo: — *Fôrma, Arte, Estylo, Rhythmo, Colorido, Desenho, Harmonia, Melodia do Periodo, da Phrase*, que chegam a illudir os incautos de curta vista — nesse lusco-fusco de coisas indefinidas, de noções vagas e sem firmeza.

Na doce illusão de serem alguns de meus censores, lá de fóra já se vê, pertencentes a esse numero dos *fanfarrões de grande estylo*, é que tenho a ousadia de apresentar-me neste logar reservado aos cultores da bôa linguagem.

Tive a desfortuna de não assistir a todos os debates havidos no seio da Academia.

Esta desventura foi, porém, em parte resarcida pelo unico torneio em que estive presente e ouvi a bella licção de nosso illustre collega — o sr. João Ribeiro, propecto mestre no assumpto. O distincto escriptor, sem lisonja, me parece ser hoje quem entre nós occupa o primeiro posto na ordem de estudos em que se filia a questão debatida.

Houve tempo em que não se poderia, com razão, avançar uma proposição destas.

O sr. João Ribeiro, então, entregava-se ao apprendizado da *linguistica como sciencia natu-*

ral, chegando a adquirir avultada copia de conhecimentos.

Descurava a *philologia*, propriamente dita, a licção dos classicos, o assiduo manuzear dos monumentos litterarios.

Agóra não é mais assim.

Linguistica e philologia, os pesquisadores das leis explicadoras do desdobramento das linguas e os chefes do bello estylo, Bopp e Vieira, Diez e Frei Luiz de Souza — o preoccupam por igual; e, por isto, se póde hoje affirmar que supporta, de lado a lado, a competencia de um Adolpho Coelho e um Herculano, um Lameira de Andrade e um Machado de Assis

O que vou lêr, não é, pois, de fórma alguma, resposta ao que elle disse em materia em que, em relação a mim, occupa a posição de mestre.

Vou dar apenas, no debate, a minha impressão, meu modo de sentir e só porque, a convite do nosso preclaro e querido amigo Salvador de Mendonça, assignei o substitutivo.

Por uma dessas contradicções, aliáz de pouca monta, a que não se furtam ainda os espiritos mais cultos, as intelligencias mais selectas, o autor das *Paginas de Esthetica* apparece-nos aqui a defender a chamada orthographia fonetica...

Não era de esperar, não seria mais logico vermos um tão assiduo e competente cultor dos classicos amparar o modo de escrever destes?

Com *unguibus et rostris* quizera notal-o na peleja do lado dos conservadores. Estas coisas têm tambem a sua dialectica, que é sempre algum tanto chocante postergar. Chegamos mais de perto ao assumpto.

A primeira notação que me atrevo a fazer é

a de ser erroneo o titulo, a denominação do partido em que se filiam os propugnadores da reforma: dão-se por sectarios da *graphia fonetica* — em lingua portugueza...

E que foi ella sempre senão *fonetica* em portuguez, em latim, em grego, em celtico e em todas as linguas da chamada familia indo-euro péa ?

Que eu saiba, desde os mais remotos tempos, as linguas arianas estiveram no uso e goso da escriptura fonetica.

Que os Chins quebrem lanças por obter essa admiravel e facilima escripta, comprehende-se. Que nós, porém, com a pratica duma *graphia* simplissima e que todos os dias, sem se sentir, se simplifica mais, venhamos a levantar questões byzantinas em materia alphabetica e tenhamos a ingenuidade de transportar para esse dominio a nossa mania de tudo querer regulamentar, e de suppôr que estas coisas se decidem a golpes de decretos, é gostar de perder palavras e tempo...

O mal unico que anda a perturbar a orthographia portugueza não é a sua *difficuldade*, a superabundancia de lettras inuteis, o excesso de lettras com sons diversos, não.

O seu grande defeito é a *anarchia*; é não haver um *canon*, um *paradigma* por assim dizer, por todos os escriptores respeitado.

Embaraço seria este facilmente removivel, se os que fazem livros, revistas, jornaes para o publico, os autores, editores, revisores... acordassem em adoptar a orthographia, por exemplo, de Alexandre Herculano, nome este que no Brasil dispensa quaesquer elogios.

A escripta do grande mestre, simplificada,

nos casos em que já o não estiver, no sentido do projecto do sr. Salvador de Mendonça que tive a honra de assignar, é mais que apta para contentar os mais radicaes innovadores. Qualquer póde fazer a experiencia: um trecho de nossa lingua, escripto com todos os exaggeros chamados *etymologicos*, é, por certo, displicente á vista.

Tudo, porém, se reduz a alguns *hh* que parecem parasitarios e já cahiram em desuso, como em: — *hum, hé, charta, character, cathedra, aghora...* e mais uma ou outra letra duplicada dispensavel: *c, t, m, n...* etc.

A impressão hoje não é agradável; mas está infinitamente longe de produzir o effeito de desgosto e repulsa causado pelo mesmo trecho escripto com as exaggerações *soi-disant* foneticas. Chega até a parecer outra lingua...

Houve em Pernambuco, ha bons quarenta annos, tentativas do genero nos jornaes dirigidos por dois agitadores: o tribuno Borges da Fonseca e o irrequieto Padre Falcão. Escreviam para o povo que era o primeiro a refugar a droga. Mais tarde, aqui no Rio de Janeiro, o grave e provector magistrado Conselheiro Tristão de Araripe e os famosos apostolos da *Religião da Humanidade*, cheios de inegavel illustração, tentaram, sem vantagem, igual reforma.

E' que só o tempo é o factor maximo nestas coisas: vae lentamente modificando a *prosodia* da lingua, o *significado* das palavras, a *estrutura* da phrase, o que vale dizer, a *fonetica*, a *semantica*, a *syntaxe* da lingua.

Teremos nós jámais a ousadia de decretar reformas nestes terrenos? Não, certo.

Por que se ha de abrir uma excepção para

a pobre *ortographia*? Não será mais sensato deixal-a seguir seu curso pacifico e fazer suas reformas insensivelmente?

E, porém, seria uma descortezia, se não tomasse em consideração os argumentos de um sabedor, como é o sr. João Ribeiro. No que se vae rapidamente seguir, terei o mais das vezes de appellar delle para elle mesmo. Tive de relêr paginas de sua *Grammatica*, de sua *Selecta Classica*, de seus *Autores Contemporaneos* que abonam mais, sem duvida, as idéas por elle agora combatidas do que as por elle advogadas no seu erudito discurso da Academia.

Disse o nosso confrade: «O portuguez primitivo foi *sordido*. Não foi uma resultante do latim correcto e urbano, usado na philosophia ou na eloquencia por Cicero e na poesia por Horacio. Foi a *lingua vulgaris* ou *rustica* trazida á península pelos *ladrões* e *aventureiros*. Era uma lingua *vil*; e as proprias palavras que a compunham revelam seu *baixo nascimento*. E' tão outra esta linguagem, que é impossivel reconhecê-la em escriptores latinos, sem excepção dos proprios comicos, que mais se avisinham do fallar vulgar.

«Apenas em Plauto se póde vislumbrar. O seu vocabulario é *grosseiro*; apropria nomes de animaes a nomes de molestias, deturpa a significação das palavras, faz, por exemplo, de *rostrum*, prôa de navio, *rosto*; porque desconhece as fórmias puras latinas que deram as concorrentes *face*, *vulto*, etc.

«São estas as origens e não se póde absolutamente appellar para o scculo aureo, em que apparece o influxo do latim tuliano».

O nosso linguista, que é tambem historiador, exaggerou evidentemente. Não é verdade que a

colonisação romana da península se tivesse feito com *ladrões e aventureiros*.

Para alli, como para todas as outras colónias, tiveram de seguir, é bem provavel, *ladrões e aventureiros*; mas não haviam elles de tomar a frente de tudo e constituir a nova provincia á sua imagem e semelhança.

Nas cohortes romanas contavam-se filhos das melhores familias e a complicação da administração publica, desde os fins da Republica e durante todo o Imperio, exigia numerosissimo concurso de empregados sahidos das classes mais cultas.

A serem exactas as palavras de João Ribeiro, teriamos de enfrentar um insolúvel problema historico: «*De como de bandos de aventureiros e ladrões da mais baixa estirpe sahiu a Hespanha Romana, prospera e culta*». Não deve tambem passar sem reparo a affirmativa de haver sido o latim levado á península *uma lingua vil*, a lingua *rustica e vulgaris*, donde sahiu mais tarde o primitivo *portuquez sordido*.

Toda a gente conhece a serie enorme de absurdos exhibidos á conta do famoso *latim popular*...

As theorias mais extravagantes appareceram, desde fins do seculo xvii até começos do xix, á conta do enigmatico fallar.

Houve até quem affirmasse que o latim popular não era outra coisa senão os *actuaes idiomas novo-latinos*, coevos, desta arte, da lingua dos classicos, nas respectivas provincias do Imperio...

Os *chauvinistas* entraram na liça e um reclamou para o *italiano* a grande gloria, outro

para o *provençal*; este para o *portuguez*, aquelle para o *francez*.

Absurdos de linguistas... Como quer que seja, a tal *lingua vulgaris*, nesta hypothese não devia ser tão desprezível, como se afigura ao nosso consocio.

Entretanto, aceitemos as coisas como ellas se deviam ter passado.

Não resta duvida que o grosso dos colonos Romanos não teria levado á Hespanha o latim classico, a lingua de Cicero e Horacio...

E qual foi o povo que já colonizou levando para as conquistas os seus oradores e poetas?

Foi o portuguez de Camões e Souza que passou ao Brasil?

Foi o grego de Thucydides e Platão que passou ás colonias hellenicis? Foi o inglez de Milton e Adison que emigrou para os Estados-Unidos?...

Foi, sim, a lingua do povo que passou á península; mas essa lingua não podia ser tão diversa da lingua dos chefes, a ponto de serem entre si antithéticas; não poderia ser a negação da que era fallada pelos generaes que dirigiram as cohortes, os Scipiões, os Cezares, e tantos outros de igual prestigio e saber. Por outra fórmula seria impossivel explicar a romanisação completa da Iberia sob esse aspecto, vindo ella a encher-se de escolas e a produzir grande numero de escriptores dos mais celebrados entre os latinos. Essa questão de lingua *popular*, lingua *vulgar*, lingua da *plebe*, do *vulgo*, ha de ser reduzida ás suas legitimas proporções. Acontece com a linguagem o mesmo que se dá com a *sciencia* e com a *logica*.

A velha metaphysica tinha conferido a estas

duas creações do espirito uns fóros de coisas raras, quasi sobrenaturaes.

A *sciencia* era predicado de privilegiadas intelligencias, a *logica* um artefacto produzido por genios raros...

Tudo isto é hoje sonho e miragem. A decantada *sciencia* não passa do mesmo conhecimento *vulgar*, um pouco mais methodizado e desenvolvido; a encantada *logica* não é mais do que a systematisação dos processos ordinarios, espontaneos do raciocinio. E' o que se dá com a linguagem. A tão gabada lingua dos escriptores é a mesma lingua do povo, mais polida apenas.

Nem podia ser por outro modo entre os Romanos.

Póde-se lá comprehender que os altos espiritos daquella gente pratica, de tão seguro genio politico, entrassem na extravagancia de fallar lingua diversa, radicalmente divergente da que andava na bocca da nação?

Para quem faria Cezar as suas proclamações, se os seus soldados não as entendiam?

Para quem fallaria Cicero, se o povo não o comprehendia?

Deixemo-nos de exaggeros: dava-se em Roma o que se dá hoje no Brasil e em toda a parte. Tome qualquer a mais extravagante quadra popular; seja, *verbi-gratia*, esta:

“Em cima daquelle morro,
Ai! siá dona,
Tem um pé de jatobá,
Ai! siá dona,
Não ha nada mais pió,
Ai! siá dona,
Do que um home se casá...”

Ou esta outra:

“Travessei o Parnahiba
Embarcado numa barsa:
Os peccados veem da saia,
Mas não póde vir da carsa.”

Ou ainda:

“Dizem que a muié é farsa,
Tão farsa como papé;
Mas quem vendeu Jesus Christo,
Foi home, não foi muié.”

Eis ahi: não ha quem não entenda; é a mesma lingua com pequenas incorrecções.

E se os eruditos e elegantes escriptores — percebem, ás maravilhas, o fallar popular, as chamadas classes plebeias apreciam enormemente os nossos melhores oradores e cantam as modinhas dos nossos mais elegantes poetas.

Deixemo-nos de aristocracias linguisticas...

O grande sabedor que é João Ribeiro bem comprehende que a supposta *sordidez* primitiva da lingua não a privou de produzir a linguagem de um Camões, de um Sousa, um Vieira.

E nem se póde explicar que o grande épico e o não menos insigne Gil Vicente escrevessem autos e comedias para o recreio do povo, e Vieira, no Brasil ou em Portugal, subisse ao pulpito nas aldeias, se não fôssem entendidos pelas gentes plebeias.

Os cantos e contos populares no Brasil e em Portugal ahi estão para provar o facto.

O mesmo se dava em Roma.

Existem, felizmente, duas ordens de documentos para demonstração de não ser dema-

siado extensa a separação entre o latim denominado *classico* e o appellidado *vulgar*: as leis e fragmentos de canções populares, não fallando nas inscripções tumulares.

Pelo que toca ás leis, desde as mais antigas, as das *Doze Taboas*, até ás mais novas, são vazadas em bom latim, entendido pelo povo, fallado por todos os individuos de mediana cultura.

Seria absurdo esperar o contrario duma gente do character positivo dos Romanos.

Quanto aos cantos populares, referindo-se ao mais antigo delles que nos foi conservado, escreveu Mommsen:

«O latim deste canto e de fragmentos semelhantes de cantos latinos, que eram considerados pelos proprios philologos do seculo de Augusto como os mais antigos monumentos da lingua nacional, está para o latim das *Doze Taboas* pouco mais ou menos como a lingua-gem dos *Nibelungen* está para a de Luthero, e podemos, talvez, comparar estas veneraveis lithanias, pelo que é concernente á lingua e ao sentido, aos *Vedas* da India». Claro é, pois, que mesmo nos mais remotos tempos o latim do povo não podia ser essa *lingua vil* de que falla João Ribeiro. Mas, oriunda ou não a lingua portugueza do méro latim vulgar ou modificada mais tarde pelo influxo dos classicos, em ambos os casos a consequencia a tirar não é a que se antolha mais logica ao escriptor brasileiro. ¹

No primeiro caso, não vejo motivo para que

¹ Cumpre, nesta questão, não confundir o *latim popular*, isto é, o velho latim fallado no tempo dos Reis, da Republica e do Imperio, com o *latim barbaro*, fallado na idade media, depois das invasões germanicas.

na escripta não mostre a nossa lingua sua origem; no segundo, razão de mais para a revelar, ostentando o lustre e apuro que lhe deram, opportunamente, grandes escriptores.

O sentido mais fundo da argumentação de João Ribeiro é que a questão das origens dos vocabulos portuguezes é confusa e quasi inso-lavel.

A fonte primitiva latina é obscurissima; os acrescimos posteriores são incalculaveis; a apparencia latina posterior foi apenas um producto artificial dos humanistas.

Eis as suas palavras:

«Se observarmos os palavras da lingua, ellas se nos afiguram, a principio, em suas complicações de acrescimos e partes supervenientes, de uma origem que muita vez engana...

«A apparencia de latim, nas fórmãs portuguezas, foi apenas um producto dos humanistas, que se apegaram á linguagem ductil e pura do Lacio, porque era a que mais servia ao Renascimento».

Tudo isto está exaggerado, por amor á defeza das novas tendencias orthographicas. Não é, já se viu, contestavel a latinisação do fallar hespanico durante os seis seculos do dominio romano.

Não se pódem negar as feições latinas do portuguez desde o seu apparecimento no seculo XII.

O testemunho do facto temol-o nos *Autores Contemporaneos* de João Ribeiro, no fragmento que alli occorre traduzido de C. v. Reinhardt-toettner.

Eis aqui alguns trechos decisivos: «Ainda mais e com inteira razão della disse Delius

(*Romanische Sprachfamilie*, pag. 31) que havia conservado um ar mais antigo no seu todo, mais que o hespanhol e já L. Diefenbach (*Ueber die jetzigen romanischen Schriftsprachen*, pag. 39) lhe concedia que é nella maior a copia de vocabulos latinos, e, por ter-se mais cedo que Hespanha emancipado do jugo mourisco, poude melhor *guardar a fidelidade á lingua mãe...*

«O portuguez não só conservou melhor do que o hespanhol *a coloração latina*, mas ainda foi menos perturbado pela acção de outras linguas que mais largamente exerceram influxo no castelhano e por isso deixaram alli parcos vestigios».

These é esta largamente desenvolvida em todo o correr do escripto do famoso romanista allemão.

Egual demonstração occorre na *Introdução* posta por João Ribeiro á sua excellente *Grammatica Portugueza*. (Curso superior).

Não faço citações por brevidade; mas quem quizer, póde verificar.

O novo impulso latinisante que recebeu a lingua na phase do Renascimento já achou o terreno preparado havia seculos.

Não foi uma innovação inesperada nem foi capricho por *separal-a do castelhano*, como ao nosso collega aprouve dizer á Academia. Essa evolução na arte da palavra escripta não foi peculiar a Portugal. Espalhou-se por toda a Europa latina. Foi uma consequencia do renovamente das lettras e artes em geral que constituiu a essencia daquelle periodo historico. O influxo partiu até da Italia. Datam dahi as chamadas *formas divergentes na linguagem*. A renovação, com ser até certo ponto consideravel,

não alterou a estrutura íntima da língua. O sr. João Ribeiro é o primeiro a reconhecer-o, quando na sua *Selecta Classica* — escreve estas palavras: «Os poetas renovaram com maior amplitude o vocabulário e a syntaxe latina e nisto foram singularmente ajudados pelo exemplo dos mestres italianos, que já então dispunham de uma linguagem polida e mais rica de latinismo e reminiscências classicas. Se o influxo dos *quinhentistas pouco se exerce na prosa*, é razão principal que as obras daquelle tempo em regra tinham pequeno e escolhido numero de leitores, corriam manuscritas e muitas (quasi todas) houve que vieram a lume dez, vinte, trinte annos depois de compostas, e não em pequeno numero foram publicações posthumas, como as de Ferreira, Sá de Miranda e outros. Esta circumstancia *diminuiu o influxo geral que na linguagem commum deviam exercer os primeiros classicos* e por isso os prosadores até metade de quinhentos *pouco se differenciam dos que os precederam na era archaica*».

Ora, o Renascimento, em rigor, é periodo historico que vae da segunda metade do seculo xv a fins da primeira metade do seculo xvi.

Conceda-se que alcance o final d'este ultimo seculo. De então em diante *forma-se o espirito genuinamente moderno*, que, aqui e alli sob apparentes fórmulas classicas reage contra as intuições antigas.

O seculo xvii é, neste sentido, decisivo na historia do espirito humano. Os nomes de Descartes, Leibnitz, Spinoza, Locke, Hobbes, Newton, Milton, Calderon, — são sufficientes para proval-o.

O classicismo intrínseco, genuino, real no

espírito e nas ideias, no pensamento e na forma, recúa desde então.

O proprio estylo toma outra coloração. A litteratura franceza do seculo aureo, do tempo de Lafontaine, Racine e Molière, apontada como modelo de classicismo, é classica apenas na apparencia. Fundo e forma trahem o espirito novo. — Por isso, é claro, o sr. João Ribeiro não esteve livre de injustiça, quando affirmou á Academia que: «No seculo xvii foi que, como humanismo exaggerado, appareceu a orthographia etymologica».

Póde ser que alguns caturras em Portugal tenham então assim procedido. Mas a estylistica do tempo em geral, em toda a Europa, comparada á do seculo anterior, constitue um progresso no sentido do *afastamento do latinismo*. — «Fôram os Francezes, escreve autor competentissimo, que formaram o estylo moderno da prosa; e este é o merito historico de sua litteratura. Antes de Descartes, antes de Pascal, os prosadores latinisavam; e porque as linguas romanicas não podiam suster o edificio da antiga prosodia, um Cervantes e um Boccacio, por exemplo, são de uma prolixidade que desagrada e enfastia». Não houve, pois, esse *humanismo exaggerado* no grande seculo de Vieira.

No seu discurso o illustrado professor teve em mira combater accesamente o chamado systema etymologico em a orthographia da lingua e no fogo da refrega desnaturou algum tanto certos factos.

Na calma, porém, de seus escriptos é muito mais ponderado. Assim, na citada *Selecta Classica*, traz estes dizeres:

«...Foi o seculo (o xvii) em que chegou á perfeição a polidez da prosa e da linguagem portugueza, e sem duvida nelle floresceram os maiores classicos e os mais completos prosadores de todos os tempos da lingua: Frei Luiz de Sousa, Antonio Vieira, Manoel Bernardes, F. Manoel de Mello...

«São oradores que persuadem ou maravilham o auditorio, escriptores que recontam com graça e louçania as historias do presente ou do outro tempo. Nem antes, nem depois, houve tanta larguesa e tanta humanidade na alma e no sentimento dos escriptores portuguezes».

Palavras são estas indicadoras de que a reacção contra a mofineza critica que ousara durante tanto tempo desconhecer o valor do grande seculo, penetrou tambem na lucida intelligencia do illustre grammatico.

Em todo caso, afinal, a questão não é de theoria, de doutrina, de sciencia; é de pratica, de habito, de costume.

Toda a gente sabe o que se póde dizer pró ou contra o chamado *systema etymologico*, pró ou contra o denominado *sonico*.

Não estamos mais no tempo de andar a repetir essas velharias. — Proponho a adopção da orthographia de Herculano, acordando-a com a indicação do sr. Salvador de Mendonça.

Julho de 1908

IV

JOAQUIM NABUCO

De todos os antigos estadistas da monarchia, dois ha que parece ainda estar vivos entre nós a nos ajudarem, a nos guiarem na embaraçosa senda do porvir: — José Thomaz Nabuco de Araujo e José Maria da Silva Paranhos.

E' que revivem no par homerico de nossa moderna diplomacia, nos famosos *Dioscoros* Joaquim Nabuco e Barão do Rio Branco.

Filho de diplomata e parlamentar, Rio Branco passou quasi despercebido nas lides da tribuna; mas achou, em dias da republica, a modalidade suprema, o que se poderia chamar a categoria de seu pensar e agir, e nessa esphera chegou onde brasileiro algum ainda subiu tão alto. Se, por desgraça, tivesse fallecido antes das vultuosas incumbencias que lhe fôram dadas pela republica, não se fallaria hoje nelle, senão como de um amoravel compatriota que mostrara selecta predilecção pelo estudo de nossa historia.

O destino quiz o contrario e vemol-o hoje fulgurar no pinaculo. Bem haja! Seu logar é inapagavel. Hão de rolar os seculos, e, em

quanto do *Amapá* ás *Missões*, do *Acre* ao Oceano se fallar portuguez, o nome do Barão do Rio Branco brillará como legenda a incitar animos e a levantar corações.

O outro Dioscoro tem feição differente no meio de muitos pontos de contacto.

Filho de jurista e parlamentar, foi desde muito moço reclamado pela politica e pelas letras.

Entrara por ellas adentro, armado em cavalleiro, como quem estava a pisar em terra para elle conquistada por duas gerações de avoengos illustres, levado pelas mãos de tres senadores de sua familia.

Essa bella figura de intellectual teve a felicidade de nascer dotado das mais apuradas faculdades para o manejo da palavra escripta e da palavra fallada...

Teve mais a ventura de surgir no parlamento quando o ultimo acto, o acto final e definitivo da abolição da escravidão ia entrar em scena.

Seu pae já tinha morrido; mas, quando o joven Nabuco assomou pela primeira vez na tribuna, quem teve olhos para vêr e ouvidos para ouvir, percebeu de chofre que a figura do velho parlamentar tinha reaparecido engrandecida.

E não foi só. Quizera a gloria em seus caprichos que alguns dos raios dispersos da aureola do Visconde do Rio Branco viessem reflectir na frente do moço orador, como se este fôsse tambem um seu filho dilecto.

E' que em Joaquim Nabuco predomina o homem de letras, o homem da palavra sobre todas as outras qualidades que elle por ventura possa revelar.

A historia litteraria o reclama antes de tudo, vendo nelle um orador como poucos e um prosaista igualmente como poucos.

Mas o seu fallar e o seu escrever tiveram sempre uma substancia propria, materia plastica que dava vigor á sua fórma brilhante: a doutrinação politico-social.

E' por isso que a historia politica não deixa de reclamar-o tambem por sua acção no parlamento e no abolicionismo.

Se, por desgraça, tivesse fallecido antes das nobres incumbencias que lhe outorgou a republica, se fallaria agora nelle no mesmo tom em que se falla hoje: teriamos o nosso Joaquim Nabuco tal qual é.

Não é que desconheça o grande valor de sua acção de hoje; é que os seus feitos de agora, por mais brilhantes que sejam, e o são em alto gráo, funcçãoam principalmente como a dou-rada moldura dos seus feitos da mocidade.

Elle está bem em seu lugar, no seu posto de Embaixador da civilisação brasileira perante o mundo.

A cultura nacional não poderia encontrar mais distincto representante.

Sua passagem para a republica, como a de Rio Branco, exprime a nitida consciencia que tiveram de que acima de mesquinhas agitações partidarias, paira para os grandes espiritos o destino supremo da Patria.

Não fizeram mais do que seguir os ensinamentos do Visconde do Rio Branco, que passara opportunamente do liberalismo inarticulado e dispersivo para o partido conservador, e de Nabuco de Araujo, que deixou pelas costas o conservatorismo, que se havia tornado nega-

tivo e improgessista, e alistou-se galhardamente entre os liberaes, quando estes se tornaram dignos de sua adhesão.

O exemplo de taes mestres nullifica e apaga os motejos grotescos que a politicagem impenitente possa garatujar nas botas dos dous cavalheiros.

Não sei se a evolução contemporanea do Brasil reserva alguns problemas que tenham de ser resolvidos por Joaquim Nabuco.

Quaesquer, porém, que elles sejam, e por mais acertadas que se mostrem as soluções propostas, não creio que cheguem a avultar mais na balança do tempo do que *Um Estadista do Imperio*, *Balmaceda*, *Minha Formação*, *Escreptos e Discursos Litterarios*, *Campanha Abolicionista no Recife*, *A Intervenção Estrangeira durante a Revolta*, *Camões e os Lusíadas*.

Joaquim Nabuco se me afigura, pois, um distincto homem de lettras que sabe fallar e escrever, addicionado a um pensador politico de largo descortino.

Quando lhe chamo *homem de lettras*, para bem frisar sua qualidade de intellectual, não pretendo de fórma alguma confundil-o com esses curiosos *litteratos*, que estacionam nos cafés e nas portas das livrarias; quando lhe noto o caracteristico de *escriptor politico*, é para claro mostrar que sua acção nesta esphera é mais notavel no que elle escreveu do que no que fez, ainda levando em conta sua extraordinaria acção no abolicionismo.

Se eu tivesse auctoridade para lhe dar conselho, indicaria que reunisse os seus discursos, artigos e pamphletos politicos, porque não ha um só dentre elles que não encerre alguma idéa, alguma vista aproveitavel.

Deste numero é, entre outros, o *Erro do Imperador*.

A collecção desses escriptos avultará mais no futuro do que a presidencia do *Congresso Pan-Americano*.

24-8-909.

V

UM LIVRO DE VIAGENS

A ex.ª sr.ª D. Maria Clara da Cunha Santos, vantajosamente conhecida nas patrias lettras hodiernas por um volume de contos e outro de poesias, brinda-nos agora com um livro de viagens.

A' generosa bondade da distincta escriptora devo a incumbencia de prefaciar-lhe a interessante publicação.

Serei breve: uma rapida *causerie* e nada mais.

*

Sejam as minhas primeiras palavras a expressão dum anelo.

Fôra para desejar que um dos nossos criticos de mais saber, mais philosophia, mais largueza de idéas, mais competencia no trato dos phenomenos intellectuaes e, sobretudo, de mais alma, enfeixasse num vasto e sympathico estudo as figuras das nossas mais distinctas escriptoras das ultimas decadas do seculo XIX a esta parte.

Nas regiões da poesia, do conto, da novella, do romance, do folhetim, da chronica, da phantasia, da critica mesmo muitas se teem revelado com talento merecedor de applausos geraes.

E' um assumpto que está ahi a exigir a analyse dos genuinos criticos, um França Pereira, um Theotonio Freire, um Nestor Victor, um Augusto Franco, um Phaelante da Camara, para fallar nos mais jovens e não citar mestres, como Arthur Orlando ou Clovis Bevilaqua, mais distrahidos hoje, um, com os problemas politicos e sociaes, e outro com as arduas questões do direito.

E' livro para ser feito por um espirito enthusiasta, moço, são, cheio de idealismo e poesia e não por certos *ratés* da critique nacional, capazes, talvez, de enfiar anzões nas pescarias do Amazonas, mas de todo fechados á comprehensão duma alma de mulher, intelligente, espiituosa, elevada, honesta e boa.

A' obra, pois, os criticos de saber e coração que pódem achar a vida e o tumultua: dos sentimentos e das idéas, onde os *ratés*, os rapsodistas das cousas alheias, encontram apenas motivos para rhetorices banaes.

*

O novo livro da distincta rio-grandense lê-se dum folego, porque é simples, despretençioso, leve, arejado por constante sympathia.

Conhece-se, logo nas primeiras paginas, que se está em companhia duma *causeuse*, cuja inspiração mais constante é a de um inalteravel optimismo. Ella quasi só sabe vêr o lado bom de todas as cousas; a sua musa é a de um franco

entusiasmo pelo espectáculo da natureza e da vida. As palavras que mais se multiplicam no livro são: *bello, esplendido, admiravel, magnifico, encantador, inolvidavel, deslumbrante, maravilhoso...*

A excursão, que não foi nem demasiado prolongada nem por demais extensa, está cheia de pequenas notas, doces traços, ás vezes em duas ou tres linhas, que reçam bondade e sympathia da autora por amigos ou parentes com que se encontrava ou de quem se recordava e tinha saudades.

Esses rapidos trechos são como deliciosos e floridos pontos que documentam a psychologia da escriptora.

Não farei citações para não tirar aos leitores o prazer de encontrar por si mesmos essas paragens.

Acham-se principalmente á pag. 11, quando falla da despedida na hora da partida; pag. 16, quando se refere aos amigos que, na Bahia, fôram a bordo comprimentar a autora e seu distincto consorte, Dr. José Americo dos Santos; pag. 23, sobre a bella moça, que, cegando na ausencia do marido, fôra esperal-o ao caes em New-York; pag. 29, a respeito do quadro do *Desespero Materno* na Exposição das figuras de cêra ainda em New-York; pag. 80, encontro com moças brasileiras em St. Louiz; pag. 186, sobre Dr. Branner; 206, relativamente ao Dr. Bruno Chaves e sua esposa; 218, Eugenio Latour e Magalhães de Azeredo; 223, professor Adolpho Malevolti e Pedro Americo; 260, ácerca de Madame Paulo Fritz; 276, noticia da morte da sua irmã Judith; 282, Charles Neate; 284, D. Carolina de Rezende e o ma-

rido; 288, sua cunhada D. Alice; 291, a familia do Dr. Cypriano Mascarenhas; 309, Maria Amalia, a *authoress* portugueza.

Fazem bem ao coração esses effluvios duma alma amavel, que sabe sympathisar e vêr sempre o bem e revelal-o.



O livro contem scenas das sociedades dos Estados-Unidos, Mexico, Italia, Austria, Allemanha, Hollanda, Belgica, Inglaterra, França e Portugal, o que importa dizer que se refere a gentes que, na escola de sciencia social dos discipulos e reformadores das idéas de Le Play, se chamam *povos de formação communaria e povos de formação particularista*.

E' viajando que se apprehendem ao vivo as largas differenças que afastam essas duas qualidades de populações, differenças que prendem raizes no amago mesmo do character.

Ou esse character seja explicavel, no que tem de mais intimo, em grande parte pelas divergencias essenciaes dos varios centros de apparição dos homens primitivos, ou pura e simplesmente pelas emigrações posteriores de um centro commum para regiões demasiado antitheticas, o certo é que, como processos descriptivos e ao mesmo tempo explicativos, das qualidades intrincadas das nações, não conheço methodos mais adequados do que os dos continuadores do famoso sociologo francez.

As influencias originadas do passado da raça, dos varios meios physicos, dos regimens de trabalho, da natureza dos recursos e modos de viver, da organização que dahi se impõe á

familia, da indole das culturas e industrias são pegadas em flagrante em seu jogo multiplo, em sua trama complicada e infallivel.

Depois que os conheci, não tenho cessado de aconselhar aos meus compatriotas o estudo acurado de livros como os de Henri de Tourville — sobre *A Formação dos Povos Particularistas*; de Edmond Demolins ácerca d'*Os Francezinhos de hoje* e ainda sobre *As Repercussões Sociaes*; de Rousiers referentes á *A Vida Americana, a Hamburgo e a Allemanha, A Questão Operaria na Inglaterra, As Industrias Monopolizadas nos Estados-Unidos*; de L. Poinard — no que se refere á *A Produção, o Trabalho e o Problema Social nos Começos do Seculo XX*; de A. de Préville — dedicado *A's Sociedades Africanas*, livro que interessa sobre maneira ao Brasil, não esquecendo do mesmo autor pres-timosos escriptos — relativos ao *Japão*, ao *Thibet*, ao *Egypto*; de G. de Azambuja, illustre provençal, sobre a *Grecia Antiga* e um não menos valoroso tendo por objecto a *Macedonia Moderna*.

E, como esses, em geral — todos os estudos inspirados pelos methodos e ensinamentos dessa grande escola da *Sciencia Social*.¹

A escriptora brasileira em *America e Europa*, o bello livro que se vae lêr, viu e notou, nomea-

¹ É claro que da *Escola de Le Play* só admitto os processos e alguns resultados perfeitamente provados. Não aceito as idéas catholicas, que, aliás, não lhe são essenciaes, tanto que a doutrina tem sectarios de todos os credos religiosos. Faço esta observação para tapar a bocca a certos ignorantes. O tardio catholicismo de Le Play é caso isolado e secundario.

damente nos Estados-Unidos, Hollanda, Inglaterra e Allemanha, umas poucas de cousas, assás divergentes de suas congeneres no Brasil, Italia, França e Portugal, muitas das quaes admirou e desejaría que fôsem imitadas nesses ultimos paizes.

O caracter de independencia dos moços e até dos meninos, a educação autonoma e pratica dos homens, o facto de rapazes, estudantes universitarios, empregarem-se em officios manuaes que a nós se afiguram grosseiros e acima da infatuada pretenciosidade de certas gentes, a energia e independencia das mulheres que ousam pensar por si, o prazer e attracção pelas carreiras chamadas usuaes, fontes de bem estar e conforto, de preferencia aos azares da politica-gem e do parasitismo de certas profissões denominadas *liberaes*, são cousas que despertam logo a attenção do viajor intelligente e não podiam escapar á perspicacia de uma mulher de talento, como é a nossa patricia.

Ella não poderá, talvez, explicar muitos destes phenomenos sociaes, cuja genesé e comprehensão resultam das lições do pugilo de pensadores referidos.

A mendicidade que se lhe deparou em Napoles, o *dolce-far-niente*, — trapilho e embellezado de musicas e canções; a decadencia de Veneza; o movimento e opulencia de Hamburgo; o bem estar e a limpeza de quasi toda a gente na Hollanda e na Belgica do Norte; a prosperidade, o poder, a riqueza da Inglaterra; a marcialidade actual da Allemanha; certas exquisiti-ces d'Austria estão por ventura neste numero.

Além desses problemas que podiam ser debatidos a proposito das impressões de viagens

de Maria Clara, releva notar em seu livro *bellas scenas* que se não apagam mais da memoria do leitor.

Neste caso estão as dedicadas ao acto da abertura da Exposição de S. Luiz, o grande Canyon, a floresta petrificada, a catarata do Niagara, e vinte outras, todas sobriamente descriptas em estylo singelo, despretençioso, corrente e leve.

Pondo remate a estas rapidas observações, só me resta agradecer á autora a honraria conferida a este humilde e fervoroso admirador de seu talento.

11 de Junho de 1908.

VI

EDMOND DEMOLINS

I

A noticia do fallecimento do grande sociologo francez Edmond Demolins encheu de pesar o pequeno numero de seus adeptos do Rio de Janeiro.

A cousa se justifica plenamente por si mesma.

Para a ignorancia ossificada da mór parte da litteratada brasileira Edmond Demolins era vagamente conhecido como um *touriste* que havia escripto um livro de viagem sobre a Inglaterra, livro no qual cumulara de elogios o grande povo, reconhecendo-lhe certas superioridades sobre celtas, slavos, latinos, não fallando de mestiços, amarelllos, negros, existentes pelo mundo em fóra.

Alguns, dos que se suppõem mais atilados, suppunham, por demais, ser Demolins um mestre-escola, um pedagogo, que escrevera um livro ácerca da educação da mocidade franceza. — Era isto e mais nada.

Preoccupados com *exotismos* litterarios, com tudo quanto tem resaibos de extravagancia, de

desequilíbrio, de molestia, de desordem espiritual; abysmados nas *boutades* de Tolstoi á conta de Shakespeare, com as bizarras invenções de Ibsen, cujos energicos caracteres, a um tempo subtis e grandiosos, os atordoam; enleitados em exquisitices *orthographicas* ou presos no visco do *esperanto*; alheidos da realidade a seguir as phantasias de Nietzsche; embasbacados diante das novellas romanescas de Ferrero sobre Tiberio e Julia, Antonio e Cleopatra, Nero e Agrippina, o tempo não lhes chega para acompanhar os graves problemas que preocupam o mundo e tomar conhecimento dos estudos de economia, de politica, de sciencia social, de assumptos industriaes, de direito applicado, de educação e outros que visam directamente a preparar o homem para a grande lucta da vida moderna.

Pois não vimos, ainda ha poucos dias, um desses magnos pontifices da ignorancia sentenciar da sua cathedra de bonzo inconsciente a *mediocridade* do livro de Demolins ácerca dos *Anglo-Saxões*?

O que vale é que aquelle remendão de cousas alheias, escrevendo para ser agradavel a Ferrero, que proclamara a superioridade dos latinos, nem sequer se lembrou de aprender a graphia exacta do nome de Demolins, por elle sempre transformado em *Demoulins* !...

Nem sequer o nome ! E' significativo.

Nem era de esperar outra cousa de certa classe de espiritos.

Typos scepticos, sem ideal, incapazes de se bater por uma causa com sacrificio de seus commodos pessoaes; temperamentos de pandegos, de pilhericos, de divertidos; pesquisadores de gosos, inventores de distracções, amolentadores

do viver, eil-os que deitam a mascara do riso e levantam a tenda da pagodeira...

Para elles tudo tem feições de festa e deve ser saudado em estylo de brinde: estamos no melhor dos mundos; não é preciso tentar nada, tudo vae em mar de rosas.

Força, riqueza, bem estar, liberdade, cultura, sciencia, arte, litteratura, industria, commercio... tudo... tudo... como num sonho.

Ora, pois; ousamos dizer que este optimismo facil e barato para quem o exerce, carissimo para quem o paga, é a peor fórma do pessimismo; é um *pessimismo ás avessas* que mata lentamente as nações, fascinando-as com mentiras, tirando-lhes a consciencia de seus grandes deveres, cortando-lhes os estímulos para as grandes ousadias.

Mil vezes o pessimismo propulsivo de Christo que vergastava ladrões com os olhos num ideal superior.

Mil vezes o pessimismo aparente de um Edmond Demolins, que ousou arcar, em nome dum patriotismo superior, com o chauvinismo francez.

A gente de bom senso comprehendeu, sem esforço, o alvo impessoal e nobilissimo que inspirara a penna do escriptor intrepido e tanto que numerosos chefes de familias francezas se lhe dirigiram para tomar conselhos sobre a educação de seus filhos e levaram-no, por ultimo, a fundar a famosa — *École des Roches*.

Mas não antecipemos.

O illustre sociologo, recentemente extincto, deve ser estudado na complexidade de sua vida, no conjuncto de seus escriptos, não esporadica e destacadamente num artigo.

Tinha um systema, uma doutrina que é indispensavel conhecer para que seja com justiça apreciado.

Não é mais do que pegar um sujeito qualquer em *A quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons?*... — e, ignorando em absoluto tudo o mais, entender de dizer sandices ao publico...

Edmond Demolins era filho de Marselha, onde nascera em 1852.

Feitos os primeiros estudos em sua terra natal, partiu para Paris em 1873, com o triplice fim de conhecer pessoalmente Fred. Le Play, cujas idéas o tinham seduzido, de documentar um livro que escrevera ácerca d'*O Movimento Communal na Edade Media*, e, finalmente, dilatar seus conhecimentos scientificos e sociaes.

Essa primeira phase de sua vida, no que toca a labores de escriptor, foi consagrada aos estudos historicos.

O apparecimento d'*O Movimento Communal na Edade Media*, em 1874, foi seguido da publicação duma excellente *Historia de França*, em 1879.

Esta obra, em quatro volumes, é já um livro de primeira ordem.

O autor, muito engenhosamente, procurou consorciar as largas syntheses de Guizot, segundo as quaes grupava os acontecimentos pelo encadeiamento dialectico de causas e effeitos, com o methodo narrativo e pinturesco de Agostinho Thierry.

Dest'arte, a concepção scientifica, philosophica e moderna não faltava, mas ficava apenas na concepção geral, na intuição e no encadeiamento dos factos, sem que o autor, com suas vistas de homem de hoje, se substituísse aos

homens das passadas eras, defeito capital de muitos historiadores, nomeadamente Guilherme Ferrero.

E o que preservou o joven autor de vinte e sete annos de tão consideravel defeito foi a habillissima alliança que fez das theses geraes, occultas, por assim dizer, com o methodo do grande mestre das *Narrativas Merovingias*, o methodo de deixar as chronicas fallar por si mesmas.

Dizendo dessa *Historia de França*, escreveu o lucidissimo Paul de Rousiers: «Foi concebida por um plano dos mais felizes e o vigoroso escriptor que era Demolins já se revela nessa obra da mocidade.

«O indice das materias apresenta em escorço um completo systema de philosophia da historia de França. O autor quiz de facto, e tomou o cuidado de o advertir aos leitores, grupar os acontecimentos conforme o methodo philosophico, tornando claras as relações de causa e effeito que os liga entre si.

«Dispostos por essa cadeia logica, tratava elle de escolher os mais caracteristicos e significativos em cada epoca e os narrava com largas minudencias, seguindo o mais possivel às fontes antigas, no intuito de conservar-lhes a physionomia propria e exacta.

«Juntava engenhosamente as vantagens da escola philosophica de Guizot ás da escola narrativa de Agostinho Thierry. Fazia mais ainda, é justo dizel-o, porque a narração dos factos tirada dos velhos chronistas ou das memorias e documentos contemporaneos era, já por si, uma garantia da classificação philosophica proposta.

«Nada existe tão facil como achar nos acon-

tecimentos historicos argumentos em prol duma these, se, em vez de apresentar os factos conforme os testemunhos contemporaneos, dá-se delles apenas um resumo, e se escreve um discurso sobre a historia. Se ao revez, o historiador deixar a palavra ás testemunhas do passado, será obrigado a tomar por base de suas theses as interpretações fornecidas por essas testemunhas e a julgar dos factos pelas impressões dos contemporaneos e não pelas suas particulares.

«Taes impressões contêm em si proprias uma superior verdade historica: marcam a acção dos acontecimentos naquelles mesmos que os *viveram*, por assim dizer.

«Não padece duvida que todo systema de interpretação da historia que logra dispôr os factos, dando conta das impressões que elles realmente causaram na epoca em que se deram, é menos exposto a erro do que os systemas inspirados pelas theorias pessoais dos historiadores.

«Deste ponto de vista a *A Historia de França* de Demolins tem o alto valor didactico e o merito rarissimo de não sobrecarregar a memoria, de interessar prodigiosamente os leitores por os fazer apprehender, por imagens vivas, as differenças essenciaes que afastam um rei merovingio dum rei do antigo regimen, a vida de um senhor feudal da de um grande potentado do seculo xvii, a guerra da idade-media da gerra moderna, etc. Este triplice resultado é obtido pelo citado processo da representação concreta, animada, colorido das minudencias caracteristicas».

São, repetimos, palavras de P. de Rousiers,

famoso autor de *La Vie Americaine* e de tantos livros de grande merito.

Muitos outros gabos faz elle á obra historica de Demolins, só por si sufficientes para tapar a bocca ao criticaastro brasileiro que teve o desplante de censurar o autor de *Les Français d'aujourd'hui* — sem ao menos o haver lido...

II

A vida espiritual do autor de *Les Grandes Routes des Peuples* — póde ser dividida em quatro grandes periodos, grandes pelos esforços nelles empregados e não por sua duração mesma, pois que o intrepido escriptor teve vida curta.

A primeira phase desse perenne labutar póde-se dizer que vae de 1872 a 79 e foi absorvida pelos estudos historicos.

Não foi sem vantagem para a evolução do pensamento do notavel marsehez na esphera dos estudos sociologicos, porque o valor das achegas historicas nesse terreno é incontestavel. *O Movimento Communal na Edade Média* e a *Historia de França*, já citados, são os fructos desses primeiros labores da mocidade.

O segundo periodo, todo consagrado á propaganda das idéas de Le Play quanto á reforma da sociedade moderna, distende-se de 1880 a 86.

Dentre todos os discipulos e amigos do velho reformador — este escolhera a Demolins para director da revista *Reforma Sociale*, ainda hoje existente.

O brilho daquella revista durante o periodo

da direcção do joven escriptor é attestado por quantos lhe acompanharam os passos.

Entretanto, Henri de Tourville, achando ainda imperfeitos os processos de Le Play para a analyse das sociedades, e inopportunas ou inadequadas algumas de suas idéas de reforma, abriu scisão na escola, não só com o alargar-lhe o methodo com a sua *nomenclatura dos phenomenos sociaes*, como ainda com o abandono das *pretenções de reforma*, contentando-se com o simples estudo dos factos sociologicos pelos processos rigorosos de observação.

Era isto em 1886 e Demolins foi encarregado da fundação e direcção da revista *Science Sociale*.

Ahi durante vinte e um annos deu elle a medida de todo o seu merecimento.

São innumeraveis os valentes artigos que escreveu, alargando o circulo da sciencia social de que tambem dava um curso publico na *Sociedade Geographica*, de Paris.

E' a terceira phase de sua vida, nos ultimos annos da qual, a partir de 1899, teve de juntar aos arduos labores da revista os ainda mais extraordinarios da organização e direcção da *École des Roches*, admiravel instituto de ensino que larga influencia vae exercendo na educação da mocidade franceza.

Foi neste ponto que a morte o surprehendeu.

Os derradeiros oito annos, pois, constituem um quarto periodo especial e altamente curioso.

Não pretendemos fazer uma biographia, senão dar uma idéa geral do valor mental do homem.

No seio da escola da *sciencia social*, que se não deve confundir com a da *reforma social*,

Demolins é contado como o seu terceiro fundador.

A Le Play deve-se o *methodo* de observação pelas monographias de familias e os primeiros esboços de classificação destas; a Henri de Tourville o alargamento do *methodo* com a *nomenclatura dos elementos sociaes* e com o *systema* das viagens e a observação variada em sitios varios; a Demolins somos devedores do curioso processo *das repercussões sociaes* e de uma mais perfeita classificação dos typos de sociedades.

Aquelles que não conhecem nem assignam a *Science Sociale* e desejarem ficar a par das idéas pelas quaes devorou Demolins, com invejavel denodo, sua nobre existencia, aconselhamos a leitura de seus livros na ordem seguinte:

I — *Les grandes Routes des Peuples* (Essai de geographia sociale), *Les Routes de L'Antiquité*.

II — *Les grandes Routes des Peuples* (Essai de geographia sociale). *Les Routes du Monde Moderne*.

III — *Les Français d'aujourd'hui* (Les types Sociaux du midi et du centre).

IV — *A quoi tient la superiorité des Anglo-Saxons?*

V — *A-t-on intérêt à s'emparer du Pouvoir?*

VI — *L'Education Nouvelle* (L'École des Roches).

VII — *L'Avenir de l'Education Nouvelle*.

VIII — *L'Etat actuel de la science sociale*.

IX — *La nécessité d'un programme sociale et d'un nouveau classement des partis*.

Só com estas bases é que se poderá ter um conhecimento de conjuncto das doutrinas da

escola, das idéas peculiares do autor e se poderá ter noção clara do posto por elle occupado entre seus companheiros.

Só com taes elementos é que se pôde bem comprehender o sentido e o alvo visado por um livro como o *A quoi tient la superiorité des Anglo-Saxons?*

Fóra disso são impotentes as rabulices de certos criticos atrazadissimos.

Claro é para aquelles a quem são familiares as idéas da escola da scencia social, na ramificação em que se tinha filiado Ed. Demolins, que as obras deste escriptor são de duas categorias.

Numas elle expõe, por assim dizer theoreticamente, os ensinamentos da doutrina; noutras faz applicações praticas. Da ultima especie são — *A quoi tient la superiorité des Anglo-Saxons?* — *A-t-on l'interet de s'emparer du Pouvoir?*

Diante destas nos deteremos um instante.

Feitas rigorosas observações no mundo inteiro no estudo dos diferentes povos, observações em que fôram apreciadas as condições de *loçar, trabalho, propriedade, família, modos de existencia, patronagem, commercio, culturas intellectuaes, religião, visinhança, corporações, communas, cidades, provincia, Estado, expansão da raça, o estrangeiro em relação a ella, a sua historia, o seu papel e posição mundial,* trabalhos estes em que primaram Rousiers, Préville, Poinard, Bureau, Tourville, Pinot, e o proprio Demolins, de que é attestado seu extraordinario livro — *Les Français d'aujourd'hui.* foi possivel uma classificação dos diferentes typos sociaes.

Possivel tambem foi conhecer quaes os povos

que estão á frente do movimento mundial moderno, e, implicitamente, os melhores aparelhados para as luctas da vida hodierna.

Foi com taes e tantos esforços que o systema de Le Play ficou modificado no *methodo*, na classificação dos *phenomenos sociaes*, na dos *typos de familia*, na dos *typos de sociedades*.

Neste ultimo ponto convem ouvir o proprio Demolins.

Escrevia elle em 1898: «Ha oito annos apenas conseguimos determinar com exactidão o erro-fundamental de Le Play, e podemos por esse modo rectificar a sua obra que ficou além de singularmente desenvolvida, completamente renovada.

«Estes resultados que se tornaram para a sciencia social o inicio duma verdadeira transformação, fôram a consequencia de viagens comparativas levadas a effeito pelos collaboradores de *La Science Sociale* e por nossos discipulos — na Noruega, na Allemanha, na Suissa, no Sul da Algeria, no Sahara, na Russia, nos Pyreneos, na Inglaterra, nos Estados-Unidos, etc.

«Estes resultados fôram comprovados, verificados, desenvolvidos por longa serie de estudos proseguidos sem interrupção pelos nossos mais eminentes collaboradores, estudos reiterados ácerca das mais variadas sociedades do presente e do passado.

«Em conclusão de analyses tão consideravelmente accumuladas, acreditei poder reduzir a duas grandes divisões as sociedades humanas. O primeiro grupo comprehende as diversas variedades que buscam resolver o problema da existencia, apoiando-se na collectividade, a com-

munhão, quer da familia, quer da tribu, seja do *Clan*, seja do Estado: são as *Sociedades de formação communaria*.

«O segundo grupo comprehende as diversas variedades que procuram resolver o problema da existencia, apoiando-se unicamente na energia individual, na iniciativa, na actividade, no esforço privado: são as *Sociedades de formação particularista*.

«Teem este nome porque nellas o *particular* conserva toda a independencia diante do grupo. Faltava dispôr em cada um desses dois grupos — as sociedades que constituem os typos conhecidos da innumeravel serie de variedades sociaes. Para isto houve mister escolher, como ponto de partida, a variedade social que apresentasse o typo communario mais exclusivo, e, ao mesmo tempo, mais simples. Deparou-se nos essa variedade inicial nas populações de pastores nomadas das grandes steppes da Asia central, dos quaes são os Tartaros-Khalkhas os especimens mais completos.

«Em França, onde este typo não existe, tomamos como ponto de partida as populações semi-pastoris das zonas montanhosas que delles mais se approximam.

«Estabelecido esse ponto inicial, faltava distribuir gradativamente as outras variedades na ordem em que se vão cada vez mais afastando daquella, isto é, na ordem em que a acção da comunidade familiar se vae progressivamente enfraquecendo.

«Chega-se, dest'arte, a uma derradeira variedade na qual a comunidade de familia é de todo quebrada e substituida por fórmulas communarias mais complicadas.

«Chega-se então a esgotar a serie inteira das variedades conhecidas do primeiro grupo e passa-se ao segundo, o grupo das *Sociedades de formação particularista*.

«Neste, segundo o mesmo processo empregado no precedente, toma-se por ponto inicial a variedade social que apresenta o typo particularista com o maior character de simplicidade.

«Este ponto inicial é fornecido pelas populações da Noruega que se entregam simultaneamente á pesca nos *fjords* e á cultura agricola.

«Seguindo dahi, procede-se com o segundo grupo como se fez com o precedente, distribuindo as diversas variedades na ordem em que se vão complicando cada vez mais.

«Chega-se, assim, á variedade que apresenta o typo mais complicado e mais definido da iniciativa individual, isto é, aquella que está collocada no pólo opposto á formação communaria.

«Obtem-se por este modo uma cadeia ininterrupta de sociedades que vão da formação communaria mais intensa á formação particularista mais extremada.

«Dispostas as sociedades humanas por esta fórma systematica, percebe-se que a formação communaria reina quasi exclusivamente no Oriente asiatico e europeu; que predomina, algum tanto attenuada, em todo o meio-dia occidental da Europa e na America do Sul; pôde-se dizer que é o typo caracteristico dos povos do Oriente e do Meio-Dia.

«E inversamente predomina a formação particularista no norte occidental da Europa e na America do Norte, sendo o especimen mais completo e mais intenso d'esta formação social fornecido pela raça anglo-saxonica.

«Digo intencionalmente *a raça anglo-saxonica*, porque, entre as populações que se acham mais ou menos mescladas com esta raça, algumas existem, que, em consequencia de causas varias, pertencem á formação communaria: deste numero são os grupos de populações celticas, como os Escossezes, os Highlands, os Irlandezes, os habitantes do paiz de Galles.

«Esta estreita juxtaposição de elementos essencialmente diversos, explica facilmente, na sciencia social, as tendencias oppostas, as luctas e certas divisões politicas da Inglaterra actual».

Já daqui se vae percebendo porque foi que Ed. Demolins escreveu o *A quoi tient...* e no sentido porque o fez.

Os chrichanás da critica brasileira teem muito que estudar para comprehender certas doutrinas e certos homens, que sabem inteiramente fóra de seus moldes, geitos, séstros e estreitezas espirituaes.

Ha mister, nessa empreza, duma completa transformação psychologica, operação que os chrichanás, como bons primitivos que são, não aguentam...

III

Nós, depois de haver indicado a ordem em que devem ser lidos os livros de Demolins, dissemos que nos deteriamos rapidamente diante de *A quoi tient la superiorité des Anglo-saxons? A-t-on interet à s'emparer du gouvernement?*

A primeira destas obras é um excellente tra-

balho de applicação das idéas da escola da *Sciencia Social* á Inglaterra.

O livro se divide em tres partes: *O francez e o anglo-saxão na escola; O francez e o anglo-saxão na vida privada; O francez e o anglo-saxão na vida publica.*

Quem o lê com o espirito aberto á acquisição de idéas e não a ouvir phrases sonoras, sente-se verdadeiramente transportado a um mundo novo.

Surprehende-se o genuino inglez na sua vida real, no desabrochar de seu character activo e apprehendedor.

O analysta toma o pequeno filho de Albion desde a infancia, desde a escola. Logo, ás primeiras paginas, comprehende-se que a superioridade de que vae fallar o autor não é litteraria, artistica, philosophica, ou outra qualquer deste genero: trata-se apenas de superioridade social, superioridade para a labuta da vida moderna.

E' isto que certos mestiços brasileiros, arrolando *latinismos*, não querem vêr.

De facto, Demolins faz um quadro vivaz, um desses que não se apagam mais da imaginação de quem os lê, do professor inglez na pessoa de Mr. Cecil Reddie e das modernas escolas britannicas nas instituições de *Abbotsholme* e *Bedales*.

Eis o professor; comparemol-o com os Verissimos de cá e aprendamos a conhecer donde partem os mais remotos fios de nossas desgraças. Vae na lingua admiravel do escriptor:

«Il y a, chez nous, un type classique du directeur de college, du professeur: tenue correcte, vêtement sombre, longue redingote noire,

air plus ou moins solennel d'un homme convaincu qu'il exerce un sacerdoce et qui le laisse voir; la démarche lente, l'attitude réservée, la conversation remplie de sentences propres à former l'esprit et le cœur de la jeunesse.

«Surtout de la dignité, extraordinairement de dignité.

«L'homme qui me serrait vigoureusement la main était tout différent.

«Avez-vous quélques fois essayé de vous représenter un pionnier, un squatter, dans le Far-West ?

«Quant á moi, je ne me le figure pas autrement que le docteur Cecil Reddie. Grand, mince, solidement musclé, remarquablement taillé pour tous les sports qui exigent de l'agilité, de la souplesse, de l'énergie, et avec tout cela, un costume qui complète bien la physionomie, le costume du touriste anglais: blouse en drap gris avec ceinture dessinant la taille, culottes courtes, gros bas de laine repliés au-dessous des genoux, solide paire de chaussures, enfin, sur la tête, un béret.

«Je donne ces détails, parce que ce type de directeur ne semble être l'image vivante du type d'école que je vais vous décrire: l'homme est bien la représentation exacte de l'œuvre».

Acompanhado desse original typo de mestre, inteiramente fóra dos moldes dos educadores francezes e brasileiros, Demolins visitou a escola de *Abbotsholme*.

De caminho, Mr. Reddie ia-lhe expando os seus methodos e idéas: «Nosso alvo é chegar a um desenvolvimento harmonioso de todas as faculdades humanas. O menino deve tornar-se

um homem completo, afim de ficar apto a preencher todos os fins da vida.

«Para tanto, a escola não deve ser um meio artificial no qual não se esteja senão pelos livros em contacto com a vida; deve, ao contrario, ser um pequeno mundo real, pratico, que ponha o menino o mais perto possivel da natureza e da realidade das cousas. Não se deve ensinar sómente a theoria dos phenomenos, senão a sua pratica tambem, e esses dois elementos devem andar intimamente juntos na escola, como andam em torno de nós, no intuito de evitar que, entrando na vida, o joven entre num mundo desconhecido, para o qual não estava preparado e onde vae ficar desorientado. O homem não é uma pura intelligencia, e sim uma intelligencia unida a um corpo e deve-se tambem formar a energia, a vontade, a força physica, a habilidade manual, a agilidade...»

São idéas repetidas agora entre nós pelos papagaios que discorrem ás redeas soltas ácerca de reformas de ensino, sem lhes comprehender o sentido. E tanto não o comprehendem que andam ás tontas no assumpto e disparam nelle.

Indicaremos aqui, entre parenthesis e de relance, as bernardices commettidas pelos famosos reformadores, que berram agora mesmo no congresso, não dizemos já sobre a solução do problema, cousa grave, mas pura e unicamente no simples modo de o comprehender e formular:

1.º Laboram ainda no grosseirissimo erro de tomar a questão do ensino em abstracto, separando-a da enorme cadeia dos problemas brasileiros, de que é apenas um élo!

2.º Incapazes de sondar as causas geraes e

efficientes de nossas miserias, fazem do caso do ensino *bóde expiatorio* das mazellas do presente;

3.º Fingindo independencia e capacidade que não têm, nem sequer reparam que ainda e sempre, consciente ou inconscientemente, não fazem mais do que fortalecer o degradante systema dos governos de povos communarios, segundo o qual o ensino é *um organismo de partido e um instrumento de combate como tudo mais*;

4.º Dahi a desorientação dos discutidores, cada um puxando para seu lado, fonte donde resultam as mais curiosas contradicções.

O mal tem sido attribuido, ao mesmo tempo, a ser o ensino official ou livre, leigo ou religioso e tambem aos programmas, aos exames parcellados, aos exames de madureza, aos Internatos, aos Externatos, aos Collegios equiparados, ás Academias Livres, á bonhomia dos fiscaes, aos parcos ordenados dos professores, á má distribuição da competencia official de prover ás varias categorias do ensino, segundo a Constituição, á indifferença dos governos dos Estados... O diabo!

Só de uma cousa não se lembram: que a questão é de educação e não de instrucção. Não vêem que é preciso seguir os passos deste sorites ascendente: reformar a educação dos discipulos, e, com estes, os pais, e, com estes, a familia, e, com esta, o character do povo.

Se queremos continuar a ser uma gente de communarios, *vivendo da politica alimentaria*, o ideal em materia de ensino é exactamente o que temos; se queremos, porém, mudar de rumo, no sentido das grandes iniciativas, é seguir o que fazem os inglezes e aconselha Demolins.

Não ha meio termo. Tornemos ás escolas descriptas pelo saudoso sociologo.

O typo de *Abbotsholme* e *Bedales* é o mesmo que foi inaugurado em França pelo grande escriptor na *Ecole des Roches*, que vae exercendo enorme influencia na pedagogia franceza.

De um jacto fica derimida a *vexata quæstio* dos Internatos e dos Externatos.

Rúe por terra o Collegio installado no enorme casarão, com apparencia de caserna, hospicio, quartel ou hospital.

Evitam-se as desvantagens dos Internatos, cujos vicios, safadezas e infamias são assás conhecidos; mas evitam-se tambem os inconvenientes dos Externatos nas grandes cidades, cujas ruas teem de ser percorridas pelos alumnos, com o grande perigo de aprenderem vicios de toda a casta.

A escola ingleza é collocada no campo, em sitios adrede escolhidos, em trechos do paiz, com as suas verduras, suas varzeas, suas arvores, suas aguas correntes ou em apraziveis lagos.

O fim é pôr a creança em contacto com a natureza e suas scênas mais aptas a lhe fortalecer a saude, despertando, ao mesmo tempo, o interesse pelas cousas praticas.

Por isso as excursões, os passeios e brincos ao ar livre, os exercicios de natação, de remar e outros congeneres entram em larga escala na educação physica.

Os estudantes são distribuidos, aos quinze ou vinte no maximo, por edificios dispostos separadamente e habitam nelles com as familias do director e dos professores.

Facilita-se-lhes, dest'arte, o convivio em so-

cidade, como se estivessem no centro de suas próprias famílias. A educação moral é assim resalvada.

As classes são organisadas com o fim de evitar as enormes agglomerações em que o ensino se torna improductivel.

Este é dirigido com o plano de interessar o mais possivel a iniciativa individual do alumno.

Desenvolve-lhe principalmente o espirito de observação, a pratica dos apparatus scientificos, a verificação pessoal dos factos, a descoberta da verdade, como se fôsse uma aquisição nova, devida ao esforço directo do estudante.

Conhecido em França esse estupendo systema de organização escolar, muitas familias enviaram seus filhos para a Inglaterra.

Demolins mesmo déra o exemplo, mandando o seu.

Mais tarde, fundou a *Ecole des Roches*, descripta em livro especial.

O plano de estudos é nella o mesmo de seus modelos inglezes. A educação physica e a educação do character combinam-se de modo a ajudar a boa cultura espirital.

IV

De quanto já havemos affirmado do grande sociologo francez está mais que evidente não ser o seu bello livro dos *Anglo-saxões* uma dessas machinas de comparação ao gosto do livro detestavel de Colajani ou duma estapafurdia conferencia de Ferrero, publicada no *Jornal do Commercio*.

Pertencente a uma escola de sciencia que applica escrupulosamente o methodo de observação aos phenomenos sociaes, Demolins e seus companheiros não procedem a essas negativas medições do gosto de mediocres pretenciosos ou enfasiados.

São estudos objectivos, firmados nos factos mais graves, nos documentos mais serios, nas observações mais inilludiveis.

O sr. José Verissimo, que só de nome conhece rarissimos dos proceres da escola de Demolins, (escreve sempre — DEMOULIN, com dois erros); o sr. José Verissimo, que nem de nome conhece outros e dos mais notaveis, só pela mais ignara ignorancia poderia chamar mediocre um livro, nutrido de ensinamentos e idéas, que teve larga repercussão e enorme influencia em França.

Os capitulos, cheios de factos e não de phrases da paixão de todos os Verissimos havidos e por haver, em que o forte escriptor demonstra como a educação franceza reduz a natalidade naquelle paiz e compromette a sua situação financeira; aquelles em que mostra como a educação anglo-saxonica prepara para a lucta pela vida e como o seu modo de viver no lar contribue para as vantagens sérias na existencia; sobretudo, aquelles em que estuda o pessoal politico em os dois paizes, demonstrando o modo porque as profissões praticas e fundamentaes da agricultura, das industrias, do commercio teem a maioria na representação ingleza, ao passo que na franceza teem-na os empregados publicos e os parasitas das chamadas profissões liberaes, são verdadeiramente superiores.

Esse mesmo phenomeno foi estudado por G.

de Greef na sua excellente obra — *A Constituinte e o Regimen Representativo*, na qual se bateu pela representação das funcções sociaes.

Aspiração esta praticamente realizada na Inglaterra, paiz de iniciativa e autonomia particularista, aspiração irrealisavel nas famosas terras latinas, nas quaes a parlapatice de todas as fórmias e feitios e a funcionarada de todos os matizes, vivendo todos da politica alimentaria, vedam-na em absoluto.

Já uma vez nos batemos por esse ideal na imprensa e no Congresso e vimos que a cousa causava o mesmo horror de um terramoto...

Tanto é irreductivel a superioridade que Ferrero descobre nos seus queridos latinos.

Este digno emulo de Dumas-pae no architectar emmaranhados romances historicos, em conversa com um amigo nosso, chamou os inglezes — *um tas d'inbeciles...*

Boa these para os fazedores de conferencias: — *Como um aggregado de imbecis se acha á frente das nações modernas nas cinco partes do mundo e achou geito de produzir: — Bacon e Shakespeare, Milton e Newton, Locke e Herschell, Hume e Berckelej, Darwin e Dickens, Spencer e Tennyson, Mill e Ruskin, Schelley e Byron, Buckle e Lyell...*

Curiosa cousa, em verdade.

Fica ahi o assumpto: a elles os discursadores.

Duas palavras, para concluir, sobre:

A-t-on interes à s'emparer du gouvernement?

O livro é, com razão, considerado pelo autor um complemento natural do consagrado aos anglo-saxões.

A analyse da mania politicante e das aspirações malsans ao governo e ao mando, espe-

cialmente entre os erroneamente chamados povos latinos, é feita com mão de mestre.

O grande escriptor mostra como em um povo, no seio de uma nação existem funções muito mais uteis, mais dignas, mais honrosas, mais aptas a attrahir o emprego das altas e nobres aptidões do homem em prol do progresso e bem-estar geral do que as méras funções de governar, especialmente quando os que se encarregam do exercicio do mando procuram adrede exaggerar o seu papel e viver á custa delle.

Dest'arte, mostra como o abuso do poder produziu a decadencia da Grecia, de Roma, da Hespanha, da França, cujas superioridades e grandezas fõram devidas, nos aureos tempos, á iniciativa privada.

O que escreve dos Romanos é acima de tudo digno de reparo, porque, em quatro ou cinco paginas, completadas por outras tantas existentes no seu livro — *Les Routes de l'Antiquité* —, fica-se conhecendo melhor o character do grande povo do que em seis ou oito volumes de Ferrero.

Alli é que se aprende o que se deve pensar da famosa antinomia que ainda hoje reina entre os caracteristas dos dois ramos aryanos nomeadamente rivaes — *Latinos e Teutões* —, a ponto de uns, *exempligratia* — Guizot, considerarem os ultimos como essencialmente *individualistas*, e outros, caso de Ihering em larga parte, darem essa qualidade aos primeiros.

Demolins, com os profundos ensinamentos da sciencia social, distingue o *individualismo* negativo do selvagem do *particularismo* organico e progressivo do nobre ramo teutonico, particularismo que os romanos possuiram a

principio pelas condições especiaes de sua formação e vieram perdendo gradativamente nos quatro seculos do Imperio.

«Se se quizesse, escreve Demolins, á luz da sciencia social, caracterisar, em uma só phrase, a causa fundamental da grandeza romana, poder-se-hia dizer: *Os Romanos representam, na antiguidade, o maior esforço dos communarios para sahir da comunidade*. Nos modernos tempos, certos povos do Occidente teem podido realisar completamente esta evolução, e isto lhes têm bastado para assegurar-lhes a preeminencia. Os Romanos só em parte preencheram a tarefa e seu poder affirmou-se exactamente na medida em que a preencheram».

E' como o sabio sociologo inicia o estudo do *Typo Romano*. A demonstração da these não vem para aqui.

Recommendamos aos brasileiros, libertos das litteratices baratas dos desoccupados, que leiam, dizemos mal, que estudem os livros do autor de que damos agora pallida noticia e peculiarmente em *Les Routes de l'Antiquité* — as paginas relativas ao chamado Povo-Rei.

Limitamo-nos a dar neste lugar as conclusões do mestre illustre.

Depois de estabelecer peça a peça a formação quasi particularista dos Romanos, chega a estas conclusões:

«Esta superioridade tinha, todavia, muitos pontos fracos, muitas lacunas graves.

«O primeiro ponto fraco deste quasi — particularismo — foi a incapacidade dos Romanos para *se destacarem completamente da fôrma patriarchal da familia*. — Reduziram, é certo, esta fôrma mais do que qualquer povo da antigui-

dade, não passaram, porém, ao typo da familia particularista, que criou o predominio de alguns povos modernos do Occidente.

«A instituição da *gens*, grupo de familias descendentes dum mesmo tronco, limitava, em parte, a acção e a independencia de cada familia.

«Depois, — e isto foi mais grave, — o desenvolvimento sem limites da acção paterna teve por consequencia *cortar a iniciativa dos filhos*. Roma libertou o pae, e não o filho, queremos dizer o filho feito homem e chefe tambem de familia. Por isso o typo ficou ainda em parte voltado para o passado, para o Oriente, em vez de andar deliberada e completamente para o futuro, para o Occidente.

«Foi superior aos outros povos da antiguidade, mas inferior aos povos modernos que triumpham hoje.

«O segundo ponto fraco foi o *agrupamento exclusivamente urbano*. Por este lado o typo romano se afasta claramente da genuina formação particularista.

«Desde que Roma foi cercada de muralhas, o camponez romano abandonou o campo para morar na cidade, ou em grandes aldeias, tal qual faz hoje o camponio italiano.

«Pela manhã se dirigia para os campos; de tarde voltava para a agglomeração urbana. A idéa de isolamento em sua terra acabrunhava-o. Nisto ficou, como os outros Pelasgos, um urbano e communario.

«Não se apoderou jámais completamente dos campos, nem completamente de si mesmo. Não produziu o typo esplendido do colono completo, firmemente estabelecido em sitio fixo no meio

de seu dominio, numa independencia um pouco selvagem, talvez, mas singularmente poderosa.

«Poude colonisar por grupos e nunca individualmente pelo modo particularista, que se apodera actualmente do mundo.

«Finalmente, o ultimo ponto que afastou os Romanos do typo particularista foi a *centralisação do poder publico em Roma*.

«Era em Roma que os cidadãos, antigos ou novos, os povos vencidos deviam vir exercer seus direitos politicos.

«Esta medida era a consequencia logica da ideia urbana e communaria da *Civitas*.

«E' o contrario do processo particularista que cria fóra grupos autonomos que tem vida propria e se administram a si mesmos.

«Na sociedade romana, como mais tarde nos regimens creados por Carlos V, Philippe II, Luiz XIV, a Convenção, Bonaparte, toda a vida social e politica estava concentrada na capital; os membros anemiados tinham apenas uma existencia ficticia.

«Dest'arte, á medida que estas sociedades cresciam em poder e em extensão, a provincia se enfraquecia, porque se tornava cada vez mais difficil fazer circular a vida até ás extremidades mais longinquas. Foi o que aconteceu em Roma, quando seu imperio se estendeu ao largo. Seu regimen, criado para uma só cidade e seus suburbios, não se pôde estender a um territorio tão vasto.

«Era impossivel, de Roma e por meio de Roma, governar o mundo. Tomou-se então o partido de nomear proconsules, que em nome de Roma iam governar as provincias.

«Sabe-se demasiado o que acontecêu,

«Estes proconsules serviram-se do poder para levantar exercitos compostos de barbaros e marchar sobre Roma.

«Vieram, elles tambem, exercer em Roma seus direitos de cidadãos, mas, como tinham a força, o exerceram tão bem, que se apoderaram do poder e o guardaram...

«Foi o Imperio. Este não foi outra cousa senão a reconquista de Roma pelos povos extramediterraneos, isto é, pelos barbaros.

«Assim, Roma, que tinha devido a sua grandeza inicial ao seu quasi particularismo, deveu sua quèda ao que nella tinha ficado da velha formação communaria, e, mais directamente, ao regimen centralizador do Estado».

Os Romanos, é claro, não chegaram á idéa do Estado á moderna, nem pelo lado da descentralisação, nem pelo lado do systema representativo.

A unidade politica da humanidade que Ferréro diz ter sido por elles realisada, — era puramente illusoria e instavel.

A unidade economica, industrial e commercial, que o mesmo phantasista ousa attribuir-lhes, não passa de sonho e miragem...

Outubro de 1907.

VII

NOSSO MAIOR MAL

Nosso maior mal... A febre amarella? As seccas do norte? O clima tropical? As olygarchias estadoaes? A politicagem?

Não; nada disso.

Com serem cousas graves, muito graves até, pôdem ser attenuadas, a começar pela febre amarella, que vae desapparecendo...

Não é, pois, desses flagellos que venho fallar.

O maior mal do Brasil, e não é cousa que lhe seja exclusivamente peculiar, porque muitos outros povos participam do mesmo achaque: é — pretendermos ser, como nação, como todo politico-social, o que não somos realmente.

E' um estudo de psychologia popular, de anthropo-sociologia nacional que não tem sido feito e do qual darei apenas algumas linhas geraes.

Dá-se com as nações o que se dá com os individuos: a maior parte dos erros, dos embaraços, das decepções, das quedas, dos prejuizos, dos desastres e até da total ruina que

cada um de nós commette, encontra ou soffre na vida, provém pura e simplesmente, quasi sempre, desta cousa tão simples, tão rudimentar, tão indesculpavel, — o desconhecimento de nós mesmos.

Cada um pôde fazer a experiencia e sahirá edificado do exame.

A inconsciencia, em que a mór parte das pessoas vive das lacunas de sua intelligencia, da insufficiencia de seu saber, dos vicios de seu character, da fraqueza de sua vontade, — é a origem da precipitação, da leviandade, da arrogancia, dos falsos calculos, dos passos errados, das loucuras praticadas.

Pois bem; essa especie de leviandade, de perigosa pedanteria accommette tambem o espirito collectivo, a indole dos povos.

Assaz soffremos, nós os brasileiros, — desse mal.

Afigura-se-me ser elle, não a unica fonte de nossos desastres, senão, certo, a mais consideravel de todas.

Nós brasileiros, entre muitas qualidades de bom quilate, entre muitos predicados merecedores de apreço, temos a phantasia demasiado inflammavel, e, em se tratando peculiarmente de nosso valor, de nossas grandezas, de nosso prestigio, de nossas superioridades, de nossos progressos, de nossa cultura, de nosso papel no mundo, perdemos, com a mais singela, intima e sincera confiança, o senso da realidade, a consciencia das cousas e nos julgamos collocados no pinaculo entre as nações.

Foi sempre assim. Desde os tempos coloniaes, a datar do terceiro seculo da colonização, esse prazer, essa embriaguez dionysiaca,

para fallar com Nietzsche, por tudo quanto é nosso, foi a primeira acção reflexa embutida em nosso character pelo aspecto geral de nossa natureza.

Foi a primeira dadiva do meio — brilhante, colorido, matizado na terra por primavera immorredoirá, no mar pelas doçuras interminas dum glauco inegualavel, no céu pela luz dum sol do qual se póde dizer que collabora com a gente, que preside ao trabalho, e bem merece o canto do poeta que lhe chamou de eterno concidadão que nos ajuda e conforta...

Acção physiologica inconsciente, ainda reforçada pelos crepusculos allucinantes de belleza, pelas noites embevecedoras d'infinito, no pallear das estrellas, ou embriagadoras de intraduziveis aspirações, nos luares esplendidos...

Desde Rocha Pitta a descripção do meio está feita e a carecteristica da gente implicitamente traçada.

Ao critico e psychologo, porém, incumbe a ingrata funcção de desfazer miragens, reduzir phantasias, dissipar illusões. Pratica-o quasi sempre com magoa e dôr, pois sabe que vae chocar preconceitos e suscitar coleras e esconjuros. Mas ha uma cousa, que para o critico e psychologo, sincero comsigo mesmo e com o paiz, está acima de todas as conveniencias de momento: a verdade estricta no interesse real, positivo do povo.

Este é o dever dos deveres, o primeiro mandamento do decalogo do patriotismo.

Nas linhas que a estas se deverão seguir procurarei despretentiosamente apontar, mui de leve, os males que nos teem, a nós brasileiros, advindo desse, á primeira vista innocente, passa-

tempo de nos darmos por bem mais notáveis e grandiosos do que na realidade somos.

Em todas as esferas das manifestações da actividade nacional se tentará descobrir os efeitos do mal.

Politica, estado social, direito, finanças, ensino publico, litteratura, economia nacional, industrias, tudo passará rapidamente sob as vistas do leitor neste rapido estudo de etiologia popular.

E' bem de vêr que, neste despretençioso artigo, não poderei dar ás theses demonstração documentada, largamente desenvolvida, como fôra mister num livro, por exemplo, que tivesse de traçar o quadro real da situação brasileira.

Não poderei offerecer aos leitores senão proposições geraes apoiadas em provas singelas de facilima verificação.

Algumas dessas affirmações, ou melhor, quasi todas ellas — são simples postulados do bom senso geral que andam ahi formulados em todos os espiritos.

São proposições evidentes que andam de bocca em bocca.

Meu trabalho será apenas o de fazer uma synthese, enfiar as contas de um rosario que quasi toda a gente tem manipulado.

Nosso maior mal, disse, é não termos a consciencia positiva do que realmente somos e, muito ao envez disso, darmos-nos a nossos proprios olhos uma superioridade, uma grandeza, um poderio, um progresso, uma cultura, um adiantamento, uns predicados quasi sem par por ahi além entre as demais nações.

Dessa terrivel inconsciencia derivam males gravissimos em todas as esferas da vida na-

cional: politica, estado social, direito e legislação, finanças, ensino e educação, litteratura, economia nacional, industrias, e moral publica.

Comecemos pela politica.

Na presumpção de sermos tão bons como os melhores, tão distinctos como os mais distinctos, tão cultos como os mais cultos, tão energicos como os mais energicos dentre os povos que se acham á frente da civilização moderna, vão-se prender na ordem politica muitissimos desvarios, erros e tropeços que nos teem causado e hão-de ainda causar por muito tempo os maiores males. Entre elles avulta a leviandade infantil com que sempre nos temos embalado na dôce illusão de que para nosso andar desassombrado no mundo, fazendo nelle a mais brilhante figura, não temos mais que copiar as constituições e leis dos povos mais cultos e transportar para cá as instituições que alhures deram os melhores fructos.

Se tivéssemos verdadeiro juizo e são criterio, teriamos logo visto que institutos,apparelhos, órgãos politicos são a fructificação secular. e muitas vezes millenaria, de funções nacionaes formadas, desenvolvidas, seleccionadas nas condições peculiarissimas do viver de cada nacionalidade; não são cousas que se transplatem ao nosso belprazer.

Fazel-o é dar provas da maior incapacidade creadora, da mais completa ausencia de plasticidade para o meneio das cousas politicas.

Fazel-o é tomar a vacuidade rhetorica, re-tumbante, palavrosa de nossos parlamentares, que teem sido os chefes de nossos governos ou os inspiradores de nossas leis, como cousa séria, aproveitavel, organicamente util.

Desse formidável parto de nossa incapacidade real, enfeitada apenas em phrases que a turba acha bonitas, origina-se o fracasso completo, radical, irreparavel, exposto aos olhos da nação, de todas as instituições populares, transplantadas para o nosso meio, sem que presidisse á mudança a mais leve adaptação.

E nota-se até que quanto mais perto do povo devia ficar o instituto para ser por elle mesmo exercido em seu proprio proveito, maior foi a decadencia, mais desastrada a ruina.

Deste numero são: o jury, as camaras municipaes, as assembléas provinciaes; o jury, que no Brasil se transformou em aparelho protector de assassinos, ou seguro de vida para ladrões; as camaras municipaes, horrendas covas de Cacus, terriveis ratoeiras para arrancar aos povos os ultimos vintens, enriquecendo pelo paiz em fóra verdadeiros *clans* locais de mandões insaciaveis; as assembléas provinciaes mudadas agora em congressos e senados Estadoaes, são guardas avançadas ao serviço das olygarchias, cujos interesses defendem com a espoliação muitas vezes, dos haveres das populações e sempre com o sequestro das liberdades publicas.

Não é só: entre os males de ordem politica, devidos á nossa presumpção de nos suppormos o que não somos, destacam-se as duas constituições politicas, copiadas de modelos que somos incapazes de seguir com segurança e vantagens praticas: — a Constituição Imperial, liberalisante em excesso, não condicionada ao nosso meio, a Constituição Republicana, copiada por alguns phantasistas desarticulados, talentos in-

organicos, que sempre tiveram a simpleza de confundir palavras com idéas...

Dahi a pasmosa decadencia do *parlamentarismo*, que se foi pouco a pouco transformando no famoso *sorites* de Nabuco de Araujo.

Dahi esse presidencialismo repulsivo, de cujo ventre brotaram vinte e uma olygarchias ou satrapias fechadas, irreductiveis, verdadeiros *clans* como os do *Paiz do Roubo* em Marrocos, menos a coragem, o pittoresco e a poesia que vive alli nos typos e nas cousas.

E ha peor: como estamos cada vez mais a pensar que o Brasil se reduz todo elle a esta velha carcassa do Rio de Janeiro, que, como as mulheres de Jerusalém acreditavam que se salvavam só com o tomarem trajos garridos, imagina que só com a abertura de avenidas tem attingido todas as grandezas, no mais triste abandono jaz cada vez mais a educação politica das massas, cujo character se tem, ao contrario, cada vez mais inconvenientemente aviltado.

Tem sido uma verdadeira lição de cousas: tem-se levado systematicamente ás massas a convicção que isto de vida politica é cousa com que ellas nada teem a vêr; é um negocio de poucos, de alguns escolhidos, de raros privilegiados.

Basta o *Bloco* empoleirado no centro, os satrapas nos Estados e está tudo feito...

Ora, a politica, segundo a melhor definição que della se conhece, — é, como *sciencia*, a theoria da vontade popular, como pratica, a *realisação desta vontade*.

O Brasil desmente em absoluto tal verdade.

A prova temol-a irrefragavel neste factu vergonhosissimo, cheio dos mais alarmantes peri-

gos: a indiferença, o desinteresse, o alheamento completo em que andam as massas, o povo, as gentes todas d'alto a baixo por seu viver como nação, seus destinos collectivos, suas funcções historicas, suas aspirações ideaes.

Dirigidos andamos por incapazes que exercem a sinistra funcção de lobrigar na politica desta grande terra apenas as suas vantagens particulares, as suas vantagens delles, *Bloquistas, Satrapas, Olygarchas, Senadores, Ministros, Deputados...*

Mandões, Chefes de clan, tigres famintos que arroxam os pulsos aos povos, suffocam nelles todos os nobres impulsos de ideal para melhor devorar-lhes as carnes.

Desta suprema degradação, origina-se o criminoso, aviltante e miserando abandono em que andam as eleições politicas no Brasil, o espectaculo mais desprezível que se possa deparar nos annaes da humanidade.

Isto mesmo é que obriga os hediondos especuladores que entre nós teem o nome de *Chefes Politicos, Chefes de Partidos, Estadistas*, cuja sciencia consiste em *povoar o solo por decreto*, creando repartições onerosissimas; *fomentar a agricultura*, enviando vadios e nullos á India, á China e ao Japão para que nos ensinem como se planta café e se fabrica assucar...

Um cumulo !

Trataram de inculir o mais possivel na crença do povo que elle é dos mais cultos e adeantados existentes na terra.

Ora, se a multidão já é assim, que não será a *elite* dirigente? que não serão os prohomens dessa gente? Verdadeiros genios, assombrosas capacidades, aptos para metter no

chinelo os maiores guias de povos que teem existido, os Alexandres, os Cesares, os Fredericos, os Cromwels, os Bismarcks...

Mas a realidade é bem outra: ignorancia, pauperismo, miseria, oppressão reinam por toda a parte.

A demonstração pratica deste monstruoso estado das populações nacionaes, desde a serra de Parima, ao norte, até o Quarahim, ao sul, é a cousa mais facil, mais simples que possa existir e quasi não precisa ser feita, porque está na consciencia geral, e até na da gente do *Bloco*...

E é porque vivemos na phantasia de ser um grande, poderoso, riquissimo, avançado, cultissimo povo, tanto que (é a crença geral...) fazemos sempre a primeira figura em todos os congressos mundiaes, e é porque, como consequencia dessa miragem, julgamos os nossos estadistas prodigiosas cabeças, dignas da veneração universal, que, como os loucos que se julgam reis, não damos fé do deploravel estado em que nos debatemos.

Este systema de illudir e consolar é, consciente ou inconscientemente, mantido pelos poderosos desfructadores da politica e do trabalho do povo brasileiro.

Não lhes convém que a nação abra os olhos; porque, no dia em que ella tiver a vista clara de sua deploravel situação, a vista clara produzida, não por essa instrucção palavrosa, superficial, falsa, cheia de mentiras, alheatoria de toda a masculinisação e dignificação da vontade que se innocula systematicamente nas gerações novas, mas por uma educação em que se incuta n'alma dos moços que o caracter é a pri-

meira força social, porque nesse dia ruirá por terra a infamante politicagem *bloquista* que nos avilta.

Não haverá mister de derramar sangue: basta que alguns milhares de homens, em dia de eleição, saíam á rua decididos a exercer com firmeza, coragem, verdade, o seu direito de voto, no intuito de expulsar das altas posições executivas e parlamentares os nullos, os prevaricadores, os traficantes.

Mas assim como para fazer uma fritada são indispensaveis os ovos, para fazer uma boa eleição são de primeira necessidade — *quem vote e em quem se vote*. E' o que não temos, nunca tivemos e não teremos tão cedo no Brasil: porque nós não temos tido até agora, e não a teremos facilmente uma disciplina deliberada do character nacional, e a consciencia inilludivel de uma funcção historica a desempenhar.

Temos estado nas condições descriptas pelo poeta, de: —

*Sermos um povo rebanho
Sem aprisco e sem pastor...*

*

O que disse da politica, desvirtuada entre nós por nossa fatuidade de querermos passar por um grande povo, estando ainda muito longe de sê-lo, o que importa dizer que deixamos de curar de nossos males, correndo atraz de aventuras, o que disse da politica se repete, *mutatis*

mutandis, de tudo o mais. E' a esse vesos que, na ordem social, em vez de cuidar de arrancar da barbarie as populações do interior, de espalhar o ensino e fortalecer a educação, tratamos apenas de embellezar a capital, principalmente para com isso illudir o estrangeiro.

E' a esse vesos que devemos a importação dum socialismo espurio que ainda nos ha-de trazer dias afflictissimos.

Pelo que toca ao direito e legislação, é a esse desvario que devemos o não estudar as necessidades praticas de nossas gentes e entrarmos a copiar atabalhoadamente as leis estrangeiras, sem a menor adaptação a nosso atrazadissimo estado de cultura, além de outros disparates ainda maiores.

No que se refere ao ensino publico, é a nossas illusorias fumaças de possuirmos enormes talentos, eminentissimas capacidades, proficientissimos mestres, que havemos de attribuir o desprezivel estado de abatimento em que elle tem cahido.

Para a mais elemental instrucção primaria, como para a mais elevada e superior, passando pela secundaria e pelas applicações technicas, ha muito deveriam os governos ter contractado no estrangeiro *mestres de verdade*. E' principalmente o que nos falta. Disto havemos mister muito mais do que de fortes e poderosos couçados. Na litteratura é a mania de *tão bom como tão bom* — que leva toda a gente a desprezar os assumptos nacionaes, nossas tradições, nossos costumes, todos os aspectos, em summa, d'alma do povo em todas as classes para andar a sonhar com os *slavos* de Tolstoi,

os *scandinavos* de Ibsen, os *germanos* de Nietzsche...

O mais elementar bom senso está a indicar que desses grandes mestres o que nos aproveita é o proprio exemplo, isto é, estudar a alma de nossas gentes, como elles estudaram as de seus patricios.

No que se refere a finanças, basta mostrar que é onde a fátua pretensão que venho apontando tem accumulado maiores destroços.

Todas essas loucuras de impostos sobre impostos, lançados ás populações já exaustas; todos esses empréstimos sobre empréstimos, malbaratados em obras de luxo; essas exposições phantasticas e mentirosas; essas *embaixadas de ouro*; essas encomendas de formidandos navios de guerra, eguaes ou maiores que os da Inglaterra, dos Estados-Unidos e da Alemanha, não tem outra origem: apparentarmos o que não somos, — custe o que custar... E' o cumulo da insania.

Quanto á vida economica geral da nação, os desastres accumulados pela fatal molestia são terribillissimos. Desacostumou-se, com o systema dum proteccionismo criminoso, o povo do exercicio natural das suas actividades economicas conforme as zonas do paiz: numas o pastoreio, noutras a pesca, nestas a mineração; naquellas a lavoura do café ou do algodão, ou do tabaco, ou da canna, ou dos cereaes; aqui os fructos arborescentes, além as plantas extractivas, etc. etc. Em logar disto, teima-se em crear uma industria de estufa, que só serve para pagarmos carissimo os mais grosseiros artefactos. São os nossos progressos...

Claro é que todas estas theses poderiam ser largamente esplanadas.

Meu fito foi apenas formular, de leve, a lista dos prejuizos que sobre nós desencadeia a mais fatal de nossas molestias, o nosso maior mal: a mania de passar pelo que não somos.

Janeiro de 1908.

VIII

O ALLEMANISMO NO SUL DO BRASIL

I

Um escriptor nosso em livro consagrado ás nações latino-americanas, no que toca ao futuro dessas nações, escreveu:

«A verdade é que, nas condições actuaes da America do sul, *só ha dois meios* de se construir aqui nacionalidades prosperas, cultas e fortes; ou deixar que as actuaes, *entregues a si mesmas*, completem a sua evolução, e consigam remover as causas que ainda hoje entorpecem o seu progresso; ou, então, *eliminar-as, eliminar* litteralmente as populações existentes, como succede aos selvagens da Australia».

O autor desarrazôa evidentemente: ou os povos do continente *entregues a si mesmos*, sem auxilio estranho, ou, ao contrario, a sua *eliminação geral*. São dois pontos de vista em completa polaridade. Dois partidos extremos.

Opina, como não podia deixar de ser, pelo primeiro, tanto mais quanto o segundo não

poderia ser levado a effeito pelas resistencias que seriam oppostas a tão louco intento.

Nota-se quão pouco tem meditado o autor sobre a vida e os destinos de nossa patria.

No que houver de dizer, me referirei sómente ao Brasil.

Não conheço sufficientemente a vida das outras gentes ibero-americanas, e, ainda que a conhecesse a fundo, não me atreveria a fazer prognosticos sobre o seu porvir.

Creio que, no que concerne ao nosso viver social e político, á nossa existencia como nação, quatro são os caminhos que teremos a seguir: 1.º, o *actual systema*, rotineiro e perigoso, que, além do atrazo e da apathia geral que produz, traz, fatalmente, o *desequilibrio* entre o norte e o sul do paiz com o *desastrado regimen de colonisação* que se tem seguido; 2.º, o *systema de infusão de novas e altas idéas, nova intuição realistica* do mundo e das nações, preparada por *forte instrucção moderna*, superior e technica; 3.º, o *systema de formação de caracter novo* por um regimen especifico de *educação adequada*; 4.º, o *systema de formação de caracter novo* por meio da *colonisação integral* do paiz, com a *immigração espalhada por todas as zonas*.

O primeiro systema é anachronico e tem dado pessimos resultados e ha de acarretar, se proseguirmos nelle, o desmembramento futuro do paiz. E' o systema que se póde chamar *brasileiro*.

O segundo é util e conveniente, quando encontra a base forte de *um caracter firme*, capaz de grandes emprehendimentos. E' o systema dos *japonezes*. Este admiravel povo, *sem pedir im-*

migrantes, sem se misturar com estrangeiros, povos de qualidades moraes superiores, senhor de uma alta cultura, entendeu de a modernizar no sentido europeu, adoptando os proventos materiaes da civilisação occidental.

Fêl-o com uma segurança, um atilamento sem egual. E' hoje uma das primeiras potencias do mundo.

O Brasil não se acha absolutamente em eguae condições.

E' o systema que só pôde ser empregado de combinação com o terceiro.

Este é muito seguro, mas extremamente difficil de obter. E' o systema educativo de Le Play e Edmundo Demolins.

Seria precisa a acção combinada de milhares de pessoas que, por todos os angulos desta terra, se propuzessem a modificar a nossa pessima *educação*, substituindo-a por outra mui diversa, que aproveitasse sómente certas qualidades boas que nos herdaram nossos maiores.

O quarto systema, que, aliás, deve ser empregado de combinação com os dois anteriores, pôde ser chamado o systema — *norte-americano*. E' salutar, com a condição da inoculação de elementos ethnicos de primeira ordem, por todas as regiões do paiz, de fórmula que sejam *assimilados á nossa gente pelo uso de nossa lingua*.

E' o opposto do regimen que temos seguido até agora, a datar de 1825, epocha em que se formaram os primeiros nucleos coloniaes allemaes nas provincias do sul.

Esse desgraçado modo de colonizar constitue o mais serio problema que o Brasil terá de resolver em futuro muito proximo.

Sobre este terrivel assumpto, o autor, a

que em principio me referi, guarda em seu livro o mais completo silencio. É singular...

Discute um milhão de banalidades e deixa completamente de lado a mais séria de todas as questões que possamos debater.

Não canço de repetir: tal systema póde ser optimo, e o é, por certo, do *ponto de vista allemão*; mas é pessimo, é perniciosissimo, do *ponto de vista brasileiro*.

Para se formar idéa exacta da gravidade do assumpto, mistér é ter estudado diligentemente o povo germanico, conhecel-o bem no seu desenvolvimento historico, e, acima de tudo, no seu assombroso progresso contemporaneo, nas industrias, na navegação, no commercio, na expansão colonial, direi melhor, na necessidade indeclinavel que sente de escoar para *colonias suas* o excesso de sua população, que augmenta, a olhos vistos, de fórma assustadora.

E' que de todas as gentes aryanas dotadas de altas qualidades em qualquer sentido — os allemães são aquella a quem coube na partilha da terra uma região mais pobre.

Os hindús tiveram a India vasta e uberrima; os iranianos, a Persia extensa e de variadas zonas; os slavos, o norte dos Balkans e a Russia immensa; os celtas, a França fertilissima; os hellenos, a Grecia encantadora e as ilhas maravilhosas; os italiotas, a Italia risonha, de clima dulcissimo.

Os scandinavos e seus proximos parentes — os germanicos, os allemães, — as asperas terras do norte da Europa.

Estão, por isso, estes ultimos, os mais prolificos e emprehendedores, condemnados á *busca de melhores terras*. Foi sempre o seu papel

durante os dois mil e duzentos annos de sua existencia, depois que appareceram na historia.

Occupam certamente hoje uma vasta região na Europa, zona que, na porção meridional, é regularmente fertil e rica e cuja porção do norte está grandemente modificada por maravilhosos esforços duma cultura acima de todo elogio. Mas, para gente de tal vitalidade, de tão intenso impeto de expansão, é pouco.

Assim, de todos os povos aryanos — os germanicos, portadores de qualidades de primeira ordem, são os peior aquinhoados no tocante á terra. E essa desproporção torna-se ainda mais chocante, se é comparada á de certos povos que, com razão ou sem ella, os germanicos julgam seus inferiores.

Não lhes soffre muito a paciencia que vastas regiões da Asia, da America e d'África, estejam noutras mãos que não as delles.

O mais antigo surto da raça, atrás de terras, arrojou-a ás regiões do alto norte da Europa, e perde-se nas sombras impenetraveis do passado.

O seu destino era, dahi por deante, procurar sempre o sul, em demanda de mansões mais largas e mais dôces.

O seu primeiro arranco nesse sentido já é quasi historico e foi quando occuparam a famosa *planicie saxonica*, onde ramos energicos da raça lançaram as bases de seu viver particularista.

Mas não bastava; novas incursões teriam de ser feitas.

Os *cimbros e teutões* demandaram as terras que se lhes antolhavam maravilhosas do sul, regiões amansadas pelo colosso romano.

Dahi por deante, durante quatro seculos,

os germanicos fôram-se lentamente escoando pelos membros extensos do imperio.

Metteram-se por todas as provincias, como hoje se mettem pelo nosso Brasil meridional, fazendo protestos de paz.

Desde então, os dias de Roma estavam contados, e os vencedores, os destruidores, os herdeiros do imperio só não eram conhecidos dos cegos optimistas, dos patrioteiros de vistas curtas, que não falham nunca entre os povos que vão morrer.

O Inconsciente da historia produz sempre gente dessa, para o fim de mascarar e illudir a quéda das nações. Quanto mais estas se precipitam, mais esses novelleiros de bellos e roseos augurios se acreditam no melhor dos mundos.

Manda a justiça, porém, declarar que nem todos fôram cegos aos fortes symptomas da verdade.

Os espiritos clarividentes tiveram desse enorme desacerto da politica imperial perfeito conhecimento.

E' o caso, entre outros, de Ammiano Marcellino e Synésius, que escreveram antes da grande invasão do principio do V seculo.

O primeiro, fallando do tratado ajustado entre o imperador Valente e os godos, convenio pelo qual lhes concedia que passassem o Danubio e se estabelecessem na Thracia, escreveu: «Quando os mensageiros vieram ter com o imperador, os cortezãos applaudiram; enaltecera a felicidade do principe a quem a fortuna trazia recursos inesperados e de tão longinquas regiões. Um bom ajuste devia ter immediatamente logar. O exercito romano ia

ficar invencível com a incorporação de tantos estrangeiros; o tributo que as províncias deviam em soldados, convertido em ouro, augmentaria indefinidamente os recursos do thesouro, o imperio ganharia segurança e riqueza. O imperador firmou a convenção, estipulando a admissão dos barbaros. Enviaram-se immediatamente numerosos funcionarios para ordenarem o transporte: teve-se muito cuidado para que um só destes *destruidores do imperio* não ficasse da outra banda, ainda que estivesse atacado de molestia mortal. Dia e noite, em cumprimento da ordem imperial, essa plebe truculenta, apinhada em barcas, taboas, troncos de arvores, foi transportada para cá do Danubio. A pressa era tamanha que varios morreram afogados. Tanta azáfama, tanto trabalho *para introduzir o flagello e a ruina do mundo romano !...*»

Ammiano Marcellino era daquelles que não se illudiam a respeito da inconveniencia de tratados, como esse que foi levado a effeito pelo infeliz imperador Valente. O principe, tendo ido, pouco após, combater estes seus recentes allia-dos godos revoltados, foi vencido. Fugitivo, depois da batalha, tinha-se acolhido a uma palhoça que havia em caminho. Alcançado pelos godos, lançaram elles fogo á choça, morrendo lá dentro queimado aquelle que lhes havia aberto as portas do imperio... Que lição !

Synesius via ainda mais claro nos factos do que Ammiano.

«Quando se imagina, escreveu elle, o que póde apprehender, num momento de perigo para o Estado, uma mocidade estrangeira, numerosa, formada por leis diversas das nossas, tendo outras idéas, outros costumes, é *mistér*

haver perdido toda a providencia para não tremer...

«O rochedo de Sysypho está suspenso sobre nossas cabeças.

«Appareça-lhes a mais leve esperanza de victoria, e *havemos de vêr que tenebrosos pensamentos alimentam em segredo nossos defensores de hoje...* Os barbaros são hoje tudo; sejam pois, de tudo afastados. Sejam para elles inacessiveis as magistraturas e especialmente a dignidade senatorial, honraria suprema dos romanos...

«E' espantoso ! não existe uma só de nossas familias na qual não esteja empregado um godo em algum serviço ! Em nossas cidades os pedreiros, os vendedores d'agua, os carregadores, são godos !...»

O resultado todo o mundo sabe qual tenha sido: preparado o terreno, dado um arranco invasor no começo do V seculo, em toda a linha, os que estavam dentro deram as mãos aos companheiros de fóra e o imperio ruiu.

Durante a primeira phase da idade média, estenderam-se os germanos pela Gallia, Italia, Hespanha, Britania, regiões centraes da Europa e norte da Africa.

Declararam-se herdeiros e continuadores do imperio e constituiram o *Santo Imperio Romano Germanico*, que durou seculos e anda reproduzido, para os bons patriotas, no imperio da Alemanha actual.

No assumpto, é digna de lêr-se a obra magistral de J. Bryce, o grande historiador inglez.

Trahit, entretanto, *sua quemque indoles populum*; o genio do povo não se desmentiu: sempre emprehendedor, sempre ouzado, sempre

activo, a despeito de sua pessima posição geographica, máu grado difficuldades historicas, oriundas dessa mesma situação, quasi invenciveis, eil-o que na segunda phase da idade medieval revela desusado vigor no movimento extraordinario das *Hansas*.

Os ramos anglo-saxonio e hollandez começaram, pouco após, a bracejar pelo mundo. Cobriram-no de colonias por toda parte.

O grupo central, os allemães propriamente ditos, acrysolado pelas luctas e embaraços que se lhe oppunham, desafojava-se nas letras e nas sciencias, á espera de seu dia, e esse dia chegou.

A sua alta posição militar, *terra-marique*, é actualmente immensa; mas é nada deante de sua expansão commercial pelo mundo em fóra. Ahi é que bate o ponto.

E' assumpto para ser estudado em Paul Roussiers, — em livros, como — *Hambourg et l'Allemagne Contemporaine*, *Les syndicats industriels de Producteurs en France et à l'E'tranger*; em Georges Blondel, *L'Essor Industriel et Commercial du Peuple Allemand*; em Jules Stoecklin, — *Les Colonies et l'Émigration Allemandes*; em V. A. Malte Brun, — *L'Allemagne Illustrée*; em Henri de Tourville, — *Histoire de la Formation Particulariste*; em Arthur Raffalovich, — *Trusts, Cartels et Syndicats*.

• Sem este preparo, não se póde fazer uma idéa do conjuncto das forças em acção; não se póde fazer idéa da amplidão do systema; não se póde marcar nelle o logar em que se prende o caso brasileiro; quero dizer: o que em meio das aspirações allemãs representam as suas colonias do *Brasil*...

Quem não apprehende a questão desta altura não logra conceber-lhe o alcance e não chega a formar a consciencia clara de quanto ella tem de brilhante e esperançosa para allemães e de vergonhosa e humilhante para brasileiros...

A tendencia do povo allemão para emigrar, estimulada pela pobreza do sólo, é antiga, já deixei ponderado.

O seu subito apparecimento, como potencia fundadora de colonias, é modernissimo, e principalmente provocado, além da pobreza da terra, pelo desenvolvimento extraordinario da população, pelo crescimento anormal de seus productos industriaes, pelas grandes despezas do orçamento militar, que, multiplicando os impostos, fórça grande numero de individuos a sahirem do paiz, o que tudo levou o governo allemão, secundado neste ponto pelo commercio e pelas classes productoras, a procurar tambem *crear por ahí além outras pequenas Allemanhas*.

Em quatro annos, de 1884 a 1888, o imperio germanico, que até então não possuia um palmo de terra fóra da Europa, — nos continentes longinquos, se fez a terceira potencia colonial do mundo.

Está abaixo apenas da Inglaterra e da França. De um impeto, collocou-se acima de Portugal e da Hollanda. No genero, não se tinha visto nunca egual testemunho de força de vontade, segurança de planos e rapidez de acção. Nas ribas occidentaes da Africa, principalmente em *Costa de Camarão* e em *Angra Pequena*, apoderaram-se os allemães de enormes terrenos. Foi, porém, na costa oriental que a fortuna lhes sorriu benefica e ultra-compensadora. Toda a região de *Zanzibar*, desde o mar das Indias

até á zona dos lagos centraes africanos, comprehendendo as melhores terras do continente, cahiu-lhes nas mãos. E' um imperio collossal.

Na Oceania, apoderaram-se das *Ilhas de Bismarck*, das *Ilhas Marshall* e de toda a parte da *Nova Guiné*, a maior ilha do mundo. O que de habilidade, de decisão, de presteza empregaram elles para, em menos de quatro annos, chegar a este assombroso resultado, não vem para aqui o referir. Basta dizer que tudo isto obedeceu a um plano, que se vae realizando a golpes de audacia.

A sua acção mundial se divide em duas direcções bem distinctas; a *emigração* para os paizes feitos, como os Estados-Unidos, por exemplo, onde teem grupos de individuos esparsos, o que se costuma impropriamente denominar colonias, mas não merece este nome; e as *colonias propriamente ditas*, que são dependencias politicas, porque estão debaixo da soberania e protectorado do imperio.

Nas primeiras, como entre os norte-americanos, acontece que, segundo conta Malte-Brun, os allemães, uma vez estabelecidos, não ficam mais allemães de nação. A vida facil que encontram os leva a acceitar a nacionalidade estranha. A lingua allemã continúa a servir aos paes; os filhos nascem americanos e, depois de uma ou duas gerações, os descendentes allemães não sabem mais fallar a lingua de seus maiores. (*L'Allemagne Illustrée*, IV, pag. 310).

Foi em consequencia disto, ajunta Raoul Postel, que os homens de Estado da Allemanha viram que seria preferivel, *do ponto de vista nacional*, dirigir o movimento da emigração para colonias allemãs que deveriam ser fundadas em

varias regiões do Globo, ainda não occupadas. Dito e feito; d'ahi por diante, a *colonisação*, no velho sentido, foi com exito tentada pelo imperio, e hoje os allemães não emigram só para as terras estranhas; dirigem-se tambem para as suas *conquistas* de além-mar.

Em 1882, um economista tedesco dizia na *Sociedade de Oeste para a colonisação e a exportação*: «Nosso fim, nosso alvo supremo é elevar a Allemanha do papel de potencia continental ao de uma potencia, cuja influencia se estenda pelo mundo inteiro. Nosso fim é fazer de nossa patria uma nação que abrace poderosamente a terra e exerça um influxo renovador na civilisação da humanidade». (J. Stoecklin — *Les Colonies et l'Emigration Allemandes*, pag. 164).

Taes palavras, refere o autor que me fornece a noticia acima citada, provocaram applausos do auditorio, porque correspondiam a uma necessidade. Esta foi explicada por Van der Brügger no fasciculo de janeiro de 1883 dos *Preussische Jahrbücher*: «Nós temos um excedente annual de população que orça por 600:000 pessoas. O melhor partido que se póde tirar de nosso solo, o arroteamento de nossos pantanos e terras incultas, o aperfeiçoamento de nossa agricultura, a melhor organisação de nosso trabalho, não bastam para assegurar a alimentação a um tal excesso de gente além de algumas dezenas de annos. Será preciso que então, tiremos pela conquista, a preço de sangue e dinheiro, as colonias aos Estados europeus?»

Van der Brügger aconselhava a fundação de colonias allemãs.

Aquelle é que é um povo. Vejam a grandeza,

a audacia dos planos, o desassombro com que falla. E ha mais uma singularidade: *alli os governos ouvem os chefes intellectuaes da nação e tomam-lhes os conselhos.*

De 1882 é o brado do economista; de 1883 o appello de Van der Brügger; em 1884 Bismarck iniciava seu plano de colonias, que realizou em quatro annos.

Para elles, para esses homens que sabem o que querem, o criterio supremo da nacionalidade, o signal revelador, o expoente excelso da raça é a *lingua*, ouçam bem — é a *lingua*. Este signal é tudo. *Onde é a patria allemã?* perguntava o poeta, e elle mesmo respondia: — *E' onde se falla a lingua allemã...*

Entre nós, a linguagem é apenas um instrumento para rhetoricas e parlapatices; não tem outro prestimo, e tanto não tem, e aqui chego ao ponto onde queria aportar, que nas colonias allemãs do Brasil não se *falla portuguez...*

Proh pudor! Falla-se nellas *allemão*. E' dizer tudo; não precisa juntar mais nada para quem comprehende a gravidade do facto.

Lê-se todo o livro de Stoecklin, esse livro do qual diz Raoul Postel: «Puisse ce livre ouvrir les yeux aux indifferents, les prémunir em même temps contre les parti-pris et les coteries!... Il doit prendre place dans toutes les bibliothèques, même dans les moindres écoles»; lê-se todo esse pequeno volume em que o autor condensa a acção e os feitos dos allemães nas cinco partes do mundo, já como *emigrantes*, já como *fundadores de colonias*, e só se encontra, como padrão immorredoiro da ineptia brasileira, *uma excepção, uma só, a unica em todo mundo* de um paiz estranho onde os descendentes dos

emigrantes allemães conservam o uso completo, exclusivo de sua lingua: *é no sul do Brasil...*

Falla-se allemão na Allemanha, na Austria, na Suissa germanica, num resto das chamadas *provincias do Baltico*, na Russia, terras estas antigas de allemães e que fôram por elles perdidas.

E' natural.

Fóra d'ahi, onde não poderia ser por outra fórma, sendo que na Russia a slavisação das citadas *provincias balticas* vae adeantadissima com o systema energico do governo do Czar, só incipientemente se vae fallando allemão nas colonias da Africa e da Oceania, *dependencias politicas do governo do imperio*. Em terras de *nações soberanas*, — na Asia, America e Africa, não se repete o phenomenal caso.

Só no Brasil!...

Quando se acompanha o desenvolvimento do plano germanico, hoje conscientemente encaminhado, porque a Allemanha de hoje não é a Allemanha de 1825, quando começaram no Brasil as colonisações, e se nota a insistencia com que *é assignalada a excepção brasileira*, as lagrimas brotam espontaneas de todos que amam neste paiz a *formosa peça de architectura politica* — de que fallava o grande Andrada...

«Os colonos allemães do Brasil meridional gozam de completa liberdade; além de raras auctoridades de justiça e policia, nenhum empregado brasileiro exerce funcções nas colonias... Se no Brasil, como nos Estados-Unidos, os colonos allemães não teem mostrado, por emquanto, fortes tendencias de se metterem na politica, ao menos *no primeiro destes dois paizes não teem, como no segundo, perdido o uso*

de sua lingua materna». (J. Stoecklin, *Op. cit.*, pag. 193).

G. Blondel acrescenta: «A lingua allemã, conservada nas colonias pelas sociedades locaes, pelas agencias de tres grandes associações allemãs, pelas escolas (*Realschule*, de Porto Alegre; *Höhere Lehranstalt*, de S. Leopoldo; *Waisenhaus*, de Taquary); pelos jornaes, é a que unicamente se usa em *Blumenau*, *Neudorf*, *Joinville*, *S. Bento*, *Badenfort*, localidades onde a proporção dos allemães varia de 80 a 90 %. Ainda mais acontece isto na região inteiramente germanizada da Serra». (*L'Éssor Industriel e Commercial du Peuple Allemand*, pag. 265).

Dest'arte, as famosas colonias allemãs no sul do Brasil nem são simples casos de immigrações, que tenham sido assimiladas pelas populações circumvisinhas, como sóe acontecer entre as nações soberanas; nem são, por quanto, colonias no classico sentido, dependencias politicas duma metropole de além-mar. Vão para ahi. Constituem, por agora, um caso especial, que merece estudo.

II

Em 1884, sob a direcção do genial Bismarck, foi iniciada definitivamente a carreira official da Allemanha como fundadora de colonias no ultramar.

Por esse tempo, tinha escripto um ex-official do exercito allemão — Adolph von Curing, em seu livro de propaganda — *Marrocos, seu Territorio, seus Habitantes*: «Não existe poten-

cia marítima *sem colonias*; ora, a Allemanha já é, e pretende sê-lo cada vez mais, uma potencia marítima. A Allemanha espalha, sem proveito para si propria, o excesso de sua população pelo mundo inteiro; depende de nós, allemães, conservar para o nosso paiz suas forças vivas, *dirigindo a emigração para regiões que fiquem sujeitas ás nossas leis e á nossa protecção. Ha, para isto, logar na Africa, nas ilhas da Oceania e na America do Sul*».

E... note-se bem, na — *America do Sul* (!!)
Onde? No *Brasil e na Patagonia* (!!)

Eram os dois pontos indicados.

Prepararam-se mappas de todas as regiões da terra, onde se poderiam, como donos, estabelecer os allemães.

Por isto é que, começada a faina, se apoderaram elles das zonas que encontraram desocupadas n'Africa e na Oceania, de que já fallei.

Pelo que toca á America do Sul, chegou-se a pensar muito seriamente num golpe de audacia contra a Patagonia, cuja posse pela Argentina ou pelo Chile andava ainda em litigio; e, quanto ao Brasil, immensa foi a agitação das *associações de emigração e commercio* n'Allemanha com *repercussão nas colonias do sul*.

Só uma coisa nos salvou então, está salvando ainda agora e salvará no futuro, até certo tempo: A DOUTRINA DE MONROE, o receio de uma complicação provavel com os Estados-Unidos.

Por isto, custa-se a conter a indignação quando se vê a inconsciente ingratitude do mes-tiço ibero-americano chasquear levemente da sagrada doutrina de Monroe, a que devemos ter escapado da conquista allemã em terras do sul.

O Chile e a Argentina, mais habeis do que nós, trataram logo de fechar a Patagonia, dividindo-a entre si. De incursões em qualquer outro ponto de seus territorios estão livres; porque lá não existem zonas onde os *teutos* sejam senhores, onde *só se falle a lingua allemã*.

Diversa é a situação do Brasil, no qual o processo de desaggregação vae sendo dirigido habilmente, com alguma demora; mas infallivelmente seguro.

Quando, pois, ha poucos dias, os jornaes fallaram do *dito* de um diplomata russo que havia affirmado ter visto no estado-maior, em Berlim, *um mappa do Brasil em que estão assignaladas as regiões que apresentam a possibilidade de ser incorporadas á soberania allemã*, não avançaram nada de novo...

Repetiram verdade conhecida por quem vem acompanhando esta questão de trinta annos para cá.

Os amantes e colleccionadores de papeis velhos devem ter em mão varios documentos sobre o assumpto.

Os mesmos telegrammas recentissimos fallaram tambem do discurso feito por um allemão de nome Arendt, ex-general do exercito, que esteve contractado em Buenos-Ayres, e foi dispensado da sua commissão, por motivo moral, pelo general Roca, quando presidente dessa Republica. Nesse discurso, o referido Arendt chamou a attenção de seus compatriotas para a *facilidade de colonisarem a Patagonia*, conservando os colonos as suas *tradições, costumes e sentimento nacional*, contrariamente ao que succede no Canadá, onde, na segunda geração de descendencia allemã, se observa uma iden-

tificação com o ambiente local e a perda de todos os carecteristicos de origem. *El Tiempo*, de Buenos-Ayres, de 12 de janeiro ultimo, commentando a affirmativa do diplomata russo sobre o Brasil e as declarações de Arendt ácerca da Patagonia, diz que merecem toda a fé, porquanto o principe de Bismarck, quando chefiou a chancellaria allemã, teve os olhos postos constantemente naquellas terras, e disso dão *testemunho irrefragavel as notas enviadas ao governo argentino*, por Carlos Calvo, representante, então, da Republica junto ao governo imperial. (*Jornal do Commercio*, de 11 e 13 de janeiro de 1906).

O diplomata russo disse o que viu; e Arendt repete ainda hoje o que se fallava na Allemanha com insistencia, de 1884 ou annos proximaemente anteriores até 1888 e annos subsequentes.

Eis aqui alguns papeis velhos, que provam a excitação existente na Allemanha naquelle tempo, e cuja noticia chegou até nós:

«A Allemanha, douda por arranjar colonias, annexou, diz um telegramma de Londres, os territorios do sudoéste da Patagonia, tomando posse delles na devida fórma, devendo brevemente ser expedidas as respectivas communições ás outras nações.

«Ora, se o diabo se metter de permeio, bem póde isto dar uma segunda edição das Carolinas». (*Gazeta de Noticias*, de 18 de setembro de 1886).

Era na phase aguda do furor de Bismarck atrás de colonias.

Tinha posto a mão nas *Ilhas Carolinas*, abandonadas depois de uma barulheira diabolica dos hespanhoes, renuncia, porém, só feita após

laudo do Papa, que decidiu a questão a favor dos antigos descobridores das referidas ilhas.

Chegou-se a acreditar que tinham os alle-mães declarado a tomada de posse da Patagonia.

Na mesma folha, na *Gazeta de Noticias*, de 12 de dezembro de 1885, está para ler-se um artigo intitulado — *O snr. de Bismarck e o Brasil* e é como segue:

«Ha dias transcrevemos um artigo da *Gazeta de Campinas*, que commentava um outro do *Matin*, de Paris, que fazia graves considerações sobre a politica colonisadora do grande chancellor allemão.

«Hoje pedimos venia para transcrever, do correspondente de Berlim para o *Jornal do Commercio*, a parte relativa a esse assumpto, de tão vital interesse para nós.

«Diz o correspondente:

«A associação colonial allemã *Deutsche Colonialverein*, como conclusão dos inqueritos e explorações por ella subvencionados na America, resolveu fundar uma *Sociedade de Colonisação para a America do Sul*, cujo fim seria encaminhar a emigração allemã para terras onde haja condições e perspectivas, tanto de prosperidade para o lavrador, como de preservação do character nacional allemão (*Deutschtum*).

«Numa circular assignada por varias pessoas, entre as quaes avulta o nome do deputado Spielberg, de cujas explorações e visitas ás colonias allemãs no Brazil o *Jornal do Commercio* tem dado conta por varias vezes, veem recommendados os Estados do Prata e a porção extratropical do Brasil.

— «Esses territorios offerecem espaço sufficiente, — diz a circular que estou traduzindo litteralmente, — para receber toda a emigração allemã na sua importância actual, por um periodo de tempo superior a um seculo. Tem effectivamente uma superficie dez vezes maior do que a do imperio allemão, e a densidade da população não chega á oitava parte da da nossa patria.

«Em particular, o sul do Brasil torna possivel e garante a preservação da lingua, costumes e educação allemães, visto como a sua população é muito

«pouco numerosa e illustrada, para poder desviar a emigração allemã da sua nacionalidade, ao mesmo tempo que o elemento allemão já tem adquirido uma poderosa situação. De facto, os 250:000 allemães que actualmente residem nas provincias meridionaes do Brasil, conservaram-se até hoje allemães, com traste agradável com os nossos patricios na America do Norte, que rapidamente succumbem á superioridade do anglo-saxonismo.»

Continúa a dita circular do seguinte modo :

«No sul do Brasil encontra a prosperidade do emigrante uma garantia no facto de alli ser temperado e salubre o clima e fecundo o sólo, de existirem ferrovias faceis de estender e prolongar, rios navegaveis além de que não ha necessidade de combater os indigenas e a proximidade do littoral facilita o commercio com o mundo inteiro e torna possiveis todas as transacções.»

«A *Gazeta de Colonia*, reproduzindo a circular accrescenta que «o interesse nacional do povo allemão exige, com urgencia, que se desvie para a America do Sul a larga corrente da emigração allemã que vae para a America do Norte. Ahi, com effeito, esta corrente priva o germanismo (*Deutschtum*) de massa poderosas fortalecendo outra nacionalidade; aqui, (no Brasil) ella conquista para o typo allemão novo campeonos, que offerecerá á mãe patria importantes vantagens.»

«O commercio e industria da nossa patria hão de auferir dahi immensos proveitos. E' preciso, portanto, que o emigrante allemão encontre nas partes irradigadas da America do Sul condições tão favoraveis para o seu estabelecimento, como as poderia ter na America do Norte. Convém, pois, formar uma sociedade financeira, que depois de minuciosas indagações, faça em larga escala acquisição de terras apropriadas, etc., etc.»

«A provincia de Santa Catharina, prosegue o correspondente, é a que parece, sobretudo, chamar a attenção da *Colonialverein*.

«Fundou-se uma sociedade com o capital de 1.000.000 de marcos (cêrca de 650 contos), dividido em

1.000 acções de 1.000 marcos, subscrevendo a secção berlineza da *Colonialverein* uma quantia avultada.

Ante-hontem, 4 de setembro, teve lugar em Dusseldorf uma importante reunião da associação, na qual foram approvados os planos acima mencionados, assim como a nomeação de uma commissão encarregada de visitar o Brasil.»

Noticias como estas andam nas folhas do tempo esparsas ás duzias.

Conhecedores do risco a correr com o levantar no mundo um enormissimo alvoroço, se ousassem tratar terras americanas como fizeram ás costas d'Africa e de Nova-Guiné, receiosos dum conflicto armado com os Estados-Unidos, que teriam a seu lado provavelmente a Inglaterra e a França, deixaram o plano da conquista directa do sul do Brasil, mudaram de tactica, contentando-se, por emquanto, com a expansão do *Deutschtum*, com a formação dum — *Brasil Germanico* ou duma — *Allemanha Antartica*, que vem a ser a mesma coisa.

Neste sentido, a propaganda nos ultimos vinte e cinco annos tem sido duma tenacidade, como só elles sabem empregar !

Os esforços despendidos são extraordinarios e os resultados que vão obtendo esplendidos.

Se a propaganda em prol do *allemanismo*, do famoso *Deutschtum*, é feita com tanto calor, com tanta intrepidez em paizes, nos quaes os allemães contam apenas grupos de compatriotas esparsos e prestes a serem assimilados, que não será em regiões, como o Brasil, onde elles acham o terreno preparado por grupos compactos, que fórnam colonias cheias de cidades e villas puramente germanicas ?

Para se comprehender o que é ella no

mundo em geral e peculiarmente no caso singularissimo do Brasil, eis aqui algumas palavras do *Européen*, segundo a versão do *Jornal do Commercio*, de 5 de agosto de 1904:

«— Pelo transbordamento da sua população, pela importância do seu commercio de além-mar, a Allemanha merece ser estudada nos incansaveis esforços que emprega para desenvolver em todo o Universo o que ella chama o *Deutschtum*, isto é, os interesses e a fortuna allemães. O exito verdadeiramente maravilhoso desse empreendimento, sobretudo nos ultimos vinte annos, pôde ser attribuido á criação e ao funcionamento de uma associação que estende as suas raizes a todas as camadas da sociedade allemã e alastra os seus ramos pelo mundo inteiro, a *Allgemeiner deutsche Schulverein*. Não sómente essa associação se encarregou de conservar entre os nacionaes estabelecidos no estrangeiro e entre os seus filhos, os costumes e o idioma allemães, mas ainda se faz considerar um instrumento de cultura intellectual e da producção industrial allemã.

«Em 1881, foram as bases da «Associação de Protecção Nacional» assentadas por patriotas conhecidos, taes como Mommsen, Gneist, Brunner, Boch e tantos outros. Em dezembro desse mesmo anno, realizou-se em Berlim a primeira assembléa geral e logo se procedeu á completa organização da associação, que logo começou a funcionar. O theatro da sua actividade ia ser a terra inteira; e se ella a si mesma se prohibia qualquer acção politica ou religiosa, em compensação, fazia appello a todos, homens, mulheres e creanças, para levantarem bem alto o bom renome da Allemanha, para conservar e espalhar a sua lingua, para affirmar prudentemente, mas com tenacidade, a excellencia da producção allemã.

Na Allemanha, os grupos locaes, as ligas regionaes estão sob a direcção da commissão geral de Berlim, presidida pelo embaixador imperial Braunschweig. Todos os membros dessa commissão são altas personagens da administração imperial, da armada, das letras, da industria e do commercio. A associação dispõe hoje de um capital já consideravel, producto de cotisações e de depositos excepçionaes. Além

do auxilio pecuniario, os membros da associação prestam-se apoio em todas as circumstancias, ainda que a maior parte só se conheçam de vêr os seus nomes nas listas da associação. De todos os pontos do mundo, se trocam informações por meio de uma correspondencia muito activa, facilitada pelas agencias consulares do imperio, cujo primeiro dever é procurar de qualquer procedencia allemã as informações que lhe possam ser uteis no estrangeiro, *correndo estas despesas por conta da chancellaria allemã*. Além disso, num periodico, dos muitos que a associação redige, *Das Handbuch des Deutschtums im Ausland*, põe os associados ao corrente de tudo o que lhes pôde e deve interessar, do ponto de vista do progresso da influencia allemã no estrangeiro. Percorrendo esse periodico, que é o principal orgão do *Deutschtum*, encontram-se dados bem eloquentes e suggestivos ácerca da expansão que a ambição germanica alcançou em todos os pontos do Globo.

Doze milhões de vassallos do imperador Guilherme estão estabelecidos além-mar, onze milhões dos quaes habitam os Estados-Unidos. E' neste paiz que a missão da Associação se torna mais ardua para manter em espirito e de facto o character allemão nos emigrados. E', com effeito, sabido que, da segunda geração em diante, elles perdiam a noção da sua origem, se confundiam na massa da nação *yankee*.

Para reagir contra esse prejuizo do *Deutschtum*, tem a Associação de defeza dos interesses allemães empregado todos os meios. Relações pessoaes, cartas, tenaz e energica propaganda, de tudo se lançou mão e, em pouco, foram excellentes os resultados obtidos. Jornaes em lingua allemã, «casas allemãs», *clubs* muito praticos em que se reúnem todas as commodidades, quer para o habitante, quer para o forasteiro, associações de *sport*, sociedades mundanas, de toda a natureza, emfim, teem mantido estreitamente as relações entre os allemães dos Estados-Unidos e os seus compatriotas da Europa.

«Em S. Francisco, as estatuas de Goethe e de Schiller, erigidas nos graciosos terraços que descem sobre as ondas do oceano, que igualmente banha as costas da China e do Japão, mostram como a cultura e influencia allemãs tomaram na capital occidental dos Estados-Unidos um lugar predominante.

«Na America do Sul, seiscentos mil allemães con-

servam religiosamente a sua nacionalidade. *No Brasil, ha cidades quasi inteiramente allemães e tendo á volta numerosas povoações que constituem verdadeiras colonias.»*

Por estas palavras tem-se á vista um quadro rapido e seguro da amplidão e da segurança do systema. Vê-se a téla geral e o ponto nella occupado, de modo singular, pelo nosso querido Brasil.

O *Deutschtum* pelo mundo em fóra é uma aspiração, ousada sem duvida, mas irrealisavel no sentido politico, ao que se póde suppôr; no Brasil, infelizmente, para o nosso ponto de vista nacional, *elle é uma realidade...*

Cresce todos os dias e ha de chegar, não muito longe, a ser ameaçador.

Ninguem se illuda com as blandicias e negativas da diplomacia.

A realidade não são as palavras doces do governo allemão, habil em temporizar, nem as dos seus subditos de cá, esperando o momento azado; a realidade são os desaforos da *Panther*, são os emissarios despachados para as colonias, quasi todos os annos, para animar os patricios, que devem crescer e proliferar, até chegar a occasião de se fundar o *Novo Estado*, na phrase de meu amigo Koseritz.

Amicus Plato, sed magis amica Veritas, si licet, Patria !

Dando conta dos progressos do germanismo no sul brasileiro — o citado *Européen*, de 21 de janeiro do anno de 1905, inseriu artigo, do qual convém citar algumas palavras, segundo a traducção do *Jornal do Commercio*, de 18 de fevereiro do alludido anno:

«Os escriptores coloniaes de além-Rheno procuram despertar o interesse da parte illustrada do publico e do governo *em favor do grande numero de allemães residentes no sul do Brasil.*

«Por muito tempo, bem pouca attenção se prestou a essas communidades longiquas, que se consideravam como perdidas para a mãe-patria. Entretanto, importantes colonias germanicas conseguiram formar-se no Brasil meridional e, differentemente de todas, que se espalharam nos Estados-Unidos e na Australia, — sabe-se que estas ultimas se deixam promptamente assimilar; *ellas teem mantido aqui, de modo notavel, a sua originalidade.* As colonias ruraes conservam o seu character distincto, principalmente as que se estendem na vertente da Serra Geral.

«A lingua allemã, na qual se introduziram alguns termos portuguezes, é a unica usada, e as mais das vezes a unica comprehendida.

«Ella se impoz aos proprios brasileiros, e até aos pretos, que se misturam com a população immigrada.

«E' sómente nas tres provincias (hoje deve-se dizer nos tres Estados) do sul do Brasil: Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, que os allemães teem fundado estabelecimentos agricolas duraveis.

«Numerosas colonias allemãs espalham-se hoje pelo territorio oriental da parte sul do Brasil, dede os arredores de Curityba, capital do Paraná, até Pelotas. Entre Mundo Novo e Santa Maria, ellas fórmam, em uma extensão de 300 kilometros, uma cadeia muito ligada. Estão, na sua maior parte, situadas sobre os declives da Serra Geral, reverso oriental e meridional do vasto planalto, que, tendo voltada para o Atlantico a sua maior altura, se inclina, na direcção do oeste até os valles do Paraná e do Uruguay.

«Comprehende no todo, com o accrescimento fornecido pelas cidades visinhas, 300 a 350 mil allemães, dos quaes 50 mil no Paraná, 100 mil em Santa Catharina, e 150 a 200 mil (estes ultimos sahidos na maior parte da Pomerania e do Hunsrück) no Rio Grande do Sul.

«Graças á altitude muito elevada do paiz, são favoraveis as condições climatologicas. São muito numerosas as familias; a raça conserva todo o seu vigor, e não se vêem em parte alguma, nem mesmo na Allemanha, amostras mais sãs e mais authenticas.

«A Allemanha tem o maior e o mais real interesse, ao mesmo tempo moral e economico, em preservar o

mais possível de absorpção essas colonias relativamente numerosas, que ficam impregnadas do seu espirito e são fieis clientes da sua industria. Ella quereira hoje fortificar-as, dirigindo para ellas os elementos que não póde conservar no seu proprio seio.

«O governo allemão tomou, ha alguns mezes, medidas nesse sentido. Poderosas companhias particulares tambem se occupam em organizar no sul do Brasil emprezas de colonisação em ponto grande. O *Norddeutsche Lloyd* e a *Hamburg Südamerik Linie*, de concerto com a *Associação Colonial Hanseatica*, adquiriu, na visinhança de D. Francisca e de Blumennau, um vasto dominio de 6:500 kilometros quadrados, afim de installar nelles aldeões allemães. Na região florestal do rio Uruguay, o Dr. Hermann Meyer fundou uma colonia nova e importante.»

Por todos estes documentos, por todas estas citações, creio que se terá comprehendido a gravidade do caso *teuto-brasileiro*.

E' vital para o Brasil ibero-latino, e admira que o autor lembrado em principio, num livro em que discute o futuro das gentes latino-americanas e innumerables theses de *omni rescibili*, não tivesse encontrado duas palavras para lhe consagrar.

Mistér é aprofundar algum tanto a *excepção brasileira*.

De vinte e cinco a trinta annos a esta parte, não perco ensejo de despertar a attenção dos brasileiros e dos poderes publicos da nação para esse gravissimo assumpto.

Releva ponderar que alguns orgãos da imprensa do paiz não se teem deixado ficar mudos deante das perturbações que nos ameaçam.

Não faz muito tempo, o *Jornal do Commercio*, do Rio, que tem sido um bememerito nesta questão, publicou um magistral artigo, que de-

veria ser tirado em avulso e espalhado *gratis* por todo o Brasil.

Refiro-me ao artigo inserto no seu numero de 6 de janeiro de 1905.

E' uma magistral noticia critica de oito publicações allemãs relativas ao desenvolvimento das colonias germanicas dos nossos estados meridionaes:

I — *Das Deutschtum in Südbrasilien und Südchili*, do dr. Alfred Hettner;

II — *Deutsches Kolonistenleben im Staate Santa Catharina*, de Hermann Leyfer;

III — *Die Besiedlung des oestlichen Südamerica mit besonderer Berucksichtigung des Deutschtums*, do Dr. Alfred Funcke;

IV — *Die Deutschen im Tropischem Amerika*, do dr. Wilhelm Wintzer;

V — *Brasilien und seine Bedeutung für Deutschlands Handel und Industrie*, do dr. Walther Kundt;

VI — *Deutsche Siedlung über see: — Ein Abriss ihrer Geschicht ihrer Gedeihen in Rio Grande do Sul*, de Alfred Funcke;

VII — *Katschlage für Auswanderer nach Südbrasilien*, do dr. R. Jannasch;

VIII — *Deutsche Interessen in Brasilien*, do dr. R. Krauel.

E' este o vasto manancial de informações que chegaram a esclarecer o atilado espirito do articulista.

O debate é daquelles nos quaes nunca é demasiado insistir e em que se deve entrar munido de todas as armas.

Em um estudo a que devo imprimir accentado espirito e destino de propaganda, seria um erro deixar de aproveitar o auxilio pro-

vindo de uma auctoridade como a do *Jornal do Commercio*.

Por isso, aqui vão as palavras que em brilhante synthese abrem o alludido artigo de 6 de janeiro do anno passado e que traz por titulo: — *Allemaes no Brasil*.

«Ao problema colonial, na Allemanha, estão ligados os mais altos interesses economicos; nelle, de certo modo, se radieam os destinos futuros do imperio. E' por isso que uma grande parte da opinião publica allemã está constantemente voltada para elle e que todos os assumptos que directamente ou indirectamente entendam com essa questão capital teem alli o poder de apaixonar os espiritos.

«O rapido desenvolvimento de uma população assombrosamente prolifica, comprimida em um territorio demasiado exiguo, gerando o mal estar e a penuria nas massas inferiores, acossada até os extremos do littoral pela pressão de necessidades cada vez mais urgentes; de outro lado, o pouco successo de antigas tentativas no sentido de dilatar os limites do imperio pela creação de dominios coloniaes ou paizes de protectorado (*Schutzgebiete*), como lhes chamava Bismarck, fizeram com que cedo a Allemanha lançasse as suas vistas para o paiz que de todos se affigurava o mais apropriado a receber, com o excesso da sua população, o influxo da civilisação germanica e realizar, através dos mares, o sonho ambicioso do prolongamento da terra allemã.

«Essa nova patria, um dia os allemães pensaram tel-a encontrado nos Estados-Unidos. Durante annos, vapores sahidos de Hamburgo, Bremen e portos do norte despejaram no vasto littoral norte-americano levvas numerosas de colonos, destinados a derramar em sólo *yankee* a semente asperrima do *Deutschtum* e fazel-a fructificar para gloria e proveito da patria longinqua.

«Não tardou, porém, que na Allemanha se verificasse quanto eram fallazes essas esperanças.

«Transplantado para os Estados-Unidos, o allemão tornou-se em breve tão norte-americano como o mais legitimo dos *yankees*, e o mais acerbo concorrente da mãipatria. O valor da emigração era, portanto, com-

pletamente falso; o vasto plano de germanisação frustrara-se de maneira deploravel.

«Foi então que espiritos sagazes, viajantes experimentados que tinham visitado o nosso paiz e admirado de perto riquezas e maravilhas levantaram as idéas da colonisação do Sul do Brasil onde, desde 1825, tinham vindo fixar-se os primeiros immigrants allemaes.

«Quem diz potencia colonial, diz implicitamente esquadra, diz força maritima.

«A Allemanha, por muito tempo reduzida com os seus poucos guarda-costas a uma estricta defensiva, estava, é força convir, bem pobremente aparelhada para a funcção colonisadora a que a impellia o refluxo vertiginoso da sua população sempre crescente. Este estado de coisas durou até á data da fundação do imperio; a Prussia e os estados maritimos allemães chegaram a 1870 absolutamente desprovidos de navios de combate. O seculo XIX, fecundo de gloriosas promessas, realizadas umas, outras apenas esboçadas, não devia passar sem que lhe fosse dado assistir á soberba eclosão de uma nova grandeza maritima, que se annunciava.

«Ao genio de Guilherme II deve a Allemanha o ter afinal adquirido a inteira consciencia dos seus destinos maritimos e mais lhe deve o ter reunido, com pulso implacavel, do chaos em que se achavam, os destroços esparsos da sua frota para o apogeu do presente.

«Assim, de chofre a Allemanha viu-se erigida em potencia de 1.^a ordem e, condemnada outr'ora a uma estricta defensiva, entrava desassombradamente na politica mundial, aparelhada de elementos formidaveis que, se lhe não asseguravam a supremacia, certamente a collocavam em logar invejavel entre as nações armadas. *Em caso de guerra, a Allemanha tomard a offensiva; não são do proprio imperador estas palavras memoraveis dirigidas aos seus almirantes e que bem exprimem o pensamento do actual monarcha?*

A politica de expansão inaugurada por Bismarck, evidentemente a contra gosto e *para acompanhar a corrente*, como elle proprio declarou ao Reichstag, achou no rebelde neto do seu augusto amo o mais eminente e decidido campeão. De anno para anno, o pensamento de Guilherme II vem adquirindo novas

e surprehendedentes fórmãs para a sua crystallisação integral e luminosa, a que o mundo civilizado assiste com assombro e admiração talvez, mas a que se mistura certamente um sentimento muito natural de apprehensão e receio.

«Do que fica exposto pôde-se avaliar a profunda revolução que estes ultimos annos assignalam na marinha allemã. Quizemos acenar para o facto porque, como nenhum outro, elle nos parece accentuar a nova orientação politica da Allemanha e, mais propriamente, do kaiser, e porque a orbita da sua influencia, longe de estar de todo percorrida, ainda mal se delinea no horizonte de um futuro mais ou menos remoto.

«No Brasil, sobretudo, estas questões seriam bem dignas de excitar por um pouco o fakirismo indigena abolorado no açude de uma nefasta politica de campanario, e myope absolutamente, de uma myopia incuravel além da orbita restricta dos interesses do momento. As nossas relações com a Allemanha, relações de ordem muito especial e que tendem necessariamente a avolumar-se para o futuro, não nos pódem deixar indifferentes ao desenvolvimento incessante das suas forças expansivas, ao espectáculo incomparavel de sua pujança sempre crescente. São factores esses que hão de fatalmente, tarde ou cedo, surprehender a prudencia dos nossos estadistas.

«A cifra total dos colonos allemães estabelecidos actualmente na zona meridional do Brasil (Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul) pôde ser calculada, á falta de dados estatisticos exactos, em cêrca de 350.000. Para alli vieram desde 1825. alli se fixaram em vastos territorios despovoados ou em pleno sertão, desbastaram a matta, abriram picadas, arrotearam os campos, plantaram e edificaram e, á força de labor insano, ajudados pela opulencia de um sólo uberrimo que só está pedindo braços e actividade que infelizmente não se encontram nos naturaes, em breve crearam nucleos florescentes, colonias importantes e populosas, animadas por um commercio diligente e productivo, centros de bem estar e de fartura que fazem o encanto dos que visitam aquelles lugares.

«Mas no meio dessa opulencia que veio achar na terra alheia o immigrado allemão, expellido da patria pelo espectro da fome e da miseria, *o allemão conservou no paiz adoptivo a piedosa e indestructivel fidelidade á terra natal, aos usos e costumes do norte,*

a sua lingua, as suas tradições, e, ao contrario do que succedeu nos Estados-Unidos, onde o elemento nacional absorvera por completo o elemento estrangeiro, no Brasil, depois de muito mais de meio seculo de residencia no paiz, aquelle colono é ainda hoje tão profundamente allemão como o que primeiro aqui aportou de Hamburgo ou Bremen á cata de pão e trabalho.

«Não entraremos no exame das circumstancias que muito provavelmente terão influido para semelhante situação; o nosso intuito é apenas orientar a attenção para esse exquisito estado de coisas a que a sabedoria dos governos será chamada a pôr alguma ordem, se não para remediar os males já existentes, para conjurar peiores futuros.

«Temos á mão uma boa duzia de brochuras publicadas na Allemanha sobre o assumpto especial da colonisação nos nossos Estados do sul. Nesses escriptos, datados todos de epocha muito recente, entre 1900 e 1903, sob a fórma de conselhos e instrucções aos immigrants, de monographias historicas, de relatorios ou simples narrativas de viagem, a propaganda da emigração para o Brasil é feita com enthusiasmo.

«Aqui, já se vê, não existe o «perigo» que comprometteu, por exemplo, o plano de colonisação nos Estados-Unidos. Fixados em grandes massas, em um territorio excepcionalmente favoravel ao estabelecimento do colono europeu, isolados do resto dos naturaes por distancias materiaes consideraveis que dificultam, senão impossibilitam, um commercio seguido com o brasileiro, fortes, além disso, da consciencia de sua superioridade de raça sobre o elemento indigena (falso, ignorante e indolente), que elles desprezam, com o qual não fazem liga e de quem só querem a terra, que é generosa e capaz de produzir todos os fructos da cultura europeá, confiantes além disso na longanimidade dos governos locais, que, absorvidos pelos pequeninos interesses da politica, os abandonam aos seus recursos proprios, os colonos allemães apresentam nos Estados do sul o curioso phenomeno de uma população á parte que vive sobre si, que se administra e se governa, onde domina a cultura allemã, onde o espirito allemão prevalece e é alimentado, de geração em geração, pelas condições do meio, pela pratica da religião, que é exercida por sacerdotes alle-

mães, pelo uzo da lingua, que é exclusivamente allemã no povo e nas unicas escolas existentes, onde o ensino é ministrado em allemão, por professores allemães, mandados vir da Europa á custa dos colonos ou subvencionados pelo governo imperial. Em taes condições, não seria de admirar que a absorção pelo elemento nacional fosse aqui um facto quasi materialmente impossivel, e que essa população de 350.000 almas, que dia a dia, vae crescendo e multiplicando-se pela constituição de familias ou pela aquisição de novos elementos vindos do estrangeiro, se de um lado está geographicamente mais perto de nós, *permanesse, comtudo, intransigentemente alheia de nós por affinidades de raça, costumes, tradições e tendencias, e constituisse no nosso proprio meio um elemento antes hostile, e, por ventura, capaz de affirmar, em uma opporrtunidade mais ou menos remota, essa conexão effectiva com a mãe patria.*

«Sobre essas vistas geraes parecem estar de acôrdo todos os autores dos mencionados escriptos.»

De posse das premissas, estabelecidas ellas com toda a segurança, poderei agora desenvolver a minha argumentação e tirar as consequencias.

III

Conhecida a necessidade que sentem os allemães de emigrar, dada a noticia de suas *colonias politicas* e de suas *colonias commerciaes*, estabelecida a pertinacia da propaganda do *allemanismo* até entre as nações soberanas, determinado o *caso singular de sua situação no sul do Brasil*, resta considerar as consequencias futuras que d'ahi pódem advir á nossa patria.

Antes de tudo, importa considerar o *estado*

de espirito das gentes das colonias situadas em nosso paiz.

Esse espirito nos é adverso.

Ao passo que nos Estados-Unidos, — segundo informa J. Stoecklin. — *in est d'autant plus difficile de reconnaitre les citoyens américains d'origine allemande que la plupart d'entre eux ont honte de leur origine et ont anglicise' leur nom: les Zimmermann sont devenus des Carpenter, les Braun des Brown, les Löwenstein — des Livinstone, etc.;* ao passo que nos Estados-Unidos os allemães e seus descendentes se deixam attrahir gostosamente pela sociedade anglo-saxonia, no Brasil fazem vida á parte e nos aborrecem evidentemente.

As provas do facto são innumeraveis, evidentes e de todos conhecidas.

O aferro que mostram por sua linguagem e tradições, que não trocam pelas nossas, é uma dellas e da maior importancia.

Se nos estimassem, é claro, deixar-se-iam assimilar no meio de nossas populações.

O desprezo que ostentam por nossa vida publica, da qual não participam de proposito, é outra prova irrefragavel.

A abstinencia é tão completa que chega a parecer materialmente impossivel.

E' assim que se pódem ferir, e se teem ferido de facto, a seu lado, em torno de suas terras, as mais intensas luctas entre as populações brasileiras, sem que elles dêem o mais leve signal de vida.

Importam-lhes menos do que lhes importou a guerra entre a China e o Japão.

Assistem impassiveis, e com secreto gaudio,

ás dissensões politicas dos rio-grandenses, dos habitantes de Santa Catharina e Paraná.

E' como se fôsem contendas de estrangeiros, de tribus africanas.

Prova evidentissima de que não se interessam por nosso viver, nem fazem caso das aspirações das gentes entre as quaes se vieram collocar.

Este signal tem todo pezo para quem sabe o valor dos phenomenos sociaes, como força impulsora da acção politica, e o valor do estado d'alma das populações, como força determinante do estado social.

Existem, em cerca de 380.000 pessoas de origem germanica, residentes no Brasil, seis ou oito que para confirmar a regra da abstenção de seus patricios em tudo que é puramente brasileiro, se mettem nas luctas partidarias locaes.

São raros moços, filhos das cidades, ordinariamente nascidos dos rarissimos consorcios de allemães com brasileiras, desviados em parte do pensar genuinamente germanico, que se deixam attrahir por ambição politica. E' excepção singular, que nada vale.

Sua aversão, seu desprezo por tudo que é brasileiro, *menos a terra que chamam sua*, é attestado pelos poucos nacionaes que ousam viver no meio delles nas colonias compactas.

Começam os nossos por ter vergonha de fallar a nossa lingua, por serem chasqueados quando o fazem.

Elles é que teem de aprender a lingua estrangeira !...

Nessas colonias, os actos officiaes, os processos judiciarios, os despachos dos juizes, os

editaes das camaras, tudo, tudo é em lingua allemã.

Se algum juiz, se algum promotor publico tenta reagir, é posto habilmente para fóra.

Digo *habilmente*, porque a calma, a fleugma allemã, esperando o dia do *Novo-Estado*, sabe agir com um tino, com uma prudencia admiravel.

Mas para que gastar tinta em provar cousa de todos sabida, cousa que fingem apenas ignorar os nossos desbriados e infamissimos governos, que tanto teem de ineptos quanto de covardes!

Os proprios allemães, quer viajantes, quer colonos, o confessam com a maior sem-cerimonia e evidente prazer.

Tenho aqui duas provas á mão; uma dellas é de viajante e a outra de sujeito que vivia em Porto-Alegre, e, alli mesmo, numa cidade que é a capital do Estado, e ainda é em grande parte brasileira, não trepidava em revelar cruamente o pensar de seus patricios a nosso respeito.

Eis aqui o depoimento do snr. Alfredo Funcke:

«...Como representantes do povo brasileiro, o colono allemão só conhece o habitante da serra propriamente dito, *indigente e ignorante*, e o funcionario publico. O serrano hostil a todo trabalho regular, condemnado a eterna penuria, *sem fé nem probidade nas relações commerciaes e no trato*, além disso não raro oriundo de sangue negro ou mestiço de indio, vivendo vida de mancebia, *entregue a todos os desregramentos dos sentidos*, não podia servir ao lavrador allemão de exemplo digno de ser imitado.

«Quanto ao funcionario publico brasileiro, *que não vê no emprego senão um meio de passar commodamente a vida, geralmente susceptivel de suborno e outras influencias congeneres, que jámais cumpre o*

seu dever honradamente nem pontualmente, o seu exemplo provoca necessariamente a comparação com os seus collegas allemães. Semelhante cotejo era de natureza a infundir no animo do colono o desprezo pelo brasileiro culto. A tudo isto vinham juntar-se experiencias pessoaes nas relações com *as autoridades e especialmente com a magistratura, relações em que o colono allemão sahia prejudicado e ludibriado.*

«A observação de que tambem os brasileiros abastados iam decahindo progressivamente devido a uma economia desordenada, além disso os casos de parentes empobrecidos cahirem com a menor sem-ceremonia nas costas de outros e muito frequentemente os ajudarem a devorar minguados haveres, não podiam de modo algum attrahir para o natural do paiz a sympathia do camponez allemão, sempre tão economico e poupado.»

Não se pôde ser mais rudemente franco; só a mais ossificada estupidez, ou o mais revoltante cynismo o poderá negar.

Só o proprio Alfredo Funcke poderia ser ainda mais franco e foi nas seguintes linhas, em que se refere á *protecção* que o governo allemão deve aos seus *subditos* do Brasil:

«Essa protecção naturalmente só pôde ter valor para o allemão emigrado se a força do imperio estiver sufficientemente representada pelo pavilhão de guerra. *Os americanos do sul soffrem todos de exaggerada presumpção e só respeitam os direitos do estrangeiro segundo o que a amistosa visita de vasos de guerra proximos lhes refresca na memoria, com frequencia significativa, a certeza de um desforço assustador em caso de attentado.*»

Estas gentilezas de Funcke occorrem no citado artigo do *Jornal do Commercio*, de 6 de janeiro do anno passado.

Mais insultosa no proposito de nos injuriar é a poesia do professor allemão, de Porto-Ale-

gre, o snr. dr. Frankenberg, lente da Escola Normal, que assim nos pagava o bom emprego que destructava.

E' um *Hymno nacional brasileiro*, no sentir desse poeta allemão.

E' documento vinte annos atrás, prova de que, se a propaganda para nos invadir é antiga, não o é menos a tendencia para nos menosprezar.

E' da *Gazeta de Noticias*, de 15 de setembro de 1886, na qual se lê:

«No *Deutsche Post*, jornal que se publica em Porto Alegre, sob a direcção do Dr. Frankenberg, lente da Escola Normal, appareceram uns versos em fórma de hymno, que foram tomados como ridicularizando o Brasil e o nosso exercito.

A *Reforma* deu a traducção desses versos, que é a seguinte:

HYMNO NACIONAL BRASILEIRO

«Tens feijão preto e milho, tens xarque e toucinho em abundancia, tens as mais grossas batatas; — Brasil, que queres ter mais?»

«Tens quantidade de vinho nacional, fabricas de cerveja e licores Christoffel, Rapp, Becer e Campani; — Brasil, que queres ter mais?»

«Quão bons seriam os caminhos, comtanto que não chovesse, e no emtanto são pantanos e buracos; — Brasil, que queres ter mais?»

«Como formigam os bandalhos e ladrões, isso chamamos em allemão — militares, esses devem defender a patria; — Brasil que queres ter mais?»

«Os pequenos garotos são presos, os grandes vivem ás soltas e mesmo teem titulos pomposos; — Brasil, que queres ter mais?»

«Tens tres partidos, ó miseria! esses amarguram-te a vida, tens mesmo o Martim de prata; — Brasil, que queres ter mais?»

«E dividas, e dividas, e dividas, sugam-te os cofres de um todo, e estás dirigido para o abysmo; — Brasil, que queres ter mais? — *Anastasius Blau.*»

«Conhecida e vulgarizada pela cidade esta tradução, o povo indignou-se e reuniu-se em *meeting*, para protestar contra o ultrage e pedir a punição do seu autor, ou, pelo menos, do director da folha que o inserira.

A' vista da attitude do publico porto-alegrense, a presidencia da provincia demittiu, a bem do serviço publico, o Dr. Frankenberg, do cargo de lente da Escola Normal.

A empreza do jornal allemão, por sua vez, e como protesto ao seu procedimento, demittiu do cargo de redactor-chefe da referida folha, o Sr. Frankenberg.

A' vista dessas plenas satisfações, serenaram os espiritos.»

Houve em 1886 este pequeno alvoroço que trouxe a demissão de Frankenberg.

Tudo, porém, cahiu logo na usual modorra; a nossa incuria continuou a dormir; o *allemanismo* social e politico proseguiu na sua marcha ovante.

Hoje, nem talvez fôsse demittido da Escola Normal o lente que escrevesse ou consentisse, em sua folha, o tal *Hymno nacional brasileiro*...

O *Deutschtum* tem progredido tanto que, ao menor abalo, surgem por cá seus *enviados extraordinarios*, que teem recepções principescas, como se fôram chefes de Estado...

E' incrivel; chega-se até a se lhes manifestar o desejo de que seus patricios façam cada vez mais uzo exclusivo da *lingua allemã*.

Parece um sonho.

Mas é triste realidade...

Ainda ha menos de dois annos, tivemos exemplos em Porto-Alegre.

Lê-se no *Jornal do Commercio*, de 14 de julho de 1904:

«Porto-Alegre, 13 de julho. — Foi hoje recebido pelo presidente Borges de Medeiros e

pelas auctoridades estadoaes o dr. Jannasch, que se hospedou na Pensão Schmidt, *onde o governo lhe mandou reservar aposentos*».

Este Jannasch é um dos taes que influem nas *Associações de Emigração*, em Berlim; tem as vistas voltadas para o Brasil, onde aporta de vez em quando.

Sempre que se levanta alguma poeira nos jornaes, sempre que se allude ao *perigo allemão*, elle toma o paquete em Hamburgo e salta em Porto-Alegre.

Vem encarregado de fazer discursos, para apaziguar os *brasileiros*...

E' missão por elle cumprida habilmente.

E' bom orador e conhece de cór os logares communs amados pelos nossos patricios: *fraternidade dos homens, patria universal, progresso de todos, paz geral, chimera do perigo allemão, inventado pelos anglo-americanos, que nos querem conquistar*...

De tudo isto lança mão o intrepido homem; e o mais curioso é que os *brasileiros* se deixam convencer.

A sua vinda de ha dois annos foi motivada por certos *alarmes*, apparecidos em folhas americanas e inglezas, ácerca da crescente influencia dos grupos autonomos dos germanicos em terras do sul do Brasil.

Jannasch partiu sem demora.

Chegou, fallou, aconselhou aos *seus patricios que não fôsem nativistas, que não fôsem exclusivistas contra os brasileiros*: mas que, nessa meia união com os nossos patricios, *não esquecessem suas tradições, sua lingua e até a sua musica*...

Isto li eu nos jornaes do tempo, que sinto não ter agora á vista.

Era o carro adeante dos bois, prova da consciencia da força de que já dispõem em nossas terras: em vez de pedir aos brasileiros que não uzassem de *nativismo* para com os allemães, aconselhava a estes que não o empregassem contra nós.

Isto pinta a situação.

Era tambem contraproducente e manhoso; porque, ao passo que batia o exclusivismo, exhortava sua gente a *não deixar a sua lingua, a sua litteratura e até a sua musica*, coisas da paixão característica do allemanismo.

Telegrammas vi, passados para cá entre o citado de 13 de julho e o que se vae seguir de 18, que davam conta da recommendação ácerca da *litteratura e da musica*.¹

Não os tenho á vista; mas aqui vae um de 18 de julho do dito anno, de 1904, pelo qual se conhece nitidamente o conteúdo dos discursos de Jannasch, não só pelo que delles se contém no alludido despacho, como pela resposta do presidente do Rio Grande, em que declara *não pedir* aos allemães que renunciem ás suas *tradições, á sua lingua...*

¹ Depois d'isto escripto, obtive o resumo do famoso discurso de Jannasch. Disse elle então:

«Os allemães não devem esquecer as tradições que nos ficaram de Leipzig e de Waterloo, de 1813 e 1814, as tradições que nos legaram os grandes vultos que foram Lessing, Goethe, Kant e Humboldt, as tradições do *heroismo*, da *lingua*, da *litteratura* e da *musica allemã*. Essas devem elles conservar e cultivar como os seus bens valiosos e mais caros, pois ellas se tornaram a nossa religião.»

E' incrivel.

Eis aqui:

«Porto-Alegre, 18 de julho. — As sociedades allemães aqui existentes offereceram hontem uma grande festa ao sabio dr. Jannasch.

«Estiveram presentes o dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado, e diversas outras auctoridades federaes e estadoaes.

«O dr. Jannasch pronunciou um brilhante discurso no qual *aconselhou os seus patricios a se unirem aos brasileiros e especialmente aos riograndenses, condemnando abertamente o preconceito nativista e o exclusivismo que separa os raças e separa os homens, quando a verdade é que a civilização moderna procura reunil-os pelo desenvolvimento commercial, artistico, scientifico e maritimo. O orador, proseguindo na mesma ordem de considerações, atacou com vibrante energia a decantada chimera do perigo allemão.*

«O dr. Borges de Medeiros, num improviso bastante feliz e cheio de conceitos patrioticos, *disse tambem não ter receios dessa utopia que anda fluctuante em alguns espiritos timidos e eivados de preconceitos.*

«Continuando, o presidente do Estado *declarou não pedir aos allemães que renunciem á sua patria, ás suas tradições e á sua lingua; pelo contrario, é que honrem a terra de origem, porque assim honrarão tambem o Rio Grande.*

«Terminou saudando a confraternidade dos dois elementos, germanico e brasileiro, sob o influxo da amizade reciproca».

Deveria ser mui de notar o sorriso sardonico do Teutão, illudindo esses pobres Brasis...

Evidentemente, o sr. Borges de Medeiros

não avalia a importancia da *patria*, das *tradições* e da *lingua* na vida dos homens.

Do contrario, não chegaria a pensar que pudesse alguém possuil-as por partidas dobradas: da Allemanha e, ao mesmo tempo, do Brasil.

Entretanto, desde que o mundo é mundo, a historia e a experiencia teem sido incansaveis em desmentir o erro do presidente do Rio Grande do Sul e de todos os que, por falta do preciso criterio, ou por velhacaria, laboram em tão nociva illusão.

As tradições e a lingua teem tal importancia que acabam sempre por vencer e fazer as nações a seu gosto e a seu geito.

Póde a politica, nas suas combinações não raro insensatas, separar gentes da mesma estirpe, da mesma lingua e das mesmas tradições, como na Italia e na Allemanha até o ultimo quartel do seculo passado. E' de balde; mais cedo ou mais tarde essas gentes se attrahem e se unificam.

Póde a mesma politica, nos seus tresloucados calculos, jungir povos diversos sob o mesmo jugo, debaixo da mesma oppressão, como na Turquia.

E' inutil; mais cedo ou mais tarde os elementos diversos se desaggregam e cada um procura o seu natural centro de gravidade.

Assim foi alli: romaicos para um lado, gregos para outro, bulgaros para outro, servios para outro.

E' regra que nunca ha de falhar.

Dest'arte, o erro gravissimo, o erro inexpialvel dos governos brasileiros, o erro que nos ha de trazer a perda das bellissimas regiões do

sul, foi haver-se consentido na formação lenta, por oitenta dilatados annos, de fortes grupos de população que ficou irreductivelmente germanica, sem a menor fusão com as populações brasileiras.

E' o erro irreparavel.

Não ha sophismas que possam illudir a quem enxerga dois dedos adiante de si.

Existem duas especies de individuos que tem interesse em fazer acreditar no contrario: os proprios allemães e seus descendentes, e certos politiqueiros brasileiros que precisam de não desagradar aos colonos de Santa Catharina, Paraná e Rio-Grande.

O resto do Brasil pensa de modo de todo diverso.

Mas, dizia eu, para se aquilatar da verdadeira situação das coisas no sul, mistér é apreciar o *estado psychico* dos *teutos* com relação aos *brasileiros*.

Já fiz vêr alguma coisa de singular neste sentido. Existe, porém, outro critério, originado daquelle, que, sendo d'elle effeito, indica de modo claro e inilludivel o estado de adeantada divergencia em que andam os dois povos, que acabarão de todo separados: refiro-me á *situação social* de ambos.

Este signal é infallivel.

Só existem hoje alguns ignorantes, cujo voto não tem nem póde ter o menor pezo, para acreditarem no valor da *politica*, das relações a que se costuma dar este nome, independentemente das condições *sociaes*. Toda a gente sabe que o estado social é que representa a substancia, o amago, a verdadeira estructura, o exacto valor de um povo qualquer.

A politica não faz mais do que andar atraz da sociedade, de suas aspirações, de seu caracter, de seu gráu de cultura, de suas necessidades, de suas tendencias, para as ir definindo e dando satisfação naquillo que é de sua competencia.

Quando a politica chega, a tendencia social tem surgido e se tem avolumado ha muito tempo. Negal-o — é ser indigno da menor attenção de gente que pensa.

Ora, os allemães do Brasil são, *socialmente*, completamente distinctos e independentes dos nacionaes. Teem outra lingua, outra religião, outros costumes, outros habitos, outras tradições, outros anhelos, outros generos e systemas de trabalho, outros ideaes.

E' absolutamente innegavel.

Logo, estão presos a nós sómente pelo *laço do territorio*; porque mesmo de um *laço politico effectivo* não se póde fallar, desde que se sabe que elles não tomam a minima parte em nossa vida por esse lado. Mas, em nosso territorio mesmo, as colonias constituem verdadeiras *soluções de continuidade* entre as populações nacionaes.

São como ilhas, ou oasis no meio do que costumam chamar o deserto brasileiro.

Faltam-lhes, para de todo se separarem de nós, formando *um Estado á parte*, duas condições apenas: uma população maior, e que essa população se espalhe a ponto de ligar entre si, mais ou menos intensamente, os diversos nucleos coloniaes dos tres Estados meridionaes.

Nem será talvez preciso que se liguem os nucleos do Paraná aos demais. Logo que os de Santa Catharina tiverem, por assim dizer,

arredondado terras com os do Rio-Grande, e isto não está longe de acontecer, o brado de separação será dado.

E' até possível que seja dado só pelos do Rio-Grande, logo que todo o planalto, *toda a região serrana*, esteja assáz povoada por elles, desde as montanhas que dividem aquelle Estado em duas zonas, a do norte e a do sul, até ao curso do rio Uruguay, que o separa da Argentina e de Santa Catharina.

Pouco depois os desta, crescidos tambem em numero, se unirão aos seus patricios e parentes allemães do Rio-Grande. Para tanto, basta que a população germanica dos dois Estados attinja a uma cifra respeitavel — de 800:000, ou 1.000.000 de habitantes.

Não é tudo.

A separação não se fez já, com o auxilio e sob o *protectorado* da Allemanha, por causa das perturbações que isto acarretaria deante da providente *doutrina de Monroe*, freio unico que contém o imperio, conforme os proprios allemães confessam, e mostrarei linhas abaixo.

Não fôra isso, e o governo imperial teria já feito o que praticou em Zanzibar.

Existe, porém, outro motivo que tem obstado essa terrivel crise de separação, que terá de ser dada em nosso Brasil: é que os nossos *teutos* não desejam fazer parte do imperio, como *colonia*, como *dependencia politica*; aspiram á formação de um *novo Estado*, um Estado soberano, independente, como era o Transwaal, como são os Estados-Unidos e hão de ser o Canadá e a Australasia. Quando se sentirem fortes, pelo numero e pela riqueza, para nos

afrontar, darão o signal de se constituirem politicamente á parte.

O governo brasileiro ha de sahir a campo para contêl-os; travar-se-á lucta; a Allemanha, então, intervirá com forças militares, porque não ha de *consentir que allemães sejam trucidados no Brasil*, conforme a cantiga de sempre.

Nessa conjunctura, acceitarão os *teutos*, *si et in quantum*, o protectorado moral da Allemanha — e não o politico, porque este o imperio não lh'o póde dar, visto como não póde ter novas colonias na America. Mas bastar-lhes-á esse protectorado moral para facilitar o seu reconhecimento como *Estado independente*. Quando, pois, os optimistas, crendeiros no valor invencível do Brasil, berram que não ha perigo de separação das colonias germanicas, porque o imperio não sonha nem póde sonhar com conquistas na America, fazem apenas um sophisma.

Ninguém disse jámais que os allemães mandariam cá suas esquadras para nos conquistarem as terras do sul.

A Allemanha não é estúpida, nem ingenua; ella deixa as coisas seguirem seu curso normal; espera que o fructo cáia de maduro.

Pois póde lá nunca a Allemanha, que conta com a prolificidade de sua gente, com o vigor de seus filhos e com a habilidade delles, admittir que um, ou dois, ou tres milhões de germanicos, collocados nos nossos Estados do sul, se deixem governar, dirigir, pelos *mulattos* (é como elles nos chamam a todos) do Brasil?

E' mistér não saber nada de Allemanha e allemães para acreditar-o.

O *Deuschtum* do Brasil *fará da se*; o da Europa tem confiança e espera.

A evolução desta desgraçada questão, descuradíssima pela inercia brasileira, é a seguinte: 1.º periodo de immigração por méra necessidade, de 1825 a 1870; 2.º periodo de formação consciente de um grupo ethnico á parte, capaz de ter por si mesmo largos destinos, periodo em que teem procurado os directores dos grupos coloniaes firmal-os cada vez mais ao sólo com a agricultura, e vão procurando apoderar-se, nas respectivas zonas, das melhores industrias, da navegação, do commercio bancario, das forças economicas, em summa, de 1870 até agora; o 3.º periodo será o do futuro proximo em que procurarão crescer e prosperar de mais em mais, o que, quando a população fôr numerosa e a riqueza grande, os levará espontanea e naturalmente a se constituírem em corpo de nação, como *Estado soberano*.

A protecção allemã européa será méro auxiliar de segunda ordem.

Que tem o Brazil a fazer para impedir essa desastrada solução do *Deutschtum* que nos ameaça no sul?

E' o que resta indicar.

Emquanto as colonias não crescem demasiado, a ponto de se tornarem perigosas, ha alguma coisa a tentar.

As affirmações que fazem de fidelidade ao Brasil são para nos enganar e para o norte-americano vêr.

Se a empreza fôsse coisa a ser feita directamente pela Allemanha, repito, já ella o teria tentado; mas como não é, porque nem ella o póde, por causa do *monroismo*, nem os allemães de cá teem fortes desejos de se collocar na dura sujeição do imperio, espera-se a solução do

tempo, trazida com o augmento da população, do territorio e da riqueza.

O imperio, porém, não suspeita claramente que a aspiração de independencia dos *teutos* não se estende só para com o Brasil e que o envolve tambem a elle.

Por isso, não perde nunca a esperanza de empolgar aquellas terras por um arranjo qualquer, possivel no decorrer dos tempos.

Nessa esperanza, busca todos os meios imaginaveis de illudir, de sophismar a doutrina de Monroe, contra a qual faz propaganda entre as proprias nações do continente, ás quaes faz acreditar que a phrase *a America é dos americanos* — quer dizer: *delles — americanos do norte, dos filhos dos Estados-Unidos*.

Pintam a estes, umas vezes, como *conquistadores* que nos virão subjugar; proclamam que o *monroismo equivale* a uma *tutella humilhante* e outras *sophisticarias* do genero.

Recorrem, outras vezes, á proposta de harmonia para engolirem de accordo a preza latino-americana.

Neste sentido, são dignas de aturada leitura as palavras do sr. dr. Walter Kundt, autor de — *O Brasil, sua importancia para o commercio e a industria allemães*, conforme a já alludida traducção do *Jornal do Commercio* de que peço venia para transcrever ainda um trecho carecteristico:

«Quanto á doutrina de Monroe, tenho para mim que ella se baseia em considerações obsoletas, e ainda no correr do seculo terá de ceder o passo a outra politica externa dos Estados-Unidos.

«A doutrina de Monroe parte do principio de que os povos da America se tinham libertado do jugo da

dominação ingleza, hespanhola e portugueza, e que a esses povos livres cumpria agora defenderem-se collectivamente contra os appetites conquistadoores das nações européas. Mas esta classificação dos povos em livres e não livres, em republicanos e monarchicos, parece-nos hoje muito inhabitual e desnecessaria. Hoje, que o centro de gravidade de toda a politica está no terreno economico, outro é o criterio para proceder á classificação dos povos. Ha, em primeiro lugar, povos que, por sua actividade e intelligencia, se collocaram na altura de resolver os problemas economicos que o seu paiz suscita, e neste numero estão incluidos quasi todos os povos do continente europeu: ha, em segundo lugar, povos incapazes de aproveitar os dotes que lhes couberam em parte, que por indolencia ou por outros motivos deixam mais ou menos improductivos os thesouros naturaes que lhes offerece o seu paiz, e a essa categoria pertencem, na Europa, Portugal e a Hespanha e os paizes balkanicos, e na America, a totalidade dos povos, com excepção dos de lingua ingleza. *E, ha, em terceiro lugar, povos a quem o territorio nacional não offerece campo sufficiente para a satisfação da sua actividade e que estão chamados a realizar, nos paizes da ultima das categorias supracitadas, aquillo que os habitantes desses paizes não quizeram ou não puderam fazer.*

«Povos taes não ha senão tres; são os mais poderosos representantes da raça germanica, os allemães, os inglezes e os norte-americanos. *Esses estão chamados a recolher a herança do decadente mundo latino e tem todo o interesse em concertarem-se sobre o melhor processo de dividirem entre si a tarefa.*

«Ainda hoje, os povos hispano-lusitanos dominam um territorio que é maior que o immenso imperio moscovita e só muito pouco inferior em tamanho ao imperio britannico. A quem virão, um dia, a tocar esses paizes, ninguem o sabe: *mas o que é certo é que elles não podem continuar nas mãos do mais mesquinho e inepto ramo da raça latina.* Em futuro proximo, esses paizes vão provavelmente representar o mesmo papel que a Turquia e a China, cuja subsistencia se tem sido tornada possivel, é só exclusivamente devido á rivalidade das potencias.

Que tal ?

Continuaremos de braços cruzados em face de tantos e tão repetidos avisos ?

Para resistir a estas e outras ameaças e nomeadamente para escapar ao perigo de virmos a perder as terras do sul, minadas pelo elemento germanico, temos a fazer o seguinte:

1.º Seguir o *systema japonéz* de nos apparelharmos por meio de todos os recursos da sciencia no sentido de prepararmo-nos militarmente para a lucta;

2.º Mudar a feição *communaria* de nosso *character*, que tudo espera do Estado, e reformar a nossa *educação* no sentido *anglo-saxonico* da *iniciativa pessoal*, da *audacia no empreendimento*, da *coragem na acção*, da formação dum alevantado *ideal* de vida e de força individual e collectiva;

3.º Ajudar a essas grandes medidas com o *povoamento do solo* por um regimen *systematico*: *immigrantes de nacionalidades diversas espalhados por todas as zonas* do nosso immenso planalto, desde as serras do Rio Grande do Sul até ás fronteiras do valle do Amazonas, que será tambem povoado por gente adequada.

4.º Aproveitar, por todos os meios imaginaveis, o *enorme proletariado nacional*, que será transformado em *elemento colonizador*, posto ao lado do estrangeiro para educar-se com elle no trabalho e o *ir abasileirando*;

5.º Facilitar esse povoamento do paiz em todas as direcções, levando *estradas de ferro por toda a parte*, que sirvam para articular, por assim dizer, este immenso corpo, facilitando-lhe ao mesmo tempo a defeza.

Em vez de andarem ahi a esbanjar milhões com obras de luxo, avenidas, theatros, passeios

e outras no Rio de Janeiro, que nos fazem representar o papel de um *mendigo*, descalço e maltrapilho, com um *gorro bordado a ouro* na cabeça, deveriam empregal-os nos melhoramentos indicados.

Mas estas são as medidas de ordem geral, reclamadas pelo paiz todo.

Pelo que toca directamente ás colonias allemãs, mistér será embaraçar-lhes o entusiasmo do *Deutschtum*, pelo seguinte modo:

1.º Proibir as grandes compras de terrenos pelos syndicatos allemães, maximé nas zonas das colonias;

2.º Obstar a que estas se unam, se liguem entre si, collocando entre ellas, nos terrenos ainda desoccupados, nucleos de colonos nacionaes ou de nacionalidades diversas da allemã;

3.º Vedar o uso da lingua allemã nos actos publicos;

4.º Forçar os colonos a aprenderem o portuguez, multiplicando entre elles as escolas primarias e secundarias, munidas dos melhores mestres e dos mais seguros processos:

5.º Ter o maior escrupulo, o mais rigoroso cuidado em mandar para as colonias, como funcionarios publicos de qualquer categoria, sómente a individuos da mais esmerada moralidade e de segura instrucção.

6.º Desenvolver as relações *brasileiras* de toda a ordem com os colonos, protegendo o commercio nacional naquellas regiões, estimulando a navegação dos portos e dos rios por navios nossos, creando até alguma linha de vapores que trafeguem entre elles e o Rio de Janeiro;

7.º Fazer estacionar sempre vasos de guerra nacionaes naquelles portos;

8.º Fundar nas zonas de oéste, tolhendo a expansão germanica para o interior, fortes *colonias militares* de gente escolhida no exercito.

Estas e outras medidas, despertadas pela pratica e pelo criterio dos governos, poderão obstar o desmembramento futuro do Brasil nas regiões do sul.

Teremos coragem de as pôr em pratica ?

O tempo o dirá.

Pondo remate a estas considerações, preciso prevenir uma objecção de character pessoal.

Sabe-se que o meu amigo Tobias Barreto se bateu no Brasil pelo *germanismo* e eu o aplaudi, tanto quanto esse modo de pensar e agir *pudesse servir de REAGENTE, de TONICO para o character nacional*.

E esse era o pensamento de meu saudoso patricio e camarada.

Elle sabia da existencia, no sul, do *allemanismo da colonisação*; sabia da propaganda que, ineptamente no Rio de Janeiro e machiavelicamente na Allemanha, se fazia para que esse *allemanismo colonial* augmentasse.

Conhecedor dos perigos que dalli proviriam ao Brasil, procurou substituir aquelle *allemanismo da immigração* pelo *germanismo da sciencia, da cultura, da educação, da fortaleza moral*, unico capaz de nos apparellhar para resistir ao primeiro.

E' uma odiosa calumnia, pois, dal-o por favoravel ás pretenções dos *immigrantistas* insensatos.

O que o meu amigo sempre quiz, sempre ensinou a este inconsciente povo de ingratos,

desnorteado por litterateiros imbecis, o que elle pretendia, com uma larga intuição verdadeiramente genial, era que o Brasil fizesse o que o Japão já tinha então começado a fazer...

E' verdadeiramente admiravel.

Os factos vieram dar plena razão ao pensador sergipano.

Ha trinta e quatro annos, quando no Brasil ninguem sabia da immensa transformação, pouco antes iniciada no Japão, já Tobias Barreto o indicava como modelo a seguir.

Hoje é moda fazer litteratice á custa do valeroso imperio asiatico.

Litteratões que nada sabem, vivem a aborrecer a gente com patacoadas ácerca daquelle povo exemplar.

Em 1872, ha trinta e quatro annos, escrevia o grande critico, e chamo a attenção dos leitores para este facto, que define a sua propaganda germanica entre nós, fazendo appello para o que se estava praticando no Japão, onde se cogitava de *educação e sciencia* e não de *immigração colonial*: «Já nos factos, e especialmente nas *tendencias intellectuaes*, está o Japão mais adeantado que o Brasil. Eis uma prova entre muitas.

«No 1.º de janeiro de 1870, foi aberta na capital daquelle Estado, a qual conta um milhão e meio de habitantes, uma escola para o ensino da lingua allemã, apenas com quatro alumnos e no fim do anno contava já de 400 a 500.

«No correr de 1871, como consequencia dos grandes feitos da guerra franco-allemã e do ascendente da Allemanha, espalharam-se pelas provincias muitas outras escolas, e o proprio

imperador se mostrou, desde então, interessado a tal ponto, que por elle e seu governo fôram não só instituidas *escolas pelo modelo allemão* e para esta lingua com maior profusão, como também *fôram enviados para se educarem no seio da cultura germanica* diversos moços japonezes de familias consideraveis e de elevada posição. Ultimamente, (1872, anno em que escrevia o sabio brasileiro) o governo fundou altos *institutos scientificos* e uma *academia de medicina*, onde exclusivamente se acham sabios e professores desse paiz, chamados para dirigirem o ensino.

«Dahi tem resultado uma viva procura de livros allemães, de modo que uma celebre firma commercial em Yedo, A. Ahrens & C.^a, foi levada a entrar em relações activas com o commercio livreiro, principalmente de Leipzig, e a dirigir-lhe uma circular neste sentido.

«E então? Podemos nós rir-nos dos dignos japonezes?

«Houvesse quem aconselhasse ao nosso governo para crear uma academia, sómente dirigida por sabios allemães, e vêr-se-ia que barulho!

«Se era possivel admittir-se um jurista mais profundo do que o Ribas, de S. Paulo, ou um medico mais sabido do que o Sodrésinho, da Bahia?... A paz do Senhor seja comvosco, espiritos idiotas...

«E quem tivesse, como eu já tive, a loucura de conceber e tentar realizar a idéa de uma sociedade de *propaganda germanica*, havia de regalar-se quando a quizesse levar a effeito».

Que traço de genio! que visão de pensador!
É' pena que Tobias Barreto não tivesse vi-

vido bastante para admirar as estrondosas victorias do Japão e seu ascendente no mundo.

Desventurado Brasil, que, illudido por gralhas palmeiras, não tomaste até hoje o conselho de teu verdadeiro amigo !

Vê qual é o teu estado e o do longinquo imperio oriental, que não metteu desordenadamente *immigrantes*, mas ingeriu idéas, doutrinas, saber, praticas uteis, que o disciplinaram para lutar e vencer...

Costuma-se dizer que se cura a mordedura do animal com seu proprio pello.

E' o que se póde imitar: repillamos as incursões de allemães e outros europeus quaesquer com os proprios processos, delles aprendidos e assimilados.

Para isto é, porém, indispensavel CARACTER...

Janeiro de 1906.

IX

REALIDADES E ILLUSÕES NO BRASIL

E' quasi impossivel fallar a homens que dançam.

Ebrios de prazer, alheios da realidade ambiente, eil-os que, envolvidos no vortice das fascinações de momento, se julgam no melhor dos mundos.

Só passada a ronda phantastica dessa embriaguez illusoria, é que param cansados dessoando desfallecimentos e pezadumes.

Dá-se com as nações, nomeadamente as meridionaes, imaginosas e facilmente inflammaveis, alguma cousa de analogo.

Teem seus dias perfidos transportes em que se deixam amollentar no seio de doiradas miragens de riquezas inesgotaveis, de progresso, de vida, de glorias nunca sonhadas.

Os governos,—sem róta certa e sem firmes ideaes, os governos, que não tem superior função nacional a cumprir, e cujo supremo esforço é apenas conservarem-se no poder, sa-

bem geitosamente preparar essas phantasmagorias, esses delirios de grandezas.

Estamos na epoca dos cinematographos e facil foi transportal-os para a alma do povo e para a região da politica.

O Brasil atravessa uma phase de illusionismo.

Fascinados por um optimismo, barato para quem o exerce e carissimo para quem o paga, eis que não prestamos o menor cuidado á deploravel miseria em que se debatem nove decimos da população.

Assás conhecido é esse optimismo á Pangloss, o mais terrivel veneno com que se dissolvem os povos, quando não se lhes chega com o indispensavel correctivo.

Com elle se deixaram embriagar os Gregos da decadencia, quando sophistas e rhetoricos os inebriavam de sonoras mentiras e roseas scenas de pura invenção.

Com elle se envenenaram os Romanos do Imperio no meio de festas, de espectaculos, de galas de todo o genero, nas arenas e nos circos, embasbacados diante do poderio inesgotavel dos monarchas divinos.

Panem et circenses...

Esses, diga-se entre parenthesis, ao menos davam, além da pagodeira, o pão... os dagora dão sómente a Avenida e os... *desfalques!*

Com tal optimismo de opereta afundou, em celebre e recente periodo da historia, o character francez.

O *can-can*, ao som da musica do *maestrino*, impelliu o baixo imperio de Napoleão III até o desastre de Sédan.

Portugal, até o velho Portugal, teve seus iri-

sados sonhos de *avenidas e* outras bonitezas em Lisboa. Tudo côr de rosa!...

Fontes Pereira de Mello iniciou as grandes obras; os empréstimos affluíram: *era o despertar de uma raça*, segundo a phrase consagrada, repetida agora no Brasil.

Mas, oh! crueldade dos factos economicos que se não deixam reger por musica!... venceram-se os prazos, os juros e as amortisações abriram as guelas, os credores estrangeiros, em grita, quizeram ter noticias de seu rico dinheiro...

Foi a famosa crise de 1892, tão habilmente descripta por Basilio Telles, o publicista emérito, crise que tantos males causou á veneravel nação portugueza.

Assás temos soffrido, no curso de nosso viver historico, dessa terrivel molestia, perpetuo estorvo ao nosso progresso verdadeiro.

Desde que Rocha Pitta decretou que estamos no *terreal paraíso descoberto, onde as estrellas são as mais benignas*, e Gonçalves Dias pontificou que em todo o mundo *nossas varzeaes teem mais flôres e nossos bosques mais vida e nossa vida mais amores*... julgamo-nos dispensados de trabalhar com ardor no intuito de preparar o povo para os grandes labores da vida social moderna.

Os mais empenhados, releva confessar, na conservação e alastramento desse estado de espirito nas populações nacionaes são os nossos pêcos e desnorteados governos, no claro desígnio de desarmar a critica.

A traça para o conseguirem é simplissima. Já a temos denunciado e insistiremos ainda. Faz-se uma selecção d'almas scepticas, sem ideal, in-

capazes de se bater por uma causa com sacrificio de seus commodos pessoaes. Esses typos a Offenbach, buffos perpetuos das idéas, temperamentos de pandegos, de pilhericos, de divertidos; esses pesquisadores de gozos, inventores de distracções, amolentadores do viver, teem por missão deitar a mascara do riso e levantar a tenda da alegria a retalho.

São os optimistas de officio, que transudam encantamentos em banquetes, fallando sempre de copo em punho.

Para elles tudo tem feições de festa e deve ser saudado em estylo de brinde: estamos no melhor dos mundos: não é preciso tentar nada, tudo vae em mar de rosas. Força, riqueza, bem estar, liberdade, cultura, sciencia, arte, litteratura, industria, commercio... tudo... tudo... como num sonho.

Julgado pelas suas obras, esse *haschih* do espirito é a peor fórma do pessimismo; é o *pessimismo ás avessas*: optimismo por fóra, dentro pessimismo envenenador.

Mata lentamente as nações, fascinando-as com falsidades, tirando-lhes a consciencia clara de seus grandes deveres, cortando-lhes os estímulos para as fortes ousadias.

Mil vezes o santo pessimismo que não é cego diante das torpezas do presente, que tem a coragem de estygmatisal-as, sonhando um futuro melhor. Este é o pessimismo organico e creador; é o *optimismo ás avessas*: pessimismo por fóra, dentro — optimismo renovador e salutarissimo.

Em toda a nossa historia de quatro seculos só o possuímos e conscientemente o praticamos durante vinte annos, de 1869 a 1889.

Fôram os tempos mais bellos, mais productivos, mais ousados de nosso viver nacional.

Havia, no começo da grande phase, festas tambem por toda parte, com o engodo de victorias nossas no Paraguay.

O povo, porém, estava exausto e envenenado por sophismas burguezes e bugiarias de politiquieiros. Pangloss, Arlequin, Pierrot e Polichinello estavam de mãos dadas e dirigiam a eterna contradança dos basbaques felizes...

O Imperio, o *immense colosso gigante* dos hymnos de encommenda, o formidavel Antheu distendido do Amazonas ao Prata, regido pelo mais sabio dos systemas... quem poderia com elle?!

A nação estava exausta, abatida, doente... a nação real, a que trabalha sem poltronas, papellorios e rhetoricas, a que paga e produz.

Surgiu um esforçado grupo desses eternamente malsinados de *pessimistas* pelos castens do poder.

Pozeram tudo em discussão: desvendaram-se todas as chagas, esvurmaram-se todas as mazellas, desinfectaram-se todas as mentiras: a mentira politica, a mentira eleitoral, a mentira pedagogica, a mentira social, a mentira religiosa, a mentira philosophica, a mentira litteraria...

Não fôram perdidos os esforços dos luctadores, dos excommungados *pessimistas*: conseguiram mudar o rumo á psychologia de certas classes e arrancaram dellas a libertação do ventre captivo, a emancipação geral dos escravos, a proclamação da Republica, a separação da egreja do estado, o ensino leigo, a inoculação, mais ou menos feliz, de varias idéas que nos avisinham mais do pensar e do viver moderno.

São esses os fructos do *maldito* pessimismo. Sem elle, sem a critica ousada e implacavel do estado social brasileiro, nada se teria podido conseguir.

Hoje as cousas estão mudadas; levantado o panno da scena, vê-se que estamos em plena farça, ou melhor, em perfeita tragi-comedia.

A explicação é facil.

Com a Republica, o que ainda restava de ardores do periodo transacto exauriu-se em revoltas, planejadas principalmente pelos adhe-sistas, com occulta manha de ficarem senhores absolutos do terreno.

Affeitos ao regimen da politica alimentaria, tinham fatalmente de bater-se para a continuação de seu genero de vida.

A concorrencia dos republicanos, a divisão dos gosos e propinas do poder com esse grupo de adventicios, antolhava-se como uma verdadeira lueta pelo pão.

Cinco ou seis revoltas gravissimas, entre as quaes avultam a da Armada, a do Rio Grande e a de Canudos, esgotaram em energia e dinheiro as forças do paiz.

Os primeiros governos civis assim o comprehenderam e, diante da penuria do Thesouro e das exigencias dos credores externos, chegaram a negociar a famosa moratoria, conhecida com o nome de *funding-loan*.

Houve um momento de repouso. Pangloss entrou a phantasiar; encorajado pelo capitalismo europeu, que só encontra no velho mundo emprego a 1 % ou 1 1/2 %₀, atirou-se de corpo e alma á novas especies de *encilhamentos*, que nos teem feito andar ás tontas. Vejamos se poderemos tomar pé no meio da confusão.

*

Dá-se no mundo hodierno o curioso phenomeno que approuve a europeus denominar — *americanisação dos povos*.

Se bem comprehendemos a cousa, quer-nos parecer que essa tão esconjurada americanisação consiste em dar certo predominio aos interesses reaes, economicos, industriaes, ao lado pratico e util da vida, em summa, sobre suppostas phantasias e nebulosidades idealisticas, que tanto teem desnortado a humanidade, desde a idade média.

O realismo de hoje tornou-se, desta arte, synonymo de *americanismo*.

Ha evidente sabor de menos-preço da parte dos decadentes e pobretões da Europa no epitheto com que chrismaram uma tendencia que é realidade e lhes mette inveja.

Nós brasileiros repetimos, em nossa ingenua ignorancia, esses esconjuros transatlanticos.

Estamos na santa illusão de que levamos em cultura á parede os anglo-americanos.

Ha para isto dois motivos principaes: desconhecemos a impossibilidade de existir uma grande technica industrial sem o indispensavel cultivo scientifico, por um lado, e não queremos, por outro lado, ter noticias do assombroso movimento espirital norte-americano em todos os ramos do saber e das lettras, nos quaes se contam nomes de fama universal.

E' ponto a ser ventilado noutra occasião.

Agora temos cousa melhor e mais curiosa.

Fazemos côro com os europeus contra a intitulado americanisação e inventamos, para nosso uso e gaudio, o que se poderia chamar

a *argentinição* desta terra. E' molestia algum tanto mais grave do que a dos Estados-Unidos. O americanismo, levado ao excesso, pôde ser um mal, sendo sempre, porém, a expressão da realidade: dá-se, porventura, demasiado valor á riqueza, mas esta existe de facto. Confere-se ao dinheiro e ás utilidades delle originadas excessivo apreço, mas existem ambos, dinheiro e utilidades, sem a menor sombra de duvida. Não é assim com a *argentinição*; nesta o illusionismo representa papel conspicio: finge-se possuir o que de facto se não possui, apregoam-se excellencias e maravilhas que entram largamente nos dominios da farça. A engrenagem é já agora conhecida e facil de ser descripta.

Toma-se, antes de mais nada, o ensinamento de Napoleão III, typo de monarcha bysantino em pleno seculo XIX: a força, o progresso, o poder, a opulencia de um povo andam indissolvelmente ligados a «boulevards» e «avenidas» na Capital.

Tem-se logo dupla vantagem: impossibilitam-se as barricadas e fascinam-se as massas com as fachadas deslumbrantes.

Inventam-se Haussmans; de prompto as «Palermos» e as «Centraes», surgem como por encanto.

Contraem-se empréstimos sobre empréstimos, manipulam-se cambios sobre cambios, multiplicam-se impostos e mais impostos, criam-se caixas de conversão, sonha-se com a quebra do padrão monetario, prêga-se a doutrina de que dividas de Estados não se pôdem cobrar *manu-militari*, e, para que tudo pareça realidade indiscutivel, mandam-se construir vasos de guerra nos estaleiros de além-mar — e convi-

dam-se publicistas e politicos de facil remoção para virem, como outr'ora as cantoras e actrizes de fama, deliciar-nos com as suas conferencias de dilettantes e os seus paradoxos de enfastiados.

O resto correrá por conta dos cofres do Theouro e das trompas da fama engrossadas e tonitroantes pelo mundo em fóra.

E eis o que se chama o *resurgimento duma raça*, a transformação dum povo.

Já houve, cremos, quem escrevesse do papel da loucura como factor social e, o que mais é, util e progressista. E é innegavel: muitos dos creadores de religiões, de metaphysicas, de sistemas, de theorias philosophicas e até scientificas, muitos dos inventores de machinismos, engrenagens e apparatus industriaes, tinham evidentes taras e estygmas de vesania.

Indispensavel é tambem descrever o papel da mentira na vida politica dos povos.

Tirada certa parte de illusão, mais ou menos passageira e productora de rapidas vantagens, pelo enthusiasmo e engodos produzidos nos que teem dinheiro e o pódem embarcar em aventuras, a obra da mentira esboroa-se facilmente.

E' que a mentira é sempre producto equivoco dum sentimento inferior, e a loucura anda muitas vezes entrelaçada á verdadeira genialidade.

*

Deixemo-nos de delongas e digamos as cousas como ellas são, demos os nomes *aux animaux de la cour*.

Os snrs. Rodrigues Alves e Affonso Penna são dois malfeitosores nacionaes, pela mão forte que dêram á caterva de desorientados e rabulejadores politicões que atiraram o Brasil na senda de phantasias e desatinos que nos vão custar carissimo em futuro muito proximo.

E ainda mais o são como energicos fautores desse desastrado systema de illusionismo que nos reduziu a uma pobre terra de duas vistas, um Janus caricato de duas faces: uma de miseria real e a outra de fingida e enganosa prosperidade.

Synthetisemos os factos positivos.

Levantaes a voz e apregoaes aos quatro ventos, oh! responsaveis pelas nossas desventuras, que tendes em vosso activo: os embellezamentos do Rio de Janeiro, o augmento das rendas publicas, o convenio de Taubaté, o plano do povoamento do sólo, os elogios de Doumer, Turot e Ferrero.

E' pouco, é muito pouco. Olhando-se de perto, reduz-se tudo a quasi nada.

*

Os afamados embellezamentos do Rio teem o seu reverso: ajudaram a montar os nossos compromissos estrangeiros a cerca de 120 milhões esterfinos, somma formidavel, e encalacraram o municipio sob o despotismo duma divida de que se não libertará em 150 ou 200 annos. Não é só. Reduzistes a cidade a um monstrengo, a uma especie de lanterna de duas côres, na phrase de chistoso escriptor, — uma para as largas ruas e outra para as travessas e

ruellas mais feias e lobregas que é dado imaginar.

Era, além disto, cêdo para o fausto de obras de luxo num paiz mergulhado em negra miseria, cheio de velhas aldeias e pequenas cidades de leproso estylo colonial.

Com as avultadissimas quantias gastas tinheis levantado no planalto a capital brasileira, a que sois obrigados pela Constituição da Republica.

Ainda ha mais.

Não tivestes tempo de olhar para um mappa, estudar as zonas productoras do paiz e vêr os escoadoiros fataes das riquezas dessas zonas.

Se o tivesses feito, haverieis notado quaes os portos de nossa costa destinados a largo desenvolvimento.

Cada um delles tem atraz de si vasta região productora, de que é e será cada vez a mais, a sahida natural.

Não é a nós que incumbe o dever de darvos lições; procurae inteirar-vos por vós mesmos. Mas vêde bem que a producção de todo S. Paulo, a que já se liga a de Goyaz, a do triangulo mineiro e se ligará em breve a de Matto Grosso, demanda o porto de Santos, destinado a extraordinario futuro. A da matta mineira, a de todo léste do grande Estado e a das regiões circumvisinhas do proprio Estado do Rio de Janeiro, com o desenvolvimento das estradas de ferro iniciadas, escorrerá fatalmente para a Victoria.

A nossa bella capital, sem reconcavo, encravada num pequeno e decadente Estado, que se estende em fórma de arco, geographicamente o mais desgracioso e desarticulado de todo

Brasil, comprimido pelos dois collossos de S. Paulo e Minas e pelo ferassissimo Espirito Santo, a nossa capital, desprotegida duma vasta zona agricola que lhe guarde, por assim dizer, as costas, encurralada na satrapia devastada pelas correrias do snr. Nilo Pessanha, ficará méra cidade official, especie de medalhão decorativo para gaudio de basbaques.

*

Valeria a pena tanto sacrificio ?

Vamos adiante. Fallaes no augmento da receita publica. E' realmente coragem. E' achincalhar do pobre povo, depois de exauril-o.

Rendas avultadas, fartas columnas nas receitas do Estado nunca fôram, entre gente que enxerga e sabe das cousas, prova de prosperidade geral; representam apenas o producto criminoso, não raro salpicado de sangue, das extorsões do fisco.

E' exactamente o caso deste desventurado povo brasileiro, rôto e cambaleante, exaurido pelos tentaculos de impostos e tributos de toda a casta.

Impostos municipaes, impostos estadauaes, impostos federaes, impostos de consumo, impostos de industria, impostos de profissões, impostos de entradas e sahidas, impostos de importação, impostos de exportação, impostos das obras do porto, impostos em ouro, impostos de sobre-taxa em arroba de café, impostos de sêllos de cartas e estampilhas, de papeis forenses, impostos directos e impostos indirectos, impostos de producção, impostos sobre a renda, impostos prediaes e territoriaes, não fallando

em pennas dagua, laudemios, decimas urbanas e cincoenta modalidades mais, sugam a vida dos tristes brasileiros, para arredondar as sommas com que os felizardos da politica alimentaria se aprumam para passear os seus tédios e cuspir na gente as suas arrogancias.

Publicistas sabedores e perfeitamente informados teem já feito essas contas e demonstrado a inanidade dellas, como attestado de riqueza.

Não é só, e este ponto deveria fazer empallidecer os algozes, se elles quizessem ter um pouco de respeito á nação brasileira: os proprios valores da importação e exportação nacionaes são verdadeiros sophismas, como prova de progresso e riqueza, porque delles é indispensavel abater a avalanche dos impostos, especialmente os em ouro, as differenças de cambios, os juros e amortisações no estrangeiro, e outras corvéas que demasiado os reduzem.

Tomem senso os nossos senhores e não zombem connosco, depois de nos haver esfolado.

Adiante.

*

Lembraes o convenio de Taubaté, que levou gente ao governo, fez ministros e vice-presidentes da Republica...

Verdadeiro parto de insania politica e economica; crime que noutra terra seria punido com severidade, o famoso convenio é simplesmente a maior vergonha de toda a nossa historia economica, mesmo distendendo-a até os inicios do povo, em pleno seculo XVI.

Em verdade, planejar um *trust* sem ter dinheiro, sem possuir os capitaes indispensaveis

para o garantir; engendrar um *trust*, não de productores ou de consumidores, senão um *trust* official; ajustal-o entre tres das nossas ex-provincias, que teem interesses divergentes, sem ao menos accordar esses interesses; ir pedir dinheiro de rastros justamente, exactamente a estrangeiros, naturaes adversarios do plano, e que, nelle entrados, o manipulariam a seu geito e para seu lucro; levar onze mezes a discutir ás escancaras a medida, dando tempo á reacção lá fóra, quando estas cousas devem ser armadas em segredo e explodir já feitas; iniciar um dos Estados contractantes as operações antes dos outros e quando estes não estavam ainda preparados; lançar uma sobre-taxa num genero depreciado, o que vale dizer — sangrar ainda mais o productur já desgraçado: metter nessa gigajoga um politico sem escrupulos, que mais tarde veiu aconselhar a uma assembléa, feita por elle que não obedecesse áquillo mesmo que tinha ajudado a crear... não encontra qualificativo em penna de publicistas serios.

O monstruoso convenio tinha de morrer como havia começado, envergonhando-nos perante o mundo!...

Para o arrumar andaram a pedir 15 milhões esterlinos que se fóram a pouco e pouco encurtando e reduziram-se a metade.

Para o arrimar, andaram a esmolar com o endosso da União (*Proh! pudor!*) quatro ou cinco milhões que os capitalistas mundiaes negaram em toda linha e Rothchild vae fornecendo aos poucos, por honra da firma...

Tomar emprestadas sommas desse valor, pura e simplesmente para pagar armazenagens e encobrir um monstruoso desastre economico!...

Viva a sabedoria de Nilo Peçanha e da maravilhosa congerie que nos governa!

Restam o povoamento do solo e a pandega de Doumer, Turot e Ferrero.

O plano de povoar o solo nacional a golpes de decretos, pelo systema de papelorio, com a criação de repartições e secretarias, a publicação de calhamaços, pondo-nos nas nuvens, é mera criancice.

A attracção de immigrants é uma cousa mais simples e fundamentalmente mais organica: é a certeza de encontrar criterio nos governos, certeza de achar garantias nas justiças locais, tendencias de progresso, com seguranças reaes para o trabalho.

E' isto em primeiro logar.

Depois seguem-se: mercados certos e meios de transportes bons, baratos, rapidos.

Tudo mais é gosto de fazer de millionario, pondo dinheiro fóra.

Resta, para desfiar o *haver* de nossos senhores, contar as perolas dos elogios de nossos grandes admiradores: Turot, Doumer e Ferrero.

Porque não se hão de juntar as de Coquelin, da divina Duse, e quem sabe se não tambem as da Réjane?

Deixemo-nos de exclusivismos.

Desde mais de um seculo o Brasil tem sido visitado por excelsas notabilidades e sabios de primeira ordem.

Excluindo um pequeno numero contractados pelo Estado para o magisterio ou a direcção de serviços especiaes, um Liais, um Couty, um Gorceix, um Hartt, um Derby, um Branner, um Gœldi, os outros vieram á sua custa, a espensas

de seus governos ou de sociedades scientificas poderosas.

Quasi todos elles percorreram em varios sentidos este bello Brasil e escreveram sobre nossos homens e cousas livros inestimaveis.

E' o caso dum Eschwege, um Martius, um Saint Hilaire, um Castelneau, um Max Neuwid, um de Gobineau, um Steinen, um Ehrenreich, um Dranmor (Ferd. Schmidt) e outros e outros.

Alguns fixaram cá residencia e eram dos mais conspicuos — um Lund, um Fritz Müller, um Carlos Kornis de Totvarad.

Diversos fôram, largos annos, educadores da mocidade: um Planitz, um Julius Franck, um Tautphoeus...

Desinteressados, todos esses scientists e homens de letras são crêdores de nossas sympathias, uns por seus livros, outros por suas lições, estes por seus serviços, aquelles por seus exemplos.

Estava reservado aos nossos governos actuaes, o deslize num verdadeiro *conto do vi-gario*, gastando para cima de quinhentos mil francos para facilitar os negocios dos snrs. Turot e Doumer e regalar a litteratada da terra com as phantasias historicas do snr. Ferrero.

Este ultimo, sobretudo, foi um pessimo fermento de leveza espirital para intelligencias pouco firmes.

E' daquelles que cultivam, com peculiar esmero, certo genero de falsa originalidade, consistente em dizer systematicamente o inverso do que os outros affirmam.

A genuina originalidade vem a ser o poder de descobrir, dentro das raias do verdadeiro, aspectos novos das cousas.

O brinquedo infantil, o jogo de espirito de vêr preto o que os outros acham branco e branco o que aos demais se antolha preto, é sovado systema de illusionismo, proprio para enganar a incultos e ingenuos.

Nietzsche, que aliáz possuia alguns dotes de alta monta, sacrificou, sem duvida, por seu constante estado morbido, assáz a esse convencionalismo do pensamento. Mas sempre por fórma diversa do snr. Ferrero.

Este tomou o systema divergente ao do outro.

O famoso germanico entendeu de macular ou denegrir muitos dos homens e factos que teem recebido no correr dos seculos a veneração das gerações: Socrates, Platão, o Christo, a moral, a religião, o dever, ao lado de Newton, Kant, Schopenhauer, Darwin, Wagner, Sand... receberam delle affrontosos epithetos que é escusado repetir.

Ferrero dança por outro compasso e canta noutra toada.

Toda a gente apostava haver sido Cleopatra uma bella mulher, tendo, talvez, um levissimo desprimor no nariz, bonita *ragazza* por quem se apaixonaram Julio Cezar e Marco Antonio.

Pois está tudo errado: Cleopatra não passava de uma *mulata* feia...

Todo mundo affirmava o desaso de Antonio, sacrificando o poder, o mando em Roma a um desvairamento sensual. Qual nada: tudo não passou de frio calculo dum politico atilado ao serviço da idéa de organisar um imperio no Oriente.

Geralmente se suppunha haver sido Julia uma leviana hetaira, condemnada pelo proprio pae...

Puro engano: Julia era apenas um fervente espirito *art nouveau*, uma elegante e innocente sacerdotisa do genio progressivo na antiga Roma. Aggripina passava por uma impudente incestuosa.

Que injustiça de Tacito, malsinando um poderoso agente do espirito tradicional! Aggripina foi severissima patriota da velha rocha.

Tiberio, o truculento despota, era tão sómente um esforçado representante da mesma corrente tradicionalista.

Nero, o monstro repulsivo, não passa dum elegante e mansueto idealista, imbuído de hellenismo, vaporizado de arte e encantamentos congeneres.

Augusto, especie de afortunado D. Manoel romano, que viveu dos esforços de Julio Cezar, como o outrò se aproveitou dos de D. João II, passou a ser um profundo financeiro, ao gosto de Colbert, Turgot e outros de igual estofo...

A corrupção romana, o esphacelamento completo da velha intuição politheista e da respectiva moral, que havia de cahir aos pedaços, para dar logar a novos ideaes, não era corrupção... Era cultura, elegancia e bom gosto.

Ora, louvado seja Deus!

Para ouvir cousas dessas era escusado pagar 5 mil francos de cada assentada.

Pois esse moço, envolto na auréola de pensador, dentre os innumerados problemas scientificos, philosophicos, politicos, economicos, sociaes, sobretudo sociaes, que interessam o mundo, especialmente os paizes novos, não quiz ou não soube eleger alguns com que nos illustrasse e preferiu fazer a apologia de Nero e Aggripina...

Era indispensavel, porém, não perder o ensejo de uma *argentinisacão* que nos passava pela porta.

O prodigio havia de ir ao Prata e não parar no Rio de Janeiro ?

*

Claro é que o *Haver* dessa gente, que nos felicita no poder, se reduz a bem pouco.

A analyse do *Deve*. é que irá revelar verdadeiras maravilhas...

Esperemos.

Dezembro de 1907.

X

A ESCOLA DE LE PLAY NO BRASIL ¹

(Carta ao Ill.^{mo} Snr. Dr. José Oiticica)

Grande satisfação tive com o recebimento de sua carta, na qual me suggere a idéa de encarregar-me da descripção de Sergipe, minha patria, pelo methodo da doutrina de Le Play.

O estudo suggerido teria o intuito de contribuir para a *Enquête sociale*, aberta pela revista *La Science Sociale*, em o seu n.º de janeiro deste anno.

Se é verdade, porém, que causa prazer vêr que o meu nobre patricio se vae deixando influir pelas idéas da severa escola, de que sou adepto fervoroso, não menos verdade é que o distincto confrade ainda, ao que parece, não está assaz inteirado das doutrinas, dos processos, dos methodos da escola e da valorosa litteratura, já existente, por ella inspirada.

1 Não esquecer o que já foi dito em nota a uma das paginas anteriores. Desta escola não aceito as idéas catholicas dum ou doutro de seus membros. Sigo os processos, as idéas economicas, sociaes e politicas.

A *enquête* projectada versa sobre a *circumscription regional elementar*, que os francezes chamam *le Pays*, e nós poderemos chamar a *região*, a *zona local*.

«*La Science Sociale*, doutrina Ed. Demolins, no citado fasciculo da revista de janeiro, em que vêem as bases do inquerito, *La Science Sociale* designe, sous le nom de *Pays*, de petites circonscriptions régionales presentant des caracteres communs et des conditions de vie uniformes, déterminés par la nature du *Lieu* et du *Travail* et parfois aussi par les origines de la population. Ces *Pays* forment partout les subdivisions naturelles de la *Contrée* ou de la *Province*».

Ora, o novo processo applicado a Sergipe, que não é um *Pays*, senão uma *Provincia*, ou *Estado*, como hoje se chama, sendo, portanto, uma reunião de vinte ou trinta *pays*, na acção franceza, levar-me-ia, ainda que procedesse por grandes divisões, a dez ou doze *zonas* ou *regiões* diversas, todas merecedoras de estudos separados e difficilimos, attentas certas condições locaes.

As mais notaveis seriam: ribeira do S. Francisco, terra principalmente do *arroz* e da *pesca*; valle do Japarutuba, dando este logar a varias subdivisões, terra principalmente da *canna de assucar*; Itabaiana, região de antigas, famosas mattas, hoje quasi extinctas, terra do *algodão* e da *mandioca* preponderantemente; o Palmar e zona do noroeste da provincia, onde a *criação do gado* predomina; Lagarto, zona variadissima que, em pequeno circuito, offerece ao trabalho — *algodão*, *mandioca*, *tabaco*, *criação de gados* e *canna de assucar*; Itabaiantina, ta-

baco, gados, mandioca; Campos, *mutatis mutandis*, nas mesmas condições; Estancia — *canna de assucar, algodão, mandioca, cereaes*, existentes, aliaz, tambem em todas as outras zonas; Cotinguiba — *canna, sal, pesca*; Vasa Barris, na região de Itaporanga e S. Christovão, — *canna, sal, pesca*, como na região antecedente, mas com modalidades dignas de apreço; Simão Dias e Coité — *gado, algodão, café*.

Claro é que não basta ter nascido em Sergipe para se fazer com rigor e verdade qualquer das monographias que essas varias zonas exigem, maxime quando se deixou a terra natal ha mais de trinta annos.

Já se vê, que me refiro a estudos rigorosamente scientificos, como alguns que teem apparecido nas paginas de *La Science Sociale*.

Suppôr o contrario é andar alheio á disciplina e á severidade de methodo da escola.

E é o caso geral no Brasil.

Por muito mais de vinte annos a doutrina floresceu, produzindo os trabalhos mais bellos e profundos, sem que lhe prestassem, entre nós, a mais leve attenção.

Foi preciso que Ed. Demolins escrevesse o seu vibrante livro — *A' quoi tient la supériorité des Anglo-saxons?* para que os nossos descuidosos lhe dessem escassos ouvidos. Mas o tomaram, evidentemente, por uma especie de *touriste*, que tivesse estado na Inglaterra e houvesse alli encontrado algumas cousas dignas de ser imitadas.

Não quizeram vêr que atraz de tudo aquillo estava toda uma doutrina que importava conhecer. Mais tarde o mesmo preclaro Ed. Demolins escreveu o bello volume *L'Éducation*

Nouvelle (L'École des Roches) e, desta vez, muitos dos que entre nós vivem de se entreter com as cousas do ensino, que é um ramo de negocios como qualquer outro, vieram a pensar que podiam contar com mais um *pedagogo*, a ser imitado superficialmente, como é habito fazer com muitos outros que a Europa nos exporta. O grande discipulo de Le Play passou a ser considerado um *pedagogo*, addicionado a um *touriste*.

Era e é a crença geral.

Não se quiz vêr que o novo processo de educação é a consequencia de uma especial doutrina de philosophia e de sciencia social e tem apenas por fim arrancar ás gentes francezas, e, com ellas, as hespanholas, italianas, portuguezas, latino-americanas e outras congeneres — de sua detestavel *formação communaria* e fazel-as adquirir o caracter dos povos de *formação particularista*. Não se quiz vêr, repito, que a *nova educação* não passa da applicação de uma doutrina, que é indispensavel conhecer.

O meu caro confrade, desculpe a franqueza indispensavel entre homens serios, já pelos annuncios de seu *Collegio Latino-Americano*, já pela carta que dirigiu ao illustre Ed. Demolins, inserta na Revista do n.º de setembro do anno passado, ¹ vê-se claro que laborava ainda no erro geral, corrente no Brasil.

O nos-o grande mestre, com sua natural perspicacia, foi dos primeiros a reconhecerel-o, tanto que na resposta que lhe dirigiu não perdeu o ensejo de dizer-lhe que a *nova educação* é

um resultado da Sciencia Social, sem a qual perde seu caracter original: — «Je vous engage à faire partie de notre Société de Science Sociale et à recevoir, à ce titre, notre Revue mensuelle — La Science Sociale, afin de vous tenir au courant de nos travaux. Vous savez en effet que l'École des Roches est un produit de la Science Sociale et qu'elle est soutenue par elle. Si nous perdions cette base le caractère original de notre École disparaîtrait peu à peu».

Entretanto, desde principios de 1904 tinha eu, no prefacio das *Questões Economicas Nacionaes*, de Arthur Guimarães, dado ampla exposição das doutrinas basicas da nova escola, doutrinas nos annos anteriores por mim communicadas a esse eminente discipulo que as aceitou e nas quaes se inspira hoje.

Disso é testemunha o alludido volume das *Questões Economicas Nacionaes*.

No citado prefacio annuncio o livro, que ando a escrever, sob o titulo de *O Brasil Social à luz das idéas e do methodo de Le Play*.

A revista, órgão da grande escola, em seu n.º de dezembro de 1904, traz circumstanciada noticia do facto, conhecido pelos nossos socios. Em todos os meus novos escriptos, em jornaes, revistas, folhetos ou livros, venho sempre insistindo na grande doutrina. Disso são exemplo, além d'*A Patria Portuguesa* (analyse do livro de igual titulo de Th. Braga) e d'*America Latina* (analyse do livro do mesmo titulo de M. Bomfim), os *Outros Estudos de Litteratura Contemporanea* e *O Allemanismo no Sul do Brasil*, que tenho o prazer de lhe enviar conjunctamente com as *Questões Economicas*, de Arthur Guimarães,

Quando, pois, foi feita a sua apresentação para membro da *Sociedade Internacional de Sciencia Social*, como consta do n.º da Revista de fevereiro recente, já havia dois annos que eu e meu discipulo Arthur Guimarães estavamos em relação com o preclaro Ed. Demolins e tinhamos constituido no Rio de Janeiro um grupo, em cujo numero temos hoje o prazer de o contar.

Releva apenas ponderar que antes do Grupo do Rio, existia o de S. Paulo, sob a direcção do Dr. Silveira Cintra.

Não me consta, porém, que este distincto cavalheiro ou qualquer de seus collegas tenha dado a lume escriptos ácerca das doutrinas da escola.

Creio que não existem, salvo erro da minha parte.

Julguei de meu dever fazer-lhe as confissões que ahi ficam; porque neste paiz, onde é costume inveterado desprezar os esforços dos que estudam e trabalham, confissões taes são indispensaveis.

Pelo que toca á *enquête*, digo-lhe em conclusão, que, abarbado como ando com o *Brasil Social*, não poderei concorrer para ella por modo directo.

Limitar-me-hei a enviar á Sociedade um *esboço de classificação das zonas sociaes do Brasil*.

XI

AS ZONAS SOCIAES E A SITUAÇÃO DO POVO

(Trecho duma carta a M. Ed. Demollins)

.....

Póde-se dizer que o Brasil contém as seguintes zonas geographicas, perfeitamente caracterizadas, que são sédes de outras tantas *zonas sociaes*, attendendo-se á *natureza do trabalho* a que dão origem:

1.^a O planalto da Guyana no alto norte dos Estados do Amazonas e do Pará, especialmente na região em que corre o rio Branco. E' zona de *criação de gados*, industria, porém, incipiente, quasi toda por conta do governo federal, tudo desorganizado e mal dirigido.

2.^a As terras mais baixas, que immediatamente se seguem e vão a entestar com a margem norte do rio Amazonas. E' região de matas e da *cueillette* de productos espontaneos da natureza: *borracha, castanha, salsaparrilha, copahiba, cravo, piassava, urucú*, etc. A familia ali nas classes populares é assaz desorganizada, havendo quasi inteira promiscuidade em mais de um sitio.

Existe uma pequena lavoura rudimentar, em

alguns pontos, de *cacau*, *mandioca*, *canna de assucar e tabaco*. Os dois primeiros daquelles productos são quasi de simples *cueillette*.

3.^a As terras marginaes do norte e sul do grande rio, comprehendendo tambem a parte inferior do curso de seus affluentes.

E' o valle do Amazonas no seu sentido mais estricto. E' região de *pesca fluvial*. Os que se occupam nella estão no gráu mais inferior das gentes que vivem dessa especie de industria.

4.^a A zona das mattas da região occidental onde se acham os cursos dos rios Madeira, Purús, Acre, Juruá, constituindo o nucleo principal do territorio do Acre, que com toda razão aspira organizar-se em Estado.

E' tambem região da *borracha* e industrias extractivas congeneres.

5.^a O planalto central-norte, comprehendido entre o Madeira, o Tocantins e o divisor das aguas do systema fluvial sul-americano. E' zona ainda quasi completamente inaproveitada.

Contém bons campos para a criação de gados.

6.^a O planalto do interior desde o divisor das aguas até á região serrana do Rio Grande do Sul.

Contém diversas variedades de terras e de culturas, como sejam: campos de criar, terras de mineração, terras de lavoura de café, tabaco, etc.

Deve esta immensa região ser dividida pelo menos em quatro zonas differentes: a dos *campos de criar* do norte de Minas, Goyaz e terras altas de Matto Grosso; a de *mineração*, um pouco espalhada por esses tres Estados; a do *café*, principalmente no sul de Minas, S. Paulo,

terras altas do Rio de Janeiro; a de *criação* de *gados* em Paraná e Santa Catharina.

Por toda essa immensa região o typo da familia é instavel, por causa da transmissão parcellada das heranças, o que equivale dizer por causa de imposições retrogradadas da legislação.

7.^a A região dos valles dos rios Paraguay e Guaporé, comprehendendo as terras baixas e médias de Matto Grosso. Predominam ahí a *cueillette* da herva-matte, alguma mineração e criação de *gados* em campos intercalados nas terras médias.

8.^a Região entre os rios Gurupy e o Parnahyba, comprehendendo o Estado do Maranhão e terras proximas. *Arroz* nos terrenos mais baixos. *canna de assucar* na região das mattas e alguma *criação de gado*, nos sertões de oeste.

9.^a Os sertões do norte, denominados — os *Cariris* — na sua região central, limitados pelo citado Parnahyba ao norte e o Itapicurú ou melhor o Paraguassú no Estado da Bahia. E' uma faixa de terreno que fica ao leste do Brasil, entre os dois rios citados que lhes fórmam os limites de norte e sul, a região das mattas que se prolongam através da costa maritima pelo lado oriental e o alto planalto do interior pelo lado occidental. E' a classica zona das secas que a flagellam periodicamente.

Criação de *gados*, sujeita porém a grandes perdas nos periodos de seccas, cereaes nas regiões mais frescas á beira de serras, etc., são as industrias e o regimen do trabalho.

10.^a As terras da costa maritima, comprehendendo a citada faixa de mattas, desde o Ma-

ranhão até o Espirito Santo. E' a famosa região dos *engenhos de assucar*.

As melhores familias constituiram a patronagem natural das populações; mas a sua riqueza, que repousava no braço escravo, está quasi de todo aniquilada, por causa da *extincção da escravidão* e da *concurrência da beterraba* nos mercados mundiaes.

Ahi nesta zona em sitios adequados se cultiva tambem a *mandioca*, o *tabaco* e *cereaes*.

11.^a A região da costa do Espirito Santo ao Rio Grande do Sul. E' faixa estreita, por causa da approximação da Serra do Mar.

Arroz, *mandioca*, *cereaes* em pontos varios.

12.^a As terras que fórman a descida do planalto para o lado do rio Paraná onde se acha o celebre territorio das *Missões*. E' zona de matta inproveitada em grande parte, mas se faz alli alguma extracção da *herva-matte* em varios sitios.

13.^a Os campos, pampas e cochilhas do Rio Grande do Sul: é a zona extrema do Brasil.

A criação de gados por um systema que lembra em parte a das *steppes* pobres d'Asia e Africa, produz alli um typo social, que tem affinidades com os daquellas zonas.

Recapitulando, posso dizer que existem as seguintes *zonas sociaes* mais notaveis no Brasil: região do *gado* no alto norte; região da *borrachá* no valle do Amazonas; região da *pesca fluvial* nesse grande rio e seus affluentes; região do *gado* nos sertões seccos do norte; região do *gado* nos campos e tableiros de Minas, Goyaz e Matto Grosso; região do *assucar* na chamada zona da matta, desde o Maranhão até o norte do Estado do Rio de Janeiro; (faxas interme-

dias desta região existem proprias para o *algodão*, o *fumo*, a *banana*); região da *mineração* em Minas, Goyaz e Matto Grosso; região do *matte* nas mattas do Paraná e Santa Catharina e parte de Matto Grosso; região do *gado* no planalto destes dois ultimos Estados; região dos *cereaes* na zona serrana de Santa Catharina e Rio Grande do Sul; região do *gado* nos campos deste ultimo Estado.

Pela simples inspecção deste quadro, bem vêdes, caro mestre, que no Brasil o trabalho, como base social, é cheio de grandes lacunas. Predominam os productos de méra *cueillette*, já de plantas puramente extractivas, já de fructos arborescentes, etc. A propria cultura do café é algum tanto analoga á da castanha e das nozes na Europa; pois que, uma vez plantada, a arvore vive de vinte e cinco a trinta annos dando bons resultados, quasi sem esforço da parte do homem.

A cultura mais difficil da canna de assucar repousou durante mui perto de quatro seculos no braço escravo. Os engenhos eram grosseiras explorações de caracter commercial, como as fazendas que ainda hoje os portuguezes mantem na Africa. Logo que cessou o braço escravo, a producção do assucar se alterou consideravelmente com as despezas accrescidas, etc.

Quando o assucar da beterraba começou a innundar os mercados do mundo, a cultura da canna no Brasil entrou em crise franca.

Os trabalhos da mineração prosperaram algum tanto no regimen colonial com o braço escravo e quando os minereos estavam á flôr da terra.

Logo que fôram precisas obras d'arte, diffi-

cultosas e caras, a mineração cessou quasi por completo, existindo apenas hoje algumas companhias inglezas, com capitaes desta origem.

E' esta a base economica que justifica as conclusões a que cheguei a respeito do estado actual do povo brasileiro, conclusões que passo a deduzir.

O povo brasileiro, considerado em seu conjuncto, offerece o espectáculo *d'une société à formation communautaire ébranlée*. A velha familia portugueza, que de *patriarcale-absolutiste* — já se tinha transformado em verdadeira familia *patriarcale désorganisée*, em consequencia da quasi geral *transmissão parcellada das heranças e dominios*, ainda mais se tem desorganizado no Brasil, chegando ao ponto de *verdadeira familia instavel*, sob o influxo, cada vez mais rigoroso, do alludido systema de transmissão hereditaria parcellada e da desorganização crescente do trabalho com a *xtincção da escravidão e inexistencia de colonisação geral systematisada, nacional e estrangeira*.

O trabalho, desde os começos do povoamento no seculo XVI, teve, como sabeis, a base falsa da escravidão, pretendendo o portuguez forçar dois povos que desconheciam por completo a cultura (*Indios e Negros*) a serem agricultores, quando elle portuguez não o era tambem em rigor, por não ter passado verdadeiramente da *cueillette* de fructos aborescentes, hortaliças, alguns cereaes e da leve cultura da *vinha*. A verdade é que nem o colono portuguez nem os seus escravos, indios e negros, estavam preparados para os duros trabalhos da cultura americana. A emancipação rapida perturbou ainda mais tudo isto.

Com semelhante base de *familia* e de *trabalho* —, o regimen *communario abalado* ou de *Estado* domina d'alto a baixo em toda a nação, de norte a sul, de léste a oéste. A familia aqui se poderia chamar *patriarchal desorganizada* em os tempos coloniaes.

Hoje tem os caracteres da familia completamente *instavel*.

Perdeu todas as vantagens do regimen *patriarchal*, ao contacto do negro e do indio, que não tinha familia, e mais com o systema da escravidão como base do trabalho, e mais com o modo parcellado da transmissão hereditaria e mais, finalmente, com a quéda subita da falsa base do alludido trabalho escravo.

Perdeu todas as vantagens do regimen *patriarchal*, repito, sem ter até agora obtido as do regimen de *formação particularista*, a que não chegará senão ou por uma assimilação habil de elementos provindos das raças particularistas, ou por um systema de educação severissima d'alto a baixo, como esse que preconisaes em *La Nouvelle Éducation*. Nós os brasileiros soffremos em larga escala de todos os achaques dos povos *communarios* de Estado que vós tendes descripto tão acuradamente em vossas obras.

Nós os brasileiros do extremo norte ao extremo sul, desde as fronteiras das Guyanas e de Venezuela e Columbia até os limites com o Estado Oriental do Uruguay, formamos, em rigor, uma collecção de verdadeiros *clans* de especies varias, nos quaes o individuo não posue a mais leve sombra de iniciativa e espirito organicamente emprehendedor.

As tendencias *communarias* dos povos que

nos formaram, aggravaram-se consideravelmente na estrutura na nova sociedade.

Póde-se até dizer que algumas boas qualidades de que eram portadores os colonos europeus se dissolveram ao contacto d'índios e negros e do novo meio tropical, que obraram como uma especie de reagente chimico de indole destruidora.

As gentes brasileiras por toda a vastidão do interior do paiz, e até nas proprias cidades nas camadas populares, vivem de ordinario todas em torno dum *chefe*, dum *patrão*, dum *protector*, dum *guia*: todos tem o seu *homem*.

Os *fazendeiros*, quer nas fazendas de café quer nas de criação de gados. os *senhores de engenho*, os *chefes de partido*, as *influencias locais*. os *negociantes* abastados das villas e cidades, em varios pontos os *vigarios* das freguezias, os *juizes de direito*, os *advogados* de renome, os *medicos* espertos, todos, todos esses e muitos mais são como chefes de grupos, de *clans*, em torno dos quaes vivem as populações por esse Brasil em fóra.

A politica nos Estados gira em torno dum chefe, um *oligarcha*; na União em torno dum *mandão geral*, o guia e senhor do *bloco*... Neste facto se prendem muitos phenomenos sociaes, como o de *familias* inteiras que nos centros se bateram sempre até ao exterminio, e o apparecimento repetido de *bandidos*, chefes de grupos nomades, que devastam o interior do paiz.

Os trabalhos da cultura agricola, da criação, da mineração, das industrias, da navegação são muito pouco desenvolvidos.

A maior parte da população brasileira mou-

reja desequilibrada e consumida por um accentuado pauperismo.

Um terço, senão menos, trabalha mal para alimentar os outros dois terços.

O recurso geral é a politica, sob todos os aspectos grosseiros de que se costuma revestir, a verdadeira *politique alimentaire*, tão cruamente descripta pela escola social de Le Play e seus eminentes discipulos. Os partidos, as associações ou agrupamentos quaesquer nas freguezias, nos municipios, nas comarcas, nas provincias, hoje Estados, na União, todas as instituições, todos os cargos publicos, em numero incalculavel, não tem outro destino, não tem outra função: seu fim é fornecer *meios de vida* a uma clientela infinita. O Estado não tem por fim proprio a manutenção da ordem, a garantia da justiça, ou, se quizerem, a ajuda de certos empreendimentos elevados; seu papel preponderante, e quasi exclusivo, é alimentar a mór parte da população á custa dos poucos que trabalham e isso por todos os meios, como sejam as malhas dum funcionalismo innumeravel.

Quando não são os empregos directos nas repartições publicas, muitos delles inuteis, são as commissões para os influentes, as pensões, as gratificações sob titulos varios, as obras publicas de toda a casta e milhares de outras *propinas*.

Nestas condições, não é de estranhar que a *politica* preocupe muito os brasileiros, mas é a politica que consiste em fazer *eleições* para vêr quem vae acima e ficará em condições de fazer favores.

O grau de corrupção e abastardamento a

que chegaram os costumes eleitoraes não é susceptível de descripção por penna d'homem.

O geral do povo detesta a vida do campo, e, mesmo no interior, accumula-se nas povoações:— cidades, villas, aldeias, arraiaes, etc. E' á cata do chefe para o arrimo. á cata do emprego publico, do arranjo politico sob qualquer fórma.

A propensão que tem os moços para se graduarem, para receberem titulos academicos é notoria. E' para seguirem a vida das cidades nas profissões liberaes, no jornalismo, na litteratura, nos empregos da administração.

Nas classes inferiores os que não conseguem arranjo nos empregos compatíveis com sua falta de cultura, ou nas obras publicas, tem um derivativo nas fileiras do exercito que se recruta pelo voluntariado, ou nos corpos policiaes e milicias urbanas que são numerosos na capital e nos Estados.

E' esse o retrato social dos brasileiros de hoje em traços rapidos.

A comprovação completa resultará do estudo meudo de todas as regiões do paiz.

Maio de 1906.

XII

QUE É UM CAIPIRA?

(Carta ao Dr. José Piza)

— Pediu-me v. instantemente que lhe desse a minha opinião sobre o que seja entre nós — o caipira, com o pretexto de precisar della para exhibil-a em publico, em conferencia ácerca do assumpto.

Antes de mais nada, não atino com o fim, nem lhe gabo o gosto, de misturar com seus dizeres pilhericos, com seu prosear chistoso, as rudezas de minha phrase de escriptor provinciano, impenitente sectario da Escola do Recife, incorrigivel no traje, nas maneiras e nas idéas.

Só se é porque me considera assaz *caipira*, bastante *tabaréo* e, portanto, no caso de, pelo simples contraste, mostrar aos seus ouvintes, ao vivo, o que vem a ser um *tabaréo* ou *caipira*...

Como quer que seja, tenho serios receios de pôr em contacto com o *atticismo fluminense*, esse atticismo que faria inveja ao da propria Athenas, a minha palavra selvagem, mesmo filtrada atravez de seus labios de eximio *diseur*.

Você, estava quasi a escrever — *vancê*... manda e não péde, e por isso, lá vae obra,

Tem alguns pretendido que os *caipiras*, *tabaréos*, *matutos*, *capichabas*, nomes varios da mesma casta de gente, conforme as provincias, sejam os habitantes das zonas do *interior* do nosso paiz. Pura e simplesmente os habitantes do centro. Isto sem mais nada.

Ora, a inexactidão deste conceito salta aos olhos. Ninguem, em bom juizo, salvo em polemicas irritadas, cahirá no desconcerto de chamar — *matuto*, *tabaréo* ou *caipira* a um cidadão da culta Paulicéa, de Ouro Preto, de Bello Horizonte, de Juiz de Fóra, de Campinas ou de Curitiba...

Entretanto, não erraria quem tal denominação dèsse a certos habitadores allí das cercanias de Irajá, Inhauma, Macacú, Mauá ou Santa-Cruz.

Já vê, meu caro Piza, que o criterio é bem outro.

Quizeram varios definidores achar o caipira no representante das nossas raças cruzadas quando esse representante habita os sertões. Creio que era, entre outros, a opinião de Couto de Magalhães, o homem que mais viajou o interior do immenso Brasil.

E' evidente, ainda neste caso, o engano. Vão lá chamar *caipiras* ou *tabaréos* aos *jovens morenos* (é como hoje se designam em geral os mestiços) de Theresina, de Paracatú, de Caxias, do Crato, de Diamantina, ou da cidade de Goyaz... vão lá chamar, especialmente em se tratando das moças, das beldades da terra e esperem o resultado...

Tem havido quem considere o *caipirismo*, (desculpe o meu amigo o pesadume do vocabulo em *ismo*), uma qualidade *professional* vin-

do a ser a classe que fornece por este Brasil em fóra os individuos que exercem os misteres singularmente brasílicos de *tropeiros*, *vaqueiros*, *canoeiros* (dos rios do interior), *carreiros*, *garimpeiros* e outros truculentos nomes em *eiros*, cuja lista não quero alongar.

Este modo de entender é uma parte da verdade: mas não é toda a verdade.

Tem o defeito de pretender incluir na sua formula, talvez, individuos que della escapam, como sejam os *praieiros*, os *pescadores* das nossas costas marítimas.

A profissão tem, por certo, alguma parte na característica do typo; mas só por si é incapaz de o definir.

Ninguém chamará, com propriedade, *tabaré* ou *caipira* ao *mineiro* rico que explora boas lavras: ao *fazendeiro* — *criador* — abastado que apanha tres a quatro mil bezeros por anno; (com licença do atticismo fluminense) ao *fazendeiro* — *agricultor* — poderoso que colhe trinta ou quarenta mil arrobas de café; ao *senhor de engenho* — que fabrica dez ou doze mil pães de assucar por safra.

Assim, pois, não é a *zona*, nem a *raça*, nem a *profissão* que outorgam o direito de ser *caipira*, *matuto*, *tabaré*, *capichaba* ou *mandioca*, nome este usado nalgumas paragens do actual Estado do Rio de Janeiro.

Mas nestas cousas de *caipira* dão-se ás vezes excepções singulares. Assim como aos ricos da roça quasi nunca se trata por *caipira*, a certos typos da cidade dá-se aquelle qualificativo, quando revelam certa simpleza característica.

Esse privilegio, cujo significado e cuja extensão o meu querido José Piza vae, por certo,

muito melhor do que eu, esclarecer e definir, não se origina também de certos *conglomeratos*, se assim posso fallar, de desclassificados, barbarescos, rudes, incultos, com tendencias depredadoras, que em varias épocas e em regiões diversas do Brasil enorme, se tem formado, como sejam — os *balaios*, os *cabanos*, os *bem-te-vis*, de passadas eras, e os *jagunços*, os *cangaceiro et reliqui* dos dias de hoje. Não: o *tabaré* vem de mais longe, tem raizes historicas e sociaes mais fundas, perfeitamente explicaveis pela indole dos povos de que descendemos, por nossa formação colonial, pela nossa estrutura nacional hodierna.

E, para que não lhe esteja a tomar tempo, oh ! espirituoso autor do engraçado *Mambembe*, vou dar-lhe em duas cutiladas a explicação, que me parece mais plausivel, da cousa.

Caipira, *matuto*, *tabaré*. *mandioca*, *capichaba*, e outros congeneres, — são expressões de menospreço, de debique, atiradas pelas gentes das *povoações*, cidades, villas, aldeias, e até arraiaes, contra os habitantes do campo, do matto, da roça. São a expressão dum antagonismo secular: São chu as dos desfructadores de empregos, profissões, officios e outros variados meios de vida, que a habilidade de certas populações faz nascer nas grandes agglomerações de gente, especialmente contra os que mourejam nas rudes tarefas do amanho das terras, do cultivo dos campos, os homens do povo, que são os operarios ruraes.

O *caipira*, o *matuto*, o *tabaré* é, fundamentalmente e acima de tudo —, o homem do campo, o homem do matto, o homem da roça,

repito, qualquer que seja a sua côr, a sua profissão, e a zona em que habite.

«Este Senhor é da *roça*, ou esta Senhora é da *roça*» — é phrase que vem logo aos labios da *citadine* brasileira, especialmente a fluminense, quando alguém lhe parece infringir as regras da boa etiqueta.

Assim, pois, a *cidade* e a *roça* eis os dois polos oppostos: eis os dois termos da grande antinomia social brasileira, e de todos os povos que são, como o nosso, escravos dessa formação communaria, tão brilhantemente descripta por Le Play e seus discipulos.

Essa casta de gentes prefere por toda a parte apoiar-se, na lucta pela existencia, na familia, no grupo, no poder publico, no Estado, a procurar os incentivos de progresso na força do proprio espirito, na autonomia da vontade, na iniciativa individual, no esforço particularista, no culto da propria pessoa como um centro de energia. E por isso é que prefere aos arduos trabalhos da cultura agricola, da mineração, do criatorio, da navegação, das industrias fabricis, metallurgicas, manufactureiras, os dôces lazeres dos empregos publicos, das profissões liberaes, do commercio sob as fórmias mais simples.

Por isso é, finalmente, que busca de preferencia os povoados, nomeadamente as cidades, cujo viver se lhe afigura cheio de doiradas miragens e apto a lhe garantir superioridades irrecusaveis sobre os homens do campo, do matto, da *roça*.

Desde remotos tempos os *camponezes* são objecto de troça; o seu nome antigo da velha Roma, *pagani*, chegou até, entre os modernos,

pagãos, para significar a selvageria sem crenças, sem religião...

Explanar todos os motivos de todas essas cousas pelos processos da *Escola de Sciencia Social* levar-me-hia longe e não devo roubar o tempo ás bellas cousas que vae dizer.

Como bom *tabaréo*, desejo a *vancé* applausos, hôa sorte e patacas...

XIII

UM LIVRO SOBRE TOBIAS BARRETTO

(Carta dirigida ao dr. Phaelante da Camara)

Acabei de lèr o seu trabalho sobre o meu amigo Tobias Barreto. Fiquei, se é possível, querendo-lhe mais bem, por vêr que v. é sincero admirador do grande brasileiro.

Não venho divergir de seu pensar num ou noutro ponto em que estamos em desaccordo.

Desejo fazer apenas leves ponderações, que me parecem pertinentes ao assumpto.

Hoje é facil escrever do autor dos *Dias e Noites*. Não era, porém, assim quando eu tive de o revelar ao paiz.

Sim; eu não o estudei, eu o «revelei»; esta é a expressão propria. E o revelei por quasi quarenta annos seguidos e em perto de quarenta publicações diversas... E, cousa singular! — não me repeti nunca, porque sempre o encrava, por necessidade da lucta contra adversarios desleaes, por qualquer aspecto novo. Aqui era a biographia, allí era o poeta, ou o repentista, ou o orador, ou o humorista, ou o pessimista; além era o critico de litteratura, ou da arte, ou de politica, ou de religião, ou

de philosophia, ou de direito: acolá era o homem, o «causeur», o propagandista, o polemista, etc., etc.

Dest'arte, engana-se redondamente quem se quizer dar ao luxo de suppôr que eu não apreciei o velho camarada por todas as faces: ellas lá estão esparsas em meus escriptos; o que falta é juntal-as. E este mesmo trabalho já eu o tenho concluido no 2.º e no 3.º volumes da *Historia da litteratura*, o 2.º em nova edição, o 3.º inedito, mas com varios trechos já publicados avulsos.

Ha todos os indicios de que v. não se deu ao cuidado de lêr o citado 2.º volume; por isso hoje lho envio, e, bem assim, varios numeros do jornal — *A Campanha*, onde verá o que lhe affirmo.

E' claro que no corpo da *Historia* não dou a divisão por capitulo da parte referente a Tobias. Seria quebrar o plano do livro; mas em tiragem separada pretendo fazel-o.

Leia v. o que lhe remetto e verá que (no 2.º vol.) estão: I — «A biographia»; II — «O Poeta»; III — «O Orador»; e, nos numeros do jornal-sinho, IV — «O Critico de litteratura».

Meu plano, de ha muito assentado, é este, que vai a seguir:

«TOBIAS BARRETTO

(O HOMEM E O ESCRIPTOR)

Indice:

- I — O homem: Escorço biographico.
- II — O Emotivo: O poeta.

- III — O Emotivo: O Orador.
- IV — O Emotivo: O Repentista e Humorista.
- V — O Pensador: O Critico da Litteratura.
- VI — O Pensador: O Critico de Arte.
- VII — O Pensador: O Critico de Politica.
- VIII — O Pensador: O Critico de Philosophia.
- IX — O Pensador: O Critico de Religião.
- X — O Pensador: O Critico de Direito.
- XI — O Pessimista.
- XII — O Estylista.
- XIII — Resposta aos Criticos.
- XIV — Conclusão: Valor final de sua acção».

E' este o mesmo plano que, com pequenas variantes, vae na pagina da capa do exemplar da *Litteratura*, que lhe chegará ás mãos com esta.

Ha, repito, fortes indicios de que v. leu, sim, quasi tudo que espalhado tenho ácerca do escriptor das *Questões Vigentes*; mas não leu a *Historia da Litteratura* se não pela 1.^a edição. Do contrario, teria aproveitado certas notas que dei do poeta, na 2.^a edição, tratado com enorme desenvolvimento, e por ventura, tambem no que se refere ao orador igualmente bem apreciado.

E não teria repetido, «verbi-gratia», a phrase, por v. mal interpretada, sobre os «areiaes da villa de Campos».

E' um dos topicos que modifiquei com grande vantagem na 2.^a edição.

Da leitura attenta do seu livro, vejo que conhece melhor do que eu o Tobias da phase dos ultimos annos da Escada e o da phase do professorado academico (1877 a 89).

Refiro-me ao conhecimento pessoal do ho-

mem. E' que, então, v. estava mais proximo d'elle e eu já me tinha retirado para o Rio de Janeiro.

Eu, porém, conheço melhor do que v. o Tobias de Sergipe, da Bahia, da phase poetica do Recife e das luctas iniciaes da critica na Escada (1868-1877). O que se refere a estes ultimos annos por convivencia directa; o que se reporta a tempos anteriores por informações fidedignas d'elle mesmo, de parentes e amigos do proprio escriptor, nomeadamente — Joaquim Borges Carneiro, José Dantas da Silveira, Terencio Chavantes e M. Barbosa Alvares, que fôram seus companheiros de casa no Recife.

Os escriptos conheço-os todos.

Os *Dias e Noites* (titulo dado por mim) fôram publicação minha no Rio de Janeiro, ainda em vida do autor; os *Menores e Loucos* (titulo tambem de minha lavra) fôram egualmente por mim publicados em vida d'elle, no Rio.

Já não fallo nos volumes posthumos que intitulei: *Varios escriptos*, *Polemicas*, *Discursos*, *Estudos de Direito*, além dos *Estudos Allemães*, denominação do autor e conservada.

Não venho discutir o seu bello trabalho, já o disse; mas não posso deixar de dissentir do que v. diz do poeta, «que será esquecido». Acho que se engana. A acção de Tobias Barretto será sempre lembrada por duas faces: como «o transformador da velha lyrica romantica brasileira», produzindo algumas das mais bellas joias de nossa poesia (já vê que me refiro ás suas producções mais singelas e mimosas) e como o transformador da velha intuição do ensino ju-

ridico entre nós». Percebe que, neste caso, me refiro a alguns de seus mais suggestivos ensaios juristicos.

Elle foi «poeta». «orador» e «critico». A obra do orador é ephemera sempre e elle não escapará á regra. O que fez nos varios ramos de seu criticar foi demasiado fragmentario e ficará offuscado pelo que fez no terreno da renovação juridica, titulo indestructivel.

Os cantos do poeta, na sua expressão mais terna e lyrica, serão perpetuos emquanto se fallar portuguez no Brasil.

V. dividiu o seu livro assim: I — «Traços geraes»; II — «O Poeta»; III — «O jornalista»; IV — «O orador»; V — «O critico»; VI — «O germanista»; VII — «O philosopho»; VIII — «O jurista».

O plano é bom; claro é, porém, que merece reparos em alguns pontos...

Refiro-me ao cap. — «O jornalista» e ao cap. «O germanista».

Tobias era tudo quanto se póde imaginar de mais opposto ao jornalista de profissão.

Escreveu, sim, em jornaes por necessidade, como quasi todos os homens de letras no Brasil.

Teve tambem uns jornalitos na Escada, se não teria de ficar calado. Tinha, porém, horror ao jornalismo e aos jornalistas.

Não me parece tambem acertada a existencia do cap. — «O germanista».

Ser «germanista» não é uma feição, uma qualidade, como ser — orador, poeta, critico, philosopho, jurista, etc.

O que diz respeito ás tendencias germanisantes em Tobias — pertence naturalmente e

deve ficar subsumido no estudo referente ao critico.

Não lhe parece ?

Isto, porém, é de pouca monta. O que vae ficar de pé é a tonalidade geral do livro, que é uma bella acção, além de um forte testemunho de intelligencia e saber.

Numa terra onde uma mediocridade das mais chatas que é dado imaginar — já teve, na capital da Republica e em dias proximos a audacia de dizer que Tobias «não sabia escrever» e era um «pseudo-critico e pseudo-philosopho...» seu livro é um verdadeiro desaggravo da intelligencia brasileira e do bom senso dos contemporaneos.

Rio, 16 — 8 — 908.

XIV

A ESCOLA LITTERARIA DO RECIFE NO ULTIMO QUARTEL DO SECULO XIX

(A Arthur Orlando)

A leitura de duas publicações, ultimamente feitas em Pernambuco (*A Cultura Academica*, — numero consagrado a Martins Junior, e *Memoria Historica da Faculdade do Recife* — no anno de 1903) — publicações, aliaz, excellentes, e por isso mesmo que o são, a leitura dellas causou-me algum desgosto, sob o ponto de vista que lhe vou indicar.

Se se tratasse de qualquer dessas babuzeiras que diariamente sahem á luz no Rio de Janeiro, nas quaes o desconhecimento de nossas luctas ahi do norte é completo, eu não me abalancaria a protestar, como o vou fazer nas presentes linhas que lhe peço sejam publicadas no *Diario*; sendo, porém, coisa vinda do Recife, o caso muda muito de figura.

Por cinco vezes diversas, tenho historiado, ora mais, ora menos amplamente, o que eu mesmo denominei a *Escola Litteraria do Recife*, e foi na *Philosophia no Brasil*, na *Litteratura brasilei-*

ra e a *Crítica Moderna*, no ensaio — *A prioridade de Pernambuco em movimento espiritual Brasileiro*, na *Historia da Litteratura Brasileira* e no livro sobre *Alachado de Assis*.

As trez phases dessa escola, nomeadamente na *Historia da Litteratura* (2.^a edição, 2.^o vol., de pags. 461 a 476), estão perfeitamente determinadas, e indicados, com a maior amplitude, os nomes dos respectivos combatentes.

Noto, entretanto, nas publicações a que me refiro, o elaro proposito de se alludir ao periodo *condoreiro* (1863-68), bifar o notabilissimo periodo de *reação* contra o *romantismo*, *condoreiro* ou não, contra o *eclectismo* de Cousin, phase da *predica de novos ideaes litterarios e scientificos*, periodo que bem merece o nome de *critico-philosophico* (1868-76) e dar um púlo para a terceira phase (1882 em diante até aos dias proximos)...

Ora, isto é uma falsificação injustificavel dos factos.

E' bem verdade o dizer-se ser a historia que mais se desconhece a que fica mais proxima ao tempo em que se vive; porque nem é a velha historia que já anda escripta, nem é a actual a que se está a assistir... E' exactamente o que se dá com o que eu e Tobias Barretto e varios companheiros praticámos ahi em Pernambuco, — de 1868 a 1876, vae por perto de quarenta annos.

Cá no Rio de Janeiro — os inimigos delle não lhe fallam no nome, e os meus ou não referem o meu, ou, se o referem, é para dizer as maiores barbaridades. — Fazem-me mais moço do que aquelle amigo vinte ou trinta annos; mettem-me no numero dos seus alumnos na Faculdade do Recife; baralham os factos; confun-

dem as idéas, com o maior desconhecimento da natureza e indole das doutrinas diversas que andámos sempre a sustentar. Ora, a verdade é a seguinte, como já tenho affirmado muitas vezes: Tobias me precedeu em Pernambuco pura e simplesmente nos cinco annos de sua *acção poética, primeira phase da escola do Recife, ou período condoreiro* (1863-68). A datar de 1868 em diante, sendo elle ainda alumno da Faculdade e eu tambem, é que se iniciou a *segunda phase da escola, ou período critico-philosophico*. Ahi nós fômos companheiros: *Nos fuimus simul in Garlandia*. No Primeiro periodo teve por auxiliares, ou rivaes, a Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior e outros de menor vulto. No segundo, teve-me a mim, Celso de Magalhães, Sousa Pinto, Pereira Lagos, Generino dos Santos, Inglez de Sousa, e outros menos conhecidos. Em 1871 retirou-se para a Escada sem descontinuar, é certo, a luctas. Eu fiquei; e só em 1876, é que deixei o Recife, após oito annos de polemicas constantes.

Em 1882, quando já era eu no Rio de Janeiro lente do Gymnasio Nacional, é que foi iniciada a *terceira phase da escola do Recife ou período juridico-philosophico*. Já então estava dalli ausente; mas fui um precursor do movimento, com a minha defeza de theses, em 1875, especialmente com a *dissertação*, na qual já largamente caracterisava os novos horisontes do direito e pregava a sua *intuição evolucionista*, citando um trecho de von Ihering — da *Lucta pelo Direito*. — aspiração que veiu a ser, mais tarde, uma realidade com o concurso, lições e

escriptos de Tobias nos ultimos annos de sua vida.

Os actores, então, além do grande sergipano, fôram José Hygino, João Vieira, e logo após — Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Martins Junior, França Pereira, João Freitas, Phaelante da Camara e outros. Lembro estes factos, porque a terceira phase da escola não se comprehende sem a segunda: e erroneo é o criterio do meu querido amigo Phaelante e dos escriptores da *Cultura academica*, quando saltam para essa terceira phase (1882 em diante), sem levar em linha de conta os annos intermedios, nos quaes se operou a passagem do *ultra-romantismo* de Hugo e do *eclectismo* de Cousin — para as modernas idéas, de que as professadas de 1882 em vante não passaram de natural desdobraimento. E' mistér discriminar os periodos da escola e determinar o quinhão de cada um dos obreiros nas lides espirituaes.

Tobias influiu sobre todos que trabalharam a seu lado, nas trez phases de sua vida, pelo *espirito de reacção*, pela *intuição critica*, pelo *temperamento de lucta*, e não por um complexo de idéas feitas, reduzidas a systema.

Dest'arte, eu, por exemplo, sendo sempre muito amigo e muito admirador seu, sempre estive separado d'elle nas doutrinas mais sérias. Em *poesia* — elle foi pelo *romantismo de Hugo*; eu — pelo *scientifismo*, seguido mais tarde por Martins Junior, e contra o romantismo, que ataquei com força. Em *critica litteraria* — elle foi pelo *allemanismo*, como cousa a *ser imitada* pelos brasileiros; eu — do *allemanismo* só aceitava a *influencia historica da raça germanica* e o seu *espirito critico*. Elle era em lettras pre-

ferentemente pelos assumptos estrangeiros; eu pelos *nacionaes*. Elle desdenhava da *poesia popular* e da *ethnographia*, como base das produções quaesquer dos povos; eu atirava-me a *ambas, como bases para a comprehensão da vida nacional*. Em *critica historica* — eu era por Buckle; elle não era sectario deste grande inglez. Em *philosophia* — eu fui, depois de procurar um caminho seguro, por Herbert Spencer: Tobias não admirava este notavel genio, ao qual antepunha Hæckel e Noiré, depois de haver passado por Vacherot, Schopenhauer e Hartmann. Em *philosophia do direito*, elle foi pelo *transformismo hæckeliano* e *monismo noiérista* em toda a linha; eu — por uma concepção mais aproximada de Spencer e S. Maine. Finalmente, não admittia elle a *psychologia* e a *sociologia* como sciencias, no que, desde muito cedo, não o pude acompanhar. Nossa acção teve, pois, pontos de contacto e linhas de divergencia que só uma critica obtusa desconhecerá. Em 1879, elle no *Contra a Hypocrisia* e eu no *Reporter*, a proposito de umas censuras estapafurdias que nos fez o finado dr. Antonio H. de Sousa Bandeira, indicámos varias dessas linhas de divergencia e desses pontos de accordo. Esta é a verdade, e nós só queriamos a verdade.

Escrever do periodo *condoreiro*, sem fallar em Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Castro Rabello e alguns mais; escrever do periodo — *critico-philosophico*, ou, antes, saltar por elle, e não fallar no meu nome, no de Celso de Magalhães, no de Sousa Pinto, no de Pereira Lagos, no de Generino dos Santos, no de Inglez de Sousa e diversos, é como escrever do periodo puramente *juridico*, e não

fallar em José Hygino, em João Vieira, Clovis Bevilacqua, Martins Junior, Arthur Orlando e outros, isto é, praticar um puro disparate.

A Phaelante, é justo declaral-o, sou grato. porque, mui de leve e sem o cabal aproveitamento do facto, é certo, alludiu á minha defeza de theses em 1875 e ao escandalo por ella causado. (*Memoria Historica*, pag. 12).

Outro tanto não posso dizer dos que ahi fingem ignorar que, tendo sido eu, como diz o proprio Tobias, nos *Estudos Alleinães, quem primeiro no Brasil atacou o romantismo*, fui tambem que, bem antes de Martins Junior, fallei em *poesia scientifica*, como elle mesmo confessa, no seu opusculo que tem este titulo.

De tudo foi o que mais desagradavelmente me impressionou. Tal o protesto que tinha a fazer, inutil para os que (como v. e o incomparavel Clovis) conhecem toda a minha vida espirital e todos os meus escriptos, mas indispensavel para novas gerações por quem desejo ser julgado com pleno conhecimento de causa.

1904.

XV

A PROPOSITO DA AMERICA LATINA

(Ao Director da Revista—*Os Annaes*)

Meu amigo:

O sr. Bomfim, como todo autor que sente o pezo de censuras sérias, nomeadamente quando tal autor é um máu polemista, forçou demasiado a nota, quiz cantar em clave muito alta e desafinou completamente. E' lamentavel. Porque queria, já agora, ser menos cruel com esse rapaz.

Percebe-se que está furioso e quasi não póde raciocinar.

O exaggero da descompostura, da falta de respeito, attesta-o.

Em vez de um artigo de sciencia, ao menos da que elle sabe, sahiu-se com um *xingamento* desesperado, como os que costumava fazer a finada *Izabel-Bóde*. (Era uma prêta doida das vizinhanças do Engenho Bomfim) que o nosso joven medico deve ter conhecido.

A menina local já sabia dos sestros e da facundia *descomponenciaes* da velha.

Provocava-a, e era um gosto ouvir o desespero a vociferar.

O joven mestre do *Petalogium* é discipulo da mesma escola. A uma critica em que se fallava, é certo, com intenção de corrigir, em erros, ignorancias, *disparates*, o moço retruca — espantando-me pela incivildade — numa descompassada grita de alta geringonça, em que os epithetos mais réles são atirados ao adversario.

Verifica-se que a nota preponderante nas accusações que me faz é a da *inveja*... Em cinco ou seis pontos da furibunda epistola, surge essa insinuação insistente.

Que se ha de responder, santo Deus, a um homem que se considera trepado lá em cima do pinaculo das grandezas, a ser *invejado* pelos miseros mortaes, como eu?

Bomfim, nos intervallos que lhe deixa o *ciúme*, parece que cultiva a *psychiatria*; deve, pois, notar que essas fumaças de superioridades, de grandezas, da alta posição, alvo das *invejas geraes*, é algum tanto alarmante...

Voltarei, no fim desta, a dizer quatro palavras ácerca desse curioso caso de *inveja*.

Antes me é preciso apreciar o unico ponto da carta do pobre Bomfim que exige resposta; as barbaridades que disse sobre *periodo glaciario* em relação á civilização européa. Fiz uma leve referencia ao assumpto, quando fallei na origem dos *aryanos*, se européa, ou asiatica, e decidi-me, sem a mais tenue sombra de dogmatismo, pela hypothese asiatica, porque, *quando, pela primeira vez, appareceram os arianos na scena do mundo, metade da Europa estava em pleno regimen glaciario.*

Era um laço que armava ao *préasinho litterario*, na certeza de que o gentil animal havia

de cahir nelle. E cahiu, como, nas macéguas de *capim-espêta*, abundantíssimas nas cançadas e pessimas terras do Engenho Bomfim, cáem nas arapucas as *pucaçús*.

O nosso esculapio cahiu como um patinho, revelando que não sabe nada do assumpto.

Na ultima hora, abriu algum compendio de geologia dos mais fosseis, e atabalhoadamente aprendeu mal umas lambugens que, num grande goso, atirou sobre mim, nestas profundas palavras:

«Para que o meu illustre amigo ajuize da ignorancia do tal critico nestas sciencias (*as naturaes*), basta lembrar-se disto: elle acredita e affirma que durante o periodo glaciario da Europa já existiam civilisações historicas na Média e na Bactriana!... Elle não sabe, bemaventurado!, que esse periodo glaciario foi geral para todas as zonas isothermicas do hemispherio norte — porque a metereologia não conhece as nossas convenções geographicas (*Que espi-rituosa novidade*). No emtanto, elle pensa que só a Europa — (*E' falso*) — porque só alli os vestigios do *diluvium* teem sido bem estudados — que só aquella parte do mundo (*E falso*) passou pela phase glaciaria; e diz que, com esse periodo, coincidiram civilisações historicas na Asia. Não me espanta que um criticographo (*Forte palerma!*) considere as civilisações historicas da India e da Média contemporaneas do *diluvium*, que occorreu nos fins do periodo terciario — começo do pleistocenio (*Está errado*) —, justamente na epocha em que apparecem os primeiros signaes incontestaveis do homem no Planeta. Não me admira isto; elle está no seu papel de ignorante (*E se eu provar, como é na-*

tural, que a ignorancia é de Bomfim?), disseminador de insanidades mentaes; o que me espanta é que não se lhe note nenhum movimento de pejo ao fallar destas coisas».

Coitado do *Invejado*! Tanta sandice! Que curto é esse demonio! Como dá trabalho, como é aborrecido lidar com um rapaz tão tapado! Bomfim não sabe nada de sciencia alguma e exactamente nas sciencias naturaes é que elle é completamente zéro. Tudo aquillo está errado.

Que trabalhadeira, meu amigo! Estou quasi arrependido de ter escripto aquelles artigos, porque só a isso devo a obrigação desta nova maçada: ensinar, de graça, a quem, nem sequer, entende o que se lhe ensina!

Mas, é o meu fado!

*

Elle não sabe que se distinguem hoje os *grandes periodos glaciarios*, que apparecem intervallados por um milhão, ou mais, de annos, dos pequenos periodos glaciarios, cujo cyclo é de 21.000, alternados de polo a polo por 10.500 annos. Os primeiros occorrem quando se dá a *excentridade maxima da orbita da Terra* e são geraes. Os outros se devem principalmente á *precessão dos equinoxios* e á *revolução dos absides*, que trazem como consequencia a *deslocação do centro de gravidade da Terra*, cumprindo não esquecer que nelles inflúe tambem consideravelmente a *maior ou menor excentridade orbitaria de nosso planeta*.

Claro é que não me incumbe descrever os dois phenomenos e explicar-lhes miudamente as causas.

Cumpre-me apenas ponderar que, neste difficil assumpto, um dos mais complicados da physica terrestre, mesmo depois dos trabalhos de Adhemar e Croll, o Bomfim está ás cegas, porque nem sequer distingue as duas especies de *periodos glaciarios*.

E' por isso que não vê que, fallando da Europa do *norte* e implicitamente da Asia e America *septentrionaes*, me referi ao ultimo periodo glaciario alli havido entre os annos 19, 750 e 9, 250, antes da éra vulgar, que pertence ao numero dos pequenos cyclos.

Ora, nesse meio termo as regiões asiaticas e africanas onde se desenvolveram as velhas civilisações do Egypto, da Chaldéa, da Assyria, de Babylonia e outras congeneres, estiveram immunes.

Depois de expor a theoria de Adhemar, que explica bem os pequenos phenomenos glaciarios, e a de Croll, a unica que explica os grandes, posto que ainda algum tanto lacunosa, escreve Alves de Magalhães no seu admiravel livro — *Nova Lei do Systema do Mundo*:

«Um dos effeitos da precessão dos equinoxios é a desigualdade entre as *sómmas* das horas do dia e da noite nos dois hemispherios. Segundo affirma Adhemar, o hemispherio boreal, no seu ultimo periodo de calor, isto é, nos 10.500 annos anteriores a 1.250, teve 4.464 horas de dia e 4.296 horas de noite em cada anno, ao passo que o hemispherio austral, no periodo correspondente de arrefecimento, teve sómente 4.296 horas de dia e 4.464 horas de noite. Esta desigualdade nas *sommas* das horas do dia e da noite, repetida durante o longo periodo de 10.500 annos, não póde deixar de affe-

ctar o character das estações tanto ao norte como ao sul da linha equatorial. Emquanto um hemispherio, começando a gosar a preponderancia de estio, percorre uma série de estações desde as mais frias até ás mais quentes, o hemispherio opposto, começando a soffrer a preponderancia do inverno, entra numa série de estações desde as mais quentes ás mais frias.

«Desde que num hemispherio se inicia o periodo de preponderancia de inverno, ha de operar-se ahi uma reducção incessante de calor, um abaixamento progressivo de temperatura, que ha de produzir uma extensão, cada vez maior de gelos, que só attingirá o seu limite ao cabo de 10.500 annos.

«A coincidencia, neste hemispherio, do inverno com o aphelio, exercendo uma acção poderosa de arrefecimento, ha de ser uma causa de accumulacão glaciaria.

«No hemispherio opposto e no mesmo periodo, succede o contrario, porque a progressiva elevação da temperatura, por effeito da preponderancia do estio, deve operar ahi uma reducção dos gelos accumulados no periodo antecedente.

«A coincidencia, neste hemispherio, do inverno com o perihelio, encurtando-lhe oito dias de luz e de calor, com que são augmentados os verões, é um factor que deve reduzir a accumulacão glaciaria.

«Consequentemente, quando o hemispherio boreal passar por um periodo de arrefecimento, a temperatura do hemispherio austral elevar-se-ha sensivelmente; e *vice-versa*, quando o hemispherio austral atravessar um periodo de frio; a temperatura tornará a elevar-se no hemispherio boreal.

«O movimento de precessão dos equinoxios é assim a causa do *phenomeno glaciario que se alterna* (Aprende, Bomfim!) *periodicamente nos dois hemispherios* de 10.500 em 10.500 annos.

«Eis a origem do que denominaremos — PEQUENO PHENOMENO GLACIARIO — para o distinguir das grandes invasões de gelos e das grandes catastrophes diluvianas, porque os GRANDES PERIODOS GLACIARIOS (Aprende, Bomfim) e diluvianos, que tem ficado assignalados na historia da terra, e o ultimo na historia da humanidade, só se repetem de milhões em milhões de annos.

«Os cyclos de *variação da excentricidade da orbita terrestre* são incomparavelmente maiores que os da *precessão*, porque se realisam muitos cyclos deste ultimo movimento enquanto a *excentricidade é a mesma*.

«Por consequencia, o movimento da precessão dos equinoxios ha de operar-se necessariamente numa das *grandes phases astronomicas*: ou naquella em que a orbita terrestre se approxima do circulo, ou naquella em que a orbita se afasta delle. No primeiro caso, a redução da excentricidade, que produz o resultado de approximar do Sol todo o Globo, ha de mitigar ou attenuar os effeitos da precessão. No segundo, o desenvolvimento da excentricidade, afastando simultaneamente do Sol ambos os hemispherios, ha de exaggerar os effeitos da precessão.

«Se as differentes estações dos dois hemispherios coincidem successivamente com todos os pontos da orbita que a Terra percorre, e por consequencia, com todas as distancias do Sol conforme o maior ou menor grau de excentricidade orbitaria, conclúe-se que o grande phenomeno glaciario não se póde attribuir unica e exclusivamente ao movimento da precessão.

«A précessão não é nem pôde ser o phenomeno astronomico que explica as revoluções do Globo.

«A coincidencia do movimento da precessão e da revolução dos absides com o *desenvolvimento da excentricidade da orbita é a causa efficiente do GRANDE PHENOMENO GLACIARIO*, que se tem repetido e continuará a repetir indefinidamente no Globo em periodos immensamente distantes».

E' evidentemente ao *derradeiro grande periodo glaciario* que se refere embrulhadamente o Bomfim, quando falla em ultimos tempos terciarios e primeira epocha quaternaria, ao passo que me reportava eu ao pequeno periodo glaciario de origem polar no hemispherio boreal, que foi succedido pelo actual periodo de calor do alludido hemispherio, periodo de 10.500 annos, que começou a declinar em plena idade média em 1250, periodo em que se tem desenvolvido a civilisação européa.

Dest'arte, temos que de 19.750 antes de Christo a 9.250, distendeu-se um periodo glaciario nas regiões septentrionaes do hemispherio norte, comprehendendo quasi toda a Europa, e de 9.250 antes de Christo em deante um periodo de calor que começou a declinar, como disse, no anno de 1250 de nossa éra.

Pelos annos que se vão seguir até 11.750, o frio irá crescendo progressivamente naquelle hemispherio e diminuindo no hemispherio do sul. Ora, é evidentè que no periodo que precedeu na Europa a sua actual phase de calor, não houve alli civilisação alguma, ao passo que já ella florescia no Egypto e nas regiões asiaticas do Tigre e do Euphrates.

Nem é isto descoberta minha; é observação feita, creio que a primeira vez, por Ad. d'Assier, nestas palavras: «Quando Augusto Comte estabeleceu que é dos seres vivos que a sociologia tira suas primeiras raízes, seus continuadores se puzeram a explorar com sério cuidado os diversos ramos da biologia para estabelecer as bases da sociologia. Entregues, porém, de corpo e alma aos ensinamentos da biologia e da historia, não podiam desconfiar que um dos factores mais consideraveis da dinamica social fôsse a applicação immediata dum grande principio da dinamica celeste, despercebido até agora, posto se ache consignado em todos os tratados de astronomia desde Hipparcho. Queremos fallar da precessão dos equinoxios, que os geologos consideram actualmente como a causa principal da *volta periodica das epochas glaciarias*.

«Numerosas investigações, executadas nos ultimos annos, para o estudo do homem quaternario, demonstraram que existe uma intima ligação entre o apparecimento dos phenomenos glaciarios e a direcção da corrente humana nas suas migrações no Planeta, a expansão das raças, o surto de sua actividade. Estabelece-se, desde então, no evolver das sociedades, uma especie de fluxo e refluxo que se manifesta por uma oscillação *rhythmica* do eixo da civilisação. Outras consequencias, não menos importantes para o futuro da humanidade, decorrem desta lei.

«E' nella, por exemplo, que se encontra a razão dum facto ethnologico inexplicado até agora (*Toma nota, Bomfim*). Queremos fallar da enorme desproporção de idade que se ob-

serva entre os povos do occidente e as raças orientaes. Investigações recentes parecem estabelecer que os mais antigos vestigios humanos assignalados nas turfeiras ou habitações lacustres da Europa, não passam além de 7.000 a 8.000 annos. Resulta esta cifra da comparação de diversas médias fornecidas pelos sitios cujas camadas superficiaes encerravam medalhas romanas, que serviram de pontos de apoio chronologicos. Avaliando em 15 seculos o intervallo que nos separa da occupação romana, pôde-se calcular o tempo necessario para a formação das camadas correspondentes ás epochas de pedra polida e de pedra lascada, e limitar em setenta a oitenta seculos a idade do mais antigo desses depositos.

«Ora, bem antes desta data, os paizes situados *entre os valles do Nilo e do Indo tinham sido o centro de tantas eclosões ethnicas*, que chegaram essas regiões a ser consideradas como o berço lendario da civilisação... as nações do velho oriente fundavam cidades, levantavam imperios, (*Vae vendo, invejado Bomfim!*...) escreviam seus anuaes, enquanto nossos antepassados europeus não tinham ainda estabelecido suas moradas nas ilhotas construidas nos lagos ou nos pantanos turfosos».

Segue-se uma larga analyse das chronologias orientaes que não urge citar, e conclúe o autor, que é um alto espirito, eminentemente culto e atilado: «Retomemos agora nossa interrogação: porque motivo certos povos do Oriente se revelaram á historia de 150 seculos a esta parte, ao passo que as raças europeas ha apenas 70 ou 80 seculos eram representadas tão sómente por tribus de trogloditas ?

«E' á theoria das *épochas glaciarias* (Toma fogo, Bomfim!) que se tem, crêmos nós, de pedir a razão desse desvio. Privado de altas montanhas e tocando por sua extremidade meridional no tropico de Cancer, o Egypto esteve sempre ao abrigo dos phenomenos glaciarios (O autor se refere aos da segunda especie, tão proficientemente distinguidos por Alves de Magalhães). Póde-se dizer o mesmo das vastas planicies que decotam o sul da Asia desde as costas do Mediterraneo até ás da China.

«O inverso se dá na Europa. Situada longe dos tropicos e confinando com os mares boreaes, ella é, póde-se dizer, a terra classica dos periodos de frio. O vasto manto de neve que cobre então *a maior parte* (Toma nota, Bomfim!) *de sua superficie* — faz parar o desenvolvimento de nossa especie. E só é, com effeito, após o recúo dos grandes gelos, que se encontram nos lagos, nas cavernas e nas turfeiras, os primeiros vestigios das populações prehistoricas.

«Nas épochas anteriores encontram-se alguns fragmentos d'ossos humanos e esses restos vão-se tornando cada vez mais raros á medida que nos approximamos da base dos terrenos quaternarios».

O nosso illustre dr. Manoel — o *Invejado*, especie de D. Sebastião — o *Encoberto*, ousou dizer que eu, com o proclamar essas verdades, estava no meu papel de *ignorante e disseminador de insanidades mentaes...*

Pobre do *Invejado*! Que rapaz estúpido!

Se eu, repetindo verdades, pois que não existe uma só proposição nos meus escriptos que não seja o resultado de acurado estudo, sou um *disseminador de insanidades mentaes*,

que ficará sendo o *Invejado do Bomfim*, que tem vivido a dizer tolices, erros e disparates?

Larga essa historia de lettras, Manoel; toma meu conselho: não tens embocadura para isso. Larga, larga e vae por ahi a receitar drogas e purgantes.

Mesmo nisso não farás boa figura, por que és pouco intelligente; mas, emfim, é onde, apesar de tudo, poderás ficar. Mas toma cuidado que te não entrem a *invejar*...

E' onde está todo o perigo; se te entrarem a ter inveja, ficarás perdido; ficarás sem clinica.

Não ha nada como a inveja para perturbar os Bomfins. Causas profundas devem existir para isso.

Não poderei esmiuçal-as, porque não devo abuzar do gasalhado que me dão os *Annaes*.

A's carreiras, pois, devo passar sobre as insinuações do Bomfim, além da tal dos periodos glaciarios, que ficou desfeita: a alludida *inveja*, o meu *lusitanismo*, o *desconceito do publico letrado do Rio*, o *apreço dos sub-medio-cres do interior*.

Com franqueza e sem a mais leve sombra de zanga, pois que estou a escrever estas linhas na mais perfeita calma, não sei porque é que o nosso manso Bomfim deu em se suppôr invejado.

Pela estirpe, pela geração, pela fidalguia da origem? Creio que não, e elle deve, provavelmente, saber o motivo.

Pela fortuna? Tambem não; porque o engenho, hoje de fogo morto, de nome Bomfim, que demora entre Aracajú e o Patrimonio, nunca prestou para nada, desde os tempos dos paes do nosso querido esculapio. E' de pessimas

terras pedregosas, onde só brota com fartura o malvado capim *espéta*... e a arvore chamada *pimenta*. Abundam nellas as cascaveis e pucaçús — espreitadas pelos caracarás.

Pela posição politica? Creio que não, a despeito da protecção do poderoso clan que dispuinha até pouco tempo do Instituto Profissional.

Pelo valor scientifico e litterario? Menos ainda; porque o joven Manoel *Invejado* é muito curto de intelligencia, tanto que, mau grado vinte annos de estudos, ainda diz — *prohibir de não fazer* e a *quatrocentos annos que se descobriu o Brasil*. Coitado! Socega a natureza, Bomfim; acalma-te e deixa-te de historias de *invejas*...

Meu novo e ferrenho *lusitanismo*.

Assim chama elle o desejar que as colonias allemãs do sul do Brasil sejam assimiladas ás nossas populações pelo uso da lingua portugueza! Vae sem commentarios.

O merecer eu apenas alguma *consideração dos sub-mediocres do interior*...

Este illustre *invejado* ainda vive na tonta illusão de que o Rio de Janeiro é um grande centro de cultura, alguma coisa como a antiga Athenas, a velha Roma e as modernas Paris, Berlim, Londres e Vienna.

Ainda pensa que as portentosas notabilidades da litteratura carióca são conhecidas alli do Pão de Assucar para fóra.

Ainda pensa que os lettrados da porta do Garnier são de massa diversa daquella de que são feitos os de S. Paulo, Recife, Bahia, Bello Horisonte, Porto Alegre, Ouro Preto, Belém, S. Luiz, Campinas, Curytiba, etc., etc...

Ainda não pôde comprehender que a mo-

cidade brasileira inteligente é a mesma por toda a parte e o animal litterario tem os mesmos predicados em todas as zonas do paiz.

Que moço curto !

Finalmente, o portentoso alvo das invejas assevera que *sou desconsiderado pelo publico lettrado fluminense...*

Neste ponto, poderia limitar-me a retrucar que não está por emquanto perfeitamente demonstrado se é certo publico lettrado que me aborrece, ou eu que o aborreço, a elle. — Mas não precisa, nem convém tomar esse caminho.

Farei outra consideração, em honra a meu tempo e ao meu paiz.

Houve no Recife uma velha famosa chamada *Joaquina-Homem*, (Não confundir com a *Luiza-Homem*, de Domingos Olympio), que chegou a juntar avultada fortuna. Morava á rua da Imperatriz. Uma vez, foi passar um domingo no bello arrabalde da Magdalena. Os ladrões aproveitaram-lhe a ausencia; arrombaram-lhe a casa e fizeram-lhe um saque em regra.

Quando Joaquina-Homem soube do occorrido, perguntou a quem lhe tinha levado a noticia: *fôram ao meu oratorio?*

Não; foi a resposta. «*Então não estou roubada !*» — retrucou a velha.

Diz o Manoel das Invejas que os lettrados brasileiros me repellem. Vá que seja.

Quaes são elles ?

Entre os mortos, meus conhecidos, Tobias Barreto, Franklin Tavora, Celso de Magalhães, José do Patrocínio, Theophilo Dias, Ferreira de Araujo, França Junior, Victoriano Palhares, Urbano Duarte, Raul Pompéa e outros e outros, de quem recebi innumeradas provas de conside-

ração, escriptas ou oraes, estão no numero? Não!

Dentre os vivos Rio Branco, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Raymundo Correia, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, Graça Aranha, Fausto Cardoso, Affonso Celso, Magalhães de Azeredo, Arthur e Aluisio Azevedo, Domicio da Gama, Lopes Trovão, Oliveira Lima, Mucio Teixeira, Emilio de Menezes, Sousa Bandeira, Rodrigo Octavio, Samuel de Oliveira, Domingos Olympio, Mello Moraes Filho, Liberato Bitencourt, Luiz Piza, Arthur Guimarães, Augusto Franco, Arthur Orlando, Clovis Bevilacqua, Phaelante da Camara, Alfredo de Carvalho, Medeiros e Albuquerque, Araripe Junior, Martinho Garcez, Rodrigues Peixoto, Coelho Netto, Olavo Bilac, Assis Brasil, Justiniano de Mello e outros e outros, que não cito para não fazer uma *carta de nomes*, de quem tenho recebido inequivocas provas de apreço, escriptas ou oraes, estão no numero? Não! Então, não estou roubado!

Onde, pois, o ingrato do rapaz foi buscar essa excellente pilheria de que os lettrados me repellem? Você — como toda a gente — pôde medir mais esta facecia do *parasitismo* do Manoel pela obrigação que ella me impoz de declinar nomes em meu favor. Peço ao meu caro amigo que o console, a vêr se, menos ingrato, se menos malcriado, o rapaz recebe melhor, sem necessidade de castigo, as lições de que tanto precisa...

Seu, etc.

XVI

PINHEIRO CHAGAS

(Conferencia realisada no Theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro, a 5 de Setembro de 1904)

Minhas senhoras,
Meus senhores,

Esta é a ditosa patria minha amada... disse o mais nacionalista, podera accrescentar — o mais *jacobino* de todos os poetas. E para mostrar-vos que foi o mais nacionalista de todo os poetas, basta que vos lembre o titulo do seu poema.

Os outros grandes epicos escolheram geralmente assumptos remontados, distantes, alheios ao genio e ás acções dos respectivos povos, ou que lhes pertenciam por laços secundarios: a cólera de um heróe e a quéda duma cidade — a *Illiada*, as peregrinações dum guerreiro — a *Odysséa*, a theologia duma epoca — a *Divina Comedia*, e, assim, sempre alguma cousa de longinquo e de transcendente á vida popular, como a *Eneida*, o *Paraiso Perdido*, a *Jerusalem Libertada*, o *Fausto*... todos, todos os grandes poetas assim procederam.

Camões — não; vae certo ao seu alvo e avisa, por assim dizer, de ante mão, que nin-

quem se illuda: é dos *Lusiadas* que falla, dos Portuguezes que sonha e canta; é do *reino forte, do ninho seu paterno, dos barões assignalados, do poder mais forte que se alevanta da Lusitania*, para assombro do mundo, emfim da *ditosa patria sua amada*...

Dir-se-hia que todo o poema é uma glosa a este verso; é um commentario de luz e ouro, cantante e sonoro, a este mote perpétuo: a glorificação de Portugal. E não vos lembro, meus senhores, essa singularidade do maior epico dentre os modernos, por simples devaneio litterario; é uma notação critica que faço. Não poderia ser por outra fórma: o poema typico, a expressão mais eminente do genio do povo portuguez nos dominios da poesia tinha de ser forçosamente uma affirmação de autonomia politica, a que a arte dava apenas o prestigio de sua fórma, a magia de seus encantos. E' que Portugal é um filho da vontade, um producto da energia conscientemente despertada dum grupo humano; e, por isso, toda manifestação superior de seu sentir, antes e acima de tudo, assume aquella attitude e expelle aquellas reverberações.

Dá-se com os povos, no ponto de vista de sua origem e destino, o mesmo que se dá com certos individuos: dentre estes uns tiveram apenas o trabalho de nascer, outros só o de casar, e, desde ahi, ficaram de velas desfraldadas na direcção do futuro: ventos galernos e viagem próspera.

D'eguaes facilidades foi cercado o berço de muitas, da mór parte das nações: umas em grandes ilhas isoladas, dando-se ao luxo da protecção directa e incondicional do mar; outras

em peninsulas, defendidas pelo mesmo poderoso aliado e por quasi inacessiveis montanhas, auxiliar, ás vezes, ainda mais prestimoso; estas mettidas em largos continentes e atalaia-das a um lado e outro por vastos oceanos; aquellas ao mesmo tempo por montanhas e mares, arrançados por tal arte, que mais pareceria cousa feita propositalmente do que a simples disposição de phenomenos naturaes.

Portugal não lhe coube em sorte nenhuma destas regalias: nada de montanhas intransita-veis, de mares interpostos, de enormes rios separadores; nada de fronteiras naturaes...

Se tem a frente e os pés livres em face do irrequieto oceano, tem o dorso e a cabeça encostados na ainda mais irrequieta e petulante Hespanha: não é um favorito da natureza; é um filho do seu proprio esforço, é uma affirmação do querer individual e collectivo; porque, neste ponto, não existem alli diversões antagonicas entre a massa e os grandes espiritos.

Portugal na historia e na politica europêa é uma como representação da vontade schopenhaueriana, o poder creador e organisador da vida, a faculdade *mattresse* do existir.

Camões, uma das culminações geniaes desse querer, tinha por instincto a intuição nitida do destino de seu povo e da disciplina a que elle havia de obedecer para viver.

E' por isso que o poeta, o soberano poeta exigia até do rei que fôsse forte para *não fazer fraca a forte gente*; e dos grandes homens, que fôsem portuguezes nos feitos e tambem na lealdade !...

E' por isso que se poderia affirmar que, praticamente, Portugal tem resolvido a famosa ques-

tão, debatida entre sociologos, de saber quem mais influe na vida da collectividade humana, se o individuo, — se a sociedade. Dá-se acolá, meus senhores, uma perfeita penetração: o homem é portuguez acima de tudo; a sociedade, a despeito de apparencias enganadoras em contrario, préza, venera, adora seus grandes espiritos.

E a festa presente é disso uma prova: é a glorificação de Pinheiro Chagas, um dos homens mais illustres da segunda metade do seculo XIX em Portugal, um dos chefes espirituaes daquelle povo nesse periodo. E' d'elle que venho dizer e fal-o-hei em poucas palavras.

Ha certa difficuldade em o estudar; é o mais completo typo de polygrapho que se poderia imaginar, dando-se áquelle qualificativo o seu verdadeiro sentido, o do escriptor que se revela e exhibe nos mais variados e descontrahidos *generos*, e não como erroneamente pensam alguns, o do escriptor que, com um só criterio e methodo, estuda *variados aspectos* das cousas humanas.

Dest'arte foi polygrapho Chagas numa producção febril, incessante, miraculosa, phantastica, multiplicando uns sobre outros, — poesias, dramas, comedias, contos, folhetins, chronicas, artigos de fundo, romances, discursos, criticas, biographias, traducções, livros didacticos, livros de historia politica, de historia litteraria... e não o foi Hippolyto Taine, analysando sob o seu methodo critico, a litteratura ingleza, ou a revolução franceza, ou a pintura flamenga, ou a arte italiana, ou a architectura grega, ou o genio de Tito Livio, ou o de Balzac, ou o de Lafontaine, ou a philosophia de Stuart Mill, ou o

romance de Thakeray, ou a Historia de Carlyle, ou as paisagens dos Pyrenéos, ou as da Italia, ou, no mais solido de seus livros — a *Intelligencia do homem*.

Aqui, sob a aparente multiplicidade, ha uma unidade superior, fornecida pelo methodo e pela philosophia: é a *critica*, e só ella, enfrentando os assumptos mais variados e complexos; alli existe de facto, a multiplicidade, a variedade dos *generos*, a heterogeneidade das *especies*, além da confusão quasi inextricavel dos assumptos; e a só unidade existente é a unidade proveniente da vida que em tudo insuffla a imaginação potentissima do escriptor.

Mas esta unidade, filha da imaginação e da vida, vale muito, vale tudo: porque é um acto de criação, ingenuo, espontaneo, simples, integro, como os que são obra da propria criação natural. Em cada uma das esferas trilhadas pelo espirito irrequieto de Pinheiro Chagas — já alguns tiveram bastante vista para o notar — fez elle tanto, produziu com tanta abundancia e talento que poderia dar fama a outros tantos individuos. Que predomina, porém, nelle? O dramaturgo, o comediographo, o romancista, o orador, o poeta, o jornalista, o critico, o historiador, o politico, o traductor, o folhetinista? E' inutil indagar...

Seria a tarefa duma critica simploria, elemental, amiga de fórmulas estereotypas, sempre prestes a desorientar-se, quando se lhe depara a vida mesma, na sua incalculavel exuberancia, na sua vertiginosa multiplicidade, na sua empolgante confusão. Não o farei eu, pedindo vénia para trilhar outro caminho.

Praz-me vêr o homem nas relações com o

seu povo e com o seu tempo, sua gente e seu periodo historico.

Isto se me antolha mais digno do individuo e mais meritorio para a nação.

Pinheiro Chagas, na harmoniosa variedade de sua obra, na abundancia translucida de seu estylo, na limpida fulguração de sua imaginativa, no calor attrahente de sua eloquencia, é bem um homem representativo da gente portugueza nas ultimas décadas do seculo XIX.

E' por onde deve ser encarado, e, infelizmente, só poderei fazel-o em traços apagadamente largos e indecisos.

Falta-me o tempo e mais que tudo a competencia.

Existe, meus senhores, a caracterisação, já hoje por assim dizer, classica, do povo portuguez, por toda a gente repetida, que vae passando como artigo de fé.

E' a que está para ser lida em Oliveira Martins, em Theophilo Braga, e tantos e tantos outros...

E consiste em affirmar ser a nota fundamental, basica, irreductivel do character, da indole do povo portuguez — a melancholia, a tristeza ingenita, incoercivel, que se traduz, por um lado no espirito irrequieto e aventureiro, que se atira á navegação como desafogo, e chega até a emprehendel-a, sem alvo e sem destino, atraz de *Ilhas encantadas*, de miragens fabulosas, qual a de *S. Brendão*, e de mythos, como o de Prêste João, e por outro lado, se vasa nuns *mesianismos* dolentes e esperançadamente promissores, cuja fórmula mais vulgar é o famoso *sebastianismo*...

Livre-me Deus, meus senhores, livre-me

Deus da pretensão de querer emendar o pensar e o sentir daquelles afamados escriptores a respeito de seu povo.

Elles que o dizem é porque o sabem... Mas, com todo o respeito, peço licença para discordar e dissentir por modo completamente diverso, senão de todo opposto.

Filho de portuguezes, tendo vivido entre portuguezes, havendo tambem viajado terras portuguezas, desejo apenas dar minha impressão pessoal.

A famosa e falsissima caracteristica do genio da nacionalidade de Camões, de Albuquerque e do Gama não passa da repetição das phantasias romanticas postas em voga por Ernesto Renan no seu, tão brilhante quão inconsistente, ensaio intitulado — *La Poësie des Races Celtiques*. As mirabolantes miragens de merencorias, magoadas, dolentes, inconsolaveis tristezas celticas, ha muito desfeitas pelos estudos severos de Gaspar Zeuss, d'Arbois de Jubainville, Mommsen, nos dominios da linguistica, da ethnologia e da historia e pelos de Edmundo Demolins nos da sciencia social, são tudo quanto existe de mais inexacto como retrato dos genuinos celtas, guerreiros e falladores, bulhentos e divertidos, todos amanteticos de pilheria e de facanhas de valentia. As duas notas de — *Esprit et Gloire* não são as mais proprias para expressar a melancholia irrefreavel. Haveis de convir.

A novella ethnographica de Renan aos proprios celtas decadentes e degenerados da Bretanha franceza só com as maiores reduções se poderia applicar. A gente portugueza, vasada noutros moldes, e feita de outros metaes é que nada tem a vêr com ella.

Os motivos com que a escoram em Portugal, difficilmente encontrariam outros mais frageis, mais improficuos, mais insubsistentes.

São outras tantas historietas para adormecer creanças.

A *tristeza negra*, em Portugal, como nota caracterisadora do povo, como nota tonica da indole da gente!

E' mistér ter esquecido depressa o que são as *feiras*, as *romarias*, as *janeiras* em todo reino; haver deixado apagarem-se da memoria os tons festivos do *trabalho*, das *sachas*, das *desfolhadas*... as *dansas*, as *cantigas*, o *fado*, em summa.

As navegações sem alvo, e sem destino, atraz de ilhas encantadas e do mytho do Preste João !...

Como as apparencias illudem !

Como as preoccupações *celtisantes* são enganadoras !

Um olhar lançado para a realidade historica assiste, como por encanto, ao desmoronar de tão frageis phantasias. As grandes empresas tentadas pelos portuguezes nos dominios do oceano nas ultimas décadas do seculo XV, e na primeira metade do seculo XVI são o phenomeno economico historico mais simples, mais natural, mais logico, mais práctico, que ao mais exigente critico se poderia deparar na vida de quaesquer povos.

Eram a consequencia de toda a phase anterior, que parece andar assaz esquecida pelos modernos fazedores da psychologia popular portugueza.

Durante todo o seculo XIV e no correr de todo o XV o commercio principal europeu era o commercio do Levante, feito pelas marinhas

das republicas italianas, nomeadamente Veneza, na bacia do Mediterraneo.

Dalli se espalhava, por varias vias, pelos mercados da Europa.

Uma dessas vias, desses caminhos, o mais notavel de todos, era o porto de Lisboa, estuario seguro e encantador, natural interposto das gentes ribeirinhas do Mediterraneo para os mares do Norte do Continente.

Todo intercambio das cidades do Sul com os mercados do Atlantico, da Mancha, do Mar do Norte, do Baltico, ou demandasse a França, ou a Inglaterra, ou Flandres, ou a Allemanha, ou a Dinamarca, ou as Cidades Hanseaticas, passava pela famosa metropole do Tejo. Durante todo *Tresentos* e todo *Quatrocentos* — Lisboa foi um assombroso centro mercantil, onde gregos, egypcios, venezianos, genovezes, biscainhos, catalães, italianos de todas as zonas, flamengos — entregavam-se ao commercio das drogas do Oriente, dos artefactos do Levante e dos productos do paiz. Os vinhos portuguezes já então circulavam por toda a Europa.

Os filhos da terra, em cujas veias giravam fortes e abundantes gôttas do sangue phenicio e carthaginez, fôram desde então attrahidos para o commercio maritimo e para as vantagens da navegação, além dos lucrativos negocios terrestres, largamente por elles tambem manipulados, como bons discipulos de judeus e arabes que eram.

Ora em tudo isto póde haver um pouco de quanto se queira imaginar, menos a decantada melancholia dolorosa dos Celtas de Renan...

Estavam as cousas neste pé, neste pratico ponto de vista, quando os Turcos trancaram

as portas do Oriente, fecharam as entradas e saídas, apoderando-se de Constantinopla, da Grecia, da Macedonia, da Asia anterior, de boa parte da Arabia, do Egypto e do norte d'Africa. Rolou por terra o poderio de Veneza, de Genova, das Republicas do Mediterraneo. Lisboa, sensatamente, praticamente, judiciosamente se preparou para recolher tamanha herança: o commercio directo com o Oriente. Fechado pelos novos e barbaros dominadores o caminho terrestre, o classico, o tradicional, o conhecido, o batido, os monarchas portuguezes do tempo, como bons estadistas, D. Affonso V e D. João II principalmente, procuraram outras rôtas e só duas se lhes antolhavam: a do oceano, contornando a Africa, e a da Ethiopia. E por que a Ethiopia, senhores? por uma dupla razão poderosissima: era, naquella direcção a terra livre do dominio ottomano e era gente christã desde o IV seculo, tal qual hoje!...

Eis o motivo da embaixada enviada ao Negus d'Abyssinia, coêvo de D. João II. E a isto se chama correr atraz do mytho do Preste João, desfigurando, sem vantagem e sem bellezas, paginas mal comprehendidas dos chronistas!... — E á navegação pelo Atlantico, a circumnavegação d'Africa, inicio da phase moderna na vida economica e social da humanidade, se denomina o andar sem destino, nem alvo á *cata de ilhas encantadas*, só porque essa deliquescente interpretação da historia encontra frageis pontos de apoio na philosophia e na critica superficialissima do autor da *Vida de Jesus*, e porque algum chronista imbuido de leituras da *litteratura de cordel* da epoca do *Quinhentos* e de livros de *cavallaria*, ainda em moda em plena

Renascença, se desenfastiasse pilhericamente, fallando em *S. Brendão*... São, e evidentemente, senhores, theorias edificadas na areia: esfarelam-se entre os dedos.

Quanto ao *Sebastianismo*, devaneio *semitisante*, ligado ao *celticismo* das melancholias intoleraveis e das viagens ás ilhas encantadas, atraz do *S. Graal* e do *S. Brendão*, eu o julgo ainda mais improprio para definir o genio da valorosa nação portugueza entre as demais nações do mundo. Não, não é possivel, não o deve ser pelo menos, que se tomem os augurios de um sapateiro mentecapto de Trancoso, as visagens dum hystericico como Frei Gil de Santarem, as phantasmagorias doentias do Padre Antonio Vieira, evidentemente desequilibrado naquella phase, que se tomem taes symptomas morbidos por uma das expressões mais authenticas, mais genuinas, mais adequadas, mais eminentes do character e do genio portuguez.

Por mais que os Jesuitas forjassem o myto e o enfeitassem, para seu uso e conveniencias, sempre ãe pareceu suspeito aceital-o como expoente psychologico dos compatriotas de Pombal.

Não, nada disto, senhores!

O verdadeiro interior da alma portugueza, se pôde ser indicado numa fórmula, parece-me ser esta: *a alegria discreta, contida, espontanea, insinuante e communicativa, — sim, mas calma e ponderada; a intelligencia lucida, discursiva, methodica; a actividade serena, regrada, o que tudo pôde ser expressado nas palavras — equilibrio das forças do espirito e do character.*

Nada das melancholias crueis, como as dos Slavos do Norte; nem das expansões ruidosas,

hilariantes, das fanfarronadas de risos, como as do Gascão, do Sevilhano, do Napolitano. —

Nada das nebulosidades espirituaes, dessa especie de floresta escura do pensamento, desses esconderijos profundos e insondaveis, que tem cabido por vezes, em sorte, aos Germanos e Hindús.

Nada das actividades tumultuarias, irrefreaveis, impulsivas do *Yankee*.

Equilibrio, equilibrio, senhores, das energias do cerebro e do coração, da intelligencia e do character: alguma cousa que lembra o Provençal.

Tudo mais me parece muito bonito, porém muito falso.

As provas? as provas?

São tantas, que sinto difficuldade apenas na escolha, e pena tenho de não as poder desenvolver, pela impropriedade da occasião.

Indical-as-hei — em fórma synthetica. O clima do paiz e o aspecto da natureza que, lembrando, aqui e alli, as melhores zonas da Italia e do Sul da França, os sitios mais encantadores da Hespanha e da Grecia, só pelo mais completo absurdo poderia crear um povo de tristes e merencorios.

A industria campestre predominante da simples e facil *cueillette* — de vinhas, fructos variadissimos e productos congeneres, partilha das gentes afortunadas do Meio-Dia, que é uma fonte constante de bom humor e suaves expansões.

O spectaculo interessante do povo no seu trabalho, nas mondas, nas sachas, nas vindimas, nas desfolhadas...

O spectaculo, ainda mais curioso, e ultrapittoresco das populações ruraes nos mercados,

nas feiras, e, acima de tudo, nas *romarias*, que nada sei que lhe possa comparar senão o que li em Gregorovius em seus *Passeios pela Italia*.

As poesias e contos populares, onde tudo é commedido, doce, graciôso, meigo, sem monstruosidades, sem tumultuarias aventuras, sem desgarrados *rabelairismos*, sem nojosas *baudelairisses*, sem loucuras terrificantes, sem desequilíbrios estapafurdios.

As dansas, sempre galantes e vistosas, sem as extravagancias do Oriente, sem as licenciocidades gaulezas, sem as grosserias das gentes inferiores.

Os trajos das mulheres campezinas, principalmente no Norte, que são uma amostra de finura e bom gosto.

O lyrismo dos grandes poetas, limpido e claro como as manhãs estivaes, dulceroso e têpido como as noutes estrelladas dos céos meridionaes.

A arte predominante na esthetica do povo — a architectura —, que é toda ordem e harmonia, e a quasi ausencia da musica dolorosa e empolgante, ao gosto germanico, que é a verdadeira arte dos tristes e melancholicos.

As aptidões praticas do povo para o commercio, a navegação, a leve agricultura, as pouco complicadas industrias, sem descambar nunca na obsessão materialista dum mercantilismo infrene ou ignobil.

As qualidades theoricas de seu espírito, sempre placidas, moderadas, quaes se revelam nas suas produções juridicas, historicas, politicas, scientificas, criticas, philosophicas, especialmente estas ultimas, sempre muito parcas, e das quaes andou constantemente ausente a transcen-

dental metaphysica desarticulada e imponderavel.

Finalmente, os seus grandes homens, os seus typos representativos em todos os tempos, quer os heroes da acção, quer os da idéa: um D. João II, um Bartholomeu Dias, um Vasco da Gama, um Camões, um Albuquerque, um Pombal, um Garrett, um Herculano... Difficilmente se encontrariam espiritos e caracteres mais organicos e mais harmonicos, todos elles dotados do que se poderia chamar a elasticidade plastica dos temperamentos superiormente robustos.

Quão distante estamos da *apagada e vil tristeza*, de que falla o incomparavel poeta: quão distantes das *viagens sem destino*, dos *sebastianismos* doentios!

Aposto que nem um só dos oito portuguezes citados daria um passo sequer em busca de *S. Brendão*!

Ora, pois, senhores, e este é o ponto a que desejava arribar, Pinheiro Chagas, com toda a sua cyclopica producção, é um retrato de seu povo: nada se nota nelle de irregular, de enorme, de desequilibrado, de monstruoso.

A região por seu espirito percorrida é extensa, é vasta; mas é isenta de despenhadeiros, de precipicios e de abysmos; é como as viridentes paisagens de sua terra, com suas veigas floridas, suas encostas relvosas, seus rios pittorescos; contém campinas suavemente onduladas, mas não encerra desertos arenosos e ressequidos; conta montanhas, mas estas não desafiam as nuvens em attitudes aneaçadoras. Tudo em sua obra é vivo, animado, exuberante, ás vezes, de seiva; mas tudo é rhythmado, me-

dido, normalisado, por um bom senso que se não desmente nunca, por essa clareza de idéas, essa facilidade de fôrma, essa transparencia de estylo, que são o apanagio dos espiritos sadios.

Para bem comprehendê-lo não basta pô-lo em seu logar, em seu paiz; mistér se faz collocar-o tambem em seu tempo: as quatro ultimas décadas do seculo XIX.

Quando Pinheiro Chagas appareceu, já o romantismo portuguez tinha produzido suas melhores obras.

Já o triumvirato incomparavel de Garrett, Castilho e Herculano — havia perlustrado os dominios da poesia, do conto, do romance, do drama, da historia, da eloquencia, e colhido algumas das flôres mais vivazes e perfumadas da intelligencia nacional em todos os tempos. Garrett já havia até desaparecido da arena, e os seus dois companheiros cançados, sopesavam ainda os montantes, mas sentiam que iam sendo horas de recolherem ás tendas.

Seus quatro successores mais immediatos e mais vultuosos — Mendes Leal, Rebello da Silva, Latino e Camillo — tinham já dado toda a medida de seu valor, no prolongamento das mesmas tendencias, no encaço dos mesmos ideaes.

Aquillo que tinha sido valido e progressivo em 1832 já não podia satisfazer, trinta annos após, em 1862; a velha escola tinha sido coberta por uma camada de folhas sêccas, cahidas das mãos dos epigonos.

Era urgente, era indispensavel reagir, e a reacção veiu

Tumultuaria, indisciplinada, irreverente, porque era um levante de moços, porém fecunda em resultados.

Tres pares de revolucionarios deram o assalto á velha cidadella romantica por varios lados, mais ou menos simultaneamente, ou com pequenos intervallos: Anthero de Quental e Guerra Junqueiro, Theophilo Braga e Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz — revolveram a poesia, o romance, a critica, a historia, as questões politicas e sociaes.

Em tudo o progresso foi real e innegavel, nomeadamente na poesia, no romance e na critica social.

Na historia, apesar de certa dança macabra por conta das origens das populações da península, verdadeira *orgia de duendes*, na qual deram a palma, ora aos Trogloditas primitivos, ora aos Iberos, ora aos Ligures, ora aos Phenicios, já aos Celtas, já aos Carthaginezes, já aos Romanos, já aos Godos, ás vezes aos Arabes e não raro aos Berberes... na historia, a despeito dessa vertigem mirabolante e fallaz, não deram um passo seguro e sério, além de Herculano, em que pése a certa critica pragueña que tomou a si a funcção de o injuriar, na impossibilidade de o corrigir...

O mesmo é licito affirmar do drama garretiano, que ainda espera os continuadores d'egual genio.

E reparae, senhores: entre os representantes das velhas doutrinas e os portadores dos novos modos de vêr, ergueram-se tres vultos menos brilhantes, talvez; mais sympathicos, por certo: João de Deus, Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, formando o élo que prende uns aos outros, a transição, o laço de ouro, que liga o Portugal romantico ao Portugal realista, naturalista, symbolista dos ultimos tempos...

Constituem em meio do firmamento do século XIX, na terra de Camões, uma especie de estrella tripla, clara, visivel, aos olhos dos que sabem amar todas as glorias puras.

A's vistas desses desvendam-se elles mais modestos do que alguns outros, porém mais eslavéis, mais seguros, de um brilho mais doce, mais saudosamente insinuante.

A musa de João de Deus é plebéa na ingenuidade de seu desalinho, na candura de seu olhar; mas é como a flôr de luz e neve, expressão suprema de dez seculos de sonhos da alma de uma raça bôa.

— E' como serrana encantada que nos transmittisse de longe em longe, por entre nuvens douradas, a etherea monodia d'estranhos mundos.

A musa de Thomaz Ribeiro é aristocratica; é como castellan altiva e dolente, ousada e crente, gemendo nostalgias indefinidas ao mystico clarão das noutes enluaradas.

A musa de Pinheiro Chagas é como a alma integra, completa do povo portuguez na sua labuta de todos os dias; é o povo inteiro na sua faina, na sua actividade, visto pelo lado eternamente bello e bom do trabalho: todas as classes, todas as jerarchias, olhadas da parte dos affectos mais nobres, das aspirações mais sãs. Se fôsse preciso represental-a sob a fórmula concreta duma mulher —, seria a de mãe amantissima, carinhosamente atarefada da prole, a musa desse homem que casou idyllicamente, romanticamente por amor e trabalhou incessantemente *quarenta annos por amor desse amor*, o amor de uma mulher...

Vêde-o nas suas obras principaes; vêde-o

nesse bello *Poema da Mocidade*. Não é um livro de revolucionario: não é um symbolo de morte, ou seja a morte duma escola litteraria, ou seja a morte de um deus...

E' antes um symbolo de vida: o poeta borda o thema eternamente novo e fascinante do affecto dos affectos; o livro não representa uma época, porque exprime cousa melhor, o pulsar alvicaireiro dos corações melodiosos de amor. E' linguagem que ha de ser entendida até a consummação dos seculos.

Vêde-o nessa encantadora *Morgadinha de Valflôr*, o melhor, talvez, dos dramas românticos portuguezes, depois do *Frei Luiz de Sousa*, a obra prima de Almeida Garrett.

E releva ponderar que só por este facto, só por haver sido, nesse drama, o digno successor do grande genio de *D. Branca e Camões*, Pinheiro Chagas entrou com pé firme na categoria dos immortaes.

Vêde-o, dizia eu, nessa encantadora *Morgadinha de Valflôr*, com as suas antitheses de classes, e tão cheia de caracteres elevados, altivos, nobres, sinceros, como são os da bôa seiva portugueza em todas as camadas.

Vêde-o nesse patriotico *Drama do Povo*, no qual o alento das grandes aspirações democraticas é tão intenso e a satira aos nobres e clérigos, que festejavam o estrangeiro invasor, é tão acerada e certa.

Nessas singulares *Tristezas á Beira-Mar*, ainda com suas antitheses entre a cidade e o campo, onde a imaginação do romancista deramou poesia ás mancheias e crystallisou algumas bellezas peregrinas da alma da mulher portugueza.

Não é também a obra dum revolucionario: é a de um bom e de um puro.

Nessa Côrte de D. João V. na qual as paixões e intrigas fervem e tumultuam, mas, por ser em terra portugueza, encontram-se peitos que batem sempre leaes.

Nesses *Estudos Criticos* que exerceram, ao tempo em que sahiram a lume, dupla e indispensavel missão: chamar á ordem alguns innovadores improvisados, corrigindo-lhes os erros; mostrar aos moços as fontes onde aquelles estavam atabalhoadamente a beber, revocando-os a idéas mais sensatas.

Nessa portentosa *Historia de Portugal*, a unica completa que existe, onde sentimos viverem os tempos, como se estivessemos no meio delles.

Mas, meus senhores, de tanto trabalho, de tão collossal producção, que vae ficar?

Antes e acima de tudo, elle mesmo, o autor... Manoel Pinheiro Chagas era um desses homens de que falla Goëthe, que valem pelo que são e não pelo que fazem, por isso teem mais valor do que a sua obra, a despieto do merito extraordinario della.

Antes e acima de tudo ficará o seu nome, o seu exemplo, apontado como norma aos trabalhadores indefessos: o nobre devotamento dum homem, que, tendo chegado ás mais altas posições politicas em sua terra, conservou as mãos limpas, porque nellas estava o seu instrumento de trabalho, a sua penna; o nobre devotamento dum homem que fez do cerebro a seára enorme, donde tirava o pão material para os seus e o repartia com o povo sob a fórma da producção litteraria...

Depois, essa monumental *Historia de Portugal* que traz colligidos os melhores documentos de todas as épocas da vida da nação, cuja narrativa desliza num estylo claro, limpido, translucido, d'encantar.

Lembra a de Henri Martin, em França, pela extensão e minuciosidade, sobrepujando-a pela viveza e eloquencia da linguagem.

Depois, ainda, a lembrança do orador torrencial e deslumbrante que só teve rivaes em José Estevam e Antonio Candido.

Delle se poderia formar uma pequena bibliotheca em que figurassem dois ou tres dramas, outras tantas comedias, outros tantos romances, cinco ou seis artigos politicos, outros tantos ensaios criticos, outros tantos discursos, dos mais completos, dos mais perfeitos, dos mais bellos da lingua portugueza.

E' só escolhel-os quem para isso tiver gosto e saber.

E sejam, senhores, minhas ultimas palavras a recordação dum passo de sua vida de orador.

Era em Paris; amigos, patricios e admiradores tinham preparado uma festa, um banquete em honra de Pinheiro Chagas. Fulgiam entre os convidados notaveis figuras da politica, das lettras, do jornalismo francez. O jantar havia começado sob impressão displicente causada pelo comparecimento do festejado, depois, bem depois da hora convencionada, e pelo seu aspecto de homem pouco dado a apuro de elegancias: dois crimes perante a etiqueta parisiense...

Lá para o fim, por cumprir a pragmatica, alguém levantou um brinde ao orador portuguez.

Este teve de responder, saudando a França.

Foi alguma cousa de inedito em labios estrangeiros na grande capital, alguma cousa de superior ao proprio Castellar pela lingua, pois este, começando em francez, tomado o calor do improviso, passava insensivelmente para o hespanhol.

Com o orador portuguez, diverso, mui diverso era o que, com assombro, se estava a presenciar.

Phrase larga e rhythmica, vocabulario variado e abundante, estylo brilhante e pittoresco, dum desenho firme e num colorido expressivo, tudo numa synthaxe correctissima, ao gosto dos mais aprimorados escriptores. O auditorio foi-se deixando dominar pela magica influencia do orador, foi-o cercando aos poucos, no meio de delirantes applausos.

E quando chegou áquella imagem final da França, como o Christo dos povos e da politica, crucificada entre dois ladrões, sacrificando-se, consumindo-se a si propria, para remir e salvar as nações, o enthusiasmo não teve mais limites.

Levaram-no ao collo...

Pois bem, senhores ! Portugal teve seu bello dia na historia, quando desvendou ao mundo a India, a China, o Japão, todo o Oriente em summa, e quando em terras d'America lançou as sementes dum grande povo.

Portugal póde ainda, deve ainda ter douradas esperanças num radiante futuro com o seu imperio colonial d'Africa.

Mas alli está elle sacrificado exactamente entre os dois ladrões que ladeavam a França, na phrase do magestoso orador.

Para resurgir victorioso, porém, basta que

elle se inspire no sentir e no querer de seus heróes, de seus grandes homens, e aquelle, cuja memoria aqui honramos, é certamente um destes...

XVII

CONCURSO DE LOGICA

(A Congregação do Gymnasio Nacional)

Eleito para fazer parte da commissão julgadora do concurso de Logica, a que se vai proceder neste Gymnasio, venho apresentar-vos as razões que me privam de cumprir essa honrosa missão.

Graves motivos de consciencia impõem-me que jure suspeição, e é o que faço.

Num pleito, como esse que se tem de ferir, duas são as qualidades que hão de ser severamente consideradas: a força e destreza da intelligencia dos candidatos, a extensão e profundez de seu saber.

Mas estas duas circumstancias não dão completamente conta da tarefa do julgador, porque duas outras se estão a impôr: a natureza, a indole, o alcance da sciencia dos pretendentes e, mais, o grau das relações destes com aquelles que os vão julgar.

Para uma consciencia delicada estas ultimas considerações são de tanto pezo quanto as primeiras.

Ora, por causas que não vem ao caso expôr,

colloquei-me em tão escabrosa posição no meio das luctas espirituaes brasileiras, que me sinto privado do prazer de tomar parte no debate que se vai realisar.

Não se trata pura e simplesmente de discutir algumas theses de logica com uma duzia de intellectuaes, o que me seria agradável; trata-se de cousa mais séria: decidir da capacidade, do saber, do valor, do merito real de candidatos que se julgam com direito á investidura num cargo publico, decisão essa que deverá ser a base da justiça que ha de presidir á escolha do Governo federal.

O julgador deve estar a salvo de todas e quaesquer suspeitas.

Entre os candidatos ha sectarios confessos do positivismo religioso e sou autor de um livro *Doutrina contra Doutrina* — que, bem ou mal, insurge-se e dá combate contra o ensino positivista. Ainda hoje mantenho todas aquellas idéas, sentindo apenas não ter podido fazer mais forte, mais renhida a opposição.

Não é só: em o numero dos pretendentes contam-se membros eminentes da igreja catholica, e sou autor doutro livro que corre sob o titulo — *A Philosophia no Brasil* — no qual as doutrinas da philosophia catholica são peculiarmente atacadas nos capitulos consagrados a Mont'Alverne, Domingos de Magalhães, Padre Patricio Moniz, Soriano de Sousa e outros. Ainda agora perfilho as mesmas opiniões, declarando que faria hoje ainda mais radical a minha critica.

E' preciso ser sincero: tenho por erroneas e muitas vezes desastradas as idéas combatidas nos dous livros, e o meu primeiro impulso

seria reprovar e afastar do ensino da mocidade os portadores de taes doutrinas.

Posso, pois, em consciencia, por mais que o queira, ter aquella suprema isenção de animo, aquella absoluta imparcialidade, aquella fria identificação com a justiça, indispensavel ao Juiz?

Consciente ou inconscientemente, os nossos affectos, nossas emoções, insinuam-se sorratamente em nossos juizos.

Poderia sem prevaricar, diante de mim proprio, arvorar-me em julgador de espiritos, cujas doutrinas me são antipathicas, se me antolham falsas nuns casos, incompletas noutros, retrogradadas quasi sempre e a que dei rude combate em escriptos que são actos publicos?

Poderei estar em erro; mas sinto-me feliz em chegar a ter a delicadeza de consciencia que levanta taes escrupulos: sou suspeito: não posso, não devo julgar esses homens.

Não é agora a occasião, nem é este o lugar para fazer a resenha critica, por summarissima que fôsse, da essencia da religião positivista e de seu paradigma — o catholicismo.

Basta lembrar de leve, por conta da primeira, não fallando já da parodia mesma que, por essa face, faz do seu modelo; nem da curiosa trindade de *Grand Félicite*, *Gran Milieu* e *Grand Être*; nem da singular ingenuidade (os genios, quando são prophetas, pontifices e formuladores de religiões, são ingenuos) com que arvóra Madame de Vaux em excelsa — *Virgem Mãe*, e suggere como nórmas á meditação dos fieis trechos de cartas inspiradas pelas condições demasiado prosaicas de uma insulsa paixão burgueza; não lembrando já tudo isto, basta citar

o seu desaccôrdo, que será cada vez maior, com todas as grandes conquistas da sciencia moderna nos dominios da mechanica, da physica, da chimica, da biologia, da psychologia, da anthropologia, da economia politica, sciencias estas, algumas das quaes o comtismo não admitte, appellidando outras de puro e pretencioso *gongorismo scientifico*...

Mister ha de não esquecer o caso, precipuo ao nosso assumpto, o caso da Logica, declarada em odio a Stuart Mill, inexistente, como disciplina á parte, sendo, portanto, antes de mais nada, muito de estranhar que sejam candidatos ao ensino de uma sciencia individuos que lhe não admittem a existencia.

E', pouco mais ou menos, como se se propuzessem a dar lições de theologia.

Isto não é sério.

Não deixarei, entretanto, de ponderar aqui mesmo que, com essa anomalia, commettem pelo menos, os seguintes desacertos:

I. Confundir, porque elles a querem substituir pela mathematica, as condições do mundo subjectivo, condições do dominio do raciocinio, com as do mundo exterior, do mundo material. Confundir — *extensão, largura, comprimento, profundidade, espaço, movimento, successão, coexistencia* — *corpo*, que são a origem, a raiz e, ao mesmo tempo, o *substratum* abstracto da mathematica, com as fórmulas, as relações internas, subjectivas do raciocinio, os meios de inferencia do espirito, já de si anteriores e indispensaveis para a comprehensão das mesmas intuições mathematicas. E' o posterior tomando a frente ao anterior, o *carro adiante dos bois*, no dizer graphico do sertanejo patricio.

II. Não dar implicita, senão explicitamente, conta da immensa multidão de noções e idéas extra-científicas, que constituem o avultado, o enorme *saber vulgar* da humanidade, saber que se não teria constituído e accumulado, se, para ser obtido, fôra mister o conhecimento da *mathematica*.

III. Desconhecer a capacidade espontanea do espirito para inferir, especie de logica instinctiva, herança millenaria de nossas remotas origens avitas, da qual a sciencia respectiva é apenas a descripção acurada, tendo por alvo descobrir as leis da realisação e desenvolvimento daquelle factó inicial. A logica é como a *grammatica*. Tal como esta, que não cria a linguagem e lhe descobre apenas as leis de crescimento e evolução, assim a outra não cria o raciocinio, nem qualquer faculdade do espirito. Propõe-se a estabelecer as leis da inferencia inductiva e deductiva e nada mais.

IV. Não reparar que a exigencia do saber mathematico para desdobrar e fortalecer o raciocinio em geral, além de pôr fóra das condições de raciocinar com segurança grandes espiritos avessos á cultura daquelle sciencia, é uma verdadeira *contradictio in adjecto*; porquanto, se a *mathematica* se encarrega de garantir o juizo e o raciocinio nos varios dominios das diversas sciencias, quem se ha de encarregar de os garantir nos proprios dominios della?

V. Escolher, com equivoco evidente, para escola de methodo uma sciencia preponderantemente, alguns diriam quasi exclusivamente, deductiva, inapta, pois, para ajudar os processos da observação, da experiencia, da comparação, da classificação, para tudo dizer numa

só palavra, da indução, pedindo desculpas aos que me ouvem por tantos *ãos*, que os phariseus de manjas idiomaticas não conseguiram ainda apagar da nossa lingua.

VI. Desconhecer, implicitamente, ser esta a razão pela qual as sciencias que se distendem após e além da mechanica, da astronomia e da physica (estas mesmas só em parte pódem ser tratadas pelo methodo puramente deductivo) não pódem ser manejadas mathematicamente, nem quanto aos processos, nem quanto ao conceito capital do seu conteúdo.

E que nellas, além da questão do methodo, ha de ser considerado o peculiar conceito da *qualidade*, que sobrepuja o da *quantidade*. Tal o caso da biologia, da psychologia, da sociologia em todas as suas ramificações: economia, direito, esthetica, politica, critica das religiões, moral, historia, etc.

Como sobrepôr a tudo isto o conceito da pura e simples quantidade e fazer desandar a roda das inferencias deductivas?

E, notar que, com taes esconjuros e singularidades, postam-se, por gosto, os positivistas fóra das investigações de uma sciencia que, depois de Herschel, Whewell e Stuart Mill, tem realizado admiraveis estudos!...

Não é, claro, a intelligencia e certo saber amputado que lhes falta; mas os preconceitos fanaticos de uma dogmatica fechada os obscurecem e desnaturam.

Que dizer do vetusto e fundo dogmatismo catholico, que, nos espiritos fieis á velha doutrina e sinceros consigo e com ella, deve influir até nas concepções logicas?

Evidentemente é que me limitarei a lembrar

só o desaccôrdo que essa veneravel religião milenaria mantêm com todas as innovações scientificas que alteram ou modificam em qualquer grau sua antiga intuição theologica do universo.

Os conflictos distendem-se por todo o curso da historia.

Se, de um lado, como os chamados *modernistas* actuaes, alguns espiritos fazem inauditos esforços para pôr de accôrdo as obsoletas injuncções da fé com as conquistas da sciencia, de outro não é menos verdade que, afinal, se alevanta o *non possumus* da cathedra pontificia.

E essa barreira opposta á entrada de doutrinas e theorias que contradizem, ou parecem fazel-o, ás inflexiveis concepções da dogmatica emperrada, não constitue um phenomeno excepcional, peculiar á egreja catholica.

Tem sido o caso de todas, não esquecendo o proprio positivismo, ainda neste ponto muito parecido com o catholicismo nos processos de amaldiçoar.

«Frequentes, escreve Levy-Bruhl, são os conflictos entre os dogmas religiosos e a especulação philosophica ou scientifica. A antiguidade conheceu-os, tanto quanto a Europa christã. Foi, porém, sobretudo após o Renascimento que se multiplicaram. A causa que os determina é sempre alguma descoberta ou algum novo methodo, em materia de philosophia natural, que pareça contradizer a verdade religiosamente consagrada. Será preciso lembrar os casos mais celebres: — Anaxagoras, quando disse que o sol era uma pedra incandescente; Protagoras, quando duvidou que o homem pudesse conhecer os deuses; Galileu, ao provar o movimento da terra; Descartes, ao formular a

concepção da physica moderna; Diderot, por escrever a *Carta sobre os Cegos*; Darwin, porque expoz a hypothese transformista?

«Por toda a parte onde a tradição religiosa ensina determinada interpretação, metaphysica e positiva, do universo, e, consequentemente, presuppõe certas soluções dos grandes problemas da philosophia e da sciencia da natureza, é certo que se opporá ás concepções e soluções novas que o progresso da philosophia e do saber positivo faz pouco a pouco surgir».

Não é caso, como se vê, privativo do dogmatismo catholico, repito; nelle, porém, assume, sob certos aspectos, fórma demasiado chocante.

Sei bem que a pura intelligencia não é a medida unica das cousas. Outras forças ha no espirito que teem o direito de ser ouvidas.

Mas dahi a passar a esponja em idéas impressas em livros que andam em publico, só pelo gosto de introduzir no ensino leigo da Republica — um ou mais padres catholicos, vai uma distancia que me não sinto disposto a transpôr. Se o padre é sincero, não deve aberrar das lições fundamentaes de sua doutrina, sob todos os aspectos e em todos os assumptos. No caso especial da logica, não tem o direito de se afastar das idéas da Escolastica expostas pelos grandes mestres da Igreja, com S. Thomaz de Aquino á frente.

Os chamados principios, verdades primeiras, axiomas, idéas universaes... são todos, *a parte mentis*, innatos, *a priori*, transcendentos, e o rei dos methodos é a pura intuição racional, seguida da deducção formal.

Ando por outros caminhos e não poderia

conferir a laurea da approvação, em concurso para provimento de uma cathedra no magisterio, aos portadores de taes velharias.

Não é que deseje fazer praça de menospreço por tudo que possa ter algum resaiibo de religião, muito menos tratando-se do christianismo.

Oriundo da confluencia das duas principaes correntes religiosas da antiguidade: a corrente aryana, que lhe forneceu a idéa da *Trindade* e da *Encarnação divina*, e a semitica que lhe inspirou o conceito da *Creação do nada* por acto voluntario de um Deus pessoal, o christianismo é muito respeitavel e terá vida longa, por ser susceptivel de transformações indefinidas.

Mas, para tanto, terá de reduzir a um minimo aceitavel a sua dogmatica e de quebrar as duras aréostas dos seus *non possumus*.

— Mas não seria só com adversarios que me teria de avir.

Camaradas e amigos dilectos, concurrentes ao certame, tornam-me, por outra fórma, suspeito.

Como ter o espirito isento, radicalmente isento de quaesquer affectos amistosos ao julgar um confrade da Academia, como Euclides da Cunha, em cuja recepção tive a honra de funcionar, fazendo-lhe os mais calorosos (*rasgados*, dizia certa casta de jornalistas...) elogios?

Como, sem o mesmo perigo, julgar um amigo querido, como Ovidio Manaya, affeito ás lides do magisterio, tão preparado nas linguas quanto nas sciencias e a quem, se de mim dependesse, investiria sem pestanejar na posse da cadeira disputada?

Escuso fallar de outros candidatos, com os

quaes, no proprio Gymnasio, vivo em bôa camaradagem, como companheiro nas tarefas do ensino.

Não; é impossivel: dou-me por suspeito, juro suspeição. Não posso, nem devo julgar todos esses a quem me refiro neste papel.

Março de 1909.

XVIII

O DUQUE DE CAXIAS E A INTEGRIDADE DO BRASIL

(Conferencia realisada no dia de seu centenário,
26 de agosto de 1903)

Meus senhores:

E parece que foi hontem.....

A vibração immensa, repercutida n'alma nacional, pelas esplendidas e rapidamente succedidas acções de *Estabelecimento*, *Itororó*, *Avahy*, *Lomas Valentinias*, *Angustura*, *Assumpção*, dirigidas, capitaneadas pelo Marquez de Caxias, accordando todos os enthusiasmos, alvorotando todas as fibras, era uma como sagração da gloria, uma antecipação dos destinos, a mostrarem ao Brasil alevantado posto na senda do porvir intermino e fulgurante.

E' como se fôra hontem mesmo...

E já hoje a nação, desconsolada e abatida, desconhecendo a si mesma em meio dos pygmeus innominaveis que a deslustram e asphyxiam, olha merencoria para as bandas do passado, pungida de saudades da geração de gigantes que a proclamavam immortal; pungida de saudades desse turbilhão heroico dos Barrosos,

Inhaúmas, Porto-Alegres, Itaparicas, Camerinos, Andrades Neves, Sampaivos, FONSECAS, Triumphos, que fórman na historia a guarda de honra do incomparavel par homerico de Caxias e Herval...

Qu'è dessas portentosas figuras que ao povo ensinavam a amar o dever e a confiar no ideal?

Qu'è desses homens, cujos nomes rutilavam como emblemas de vida, de gloria, de grandeza, a incutirem esperanças, a despertarem ousadias, a compellirem o povo ás avançadas do progresso?

Genio da historia, que mal te hemos feito que nos respondes com a desolação do presente, o amargo descrer do dia, a turva algidez das esperanças mortas?

Recordar-se... consolar-se...

Não é só verdade para o individuo: cabe tambem ás nações o salutar alvitre.

Recordemos, pois, e tomemos lição na vida e nos feitos do grande homem, cujo centenario agora festejamos.

E a só lembrança de fazel-o, o simples facto de ser esse potente character ainda capaz de acordar adormecidos cultos, prova é de que, a despeito das vinte olygarchias que nos matam, mau grado os desnorteamentos, os erros, as protervias, os crimes dos régulos que lançaram as garras sobre os vinte Estados do paiz, apoderaram-se delles e negregadamente os esphacelam, não está tudo ainda irremediavelmente perdido: o povo dormita apenas e os nobres impetos da raça pôdem ainda despertar.

E, quando o fizer, quaesquer que sejam as agruras do momento, por maiores as difficuldades a superar, se fôr fiel aos principios di-

rigentes de sua propria evolução, se prestar ouvidos ao seu mesmo genio, tomando nelle as inspirações para a acção, ha de fazel-o por caminho já trilhado, quero dizer, ha de fazel-o pela senda aberta por Caxias e outros raros mentores de equal merito, de similar envergadura.

Imital-o é contribuir para o engrandecimento do paiz; imital-o é mais ainda, é salvar o Brasil...

Fui eleito por esse punhado de dignos jovens, que constituem a brilhante *Federação dos Estudantes Brasileiros*, para dizer de Luiz Alves de Lima e Silva, para fallar da individualidade do grande cidadão, *prendendo-a ao desdobrar da nossa nacionalidade, estudando-a em suas relações com a nossa historia...*

São as textuaes palavras do mandato que recebi.

A rota do meu discurso está, pois, marcada, meu caminho norteado, meu programma estabelecido, e admiravelmente estabelecido...

E' que a mocidade, apesar de sua inexperiençia, sabe por instincto, apprehende com a intuição divinatoria d'alma popular, de que ella é a fórma mais ingenua e mais vivace, que nesse homem está uma das culminações da patria, um dos guias immorredoiros da jornada do Brasil ao través da historia, um dos phanaes da multidão no labutar das tradições, um dos mestres, um dos chefes espirituaes da nação.

Vale como força e funciona como lei, repetindo a phrase alada do poeta.

E a mocidade vê bem, por outro lado, percebe ás maravilhas que essas diabolicas experiencias que se andam a fazer com a vida po-

litica deste pobre povo brasileiro são a destruição systematicamente satanica, inconscientemente criminosa de toda a poderosa acção de Caxias.

Se elle teve merecimento, por haver agido de accôrdo com as necessidades fundamentaes de nosso povo contra as nefastas tendencias particularistas, merecendo, em tal caso, a festa que ora se lhe promove, a conclusão a tirar é que o que ahi anda descabelladamente pelos Estados, garroteados por outras tantas olygarchias, dirigidas por nefandos caudilhos, está cynicamente errado !...

Sim; não ha, não póde haver meio termo.

Se Caxias é benemerito da patria pelo emprego dado ás suas fortes e nobres qualidades de soldado, de cidadão e de politico, se esse distincto factor da vida unitaria nacional é um'alma de eleito, digna de nossos preitos, o caudilhismo federalista ou federalismo caudilhista, que esphacela todo o paiz, sacrificando as liberdades mais elementares, opprimindo os povos com seus impostos, seus confiscos, suas sinecuras e suas roubalheiras de toda a casta, armando Estados contra Estados e até municipios contra municipios, com a resurreição de innumeradas praticas abusivas, como seja o systema fiscal da idade média, de pedagogos, barreiras, entradas, sahidas, alfandegas internas... toda esta degeneração do systema federativo é um grandissimo erro, um enormissimo absurdo que urge deitar por terra, custe o que custar.

Infelizmente o dilemma é exacto e já não é mais tempo de illudir a nação com vãs apparencias: ou o Brasil sahe desse passo afflictivo, dessa especie de atoleiro politico em que mergulhou até ao pescoço, safa-se dessa selva escura, ou

estará perdido para as grandes aspirações, os altos feitos, os adamantinos ideaes, os fulgurantes destinos dos povos são e energicos, das raças fadadas a talharem fundo na historia, conquistando glorias, servindo de modelo ás gentes menores...

Não antecipemos, porém, meus senhores.

O caso brasileiro, cheio de terriveis enigmas para o geral dos rhetoricos que, infelizmente, quasi sempre teem governado esta terra, no imperio e na republica, cheio de rendosa confusão para o geral dos espertos, que, ao lado daquelles, a teem tambem governado, o caso brasileiro em suas linhas geraes é susceptivel de esclarecimento para todos os que em politica manejam os principios de uma sociologia superior e as qualidades firmes dos caracteres severos.

Não se resolve, é claro, com os palavreados de uns e as matreirices de outros.

Intelligencia certa e clara do problema, vontade honesta e energica em a acção para o solver, eis o que a muitos, a mór parte dos nossos directores tem faltado, e eis o que em larga escala teve o Duque de Caxias, e é por isso que elle no céu, hoje nublado, das aspirações do desavisado Brasil é — *duca, maestro e signore...*

Quaesquer que sejam, meus amigos, as difficuldades praticas da politica e mesmo por causa dellas, parece-me não serem para desprezar o ensino dos factos, a lição da experiencia, os dictames do saber.

A phase da colonia no Brasil, aliás, tomada em seu conjuncto, muito mais bem orientada do que a do imperio e incomparavelmente mais

do que a do federalismo actual, é desculpavel do emprego que fez dos expedientes empiricos.

Já não o é tanto o periodo monarchico, maximé nos ultimos tempos do regimen.

E' que nos dias coloniaes e nos dias do inicio da monarchia não se tinha ainda produzido a immensa cadéa de factos de todo genero inspirados ou regulados pelo systema representativo em ambos os continentes e, o que é mais, não se tinham ainda definitivamente estabelecido os dous grandes feitos, que são a gloria immorreioira do seculo XIX, os dous profundos achados espirituaes modernos: a unidade das forças phisicas, produzindo a unificação do saber pela distincção, enumeração e subordinação mutua de todas as sciencias do universo; a identidade por toda a parte das leis evolucionaes da humanidade, produzindo a sociologia geral pela individuação, determinação e classificação dos phenomenos sociaes, sem discrepância de um só, com a doutrina das creações fundamentaes da humana especie.

Unidade, pois, e inter-dependencia na multiplicidade em toda a linha, no universo e na humanidade, eis tudo.

Dahi muitas consequencias notaveis em todos os ramos do saber, em todos os dominios do pensamento, em todas as esferas da actividade. Dahi, nomeadamente, tres consequencias insophismaveis na politica:

a) obrigação de estar ella em accordo e em *consensus* com todas as outras manifestações espirituaes e activas de cada povo, cuja vontade dirige e formula, direito, religião, moral, arte, sciencia, vida economica;

b) obrigação de renunciar á mania de sup-

pôr que instituições se copiam indifferentemente de estranhos, sem attenção ás condições de tempo e espaço;

c) obrigação de abandonar no systema representativo a base do materialismo grosseiro do *territorio e da cifra da população* e procurar o almejado apoio na representação das *grandes funcções sociaes, correspondentes* ás creações fundamentaes existentes.

Este ultimo resultado, que é a solução futura de innumeradas difficuldades, é, por emquanto, um *pium desiderium*, tendo de lutar com muitos embaraços para firmar-se.

Os outros dous, porém, são já meras imposições do simples bom senso, attendidas por todos os povos que tem consciencia de si e por todos os estadistas dignos deste nome.

E o imperio o não fez, em grande parte, e a republica o não tem feito em proporção nenhuma, preferindo muitos dos sonhadores do antigo regimen deixarem-se dominar por um dos mais nocivos engodos das fantasias latinas — a *Politica Constitucional*, de Benjamin Constant, e deixando-se fascinar os extravagantes desorganizadores da republica pelo ainda mais prejudicial engodo da *Democracia na America*, de Alexis de Tocqueville.

Das duas manias, das duas maleficas preoccupações, esta ultima é, incomparavelmente, mais temerosa e mais cheia de tremendos perigos para o povo brasileiro.

O parlamentarismo britannico, aconselhado como norma de governo aos modernos povos por Montesquieu, repetido, neste ponto, por Constant, e, logo após, por Collard, Barant, Broglie, Thierry, Guizot, Thiers, era cousa

aceitavel na medida em que o parlamentarismo se confunde com a idéa mesma do systema representativo, com a noção mesma de uma das fórmãs, uma das faces do Estado moderno.

O federalismo, este só é aceitavel, só é regularmente possivel até o ponto em que se confunde com a pura autonomia administrativa sem entraves á grande vida politica da nação.

Mas aggravar inconsideradamente a dispersão anglo-americana de seculo e meio atraz, impingil-a a paizes norteados por outras normas; mas erigir em fórmula definitiva de governo, imitavel por outros povos, aquillo que não passa em rigor de um dos momentos, uma das phases, um dos estadios da evolução da gente anglo-saxonia da America em seu caminhar para a unidade, é o mais curioso erro politico dos novos tempos.

Tanto mais estranhavel é a aventura quanto a imposição é feita a uma nação historicamente criada, edificada, construida nos moldes do genuino regimen unitario.

E foi e é o caso do Brasil.

O que se tem feito nesse sentido é desconhecer a historia, a ethnographia, os costumes, as tendencias, a psychologia, a vida inteira de ambos os povos — anglo-americanos e brasileiros.

Aquelles adoptaram a fórmula bastarda da federação; porque não podiam fazer outra cousa; porque era o maximo que poderiam alcançar dos treze Estados inteiramente dispaes, com governos, parlamentos, instituições, leis, religiões, e até, em varios casos, raças colonisadoras divergentes.

Ou a separação final e definitiva, suicidio

que patriotas insignes não poderiam nunca admitir, ou a confederação, fôrma espúria inviável que estadistas de genio haveriam fatalmente de repellir, depois de praticamente tentada, o que foi o facto, ou a federação, *pis-aller* de momento, que vai caminho para a unidade a passos inilludiveis, sendo a demora havida até hoje oriunda tão só da assombrosa plasticidade politica do character, da indole, do genio anglo-saxonio.

No Brasil tudo foi diverso, tudo teve outra coloração, tudo seguiu outros rhythmos.

Vêde.

Os colonisadores desta porção d'America estavam de posse, desde dous ou tres seculos antes, da unidade de raça, de religião, de governo, de direito, de instituições.

A propria organização municipal, raiz de todos os erros de Tocqueville, que não a comprehendeu nos Estados Unidos e só por isso a offereceu á imitação de todos os povos modernos, já tinha chegado em Portugal, desde os fins do seculo XIV e começos do XV, a perder o cunho politico de centros autonomos espalhados isoladamente aqui e alli pelo reino e a reduzir-se a meras divisões administrativas comprehendendo todo o territorio nacional.

O velho municipalismo romano, que, aliás, já não era mais o municipalismo primitivo da época republicana, consideravelmente modificado desde o imperio, tinha visto, é exacto, seu andar para a decadencia, até certo ponto interrompido pelo influxo novo recebido das gentes germanicas, que se achavam em phase mais atrazada que os latinos no desenvolvimento das instituições politicas.

Não houve, nem podia haver, por isso, parallelismo na marcha evolutiva das duas raças, romanos e germanos, antes e durante a média idade.

O particularismo destes retardou apenas um momento, durante o feudalismo, a acção centralisadora dos outros; mas bem cedo as tendencias essenciaes dos latinos tinham de tomar a dianteira e tomaram-na de facto.

Dest'arte, portuguezes e inglezes não estavam, no que diz respeito ao particularismo local, no mesmo grau evolutivo quando se deu o descobrimento e a colonisação da America.

Nos Estados-Unidos a dispersão, o particularismo, o separatismo vinham já nos navios que transportavam os colonos, quasi sempre, de credos religiosos differentes, de tendencias politicas antagonicas.

Typos divergentes de colonisação se estabeleceram por toda a parte desde o começo.

Igreja, instrucção, relações com a realeza, assembléas, parlamentos, municipios, tudo obedeceu, desde o inicio, á multiplicidade de planos e aspectos.

A *Landsgemeinde* germanica resurgiu quasi por todos os lados.

Nada disto no Brasil.

O *catechismo* do jesuita, as *Ordenações do Reino* garantiram, desde os primordios, a unidade religiosa e a do direito.

O *Governador Geral* e o *Conselho Ultramarino* resguardaram a unidade administrativa abroquelada, além de tudo, pela realeza e pelo proprio genio do povo.

E tanto era este o typo adequado ao novo paiz que se ia povoar, á nova gente que se ia

constituir, que as tentativas dispersivas nunca lograram vingar, por si mesmas definhavam e morriam.

Assim, a colonisação primordial pelas capitánias hereditarias, que por toda parte caducou; assim, a divisão em dous governos, que nunca se pode manter; assim, a opção feita pelos nossos em prol dos portuguezes, preferidos aos hollandezes, quando no seculo XVII foi possível preferir uns ou outros. Durante quasi quatro seculos nunca mudou o rhythmo da evolução e, por isto, apresenta o Brasil o phenomeno assombroso de ser um tão enorme paiz, onde as tradições são fundamentalmente as mesmas, os costumes os mesmos, a lingua a mesma, sem a deturpação de dialectos locaes, o *folk-lore* o mesmo, a coloração moral da população a mesma, as grandes aspirações nacionaes as mesmas.

Pelo menos até hontem assim era; e se rara vez velleidades separatistas surgiram aqui ou alli, se algum phantastico espantallo federalistico alteou o collo, foi sempre obra de ignorantes glossadores de alheias scismas, feito desses importadores de fancarias, entregues á inconsciencia da repetição de phrases feitas.

Franquias provincianas, tivemos-as nós, desde os mais remotos tempos; estavam ellas nos costumes e nem quasi mister se fazia definil-as no *Acto Addicional* de 1834.

Liberdades, sob todos os aspectos, tivemos-as nós até á licença e não precisavamos, meus senhores, garroteal-as sob o tacão de vinte ré-gulos olygarchas, vinte despotas tyrannicos que corvejam sobre o cadaver desta putrefacta federação.

Dest'arte o imperio, com todos os seus erros, foi cem vezes mais fiel guardador do thesouro, que lhe foi confiado pela historia, do que esta deturpação do federalismo que nos degrada e atrophia.

O separatismo da phase colonial, se tal nome se lhe póde dar, veiu alguma vez na bocca dos obuzes de estrangeiros que tentaram invadir e desmembrar esta formosa e promissora terra.

Os valorosos, os heroicos batalhadores daquelles bons tempos tiveram a tenacidade das nobres causas e souberam vencer.

Os raros desordenados sonhos olygarchas e caudilhistas da época imperial fôram tambem um a um desfeitos pela accção dos dous monarchas, maximé o segundo, cuja funcção, cujo destino historico, póde-se dizer, consistiu justamente, exactamente em combater o caudilhismo interno e ajudar a matal-o nas regiões do Prata.

*

E aqui, meus senhores, é chegado o ensejo de deixar destacar-se a alterosa estatura de Caxias, o debellador glorioso das revoltas e facções nacionaes durante cincoenta annos.

Typo representativo do mais conspicuo character, bom senso e patriotismo brasileiro de forte e pura seiva, Caxias é a figura politico-militar de mais saliente relevo nesta parte do continente no XIX.º seculo.

Que elle se mostre em seus altos feitos.

Filho e neto de soldados, nascido em 1803, aos cinco annos de sua idade já era designado

cadete, com praça no regimento de seu avô; aos quinze, alferes, cursando com brilho a Academia Militar.

Feitos os estudos, passou a tenente aos 18 annos. Era em 1821.

Agitavam-se as luctas da Independencia e aqui começam os actos valorosos de nosso heroe. Para onde a pendencia era mais difficultosa, mais renhida, a Bahia, para lá seguiu elle.

Debatiam-se portuguezes e brasileiros, aquelles dirigidos por Madeira e estes por Labatut, as duas figuras mais nitidamente individualizadas das luctas da Independencia patria na esphera militar.

Muitos e renhidos fôram os combates travados nas cercanias da velha Capital, a cidade brasileira por excellencia.

«O joven Luiz Alves de Lima e Silva, tenente-ajudante, assistiu, diz uma parte official, ao ataque de 28 de março e ás acções de 3 de maio e 3 de junho, servindo distinctamente em toda a campanha.

Na primeira acção, á testa de uma companhia, atacou uma casa forte, onde o inimigo estava entrincheirado, e o fez retirar com perda, perseguindo-o até lo metter nas suas linhas.

Nós dias de fogo, comparecia nos lugares de maior perigo, mostrando sua exemplar bravura».

Era em 1823; o futuro Duque de Caxias, aos vinte annos, deixava bem adivinhar que alli se achava o escorço do general que havia, quarenta e seis annos mais tarde, de praticar os estupendos feitos de valor de *Estabelecimento, Itororó e Lomas Valentinias*.

Não era de descansados lazeres a época.

Dous annos apenas eram passados e o já então capitão Luiz Alves tinha de partir para a Cisplatina.

A provincia, incorporada por D. João VI ao Brasil, estava insurrecta por Lavalleya, instigado pela Republica Argentina.

Quatro annos fez Lima e Silva essa campanha, sempre distincto entre os mais distinctos. Innumerous são os episodios em que se assignalou, sendo-lhe confiado o commando das linhas avançadas em frente a Montevideo, onde fez proezas nas sortidas de 7 de fevereiro, 5 e 7 de julho, 5 e 7 de agosto de 1827.

As chronicas do tempo registam factos dentre os quaes um de seus mais autorizados biographos, Monsenhor Pinto de Campos, recolhe este, que tem certos saibos de aventura medieval, do tempo em que a fé inspirava estranhas ousadias:

«Tinha Lavalleya um corsario que no Prata, armado de canhões, interceptava com grave damno das armas brasileiras as embarcações que transportavam petrechos e mantimentos para o exercito, saqueando-as e recolhendo-se á noite a embicar na praia, collocado á recta-guarda da linha inimiga.

Sendo de vital importancia pôr termo áquellas investidas, Luiz Alves, uma noite, á testa de um punhado de homens, atravessou a galope, á toda desfilada, as linhas dos Orientaes, cahiu inopinadamente sobre os cincoenta homens da guarnição, aprisionou-os, apoderou-se da embarcação e regressou incolume para o seu campo».

Parece uma façanha do LIDADOR, um poetico feito de outras éras.

Por estas e outras proezas foi promovido a major aos 2 de dezembro de 1828.

Mas tudo foi inutil; pusilanimidades politicas do tempo tornaram inefficazes tantos esforços e consummou-se o maior erro do Imperio — a perda da Cisplatina...

As consequencias teem sido tão graves que andam na consciencia de todos e abstenho-me de as recordar.

Em 1829 estava Lima e Silva á testa do 2.º commando do famoso *batalhão do imperador*, a que pertencia desde a criação de tão selecta milicia, destinada a combater pela independencia da Bahia.

A época era de tremenda balburdia politica.

A Independencia estava feita e reconhecida pelas potencias, a constituição jurada, a revolta de 1824, em Pernambuco, vencida, e, oh! dôr, a Cisplatina desmembrada.

Os partidos procuravam ainda um estado de equilibrio em a nova ordem de cousas.

Em principio de 1831 tinha attingido a agitação a seu auge e aos 6 de abril chegavam a S. Christovão, aos ouvidos do 1.º imperador, noticias alarmantes de movimentos revolucionarios na cidade.

Tramava-se a sua deposição.

A's 9 horas da noite os boatos se repetiam aterradores; o batalhão commandado por Luiz Alves achava-se no pateo do palacio e a essa escolhida hoste cabia a defeza da pessoa do soberano.

O monarcha mandou perguntar pelo Marquez de Cantagallo ao joven commandante o que suppunha do animo da tropa, ao que respondeu o moço official:

«Os soldados da mór porção de corpos reunidos no Campo de Sant'Anna estão contaminados do espirito faccioso; mas permanecem firmes á fé sob jura garantida o batalhão do imperador e a artilheria montada».

O principe lhe fez pelo mesmo mensageiro inquirir se, passando a commandar o batalhão, lhe garantiria fidelidade, ao que retrucou Luiz Alves, que:

«O espirito anarchico se havia apoderado da maioria dos officiaes, e, contando com essa maioria, os revoltosos nem sequer se tinham dado ao trabalho de perverter os soldados.

«E se o imperador desejava debelar a rebelião, deveria seguir immediatamente para a fazenda de Santa Cruz, reunir as milicias, á frente das quaes estava prompto a collocar-se.

«Adoptado o alvitre, accrescentava, deveria ser concedida a baixa aos soldados da 1.^a linha que a quizessem, o que foi feito; dentro de vinte e quatro horas os officiaes se achariam a sós».

De novo tornou o Marquez de Cantagallo com estas palavras do imperador:

«O expediente lembrado é digno do major Lima e Silva. Não o aceito, porém.

«Por minha causa não se ha de derramar uma gotta de sangue brasileiro: vá o brioso official reunir-se aos seus camaradas do Campo de Sant'Anna».

Seguiu-se a abdicção.

Lima e Silva se tinha conservado fiel á fé jurada, á disciplina militar, e era do numero daquelles que julgavam á nação nada aproveitar a simples mudança da pessoa do imperante, sujeitando o paiz aos azares de uma prolongada regencia.

Os acontecimentos lhe vieram dar plena razão.

A anarchia alastrou por todos os corpos armados da guarnição do Rio de Janeiro, que fôram quasi todos violentamente dissolvidos. A desordem era geral e quem poudé garantir a paz e restabelecer a ordem cruamente abalada foi Lima e Silva com a previdente idéa de juntar os officiaes de todos os corpos e com elles constituir o celebre *batalhão de officiaes-soldados* que se encarregou de fazer o serviço da guarnição e dar as rondas diurnas e nocturnas contra os soldados amotinados, tornando possível dest'arte o funcionamento da autoridade governamental.

Assim foi durante os annos de 1831 e 32.

E como não bastasse para garantia da paz e segurança publica o magnifico batalhão dos *officiaes-soldados*, o governo regencial neste ultimo anno creou o corpo de *Municipaes permanentes*, incumbindo a sua organização e commando ao nosso já então notadamente distinctissimo official.

Em taes funcções labutava elle, quando se deu a tumultuaria e perigosa *abrilada* de 1832.

Foi este um caso em que mais uma vez relevante serviço prestou ao Brasil o homem que se hoje festeja.

O major Miguel de Frias, aquelle a quem Pedro I tinha entregado o original de sua abdicção, depois do 7 de abril, se tinha transformado em turbulento e desordeiro federalista. Era amigo intimo e estremecido collega de Lima e Silva.

Implicado em disturbios succedidos em um

theatro, foi mandado recolher á fortaleza de Willegaignon.

No dia 3 de abril de 1832, tendo revolucionado a guarnição daquella praça de guerra e prendido o commandante, transportou-se á fortaleza de Santa Cruz, cuja guarnição alliciou, e de posse de um canhão saltou com um forte troço em Botafogo, onde já o esperava compacto grupo de insurrectos da cidade.

Esta curiosa expedição foi-se avolumando pelo trajecto até ao Campo de Sant'Anna, onde Frias estacionou e declarou deposta a regencia e proclamada a republica federativa.

Luiz Alves, á frente de seus *permanentes*, corre sobre os revoltosos, dispersando-os com a rapidez do raio.

Frias, sentindo-se perdido, foge a galope pela rua do Areal; Luiz Alves o persegue.

Um dos revoltosos atira sobre o bravo official, que se desvia rapido do tiro.

O cavallo cahe com o cavalleiro.

De novo cavalgado o animal, prosegue accelerado atraz do fugitivo, que tomada distancia, se havia occultado em uma casa da rua citada.

Pedida venia, penetra nella o futuro vencedor de *Avahy*; percorre-a.

Num quarto fechado dá volta á chave; lá dentro estava o major Frias.

Luiz Alves fecha de novo a porta sem dizer palavra nem dar a mais leve ordem.

O cavalleiro surgia no militar e habilitava-o a praticar uma nobre acção.

Frias escapou-se para os Estados Unidos.

Mais tarde, no Rio Grande do Sul se achando elle, Caxias, quando foi pacificar a provincia, mandou-o chamar:

«Queres servir commigo?»

«Como não?!» foi a resposta.

E Caxias lhe confiou as mais arduas missões, sempre cumpridas com zelo e lealdade.

Contra a vontade de poderosos, incapazes de eguaes rasgos, bateu-se pela promoção de seu antigo condiscipulo e camarada para os mais altos postos do exercito.

E consigno, meus senhores, estas pequenas notas, porque são ellas as que melhor penetram, para a desenharem, a alma amavel e carinhosa que foi a desse guerreiro cheio de serviços ao seu amado Brasil.

E não tinha de ser de ocios a larga existencia do brioso official.

Aos seus atilados esforços nas luctas da Bahia, Cisplatina e Rio de Janeiro tinham, em rapida successão, de juntar-se os realizados no Rio Grande do Sul, Maranhão, S. Paulo, Minas e de novo Rio Grande.

E' que o espirito faccioso, desenvoltó durante o periodo regencial por todo o paiz, pondo em evidencia a nacional incapacidade para as fórmas governamentaes largamente autonomas, pelo acordar, de um lado, de criminosas ambições, e, de outro lado, pela inanidade das fantasias liberalisantes das suppostas classes directoras, supremo esforço a que se reduz a plasticidade politica do geral dos nossos pretensos pensadores, o espirito faccioso ahi se ostentava bravio, ameaçando a integridade da patria, e mister se fazia de um animo de estadista, servido por um character e uma espada da tempera dos de Lima e Silva, e taes qualidades se achavam singularmente unidas neste excepcional brasileiro.

Em 1837, como tenente-coronel, mas ainda em posição subordinada, acompanhou o Ministro da Guerra, Rego Barros, ao Rio Grande e deu logo a sentir a clara intuição do que se deveria fazer para jugular a terrível e insensata revolução dos *Farrapos*.

Seu posto não era então de mando; fizeram-no regressar...

Mas seu olhar, destinado a triumphar, descortinou-lhe desde logo as largas linhas dos planos que allí mesmo haveria de proseguir mais tarde.

Tinha de partir em 1839 para o Maranhão, desencadeado em revolução ainda mais insensata do que a dos *Farrapos* do extremo sul. Foi uma iracunda pendencia pelas armas entre *Cabanos* e *Bemtevis* ou *Balaíos*... dous partidos politicos.

Esta tremenda manifestação de anarchia indigna, digna irmã das *Cabanadas* de Pernambuco e Pará, pouco antes acontecidas, é, em ponto muito mais extenso e formidavel, phenomeno que lembra a tetrica revolta de Canudos nos recentes dias da republica. Havia allí um evidente fundo ethnico de *caboclos*, *cafuzes*, *mamelucos*, *aborés*, base da população sertaneja entre o Itapicurú bahiano e o Parnahyba piauhyense, gentes em cujas veias gira o irrequieto, desconfiado e vingativo sangue *cariry*.

De dez a doze mil rebeldes, sob o mando geral de Raymundo Gomes e Manoel Francisco Balaio, divididos em partidas sob as ordens de «Matroá», «Couco», «Ruivo», «Gavião», «Tempestade», «Macambira» (notae as características alcunhas), João da Matta e outros talaram toda a provincia e parte de Piauhy, apoderaram-se

de aldeias, villas e cidades, entre estas a princeza do sertão, a formosa Caxias, a patria de Gonçalves Dias.

Os presidentes anteriores, soffrivelmente ineptos, tinham commettido toda a casta de erros e a revolução campeava infrene e victoriosa.

Não entra, não póde, não deve entrar na indole e no plano de um discurso, por natureza synthetico, qual é o que vos estou a fazer, a narrativa miúda dos varios acontecimentos, das complicadas peripecias, das multiplas campanhas em que se achou envolvido o nosso heroe e não tenho de vos descrever, pois, os singulares episodios da revolução do Maranhão.

Trabalho é este brilhantemente feito pelo poeta da *Confederação dos Tamoyos* e de *Antonio José*, que serviu de secretario sob as ordens de Caxias naquelle agitado periodo.

Baste-me notar que, desde essa primeira campanha em que figurou de chefe, poz logo em pratica os dotes que o fizeram sempre triumphar: presteza em decidir-se, rapidez nos movimentos, segurança de planos, tactica intelligente, linha inabalavel, talento, energia de disciplinador, capacidade para mandar e administrar.

Dest'arte, nomeado por decreto de 12 de dezembro de 1839 para as suas novas funcções, já dez dias depois, a 22, sahia do Rio de Janeiro com as poucas tropas que lhe tinham sido confiadas.

Com os pessimos meios de transporte que sempre em serviços militares fôram o privilegio de nossos governos, em deteriorados navios de vela, ainda mais com a obrigação de tocar na Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte

e Ceará, açoitado de temporaes, Lima e Silva, a despeito de tudo, fundeava nos primeiros dias de fevereiro no porto de S. Luiz e tomava conta do governo da provincia.

Escusado é descrever a desorganisação de todos os publicos serviços, corroídos pela lepra da politicagem dissolvente e insaciavel. Os caudilhos provincianos da época regencial, angelicos arremedilhos dos truculentos régulos estadoaes de hoje, tinham, senão fôram cohibidos, gafeiras de sobra para matarem aos poucos este desafortunado Brasil.

O Maranhão de 1839-40 era um lastimoso pantano, digno de vêr resurgido o azorrague do portentoso Antonio Vieira para de novo o chicotear desapiedadamente.

A delapidação era a regra geral: esfaimados, os partidos cevavam-se na fazenda publica, quando se não saciavam no sangue dos adversarios.

Era o quadro, mas em sinistro relevo, do Brasil regencial e ainda do Brasil dos annos proximamente posteriores até 1848; e toda a funcção historica dos benemeritos, como este Caxias que hoje reverenciamos e quizeramos vêr vivo, bem vivo, consistiu em apagar essas desatinadas protuberancias do caracter ibero-americano, que nos afeiavam, e agora ahi estão a renascer sob a palavra magica dos farfalhantes rhetoricos, que, tomando phrases e palavrões por idéas, na sua indesculpavel ignorancia da exacta indole das nossas gentes, crearam este espurio federalismo que nos está matando, não direi aos poucos, senão segura e precipitadamente...

Sem recursos quasi do governo central, con-

taminado em parte dos vícios do tempo, qual hoje exactamente acontece, Caxias teve de praticar verdadeiros prodígios, como militar e mais ainda como administrador.

Levantou tropas com que constituiu o que chamava a *Divisão Pacificadora do Norte*; distribuiu-a por tres brigadas, dispostas em pontos adequados, divididas em columnas volantes, sob as ordens de officiaes habéis e dignos de confiança.

Fel-as avançar em direcções varias no encalço do inimigo, que occupava magnificas posições por todo o Maranhão e regiões proximas da provincia do Piauhy; e elle proprio repetidas vezes apresentou-se em meio dos sertões, no theatro da lucta, dirigindo em pessoa mais de uma marcha, de um assalto, de um combate. A campanha foi variada e fertil em sangrentos recontros, alguns delles verdadeiras batalhas.

Em Bella-Agua, Brejo, Morro Agudo, Varagem Grande, Egypto, Corimatá, Matão Grande, Tabatinga, Cabeceiras, Lagôa do Meio, Curral Velho, Bocca da Matta, Curralinho, Macaco, Barro Vermelho, Detrás da Serra, Cajueiros, Santa Rosa, Boqueirão, Curiaca, Mutuns, Cabezeiras, Cajazeiras, Baixa Fria, Brejinho e dezenas de outros sitios feriram-se sanguinolentas pelepas em que as armas legaes sahiram victoriosas.

Vê-se bem que a cousa não foi facil.

O inverso tinha-se visto em todo o anterior periodo da revolução, sahindo por toda a parte triumphantes os *Balaíos*.

Releva citar neste ponto o ultimo episodio dessa accidentada campanha, digna de detido estudo technico, muito mais desenvolvido do

que o que lhe consagrou o autor dos *Suspiros Poeticos e Saudades*.

Revela-se nesse passo a imponente influencia da simples presença desses homens predeterminados ao mando.

Depois de mais de cem feitos de armas de maior ou menor vulto por toda a zona revolucionada ainda existiam, sob o mando de *Pedrosa*, cerca de mil combatentes no Icatú e uns setecentos sob os de *Raymundo Gomes* e *Matroá* em Miritiba.

O pouco depois Barão de Caxias partiu para os dous pontos.

Chegado a Icatú, mandou chamar Pedrosa.

«Delle soube da repugnancia da grande parte de seus sequazes em deporem as armas a que estavam affeitos, e que muito temia qualquer rompimento, se isso se tentasse; que para elle era certa a morte, se tal lhes fôsse commetter.

«Ao que resolutu replicou o presidente — que fôsse e fizesse sem tardança entrarem todos armados como estavam, que mais réplicas não admittia, e dispondo logo as suas forças em ordem de batalha para o que dêsse e viesse, foi esperal-os nas trincheiras.

«Entraram elles em pelotões com armas carregadas e escorvadas de novo, e á voz imperativa do presidente iam humildemente depondo as armas a seus pés; e assim se recolheram noventa.

«Tão esfarrapadas vinham aquellas miseraveis creaturas, que causavam piedade aos vencedores, e por muitos dias só cuidaram de comer e repousar».

É' a narrativa do poeta.

Noto que se não tocou em um cabello sequer de qualquer dos prisioneiros...

E' talvez possivel, meus senhores, que nesse tempo não estivesse ainda em pratica a degolla para os miseros vencidos das luctas civis...

De Icatú seguira Caxias pela ultima vez para Miritiba, onde se asylara *Raymundo Gomes*, o famigerado chefe *bemtevi*...

«Por uma escolta o mandou buscar á sua presença.

«Insignificante era a sua figura: quasi negro, o que chamamos *fula*, baixo, grosso, pernas arqueadas, testa larga e achatada, olhar vacillante, pouco atilado de entendimento, voz baixa e humilde, nenhuma audacia de conspirador...

«Primeiro que elle se apresentou o *velho Matroá*, todo curvado com o peso de cento e vinte annos de idade e de crimes, arrastando uma longa espada, entretanto audaz, e fazendo alarde de ter entrado em todas as grandes e pequenas revoltas do Norte durante a sua vida.

«Depuzeram as armas na Miritiba mais de setecentos rebeldes, todos elles quasi nús, e sem munições de guerra, além das armas.

«Chegou a tres mil o numero dos apresentados em varios pontos.

«*Raymundo Gomes*, depois de amnistiado, assignou termo de evacuar a provincia por oito annos, sendo-lhe designada a de S. Paulo para sua residencia».

E' ainda a narrativa do autor de *Napoleão em Waterloo*.

Quasi se poderia dizer, senhores, que o Barão de Caxias ignorava o uso da faca de eliminar os rebeldes...

Ninguem tocou com um dedo naquella gente

e o velho *Matroá* chegou a morrer tranquillamente em S. Luiz, um mez após a sua apresentação...

Entretanto, em menos de um anno estavam pacificados Maranhão e Piauhý; e Caxias, nos ultimos quatro ou cinco mezes de sua administração, fez maravilhosos serviços de destro e atilado estadista e organisador.

Pontes, canaes, igrejas, cadeias, fontes, calçadas, colonias, fortalezas, quartéis, fazendas de lavoura, correios, policia, a tudo deu inteligentes cuidados e valorosos impulsos.

E digno de nota é, meus senhores, que o governo central empeceu-lhe muito e muito os planos pela mais estúpida e incomprehensivel má vontade, umas vezes leviandade e incuria outras.

Neste sentido deram-se factos cuja exposição haveis de permittir seja agora calada; mas que póde ser lida nas chronicas do tempo.

Estava, entretanto, de volta no Rio de Janeiro em julho de 1841.

Brigadeiro do exercito desde então e Barão de Caxias, não lhe era dado repousar.

A desordem, a anarchia, ateadada pelos politiqueros do tempo, depois de negregados episodios em Pernambuco, Pará, Bahia, Rio de Janeiro e até Sergipe, que teve tambem sua comedia de revolução em Santo Amaro, perdurava na afoiteza damninha da inconsciencia turbulenta de rombos mandões no Rio Grande do Sul.

De repente, sem preambulos, sem encenação alguma que a prevenisse, estalou em S. Paulo. Sorocaba, a terra de Varnhagen, se

sublevara e os rebeldes seguiam para a capital a marchas rapidas e triumphaes.

Não havia tempo a perder.

Estava no poder um dos homens mais energeticos, mais dignos, mais graves, mais honestos, mais activos, mais habéis que teem dirigido os destinos desta patria.

Este, sim, este é que era o ministro apto a trabalhar com um Caxias.

Se um bem pensou, o outro melhor pensou ainda e mais atiladamente executou.

Nomeado para commandar as operações militares na provincia recentemente sublevada aos 18 de maio de 1842, já no dia seguinte Caxias, á frente de quatrocentos recrutas tirados do deposito, navegava para Santos.

Tinha recebido carta branca de José Clemente, nestas palavras que honram tanto a um quanto ao outro:

«A commissão com que S. M. o Imperador acaba de honrar a V. Ex.^a é de tal natureza que se lhe não pódem actualmente prescrever instrucções determinadas.

«O fim é obter que a sedição que acaba de apparecer na provincia de S. Paulo seja suffocada no seu principio, antes que tome maior força. Os meios, deixam-se á intelligencia, discreção e actividade de V. Ex.^a, fazendo o uso que julgar mais conveniente da força de linha como da Guarda Nacional, e praticando tudo mais que entender conducente ao sobredito fim».

Estes dous, meus senhores, sabiam bem o que queriam e, acima de tudo, sabiam entender-se.

Caxias decidiu que para combater os tres ou quatro mil rebeldes bastavam-lhe, além de

dous batalhões que já tinham seguido, os quatrocentos recrutas, inexperientes, bisonhos.

Todos os vãos gesticuladores do tempo, e, entre outros, um grande fanfarrão celebre, chasqueavam do arrojo heroico de Luiz Alves nestas palavras typicas:

«Como ? para combater homens da patria de Amador Bueno, para subjugar paulistas, mandam-se quatrocentos cadaveres ambulantes !...»

Quanto se enganava o famoso rhetorico !...

Caxias é quem tinha razão, como os factos por elle previstos com sua intuição de aguia vieram bem cedo mostrar.

Com os quatrocentos *cadaveres ambulantes* galgou a serra do Cubatão e só tomou folego no alto.

Do Rio a Santos, de Santos ao alto do Cubatão, do Cubatão a S. Paulo foi obra de poucos, pouquissimos dias.

Quando os rebeldes chegaram a Pinheiros, pouco distante da Capital, souberam que Caxias já lá estava dentro.

Ficaram estupefactos.

Pararam amedrontados, dando, assim, tempo ao general de organizar a defensiva, o que fez sem detença.

Os que não se dispersaram, retrocederam a Sorocaba, para onde marchou Caxias que entrou a cidade sertaneja aos 20 de junho, um mez depois de sua partida do Rio de Janeiro...

Crescido numero de prisioneiros, armas e munições cahiram em poder do vencedor.

Estava desmoralisada a revolução, rapidamente suffocada em seu centro productivo, facilmente reduzida em Silveiras, Lorena, Taubaté, Pindamonhangaba.

Ainda se achava o General na provincia de S. Paulo, quando, aos 10 de julho do mesmo anno de 1842, é nomeado Commandante em Chefe do Exercito pacificador de Minas Geraes, onde, desde o mez anterior, rebentára movimento revolucionario muito mais serio do que o paulista.

Não fazia ainda dous mezes de sua nomeação anterior e menos de um se passára de sua entrada em Sorocaba.

Aos 23 de julho estava elle de volta ao Rio de Janeiro.

Era ainda Ministro da Guerra o mesmo José Clemente; a mesma foi a actividade, a mesma a presteza, a mesma a segura decisão!

Quarenta e oito horas bastaram a Caxias para aprestar-se, aguardando as instrucções.

Recebidas estas, uma hora depois partia para Ouro Preto.

Parece, meus senhores, meus caros amigos, que naquelle tempo estas cousas se faziam com um pouco mais de diligencia do que hoje em dia...

Não sei se acerto em dizel-o; se não acerto perdoae-me, que sempre fui muito sujeito a erros, consoante constantemente me tem andado a dizer a critica indigena.

Eis as instrucções:

«Espera o governo de S. M. o Imperador que na importante commissão que lhe é confiada, empregue V. Ex.^a todos os meios que a sua discreção e intelligencia lhe dictarem, não só para a pacificação da provincia de Minas com a maior celeridade possivel, mas tambem para organisação de uma força provisoria composta de gente da mesma provincia, que seja

por si sufficiente para fazer manter a ordem, sem dependencia da tropa de linha, que não pôde ser ahi conservada por muito tempo pela necessidade que existe de dispôr della para outro destino.

«Logo que a referida provincia se achar livre de grupos rebeldes armados, se recolherá a esta cidade, onde sua presença se faz necessaria para organização de forças, destinadas a outro serviço...»

Não poderia ser maior, nem mais merecida a confiança.

A futura commissão, já se deixa bem adivinhar, era no Rio Grande do Sul.

Mas acompanhemos o General a Minas.

Uma hora depois de recebidas as instrucções, ainda verdadeira carta-branca, seguia para Ouro Preto pelos pessimos caminhos de então.

Era aos 25 de julho; a 30 publicava no Brumado um edital, declarando *poderem voltar para suas casas tranquillamente todos os que não sendo chefes da revolta, estavam nella illudidos e se apresentassem a depôr as armas.*

E como lhe tivesse chegado a noticia de haverem os revolucionarios, passantes de dous mil, victoriosos em Queluz no dia 2 de julho, marchado sobre a Capital para della se apoderarem, accelerou incrivelmente a marcha de sua columna por sobre serranias e passos difficilimos, chegando a Ouro Preto, que entrou antes do inimigo.

Desapontados, seguiram os revoltosos para Sabará, que tomaram e em parte saquearam, dirigindo-se em seguida para o arraial de Santa Luzia, em cujas cercanias se entrincheiraram, em lugar de esplendidas condições de defeza.

Eram já tres mil e tresentos homens.

Nos dias 18 e 19 de agosto tinha Caxias feito avançar as suas duas columnas sobre Sabará, onde pernitoitou naquelle ultimo dia.

A 20, á testa da segunda columna de oitocentos homens apenas, marchou para Santa Luzia, fazendo seguir a primeira sob o commando de seu irmão o coronel José Joaquim de Lima e Silva, pela estrada da Lapa, a contornar o adversario, devendo ser este posto entre dous fogos.

Neste ponto é mister citar as proprias palavras da magnifica biographia do bravo General a que já me referi:

«Atraído Caxias por um desertor, que revelou o seu plano, foi preciso varial-o e ir rechaçando o inimigo, a passo de carga, de posição em posição até que occupou o alto de uma das collinas que dominam o arraial.

«Tomava posições, para no dia seguinte empenhar o combate formal, quando os rebeldes, interpretando a apparente irresolução por fraqueza e conscios de sua superioridade numerica, romperam combate com os tres mil e tresentos caçadores e uma peça a cavalleiro do campo legal.

«Contra a irresistivel primasia de numero e posição luctavam indomitos os oitocentos valentes da segunda columna, e já parecia a situação desesperada a ponto de tentar o inimigo a franqueal-a pela esquerda e investir sobre os dous canhões legaes que, aliaz, disparavam com pouca vantagem para a posição mais alta, occupada pelo adversario.

«Eram tres horas da tarde.

«O lugar accídentado onde se passavam estes

sucessos era em duas collinas; na inferior estavam as forças expedicionarias; os insurgentes occupavam a encosta da mais alta.

«O coronel Joaquim José de Lima e Silva achava-se a grande distancia, na estrada da Lapa, isto é, na prolongação longinqua da serra calcada pelos rebeldes.

«Não podia o General mandar-lhe aviso algum, porque o caminho unico estava interceptado pelo inimigo.

«Tinham entre ambos combinado o ataque para o dia 21 e nenhum aviso em contrario recebera o coronel.

«Este, porém, no dia 20, impressionou-se com ouvir desde as oito e meia horas da manhã uns como trovões mui distinctos.

«Collou o ouvido contra a terra e convenceu-se de que eram descargas de artilharia.

«Ocorreu-lhe então que poderia ser combate entre oitocentos homens e tres mil bem armados e municados, que se tivesse antecipado por qualquer ignorado motivo.

«Nisto, sem demora, sem ordem de ninguem, sómente por propria iniciativa, avançou com a rapidez do raio, e cahiu, no momento do grande perigo, sobre o flanco esquerdo do adversario.

«Reconhecendo Caxias a opportuna chegada de tão valioso auxilio e prevendo que a columna do coronel difficilmente entraria no arraial emquanto os rebeldes permanecessem nas alturas dominantes, visto que occupavam um téso que lhes servia de padrao, simulou intelligentemente fugir, mandou tocar a retirada; os insurrectos cahiram na cilada, vindo-lhe no encalço e facilitando assim a manobra do coronel Lima e Silva, pela qual os imprudentes, perdidas as

inexcedíveis vantagens da posição, ficaram entre dous fogos.

«Apenas o Barão conseguiu o seu intento, contramarchou sobre elles, e, em uma carga de bayneta commandada por elle em pessoa, desalojou-os em menos de meia hora de posições que pareciam inexpugnaveis, obrigando-os a abandonarem sua artilharia, munições de guerra e boca, armamento, cerca de trezentos prisioneiros e o campo juncado de cadaveres».

Era aos 20 de agosto, menos de um mez da sahida do General do Rio de Janeiro.

A revolução estava finda, revolução insensata, filha de futeis motivos, alguns dos quaes admira houvesse espertos que os inventassem e ingenuos que lhes dessem credito.

Eis aqui algumas dessas miragens dos rhetoricos do tempo; é bom ouvil-as para estudo comparativo:

Que o *acto adicional*, uma das mais liberaes leis que temos tido, seja dito entre parentheses, *cerceava os poderes das assembléas provinciaes*, que o *Codigo Criminal* e do *Processo*, dous monumentos legislativos, cujo mór defeito é exactamente serem demasiado *liberaes*, eram dous *apparelhos liberticidas*: que os homens *iam ser reduzidos ao captiveiro*, sendo os *mais validos recrutados*; que se *ia acabar com a religião...* estas tolices e quejandas...

E dizer que com tão declamatorias patra-nhas é que se tem, quasi sempre, feito a politica nesta singularissima terra !

Mas urge, meus senhores, proseguir nos serviços prestados á ordem por esse Caxias, que ainda tinha tanto a fazer, á ordem, quero dizer, ás altas conveniencias da patria, que só

estritamente unida se pôde achar articulada, aparelhada para as investidas do progresso, da riqueza, da gloria.

Commandante em chefe do exercito em operações no Rio Grande e presidente da provincia desde fins de outubro, ainda de 1842, aos 12 de novembro tomava posse de tão elevadas e difficulas funcções em Porto Alegre. As circumstancias eram demasiado criticas.

A revolução, triumphante pela inepecia do maior numero daquelles que, desde 1835, tinham regido os destinos daquella parte do imperio, estava senhora da mór porção da provincia e as tropas nacionaes achavam-se desmoralisadissimas.

Sem detença, e com o maior tino, tratou de levantar o moral dos soldados, completar os batalhões desfalcados, disciplinal-os, reduzir despezas inuteis, criar elementos bellicos e estudar os planos, a situação, os recursos, os projectos do inimigo.

Com a mais atilada comprehensão politica concitava os nossos patricios do Sul á união, mostrando-lhes onde se achava o nosso tradicional e incorrigivel inimigo.

Aos 17 de março de 1843, ao proseguir a campanha encetada, previa acontecimentos que se haviam de dar oito annos mais tarde, nestas memoraveis palavras, dirigidas aos rebeldes, dignas da meditação de todos os brasileiros:

«Lembrae-vos que a poucos passos de vós está o inimigo de nós todos, o inimigo de raça e de tradição.

«Não pôde tardar que nos meçamos com os soldados de Rosas e de Oribe; guardemos para então nossas espadas e nosso sangue.

«Vêde que esse estrangeiro exulta com esta triste guerra com que nós mesmos nos estamos enfraquecendo e destruindo.

«Abraçemo-nos e unamo-nos para marcharmos, não peito a peito, mas hombro a hombro, em defeza da patria, que é nossa mãe commum!»

Aqui está o signal immorredoiro das grandes individualidades patricias...

Como este fallar é brasileiro !

Como estas palavras são o palpitar subterraneo de quatrocentos annos de luctas !

Como ellas são a vibração unisona de alguns milhões de almas !

Como ellas exaltam e engrandecem o soldado que as proferiu !...

E' o signal que não mente; e é por isso, senhores, que ainda hoje elle é amado do povo, elle é querido por todos que ainda teem uma pouca d'alma para sob o Cruzeiro sentir bra-sileiramente, e uma pouca de coragem para proclamar-o aos quatro ventos, sem temor aos dous inimigos que ajoujados, unidos, nos acommettem: o particularismo federalista e dissolvente e o olygarchismo rapace e compressor.

Mas ouvide o resumo de seus altos feitos no Rio Grande, margeando e reduzindo a narrativa do seu biographo, hoje classica.

Ao tomar Caxias o commando das forças legaes, provinha a principal vantagem, nas adversas, da sua extrema mobilidade devida á excellente cavallaria de que dispunham, em contraposição á penuria de animaes e pastos nos apertados e sitiados arraiaes da legalidade.

E' admiravel o modo como alcançou esse *desideratum*, sem o qual a campanha não poderia começar em 1843.

Era mister transportar para ponto adequado ao inicio das operações a pouca cavallaria de que dispunha nas cercanias de Porto Alegre, e era necessario atravessar 70 leguas de terreno em poder do inimigo, estando este senhor de todas as gargantas do caminho.

Os rebeldes preparavam-se para se apoderarem do General, de seus poucos soldados e de sua cavallhada.

O illustre cabo de guerra manobrou de modo a persuadil-os de ser o seu intuito levar o campo de operações para as fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo, fazendo seguir os contingentes até S. Gonçalo por agua.

Os revoltados correram de Alegrete para o rio de Santa Maria, em observação da columna de S. Gonçalo.

Nesse meio tempo voou o General á margem direita desse rio e capitaneou em pessoa a escolta que conduzia, com vertiginosa rapidez, os sete mil cavallos até Camacua, donde, graças ás disposições do terreno, era mais facil a marcha para S. Lourenço, onde chegou sem disparar um tiro!

Era isto em fins de janeiro; e aos 12 de fevereiro publicava alli ordem do dia, organisando as suas forças, estabelecendo tres columnas e varias brigadas proporcionadas aos serviços a que se destinavam.

Estabelecida naquelle ponto a base das operações, destacou um pequeno corpo que foi afugentando de cima da serra varias partidas rebeldes, até que, reunindo em Vaccacahy o grosso das tropas, occupou S. Gabriel, a 24 leguas de S. Lourenço, atravessando arroios e vastas planicies.

Avançou até Sant'Anna do Livramento, de onde os revoltosos fugiram sem aceitar batalha. E como tivessem elles surprehendido a guarnição de S. Gabriel, destroçando-a, Caxias retrocedeu, percorrendo em 48 horas as 24 leguas que o separavam daquella povoação com quatro mil infantes e nove mil cavallos.

Ainda uma vez os revolucionarios dispararam, sem aceitar a lucta e dividiram-se em muitas partidas volantes para varias bandas.

Depois de marchas e contramarchas fatigantes, Caxias fez avançar uma columna pela margem direita do rio Santa Maria, atraz do inimigo e seguia pela esquerda com o grosso das forças.

David Canavarro, chefe adverso, após movimentos simulados, concentrou os seus elementos de combate no intuito de atacar a columna da direita antes que o general lhe podesse acudir.

Era aos 26 de maio: dous mil e quinhentos rebeldes em Ponche Verde atacavam os mil e quatrocentos cavalleiros e infantes da columna perseguida.

Duas horas durou a peleja, sendo destroçados com grande perda os rebeldes.

Canavarro correu para Alegrete, onde sabia pequena a guarnição; mas Caxias fêl-o perseguir pelo Ibirapuitan, passando o chefe revolucionario para o Estado Oriental.

Dê então em diante mudaram as condições da lucta.

Os revoltosos começavam a ser perseguidos com vigor, celeridade e segurança e a ser vencidos sempre que eram compellidos a combate.

Caxias fez occupar Caçapava, S. Gabriel,

Alegrete e outras cidades e villas, onde ficavam em campos entrincheirados guarnições de reserva.

«Em todos os pontos, pondera o escriptor que estou compendiando, é digna de nota a tactica concebida pelo nosso grande Capitão; como, a principio, aproveitou a linha de base que rodeava S. José do Norte, por Porto Alegre, e esquerda do Jacuhy, ao Rio Pardo; como, ao dispôr de mais meios, estabeleceu a segunda, que do Rio Grande se dirigiu a Caçapava, ponto consideravel que fortificou; como, emfim, completou sua habil estrategia creando a terceira linha, que do Serrito, sobre Jaguarão, seguia para Bagé, S. Gabriel, Alegrete e Santa Anna do Livramento».

A legalidade avançava, a revolução se reduzia de ponto em ponto até inanir-se de todo.

Muitos e variados recontros tiveram lugar por toda a extensão do Rio Grande; multiplicadas fôram ainda as marchas e contramarchas celeres.

Póde-se, porém, dizer que, depois das victorias legaes em Triumpho, Camacua, Ponche Verde, Piratinim, Cangussú, a revolução estava morta, até estrebuchar definitivamente em Porongós.

Mais um inapreciavel serviço tinha sido ao Brasil prestado por esse consolidador da unidade nacional, nunca assaz querido pelos que sabem avaliar a inestimavel importancia no mundo de um grande povo, uma grande patria.

Na Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul tinha elle sido factor preponderante nesses sublimes ideaes.

Na Cisplatina é licito acreditar que os re-

sultados teriam sido grandiosos para nós, se a direcção da guerra lhe tivesse sido confiada.

Sua idade e posição, porém, privaram-nos de tão auspiciosa fortuna.

A carta politica da America do Sul teria hoje outra feição e não haveria a chronica de nossas desditas de recolher naquellas paragens algumas de suas mais deprimentes vilanias.

Mas eis que a esse afortunado e venerando Caxias era dado servir os maximos interesses do Brasil ainda mais vezes naquellas regiões do Prata, pouco após as luctas com os *Farrapos*.

E nesses feitos acharam-se, unidos ao do Brasil, serviços á America e á humanidade porque taes devem ser considerados a derrota e a queda de dous typos tão sinistramente equivoocos, quaes são para as almas sãs Oribe e Rosas.

Eu bem sei que, por um dos mais singulares caprichos das contradições humanas, não existe tyranno da mais feia catadura, despota do mais cruel arreganho a que se não depare em época opportuna algum gracioso rehabilitador.

Existe hoje até gente aparelhada para isto, pretensos philosophos, prestes a entrarem em funcções de tão curioso quão insensato officio.

Que um homem faça a sua carreira por meio das maiores difficuldades, tropeços, embaraços, e chegue ao cume da montanha afortunado, sem se afastar da trilha recta, sem manchar as mãos nos delictos, parece-me cousa mais para louvar do que se lá chegar por senda tortuosa, acompanhado de crimes e indignas accções.

E semelhantemente os detentores do poder, os que se arrogam o direito de agir pelas nações, se teem a envergadura de transmutar im-

pecilhos em vantagens, opposições em accôr-dos, inimigos em auxiliares, creio não ser mui grave equivoco affirmar serem taes obreiros mais dignos de applausos do que os da escola dos Oribes e dos Rosas, nomeadamente quando os pretendidos serviços por taes sujeitos prestados aos povos são o mais difficil de todos os problemas da historia, porque a mais decidida boa vontade é impotente para os descobrir.

Rosas tinha arvorado na Republica Argentina uma politica aggressiva contra o Brasil e meditava a incorporação ao seu paiz do Paraguay e do Estado Oriental.

Para isto não trepidou em metter no Uruguay por sua conta um agente de depredações contra os brasileiros — Oribe.

Chegaram as cousas a ponto de se recorrer á solução pelas armas.

Era em 1851.

Aos 16 de junho era o Conde de Caxias designado commandante em chefe do aliaz ainda não creado exercito em operações e presidente da provincia do Rio Grande.

Aos 26 já elle se achava na cidade de S. Pedro, a 30 tomava posse das suas novas funcções em Porto Alegre.

No dia 9 de julho estava em Pelotas, mandando um brigadeiro dispôr as forças em Orqueta, para onde pouco depois seguiu, fazendo avançar varios corpos do exercito em certas direcções predestinadas, ao passo que elle proprio se dirigia pelo Arroio Grande e Bagé a Sant'Anna do Livramento, onde fez alto por algum tempo.

Em agosto tinha alli organizado e concen-

trado o exercito de operações, composto de quatro divisões e quatorze brigadas.

Aos 4 de setembro transpunha a fronteira oriental na direcção do Rio Negro.

Tinha espalhado neste dia uma ordem em que se liam estãs memoraveis palavras:

«Não tendes no Estado Oriental outros inimigos senão os soldados do General D. Manoel Oribe, e esses mesmos enquanto, illudidos, empunharem armas contra os interesses de sua patria. Desarmados ou vencidos — são americanos, são vossos irmãos, e como taes os deveis tratar.

«A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos principios da humanidade.

«A propriedade de quem quer que seja, *nacional, estrangeiro, amigo ou inimigo*, é inviolavel e sagrada; e deve ser tão religiosamente respeitada pelo soldado do exercito imperial como a sua propria honra.

«O que por desgraça a violar, será considerado indigno de pertencer ás fileiras do exercito, assassino da honra e reputação nacional, e como tal severa e inexoravelmente punido».

No interior ou exterior, em campanha, este General nunca se afastava de tão nobres principios, que entravam sempre por muito no segredo das assignaladas vantagens que sabia obter.

O objectivo da marcha de Caxias era cercar as forças de Oribe por um lado, ao tempo que, por outra parte, o mesmo fizesse o exercito sob as ordens de Urquiza, alliado ao Brasil, sendo, porém, incomparavelmente maior a distancia a percorrer pelas tropas nacionaes.

Quando se viu em apertada posição, Oribe fez pedido de capitulação que lhe foi concedida. Era aos 10 de outubro.

Pouco depois fazia entrada o nosso General em Montevidéu, que o recebia como a um libertador.

Em rapidos lances estava em tres mezes concluida a campanha contra Oribe.

Rosas, o furibundo dictador, sanguisedento, declarou guerra ao imperio.

Era tudo acto contínuo; o despota rabiava de colera contra os *selvagens unitarios* e o *anti-americano governo do Brasil*, horrído phraseado muito nosso conhecido, por o havermos cá dentro muita vez ouvido dos labios de iracundos prégadores de truculentas e apavorantes dictaduras.

Caxias achava-se ainda no Estado Oriental, á testa de vinte mil homens, em quatro divisões, sob os commandos de Caldwell, Marques de Sousa, Santos Pereira e David Canavarro, o ex-guerrilheiro *Farrapo*, attrahido e distinguido pelo General, que dantes o vencera.

Destacou quatro mil homens sob o commando do esforçado brasileiro Marques de Sousa, futuro Conde de Porto-Alegre, para se irem incorporar ás forças de Urquiza, que se achavam em Entre-Rios.

Esse troço de exercito embarcou em a esquadra brasileira commandada pelo legendario Greenfell. A capitanea tinha por commandante o bravo Lamego.

Avançava a esquadra pelo Paraná, quando em face ao Passo do Toneleiro, sitio estreito e formidavelmente fortificado, foi acommettida por tremendo chuveiro de balas de artilheria e fuzi-

laria, dirigido pelo general Mancilla, cunhado do dictador.

Greenfell e Lamego sustentaram a refrega á moda dos heroes impavidos que se fazem obedecidos da morte: de pé sobre as rodas dos seus navios, debaixo de abobadas de balas.

Transposto o difficil passo, ancoraram no lugar aprazado — a ponta do Diamante, onde horas antes tinha chegado Urquiza.

Era aos 19 de dezembro de 1851.

Proseguia a campanha com varias feições, quando a 17 de janeiro Caxias e Greenfell, á bórdo da *D. Affonso*, andaram por muitas horas ao norte e ao sul de Buenos Ayres, em meio de extraordinarios perigos, sondando lugares para um desembarque, caso tivesse de ser preciso.

O exercito alliado, passando o Paraná, depois de marchas e acções diversas por Entre Rios, Corrientes e Santa Fé, achou-se á vista do inimigo aos 2 de fevereiro de 1852, em Montes Caseros.

Renhida foi a batalha; as honras do dia couberam ao esforçado Marques de Sousa, e ao impetuoso Osorio.

A derrota de Rosas foi completa; fugiu, abrigou-se em um navio inglez, seguiu para a Europa, onde viveu tranquillamente dilatados annos.

E nosso Lidador tinha ainda de revelar superiores qualidades de espirito e character na governação mais alta do Estado por differentes vezes e de dirigir, pelo Paraguay em fóra, vencedoras as hostes brasileiras.

E' esta ultima cadeia de serviços de guerra que me falta rapido apreciar para algo dizer

delle nos seus labores da paz e pôr o ponto final a estas desataviadas palavras.

A desastradissima politica do partido liberal não tinha sabido evitar novas guerras nas regiões do sul.

Com a Republica Oriental e o Paraguay tivemos de terçar armas, e com esta ultima a pugna tinha de prolongar-se por cinco interminaveis annos de afanosos sacrificios.

E, a sabedoria popular ha muito o reconheceu, como as grandes desgraças nunca se apresentam sós, andam sempre acompanhadas, além da guerra tivemos o vergonhosissimo tratado da triplice alliança, que pôz o Brasil na rabadilha da Republica Argentina, e a exclusão systematica do Marquez de Caxias do commando de nossas forças, por ser elle militante nas fileiras conservadoras...

Estes dous formidaveis desacertos tiveram consequencias que ainda hoje atrapalham os passos do Brasil, algumas irremediaveis para todo sempre.

Entre outros desastres, filhos desses primeiros erros, avulta a recusa do plano de Caxias, por elle insistentemente offerecido ao governo imperial, de se levar a guerra ao coração do Paraguay, uma vez que esta não tinha sido evitada, por nossas provincias do Rio Grande, Paraná, Matto Grosso e jámais pelo Passo da Patria, atravez da Argentina.

O resultado é que esta veio a nadar em ouro que a levantou até hoje, e nossas provincias ahí ficaram a rastejar, quando o contrario se teria inevitavelmente dado, se tivessem sido ouvidos os conselhos do General.

Como quer que seja, depois de delongas in-

justificaveis e duros revezes soffridos pela triplice alliança, decidiram-se os donos dos destinos deste povo a confiar a Caxias a direcção das nossas forças em lucta aberta nas inhospitas regiões dentre o Paraná e Paraguay.

Esta tardia solução, depois de dous annos de erros todos oriundos do tratado da triplice, teve logar aos 10 de outubro de 1866.

E' que os desasados ministerios de 31 de agosto de 1864 e 12 de maio de 65 tinham dado entrada ao de 3 de agosto de 1866, e este era dirigido por um homem, Zacharias de Góes e Vasconcellos.

Em outubro dizia esse voluntarioso estadista no Senado:

«Entrando para o ministerio, conheci logo que a guerra precisava menos de remessas de forças do que uma cabeça, de um general que reunisse aos conhecimentos profissionaes a precisa vantagem de inspirar plena confiança a seus camaradas.

«Nisso chegou a noticia do desastre de Curupaity e desde esse momento reconheci que era indispensavel a medida que se adoptou...

«O nobre Marquez de Caxias teve o grande merito de sopitar todas as intrigas; foi um grande serviço que prestou ao paiz...»

De certo um grande serviço; porque ia mudar completamente a face da campanha, conduzindo-a a bom termo, o que teria sido feito em poucos mezes, se não fôram os invenciveis obstaculos oppostos pelo inqualificavel tratado.

Desde Montevidéu, Buenos Ayres e Corrientes foi logo reduzindo abusos, pallidos reflexos da inominada desordem em que foi achar os

nossos dous corpos de exercito em Tuyuty e Curuzú.

Procedeu a rigorosas medidas de organisação e disciplina desde que chegou ao acampamento, aos 18 de novembro, vinte dias depois de ter sahido do Rio de Janeiro.

Em tão indispensaveis quão uteis providencias empregou os ultimos dias de novembro e os mezes de dezembro de 1866 e janeiro de 1867; pois que desde os primeiros dias de fevereiro, aproveitando a ausencia de Mitre, que se havia então retirado para Buenos Ayres, deu largo impulso á campanha, iniciando operações de avantajada valia.

E digo *aproveitando a ausencia de Mitre*, porque, oh! desgraça, meus senhores, pelo tratado elle tinha de obedecer ao general estrangeiro, a quem cabia o commando geral dos exercitos alliados, a direcção suprema da campanha, a iniciativa cabal dos planos, o nervo, em summa, dos factos!...

Em dous annos, depois de declarada a guerra, tinham os alliados avançado apenas duas leguas, que tantas são as que vão do Passo da Patria a Tuyuty!...

Ahi se achavam elles paralyzados, depois de tremendos combates de negativissimos resultados, quando Caxias assumiu o commando do contingente brasileiro, cuja disciplina cedo restabeleceu, já vos disse, com providencias que a urgencia deste momento infelizmente me força a calar. Por ellas avaliariéis do tino administrativo, do genio constructor do incomparavel capitão.

Tenho pressa em indicar o impulso por elle dado á campanha nos cinco mezes do seu com-

mando em chefe interino, o que importa dizer, ainda sem a completa liberdade de acção.

Ordenou nos acampamentos obras de defeza, proprias a acabarem com as surpresas de ataques até então sempre repetidos; fez verificar em ascensões aerostaticas as posições e fortificações inimigas; e, depois de taes preparativos, assentou um racional plano de campanha, cousa de que só mais tarde e mal cogitara o anterior commando em chefe.

Pensou em encurralar Lopes no seu formidavel quadrilatero, cortando-lhe as communicações com o resto do paiz.

Neste alto intuito determinou e fez executar a famosa marcha de flanco.

O segundo corpo do exercito, sob o commando de Porto Alegre, ficava em Tuyuty, sustentando a base de operações e ameaçando o flanco direito do inimigo; avançou o grosso do exercito com a vanguarda commandada pelo destemido Herval.

Contornando o quadrilatero, passou *Estero Bellaco* e chegou a *Tuyu-cué*, que tomou de assalto e onde levantou acampamento.

Entrementes, acossado Mitre pela imprensa argentina, irrequieta pela nova direcção das cousas da guerra, apresentou-se sem ser esperado em *Tuyu-cué*, onde em ordem do dia declarou que o *commandante interino dos alliados tinha feito jús á estima dos exercitos, porque iniciara com pericia as operações; effectuara movimentos acertados e dictara disposições convenientes.*

Achava o general argentino nossas vanguardas em *S. Solano*, dominando nossa cavallaria as communicações com o interior do paiz.

Segundo o disposto no nefando tratado da triplice, ainda uma vez Caxias se via relegado para o segundo plano, sem a iniciativa no andar das operações.

Procurou diplomaticamente sanar esse terrível inconveniente; deliberou proseguir fazendo apparentes consultas.

Fez rechassar os paraguayos até perto de *Pilar*, determinou que a nossa esquadra forçasse o passo de *Curupaity*, brilhante acção, digna de allísimos encomios.

Fez tomar, no empenho de fechar o cerco ao quadrilatero, *Potreiro Ovelha* e *Tayi*, mas tudo isto á custa de sanguinolentos combates.

Eis como o general paraguayo Resquin resume esta parte dos planos e feitos de Caxias:

«Apenas os alliados occuparam as posições de *Tuyú-Cué*, immediatamente abriram trincheiras e collocaram baterias de oito ou nove canhões raiados 32, com os quaes molestavam muito as nossas linhas de *Passo Pocú* e *Passo Espinillo*, dia e noite.

«O marechal Lopez desde logo conheceu quanto eram perigosas essas ameaças, com a occupação das posições de *Tuyú-Cué* por forças consideraveis de numerosas cavallarias bem montadas; porém era-lhe impossivel contrastar aquella offensiva dos alliados por falta de mobilidades para o exercito nacional e por isso não teve remedio senão conformar-se com a defensiva em suas posições de *Passo Rojas*, *Passo Pocú* e *Humaytá*, com o que deixou ao inimigo tempo bastante para estabelecer a sua linha de sitio por *S. Solano*, cortando o arroio *Fundo*, para occupar o importante ponto de *Tayi*, sobre o rio Paraguay, entre a cidade do *Pilar* e as po-

sições do exercito nacional de *Humaytá*, *Passo Pocú* e *Passo Rojas*; sendo assim que o marechal Caxias em pouco tempo estabeleceu o seu sitio e dest'arte cortou as communicações do exercito paraguayo por mar e terra com o interior da Republica, não nos deixando outro recurso senão o penoso caminho que se mandou abrir pelo *Chaco* até *Monte Lindo*, defronte da fóz do *Tebicuary...*»

E' a completa justificativa do plano de nosso heroico soldado; é a sua mais bella apologia, a apologia feita pelo proprio adversario!

O mesmo general Mitre, na tarde da tomada de *Tayi* veiu á barraca do general brasileiro abraçal-o e confessar que estava então convencido das momentosas razões da insistencia com que ateimava Caxias em occupar aquelle ponto e das conveniencias do feito.

Era aos 2 de novembro de 1867.

A 3 fizeram os paraguayos terrivel sortida sobre *Tuyuty*, travando-se tremendo cambate em que Porto-Alegre foi epicamente superior.

Os nossos sahiram vencedores.

Cumpria antes de tudo conservar as posições basicas dos exercitos alliados; e Caxias teve largamente de providenciar nesse sentido, ao que obtemperou Mitre, aos 24 do citado mez:

«Estou inteiramente de accôrdo com as medidas que V. Ex.^a indica e que considero muito acertadas, tanto para o caso de uma sortida do inimigo, como para vigiar e garantir melhor a nova linha de communicações com *Tayi*».

Releva nos historiadores technicos, como Schneider e Barão de Rio Branco, ler e medir o complexo e acertado dessas medidas para avaliar da capacidade desse cabo de guerra.

Estavam as cousas neste pé, a saber: de posse os alliados de tres pontos principaes de extensa linha de cerco — *Tuyuty*, *Tuyú-Cué* e *Tayi*; o dictador cercado no quadrilatero, com as communicações de terra e fluviaes cortadas entre *Humaytá* e *Assumpção*, bombardeado diariamente pela esquadra, reduzido ao quasi intransitavel caminho que pelo *Chaco* seguia até á frente do *Tebicuary*, acima das posições occupadas pelos brasileiros, quando, aos 12 de janeiro de 1868, se retirou Mitre outra vez definitivamente para Buenos-Ayres.

Estava o grande estrategico brasileiro de novo em commando em chefe.

Urgia aproveitar o ensejo, levar a lucta por diante, custasse o que custasse.

Era a serie homerica de assignalados feitos que se iam desenrolar por *Humaytá*, *Estabelecimento*, *Sauces*, *Laurelles*, *Itororó*, *Avahy*, *Lomas Valentinias*, *Assumpção*...

Depois de observações atiladas, em pessoa feitas, a bordo do couraçado *Bahia*, ordenou Caxias que na alta madrugada de 19 de fevereiro a esquadra forçasse o passo de *Humaytá*, ao mesmo tempo que o general em chefe, com um troço de tropas atacaria o formidavel posto denominado *Estabelecimento*, tres leguas abaixo de *Tayi* e mais proprio do que este para fechar o cerco, simulando todo o exercito um ataque geral ás linhas fortificadas do quadrilatero.

Foi o inferno: a monstruosa fortaleza transmutou-se num vulcão de fogo, balas, foguetes e granadas em resposta ao chuveiro de projectis despejados da esquadra.

Assombroso e indiscriptivel o quadro...

Mas os navios brasileiros, com pasmo do

mundo, tinham levado por diante o inacreditavel facto, inaudito como feito de armas, extraordinario como impulso ás operações da guerra...

Ao mesmo tempo que em frente ao *Humaytá* realiva-se a epopéa da esquadra, no *Estabelecimento* outros successos se passavam dignos de nota.

«Por ordem do General, segundo a narrativa authentica de seu competente biographo, avançou a primeira brigada a passo de carga e a bayoneta sobre o reducto, e tal foi o impeto do ataque, tão varonil a coragem da tropa que transpoz logo os profundos e largos fossos e tentou penetrar incontinentemente no recinto.

«Duas estativas e doze canhões despejavam seus projectis sobre os nossos: dous vapores inimigos, atracados á barranca da lagôa das *Hervas* resguardavam o reducto e com as granadas de grossos canhões impediam o ataque pela rectaguarda.

«Devia, pois, este dirigir-se contra a frente e flanco esquerdo.

«A extensa linha de trincheira tomada tão galhardamente era separada por uma ponte levadiça que, erguida, fechava a abertura praticada no parapeito da segunda trincheira; mas essa ponte estava por grossas cadeias presa aos portões, e as difficuldades do terreno tinham demorado o corpo de sapadores, faltando por isso ferramentas, machados e as carretas de junco precisas para entulhar os atoleiros e fossos.

«Mandou então o General avançar a passo acelerado a 5.^a brigada, commandada pelo coronel Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, e se-

guiram as escadas de assalto e os salchichões que acabavam de chegar.

«Essa brigada e o 6.º corpo de cavallaria, apeado, galgaram os entrincheiramentos, já por escadas, já trepando os soldados uns nos hombros dos outros.

«O proprio piquete do commandante em chefe entrou na acção por seu mando.

«Após tres horas de combate, afrouxou o inimigo, vendo-se cercado pelos nossos, que penetravam no reducto com indomavel furor.

«O Marquez de Caxias em pessoa dispoz a ordem em que deviam manobrar os batalhões da brigada provisoria e tendo dirigido alguns delles, seguiu para o reducto, em cuja entrada entulhada de cadaveres, foi enthusiasticamente victoriado por officiaes e soldados».

Estava passado *Humaytá* e occupado o *Estabelecimento*.

Urgia não parar e o General não parou.

Na manhã de 20 de fevereiro ordenou ao chefe Delfim que seguisse rio acima, com parte da esquadra, até *Assumpção*, reconhecendo os rios *Vermelho* e *Tebicuary*, bombardeando os pontos fortificados das margens.

O formidavel quadrilatero tinha ao sul as trincheiras de *Sauces*, *Passo Gomes*, *Tuyuty* e *Angulo*: a léste *Espinillo*, *Passo-Pocú*, *Tuyú-Cué*; ao norte *Humaytá*: a oeste o rio *Paraguay*.

Fez o General, para mais apertar o adversario, occupar a península do *Chaco* em face de *Humaytá*.

O dictador foi-se encurtando aos poucos para dentro da famosa fortaleza, deixando algumas tropas em *Curupaity*, *Sauces*, *Angulo* e *Espinillo*.

O General brasileiro fez reconhecer e tomar *Laurelles* e bombardear *Novo Estabelecimento* durante os ultimos dias de fevereiro.

No correr de março mandou atacar *Sauces*, que foi tomada depois de rigorosissima resistencia, tendo este facto estranha influencia no espirito de Solano Lopez, que fez evacuar e queimar os acampamentos de *Passo-Pocú*, *Angulo*, *Espinillo* e *Curupaty*, refugiando-se em *Humaytá*.

Os nossos tinham mettido o ousado e energico dictador num quasi completo cerco.

E digo quasi completo, porque ao desventurado luctador, digno certamente de melhor fortuna, restava ainda a sahida pelo *Chaco*, sob a protecção de *Humaytá* e *Timbó*.

E por alli é que elle se havia de escapar indo fortificar-se em *S. Fernando*, ás margens do *Tebicuary*.

Importava, entretanto, batel-o dentro de seu grande e formidavel reducto e o General começou a planear o ataque a *Humaytá*.

Para isso fez, rezam as chronicas da guerra, explorar systematicamente a fortaleza por todos os lados; estabelecer novas linhas e novas baterias; abrir novas trincheiras, tão proximas das contrarias que lhes poderiam destruir as obras externas; preparar do *Estabelecimento* uma estrada até *Paré-Cué* que servisse de communicação do exercito com a esquadra; repetir bombardeios diarios que cansassem e reduzissem os adversarios.

Depois de algumas dezenas de feitos parciaes, cuja narrativa cabe ás historias minuciosamente exhaustivas, um esquadrão brasileiro tomou e arrasou na manhã de 15 de julho de

1868 um reducto exterior ás trincheiras da fortaleza.

Na madrugada seguinte, sendo informado da passagem de muita gente de *Humaytá* para o *Chaco*, mandou Caxias que rompesse de todas as nossas baterias e da esquadra um geral e vigoroso bombardeio, ao tempo em que elle marchava para a vanguarda, á frente de cinco batalhões de infantaria e uma divisão de artilheria e dispunha o 2.º corpo do exercito para auxiliar o movimento.

Ao lendario Osorio ordenava que avançasse com os seus oito mil homens das tres armas até o mais perto possivel das trincheiras da fortaleza, ficando ao seu superior criterio e alta competencia, segundo julgasse, penetral-as ou reconhecel-as apenas.

Neste ponto é mister citar ainda uma vez textualmente meu precioso guia:

«Avançou com effeito o Visconde do Herval com infantaria, cavallaria, artilheria e engenheiros; o inimigo deixou silencioso approximar essa força até quasi a tiro de pistola; mas, apenas a nossa vanguarda chegou perto dos parapetos, foi sobre ella despejada de toda a linha adversa descarga sobre descarga de fogo de artilheria com toda a classe de projectis, e não obstante isso e os accidentes do terreno, transpôz a primeira linha de fossos antepostos ás muralhas, logrou tomar uma bateria de quatro bocas e mandou o general carregar sobre as trincheiras por infantaria, que, affrontando o temporal das metralhas, granadas, balas rasas e fuzilaria, e, superando mil difficuldades do terreno, ouriçado de abatises e outros acces-

sorios de defeza, chegou até á contra-escarpa do fosso principal.

«Então, observando Herval que a resistencia tenaz do inimigo, coberto por extensos e altos parapeitos, tornava mui duvidosa a escalada, mandou parte a Caxias do que estava occorrendo.

«O Marquez immediatamente respondeu que reiterava a recommendação que de principio lhe dera, deixando ao seu criterio proceder como julgasse acertado.

«Herval mandou tocar a retirada, evolução mantida na mais completa ordem, com as bandeiras desfraldadas em marcha regular».

Em caso algum, porém, senhores, se deve considerar perdido este embaraçosissimo, arriscadissimo feito d'armas.

Bem ao contrario deve ser aquilatado, porque por elle conheceu Lopez sua critica situação em Humaytá.

Poucos dias depois a guarnição heroica abandonava a fortaleza, travando tremendos combates no rio e no fronteiro Chaco.

Lopez já se havia retirado para *Tebicuary*. Todo o sul do Paraguay estava em nosso poder.

Caxias apressou-se em ferir as batalhas decisivas da campanha.

Forçadas as baterias do *Novo Estabelecimento* a 16 de agosto pelos couraçados, decidiu o general apoderar-se deste formidavel reducto, mandando avançar as forças acampadas em *Paré-Cué*.

Passavam ellas por *Nhembucú* e com a sua aproximação fugiram os inimigos do *Novo Estabelecimento*.

Seguiram os nossos por *Passo Portilho*, *Ta-*

quaras e arroio *Jacaré* em demanda dos acampamentos do dictador em *Tebicuary*.

A rapidez destes movimentos incutiu pavor em Lopez, que sahiu precipitadamente de *Tebicuary*, tomado de assalto pelas tropas brasileiras aos 28 de agosto.

Os adversos tinham ido estacionar em *Villeta*. Para ahi, por *Jacaré*, *Villa Franca* e *Suru-bihy*, onde se deu renhido combate, avançaram os brasileiros.

O inimigo fugia, as hostes patrias seguiam-no de perto.

Foi uma curiosissima partida em que sangrentas batalhas tiveram de dar-se precipites e brilhantissimas.

Tinha-se chegado em face de *Angustura*, diabolico e angustioso sitio, em verdade.

Para chegar até lá era mister atravessar intransitaveis banhados, lagôas extensissimas e invadeaveis, sob mortifero fogo das baterias inimigas.

Era impossivel: ou tomar para léste numa curva de dezenas de leguas, ou passar o Paraguay, ganhar o *Chaco*, e fazer seguir o exercito pela margem direita do rio, atravessal-o de novo acima de *Angustura* para atacar esses reductos pela rectaguarda.

Mas como fazer passar um exercito de trinta mil homens pelos atoleiros do *Chaco*, sem caminhos, cheios de traçoeiros lamaçoes, erichados de precipicios de toda a casta?

E Caxias ordenou a Argollo esse impossivel, a inacreditavel estrada do *Chaco* e a incomparavel marcha subsequente!

Lopez, ante essa maravilha de tenacidade, ficou aterrado e comprehendeu nitidamente que

se achava já bem adiantado o começo do fim...

A musa da historia habituou-se em passos destes a entoar alguns dos seus mais festivos cantares.

Ainda hoje nós os ouvimos ecoar dentro em nossas almas nas homenagens espontaneas que rendemos a esses benemeritos bemfeitores de nossos destinos.

O arrojadamente inqualificavel feito foi practicado rapido e seguro: o exercito desembarcava em *Santo Antonio* sobre o Paraguay, algumas leguas acima de *Angustura* e *Villeta*.

Para as attingir tinha de passar os arroyos *Itororó* e *Avahy*.

Fallar em taes nomes é lembrar os dous rutilos prologos do poema de *Lomas Valentinias*, glorificação suprema de nosso heroe.

No mesmo dia do desembarque das tropas, mandou elle que se puzessem em marcha para atacar os contrarios.

Tinha de ser passada a estreita ponte do *Itororó*.

Chegava-se a ella por um desfiladeiro talhado a pique entre barrancas cobertas de matto, de onde o inimigo, abrigado, fazia um fogo indescriptivel de fuzilaria, além do bombardeio de artilheria da margem opposta, formidavelmente guarnecida.

O segundo corpo de exercito, commandado pela especie de Kronje, esse leão indomito que se chamava Argollo, por tres vezes avançara sobre a ponte e tres vezes recuára...

Era o inferno na frente.

Caxias, que espreitava da collina, viu o passo perdido.

Desembainhada a espada correu como louco aos brados de: «Sigam-me... Sigam-me os mais valentes !...»

Os batalhões que o avisinhavam, tomados de furia bellica, desse frenesi sem nome que a idéa da Patria produz nas horas terriveis, sinistramente decisivas, turbilhonaram trás elle.

A torrente era irresistivel; o paraguayoy recuou debandando...

O passo estava vencido; era esplendida a victoria !...

No seguinte dia marchava para a frente na direcção de *Ipané*, *Antas* e *Avahy*.

Era aos 11 dias de dezembro; todos os anteriores, como vêdes, desde 5, em que se dera o desembarque em *Santo Antonio*, tinham sido passados em marchas e combates de importancias varias, entre os quaes avulta o de *Itororó*.

Em *Avahy* estavam seis mil paraguayos.

Foi outra pagina das que se escrevem no campo a ferro e fogo, ao serviço da humana coragem, e nos annaes em letras de ouro, para ensinamento dos posteros e veneração aos que se fôram.

E' a batalha transfigurada na tela por Pedro Americo, o artista irmão de genio desse outro Victor Meirelles, querido das almas eleitas, mal pago pela insolente inconsciencia que não raro monopolisa a direcção deste desafortunado Brasil, Meirelles, o pintor de *Riachuelo* e da *Passagem de Humaytá*...

Caxias dirigiu a batalha.

Assentou a artilharia no cimo da collina que dominava o campo, ao tempo em que a cavallaria e a infantaria do terceiro corpo investiam o inimigo.

Osorio substituiu a Argollo, ferido em *Itororó*, no commando da vanguarda.

Desencadeiou-se horrorosa tempestade e, no meio de diluviano aguaceiro, mandou o Marquez ao Visconde de Herval que tomasse uma bateria inimiga de dezoito peças que causava terriveis estragos.

A ordem foi cumprida; mas urgia conservar a posição tomada.

O General fez avançar o terceiro corpo, seguindo elle á frente do segundo, ficando o primeiro de reserva.

Herval na investida e tomada da bateria foi gravemente ferido e retirou-se da peleja.

Caxias, dirigindo os dous corpos de exercito, carregou circularmente sobre os paraguayos, os quaes deixando as encostas das collinas, no meio da mais tenaz resistencia, recuaram para a planicie.

Ahi fôram elles de flanco e rectaguarda envolvidos por nossa cavallaria numa carga pavorosa. Cercados por todas as faces, fôram completamente destroçados.

Seguiu-se a occupação de *Villeta*, onde foi mister a demora de dez dias, parte para refazer o exercito e tomar acertadissimas providencias, parte por não se poder marchar, continuando torrencialmente as chuvas e alagados os caminhos, varzeas, campos e arroios.

Lopez, o valente, o tenaz Lopez, após os desastres de *Itororó* e *Avahy*, estava em *Lomas Valentinas*, com os restos de seu aguerrido e heroico exercito.

A resistencia que ainda oppoz teve alguma cousa de phantastico e lendario, como paginas esquecidas da heroicidade antiga.

Não me pésa, meus senhores, fazer justiça a esse distincto homem e aos seus auxiliares, dignos d'elle.

O General brasileiro ás 2 horas da madrugada de 21 de dezembro punha-se á testa dos dous corpos em direcção a *Lomas Valentinas*.

La ser ferida uma das mais renhidas, demoradas e decisivas batalhas de todo o mundo em todos os tempos.

Durou seis dias e poz virtualmente termo á guerra.

Chegadas as nossas forças á face da grande linha de defeza de *Piquiciri*, fez alto o grosso do exercito, mandando Caxias uma divisão das tres armas pelo flanco direito, afim de romper a linha e bater pela rectaguarda a guarnição.

Atacando de subito, o inimigo perdeu de pancada 34 canhões, seiscentos e oitenta mortos, duzentos prisioneiros e avultadas munições.

Passou-se *Piquiciri*.

Ás tres horas da tarde, após energico bombardeio, fez-se ouvir a ordem de avançar sobre o reducto de *Lomas Valentinas*.

Eram duas collinas cercadas de trincheiras, com 14 bocas de fogo á frente e numerosa artilheria ao fundo, defendidas por mattas, fóssos e artificios varios.

Caxias commanda em pessoa o assalto.

A cavallaria e a infantaria voam ao reducto. Troveja a metralha inimiga sobre os brasileiros que chegam á contra escarpa do fosso.

Lanceiros paraguayos, escondidos, surgem de repente a impedirem que os assaltantes galguem as trincheiras.

São quasi todos mortos, entulham o fosso com os seus corpos.

Passam os nossos sobre elles, entram a praça, e tomam as 14 bocas de fogo.

O terreno inferior do reducto, porém, cheio de mattas, dá abrigo á infantaria paraguaya, que fuzila os atacantes.

Morrem innumeras praças e officiaes.

Entre estes é gravemente ferido o esforçado Barão do Triumpho.

Cahe a noite e com ella uma chuva selvagem.

O fogo prosegue terrivel de parte a parte.

A lucta está vacillante; a pendencia incerta, o resultado indeciso...

Caxias comprehende que tem chegado uma dessas horas fataes em que se deve decifrar a sorte das pelepas e decide não arredar pé, antes manter as posições.

Passa a horrivel noite a cavallo, na linha de fogo, debaixo da metralha e da chuva; trinta e seis horas consecutivas não põe o pé em terra.

Nos dias 22 e 23 prosegue a peleja por meio dos bombardeios de artilheria, mandando o General buscar reforços ás nossas reservas.

Por humanidade e por ganhar tempo manda intimar o dictador a render-se, dando-lhe o prazo de um dia para deliberar.

Lopes recusa.

E' de treguas o dia 24.

A 25, desde a madrugada, 40 bocas de fogo despejam a confusão e a morte entre os adversarios. O Marquez faz avançar duas baterias para metralharem a matta.

Apezar das consideraveis perdas paraguayas neste arriscadissimo lance, ainda durante 25 e 26 não termina a lucta.

De parte a parte a refrega é horrorosa.

O paraguayo, na defensão, o brasileiro, no ataque, obram prodigios de valor.

Aos 27 o General dá nova feição á lucta; faz a artilheria, protegida pela infantaria, ir galgando terreno a cada descarga.

Assim penetrou ella o interior do reducto.

Ao tempo que isto se praticava por uma parte, metralhando-se o inimigo pela face, era elle carregado pela cavallaria na rectaguarda, sob o mando em pessoa do General em chefe.

A derrota foi total.

Lopes, em tempo, ganhára os sertões do paiz, caminho das Cordilheiras...

Dois dias depois capitulava a guarnição de *Angustura* e estava desimpedido o caminho de *Assumpção*.

Aos 5 de janeiro entrava a capital inimiga o exercito brasileiro, levado de victoria em victoria por trezentas batalhas, pelo mais glorioso de nossos generaes.

A grande guerra estava acabada.

Devia seguir-se a lucta de recursos, o jogo de guerrilhas.

Quasi morto pelas fadigas e cuidados da campanha e pela inclemencia do clima, Caxias não podia, sem suicidar-se, continuar no Paraguay.

Via-se forçado a retirar-se.

Estava terminada a longa, a longuissima serie de seus serviços de guerra a esta estremeida Patria que tanto idolatrava.

Da importancia e valor delles não se faz mistér, senhores, que vos eu diga palavra. São tão consideraveis que não precisam de defeza: defendem-se por si mesmos.

E nem necessito eu de vos lembrar os extraordinarios serviços de paz por elle prestados nos

altos cargos que occupou na administração militar e nos tres ministerios em que tomou parte na governação suprema do paiz. Baste-me lembrar que a mór porção de cousas boas que se nos depara em nossa organização militar foi obra delle !

A conveniencia em resumir me força a calar essa face luminosissima dessa privilegiada existencia, que se finou em 1880, carregada de titulos, e mais ainda de glorias, e mais ainda de bençãos, e mais ainda de saudades da Nação agradecida...

*

E que significa essa vida, que lição podemos hoje tirar das obras do velho Duque ?

Sessenta annos de luctas, sessenta annos de esforços norteados todos por um ideal, o ideal supremo da independencia, da integridade, da unidade nacional, representam uma força de selecção historica, que nos está a mostrar o caminho do futuro.

Esse bello typo de aryano occidental transplantado para as regiões brasílicas representa a continuidade da tradição ethnica dos Vidaes de Negreiros, dos Gomes Freires de Andrade, a acção civilisadora de cohesão do povo, da nação contra as tendencias dispersivas da desagregação tribal de indios e africanos que se acham incorporados em nossa vida.

E' o germen da cohesão aryana, nomeadamente portugueza, que devemos acima de tudo fortalecer.

E' urgente, sob pena de morte, largar os atalhes do federalismo dissolvente e caminhar

com segurança e affoiteza para a unidade. Sejam quaes fôrem os tropeços e embaraços, é preciso deital-os por terra.

Cataduras de satrapas locaes, reincarnações posthumas de *Raymundo Gomes*, o *Balaio*, não devem metter medo a discipulos e continuadores de Caxias.

A tragi-comedia da soberania dos Estados, dos impostos inter-estadoaes e inter-municipaes, dos exercitos sob os disfarçados titulos de brigadas provincianas, das magistraturas particularistas, da multiplicidade das leis do processo, da desaggregação das tradições, das tyrannias caudilhas, das roubalheiras descentralisantes e impunidas, essa tragi-comedia, que é o federalismo olygarchico da actualidade nacional, deve acabar, ou ella matará o Brasil.

Ceci tuera celá...

Que o genio de Caxias nos ajude a triumphar dos *Cabanos*, *Bemtivis*, *Balaíos* e *Farrapos* da actualidade; das tendencias e impulsos carnicieiramente tyrannicos dos *Ruivos*, *Macambiras*, *Matroás*, *Tempestades* e *Coucos* de outr'ora, resurgidos hoje nos vinte truculentos caudilhos, chefiadores de outras tantas olygarchias tribaes, barbarescas sobrevivencias selvagens, que andam sugando a seiva das vinte bellas provincias que a espada do grande homem ajudou a liberar e a integrar no Brasil!...

Que esse espirito, que é o mesmo espirito e o mesmo genio tutelar da nossa historia, de nossa raça, no que ella tem de superior, nos faça sahir desse particularismo federalista de nova especie, que é dissolvente para o grande todo, sendo inacreditavelmente centralisado e compressor em cada uma das vinte partes que

o compõem a ponto do Brasil consistir hoje numa nominal União, quasi desaggregada e nos vinte Estados mais unitarios e despoticamente mandados do mundo inteiro !...

Originalidade de nossos *Balaíos*...

Urge, meus senhores, acabar com esta selecção morbida e inqualificavel de vinte tyrannias, vinte satrapias nefarias, vinte antros de corrupção, vinte *pornocracias* nojosas, que transformaram esta bella Patria, amada por homens como Caxias, na mais corroida organisação politica existente sobre a terra...

Reacção, reacção, meus senhores, em vista do futuro, em nome de Caxias !...

XIV

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETTRAS

(Discurso pronunciado aos 18 de Dezembro de 1906, por occasião
da recepção do Dr. Euclides da Cunha)

Sr. Dr. Euclides da Cunha

O vosso brilhantissimo discurso, cujos primores de fórma não disfarçam, antes realçam, a riqueza de vossas idéas, as ousadias de vosso pensar, constitue para mim, velho luctador, em quem o espirito de *combatividade* é uma das mais constantes martelladas, com que a critica indigena ha por bem de me bater á porta para intimar-me suas sentenças, uma triplice tentação...

Dissestes, com a phantasiosa irradiação de vossas phrases, que é o encanto de vosso escrever, muito bonitas cousas de Castro Alves, de Valentim Magalhães, do Brasil social...

São assumptos que me inspiraram, de ha muito, velhas idéas, defendidas em cincoenta batalhas por trinta annos seguidos. A Academia não se me póde afigurar a organização da hypocrisia para que eu haja de impôr silencio a mim mesmo, sacudindo d'alma, lá fóra, selectas convicções, como se espanasse o pó dos

sapatos no adyto dos templos magestosos e terríveis.

Seria uma nova maneira de desertar, um proceder que assaz se pareceria com a traição a afagadas doutrinas e a memorias queridas.

A dignidade desta illustre companhia é a primeira a me recommendar que esteja a gosto, e sem constrangimento sustente *coram Academicis* fundas convicções sempre julgadas dignas de ser expostas perante o povo.

A situação não foi creada por mim e é apta a proteger-me, fazendo que fique ainda hoje firme num assumpto no qual, em meio ás minhas suppostas e tão decantadas contradicções, não achei até agora geito de me contradizer...

*

Castro Alves I... — Vale muito. Mas admiro a serenidade, a sufficiencia, a confiança, o ar de superior e competente alvitre com que a moda carioca, acoroçada pela critica de arribação, que esvoaça sobre nós, de varios pontos do horizonte, em periodos climatericos, falla delle, qual se fôra o nosso *Koerner*, o nosso *Rückert*.

E' como se as nossas genuinas *canções da espada* que se intitulam: — *A' vista do Recife, Os Leões do Norte, Os voluntarios de Pernambuco, Sete de Setembro, Em nome duma Pernambucana, Capitulação de Montevidéu, Os filhos do Capitão Pedro Affonso, Volta de Voluntarios, Diante dum batalhão regressado da campanha*, não existissem e seu autor não passasse de um mytho...

Entretanto, porque não dizel-o ?

Os titulos do poeta dos *Dias e Noites*, na lucta pela gloria, diante de seu venturoso rival, cuja figura, alias, fui sempre dos mais solícitos em destacar e cuja significação historica em nossas lettras fui talvez o mais esforçado em descrever, são daquelles que por si sós se defendem e se impõem ao apreço das pessoas para quem os valores e titulos espirituaes não são negocio de *camarilla* e *coterie*. Apurado senso critico, percuciente tino philosophico, seguro saber das lettras classicas latinas e esse ingenito faro de finura esthetica que não abandona jámais o homem genuinamente do povo, o filho authentico das classes sertanejas, preservaram o poeta da *Lenda Rustica*, d'*Os Tabaréos*, d'*Os Trovadores da Selva*, d'*O Beija Flór*, dentro das loucuras mesmas do romantismo agonizante no Brasil, de muitas extravagancias que andam a afeiar as paginas de seu grande e justamente admirado émulo.

Embalde procurareis em seus versos esses *Tiradentes que, com o braço ousado, machucam poros com a robusta mão; esse tempo que, entre os dedos, topando um seculo, uma nação, encontra nomes tão grandes que não lhe cabem na mão; esse pedaço de gladio no infinito e trapo de bandeira n'amplidão; essa eternidade que dialoga com a immensidade, fallando o heroe com Jehorah; nem esse olhar que não se move, fito em Oitenta e Nove, a lêr Homero, escutando Jove, Robespierre e Danton...*

O senso da natureza, da realidade, das cousas, por maiores que pretendessem ser os desregramentos da phantasia e as petulancias azougadas do *condoreirismo* hogoano, interpunha-se e revocava o sonhador á normalidade dos factos

verídicos e dos phenomenos observaveis. E' por isso que na parte que se salvou de sua obra poetica — o tempo tem pouco a riscar nas fronteiras da pura anarchia das metaphoras.

Como se, na esphera da arte, elle se considerasse nos interminos dominios da liberdade absoluta, segundo a doutrina kantescas, alargada por Schopenhauer, tambem imaginava um mundo a seu modo, filho da phantasia, mas um mundo que não escapava de todo ás forças eternas do Cosmos e ás leis immanentes á humanidade. Dava-lhe quatro representações mais nitidas, quatro encarnações varias em que o brinco da imaginativa, essencia de toda poesia, alçava o vôo, sem se perder na vacuidade e no nada, antes guardando sempre vivas reminiscencias das cousas reaes e equilibradas: o quadro irizado, festivo, embriagante, dos amores; o quadro encantado, hypersensível, docemente chimerico, dos artistas; o quadro pittoresco, folgazão, gracioso, das gentes campesinas; o quadro evolucionalmente progressivo, heroico, da humanidade, das nações, preponderantemente de nosso amado Brasil. Preside-os, na ronda infinita das mutações perpetuas, eternas, incalculaveis, no vortice perenne dos phenomenos sem conta, tambem um Deus.

Mas este é, alternadamente, artista, providente, humanitario, patriota, conforme as circumstancias.

Se, aqui, não se furta, nos transes das mais cruciantes dôres humanas, a verter essa *lagrima invisivel, que tem nome cahindo n'alma, e se chama resignação*; não se esquece, alli, de bradar aos nossos combatentes victoriosos, sedentos ainda de vingança: *Tranquillisae-vos,*

leões! e não se dedigna, além, de recommendar aos anjos inquietos o não perturbarem o somno de um par venturoso: — *São noivos ainda, deixae-os dormir...*

O que não impede, porém, o vate de o interpellar, ás vezes num certo tom de verdadeira censura, como é o caso, quando o increpa pela morte de um amigo: — *Morrer tão depressa; quem foi que mandou?...*

Ah, Senhor, e mais um dia — que mal vos fazem as rosas?

Nossas corôas mimosas — porque mandaes desmanchar? — Não tendes lá tanta estrella, — cujos cheiros são fulgores, precisaes de nossas flôres, das perolas de nosso mar?

Em cada um dos actos desse drama da vida existem gradações. Os aspectos mudam numa hierarchisação das scenas, desde o mais longinquo infinito, que encerra os mais afastados systemas planetarios, até um jardim de nossas habitações, um salão de baile, ou uma casa de espectaculos.

Mas são sempre visões deliciosas, cheias de fulgidas miragens, de magicas ternuras, de estranhas serenatas; visões meio phantasticas, perdidas, ora nos *lagos em que as deidades nús lavam, cantando, seus vestidos de ouro*, ora no seio de roseas nuvens, ou em ilhas encantadas, ou em ermos graciosamente amenos, *nos quaes as flôres se encarregam de cuidar dos pares amourosos e corças bravias páram, pasmadas, contemplando a belleza das mulheres...*

São visões, onde passam genios, talentos, artistas, cantoras, crianças, que são *folhas de ethereos jasmims*, camponias e sertanejas que descantam e dançam nos terrados, *forrados de*

luar; matutos e tabaréos recordando e memorando as *folganças e lendas da noite de S. João*, ou batendo o bahiano ao som das violas. E' kaledoscopio que, com peculiar carinho, deixa vêr também os *guerreiros, os esforçados batalhadores, os heroes nacionaes, esses vultos gigantes para quem morrer é não combater, esses que, fitando a noite estrellada á espera de outra alvorada, dormem nos copos da espada, deixando o sangue escorrer!*

E se surgem *cascatas de vivos diamantes, borriçando um tapiz de esmeraldas, se desfilam deusas travessas, desfolhando laureis e grinaldas, e avistam-se virgens formosas, dormindo abraçadas em leitos cobertos de rosas, e auroras que ao longe sacodem aureas franjas de rutilo véu e se vêem levantarem-se, cheios de perolas, alvos braços de lindas sultanas, e cherubins que apedrejam com astros esses bandos de garças celestes; não se occultam as nossas cidades, laborando com crisóes, com os seios entumescidos do germen dos grandes vultos historicos, abençoadas colmeias humanas, que, com a morte, bebem a vida, não se abalam nem se doem! E' que em suas arterias circula a — liberdade, esse fluido electrisador, que lhes robustece a medula dos ossos de pedra e cal...*

Nem são esquecidos os *sepulchros dos grandes bemfeitores do nosso povo, promontorios do mar da eternidade, de cima dos quaes é que bem se avista e descobre o que ha de illustre, glorioso e bello, dirigindo-se a nós, ao nosso mundo, além no abysmo do porvir immenso, branqueando, como a véla de Colombo!...*

E nos arroubos do entusiasmo das glorias que lhe acenam, *soergue-se o Brasil, pizando em*

nuvens, fitando olhos inda mais longe, lançando a voz aos écos das alturas, aos combates, ás luctas gloriosas que o futuro longinquo lhe promette. Leva comsigo seu passado illustre de robustas acções. feitos brilhantes, como os deuses de Homero mergulhavam nas batalhas com seus mantos de purpura no braço.

E atira a voz aos écos do infinito, no seu avançar para a conquista das estrellas que além o chamam, tendo na larga dextra a tocha do progresso...

Nem nos escapam á vista os povos captivos como esse da Polonia, no qual as garras do despotismo feroz não poudo ainda suffocar todas as esperanças de renovamento e para quem o poeta tem estas palavras que valem por uma philosophia:—*«Pois que assim morres tão forte, — deixa-te agora morrer... impaciente da morte, tu tornarás a viver...»*

E apparecem os povos que rejuvenescem, *«como Portugal resuscitado do sepulchro de Camões»*. E desfilam bandos de proletarios de *«rir nos labios e callos nas mãos»*.

E destaca-se triumphalmente a *Humanidade*, tomando todas as formas, interpellando ao mar por que chora e ao céu em que pensa...

E no seu canto solemne, acena a um que se vai azulando, estendendo a mão sobre o outro que lhe diz: passae !...

Travada em luctas immensas, cançada, offegante, núa, mas tendo sempre, na frente de seu ginete, o symbolo do eterno alvorecer: a estrella da manhã...

Excelcior !... Excelcior ! Sursum corda !

Oh ! não vos poder convidar para commigo percorrerdes, aos carinhos da musa da sympha-

thia, as quatro estancias de poesia de um dos nossos maiores espiritos e mais insolitamente atacado pela malevolencia lettrada.

Mas «o tempo, essa força que, se diz. tudo consome», e afinal é o grande reparador, acabará por destruir a obra do despeito e justiça se fará.

*

Valentim Magalhães ! — Famoso homem de letras, em verdade... Foi durante mais de vinte annos o porta-bandeira da opposição tenaz, implacavel, irreductivel, contra tudo que se pensou e se fez na Escola do Recife nas ultimas decadas no seculo passado. Guerra foi essa cuja constancia, nunca desmentida, só podia rivalisar com a sua propria sem razão, sempre provada. — Os serviços prestados ás patrias letras e ao pensamento nacional por uma legião inteira de combatentes da idéa, os Tobias Barretos, os Victorianos Palhares, os Castros Alves, os Franklins Tavoras, os Orlandos, os Bevilacquaes, os Viveiros de Castro, os Françaes Pereiraes, os Theotonios Freires, os Paulos de Arruda, os Alfredos de Carvalho, um Celso de Magalhães, um Rocha Lima, um Sequeira Filho, um Martins Junior, um Graça Aranha, um Sousa Pinto, um João Bandeira... não teem chegado para desarmar a odiosidade systematica a uns, as censuras infundadas a outros, os esquecimentos calculados a estes, as meias sympathias áquelles e até os festejos suspeitos a certos renegados que por qualquer motivo cahiram nas graças de determinados criticos, que se ar-

rogam nesta boa terra a funcção de distribuir os titulos e louvores espirituaes.

Entretanto, a cousa não é assim tão simples, nem é daquellas que se riscam do livro da vida com um traço de lapis.

Existem obras que fazem hoje parte do thesouro intellectual da nação, que lhe germinaram n'alma, abrindo-lhe novas e mais rasgadas perspectivas, que se não podem desfolhar ao vento ao gosto das folhas mirradas, imprestaveis. *Os Dias e Noites*, as *Espumas Fluctuantes*, *Mocidade e Tristeza*, *Visões de Hoje*, *O Matuto*, *O Lourenço*, *Os Estudos Allemães*, *Os Menores e Loucos*, *Os Estudos de Direito*, *A Propedeutica Juridica*, *Ensaios de Critica*, *O Pan-Americanismo*, *O Direito da Familia*, *O das Successões*, *Principios de Direito Internacional Privado*, *A Nova Escola Penal*, e cem outros não se deixam suffocar pelo negativismo gamenho dos conferencistas da ultima hora. Não são da alçada dos que se prezam de saber *collocar pronomes*, mas não sabem *collocar idéas*... Não entram na tarefa dos que pensam que tudo está feito, todos os brilhos do estylo conseguidos, todos os meandros da sciencia desvendados, todos os degráus da gloria vencidos quando se teve a ventura de, tratando de cousas do entendimento, achar que se deve dizer *despercebido* em vez de *desapercebido*, fórmias ambas correctas, *merece contestado* em lugar de *merece ser contestado*, duas phrases tão certas uma quanto outra. Com espiritos, cujo horizonte mental se praz em apertar-se tão singularmente, em cujo céu do pensamento fulgem apenas esses vagalumes em vez dos grandes astros aclaradores dos magnos problemas, não admira a cegueira com que negam

os títulos, por exemplo, a um dos mais conspícuos chefes intellectuaes da nação, o autor das *Questões Vigentes de Philosophia e Direito*.

Proliferam impertinencias, insinuadas nas cabeças de homens como José Maria Mérou, para que os esconjuros negativistas passem a fronteira e se espalhem pelo continente. Percorre-se toda a historia de quatrocentos annos das lides espirituaes brasileiras e não se encontra, em tempo algum, uma tal e tão prolongada sanha de desprestigio e denegrimto numa gente, que tem, aliaz, tão facil o entusiasmo e sabe com tanto geito baloiçar os thuribulos diante de uma série quasi infindavel de manipanços de toda a casta.

Escusado é relembrar as varias fórmas revestidas pelo demonio da demolição e as capas diversas que tem sido forçado a deixar no meio da rua.

O bioco faz hoje uma confissão e julga-se com ella exonerado de culpa e quite com a justiça e a verdade.

O homem não valia nada; mas, oh! singular antinomia mais embrulhada do que as de Kant!... *teve a vantagem de formar grandes discipulos e preclaros admiradores...*

Como se um mediocre pudesse fecundar almas, suscitar talentos, mover e pôr a postos os contendores da idéa!...

E' uma critica que evidentemente desnorteia e vai, de quéda em quéda, de concessão em concessão, até negar-se a si mesma.

O grande brado final é agora: *a originalidade...* mostrae-nos as *novas doutrinas*, as originaes *descobertas* do proclamado Mestre...

Póde-se responder com elle mesmo, defendendo um companheiro, a quem, num passo semelhante, pedia a mesma fanfarronice critica que indicasse a *originalidade* produzida em certo livro: «Não conheço maior extravagancia no genero, não conheço cousa mais deslocada, nem mais extemporanea, do que o gesto magistral e auctoritario do censor, affirmando que o autor não é capaz de dizer qual foi a *originalidade* que avançou em seu livro, nem de mostrar onde descreveu alguma *experiencia propria*. E promettera elle ser *original*, no sentido commum da palavra, para fazer-se-lhe tal exigencia ?

«E que vem a ser, em obras de historia e critica litteraria, juridica ou philosophica, a necessidade de *descrever experiencias proprias* ?

«Pergunta qual é a *originalidade* que se encontra no livro questionado e não presente que se lhe possa responder: o livro mesmo, seu methodo, sua tendencia. Já isto vale alguma cousa, no ponto de vista elevado da critica actual do mundo culto; no que, porém, particularmente nos toca, nos estreitos limites de nosso horizonte, vale muito, vale tudo. Não é trabalho de pouca monta, que demande mais o talento da paciencia, do que a paciencia do talento, excavar e revolver um terreno esteril, tido geralmente na conta de *aurifero*, para dizer-nos emfim: não existe ouro; é apenas uma camada de greda...

«*Originalidade!*... E' pedir demasiado. O censor, por certo, não entrou bem no fundo deste conceito. — O original em uma creação do pensamento, affirma Hermann Cohen, limita-se a um curto passo que muitas vezes sómente pela sua proponderancia no andar das idéas, ou pela

inesperada direcção que toma, attinge a força de reformar, ao largo e ao longo, o dominio do saber. — Mas, mesmo assim, quantos são capazes de sahir fóra de casa, e aventurar esse *curto passo* além do terreno conhecido? Ainda hoje é verdadeiro o que disse o grande Börne: — assim como entre um milhão de homens existem ao muito, mil pensadores, tambem entre mil pensadores existe apenas um original. — Não é, portanto, no sentir dos homens competentes, tão importante, como parece aos olhos mal educados de levianos e impertinentes aristarchos, para tomar as dimensões de um autor, principalmente de critica philosophica, ou outra qualquer, a medida rhetorica da *eurésis* ou da *inventio*, a medida da *originalidade...*» Eis ahi; nada mais adequado ao caso, nada que melhor caracterize a hilariante attitude dos que articulam censuras, irmãs gêmeas da vacuidade. Do nosso compatriocio póde-se affirmar exactamente o mesmo: sua originalidade está em sua obra tomada em conjuncto, na acção, nas tendencias que despertou, no influxo por ella produzido.

Só pelo mais irracional capricho ou pela mais inexplicavel ausencia de senso historico, é possivel negar valor e efficacia no Brasil a esses movimentos delle partidos do *integralismo social* em poesia, do *germanismo* em litteratura, do *monismo evolucionista* em philosophia e direito.

Uma consideração, que não tem sido assaz ponderada, por si só sufficiente para aclarar o ponto, destacando a figura do genial agitador, é que os grupos que constituíram as tres phases da escola do Recife, de seu inicio a seu fim, de 62 a 89, a phase poetica, a critico-philosophica,

a juridica, não fôram os mesmos; succederam-se, havendo, entretanto, um factor permanente, que presidiu os tres periodos e esse era exactamente o autor dos *Dias e Noites*, dos *Estudos Allemaes*, dos *Estudos de Direito*.

Quantos no Brasil se poderão gabar, com verdade e justiça, de um tão harmonioso e organico desdobrar de sua acção intellectual?

E' preciso ter vivido no Rio de Janeiro, espreitando, mesmo de longe, o circulo dos estudantes, dos professores, dos jornalistas, dos literatos e politicos de toda ordem, para se haver sentido a temperatura espiritual do tempo, nos annos de 1862 a 68, exactamente o periodo em que se agitava a Escola do Recife no seu *Sturm und Drang*, e preparava o inicio da phase critica.

A poesia movia-se mofina, pallida e phthysica a tossir umas cançadas maguas de monotono realejar. *A minh'alma é triste como a rola afflicta*, e o — *se eu morresse amanhã* — andavam nos labios de todas as bellas, e o *qual quebra as vagas o mar* — resoava dos peitos dos namorados, sonhadores e lamartinescos.

O burguez retrucava com o — *Waterloo, Waterloo!... lição sublime...* e o rapazio patrioteiro com a — *minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá...* O nativista attento, a phantasiar caboclismos de opereta, desfiava como palavras duma ladainha o — *Oh guerreiros da taba sagrada, oh! guerreiros da tribu tupy...*

Alguns scismadores de tristezas indefinidas, enneoadas, dessas que cingem os Hamlets de chapéus descahidos e olhares chumbados nos luares mysticos, divisando monjas em cada canto dos céus, seguiam, monologando o — *quem passou pela vida em branca nuvem e em placido*

regaço adormeceu... Como diversão, meio brejeira, cheia dos effluvios das confidencias romantizadas de um mundo feerico, no qual a banalidade sabe fallar em rimas doces, modulavam mocinhas pallidas, num devaneiar de descuidosas incolas de sonhos e miragens, o — *lembras-te, Inah? Bello e mago, da nevoa por entre o manto, erguia-se ao longe o canto dos pescadores do lago...* numa terra que não tem nevoas nem pescadores de lagos... Ao que a caixeirada sensata, fazendo phrases á moda geral, retrucava com a — *sympathia, meu anjinho, é o canto do passarinho...*

E os pianos roufenhavam por todos os lados o recitativo que acabava de ser introduzido por Furtado Coelho: *Era no outomno, quando a imagem tua...*

Asphyxiava !...

O romance e o drama moviam-se entre a erotica carioca, meio burgueza, meio phantastica, engalanada de lentejoulas baratas e pennas de pavão dos heroes e heroínas, de Macedo, de um lado, e, de outro, os caboclos hyper-idealistas, mestres em platonismo alexandrino, e a avultada galeria de bellas raparigas hystericas, nevropathas, de Alencar.

Em philosophia ainda Victor Cousin era *esse Deus* que, na phrase declamatoria do rhetorico Montealverne, *tinha trazido a ordem ao cahos dos systemas.*

Como supremo esforço do genio nacional nesse genero de assumptos recordavam alguns a doutrina de Magalhães da possibilidade de não ter o universo existencia real, não passando de um sonho em nós suscitado pela intelligencia divina, na qual o vemos, pela mesma fórma que

o magnetizado vê as idéas na mente do magnetizador...

Era o tempo em que o Dr. Dias da Cruz e o Padre Patricio Moniz discutiam com toda a seriedade a *theoria da affirmação pura*. — Um pavor...

A intelligencia nacional andava encurralada num circulo de romanticismo caduco e de metaphycismo banal, envoltos ambos numas rhetorices sovadas, balofas, inanes, em que velhas phrases eram glorificadas e erigidas á cultura de theses scientificas, de pilastras eternas do verdadeiro. Em politica o Visconde do Uruguay e o Conselheiro Zacharias de Góes esbofavam-se por estabelecer a exacta doutrina ácerca da *natureza e limites do poder moderador*.

Nunca o bysantinismo tinha alcançado mais nitido renascimento depois do seculo XV. Era o justo *pendant* da disputa da *theoria da affirmação pura*.

Em critica litteraria o Conego Dr. Fernandes Pinheiro ensinava com todo serio: «Preferiu Barros a tuba épica ao buril da historia, e assim como precedera Herodoto a Homéro, publicou elle a sua primeira decada no mesmo anno em que Camões partia para a India». E interpretava — *tinherabos, non tinherabos* — por — *tinherabos, non tinhe-rabos*...

Que tal! — Cousas professadas no collegio de Pedro II e repetidas diante do Imperador...

Em critica de religião e de direito... nem é bom fallar.

Taparelli, Ventura de Raulica e o Padre Gaumé eram a ultima palavra.

Foi nestas condições que um ar fresco de reforma e renovamento, que coincidia, em Pa-

ris, com a decadencia crescente do despotismo napoleonico e a acção innovadora dos mais fecundos escriptos de Vacherot, Scherer, Taine, Renan, passou os mares e tocou em Pernambuco, primeiro porto nacional, destacado para o oriente, esperando, anhelante, as novas do velho mundo. Tudo começava a revestir-se de novos rebentos e novas folhagens.

Até os velhos chefes romanticos, os Hugos, os Quinets, os Michelets, sempre sequiosos de liberdade e cheios de ardor pelo progresso, modificaram as tardas lyras, metteram-lhes cordas novas em que deviam soar as aspirações do povo, as dôres sociaes, as maguas da multidão.

A Polonia estorcia-se sob a pata do cossaco, o Mexico sob as carabinas de Bazaine, os Estados Unidos, com os Grants e os Lincolns, feriam tremendas batalhas para libertar alguns milhões de escravos.

A Allemanha preparava em Sadowa a sua transformação. Até o Brasil se começava a mover e embarcava na aventura das luctas com o Uruguay e o Paraguay.

Emquanto no Rio de Janeiro os espiritos se diluam nas divagações das *Cartas de Erasmo*, a mocidade do Recife fremia sob o impulso das tentações republicanas, democraticas, abolicionistas, patrioticas. A expressão desse aspirar tumultuario e intenso era natural que, em almas juvenis, se manifestasse pela poesia e mais natural ainda era que ella tomasse o tom e a coloração dos grandes mestres que no tempo falavam mais alto aos instinctos generosos do coração francez, Victor Hugo e Edgar Quinet.

Eis a razão do que se veiu a chamar o *condoreirismo*, o qual deve ser apreciado no sen-

tido intimo das idéas que espalhou, dos sentimentos a que deu expressão, do ardente lyrismo que poz em voga. Castro Alves foi o apóstolo andante das novas intuições.

Na Bahia, Rio e S. Paulo appareceu successivamente como alguma cousa de inedito.

A poesia mudou logo de tom em toda a linha.

Deixados os primeiros exaggeros de fórma, dalli tinham de partir as escolas — naturalista, a scientifica, a parnasiana, que se succederam nos ultimos tempos. Mas, sóe quasi sempre acontecer, os bemaventurados das margens de Guanabara esqueceram facilmente o ponto de partida, o centro provinciano, onde as primeiras idéas tiveram a ousadia de brotar.

E agora exigem-nos titulos de originalidade ! E' curioso ! O que se fez em critica e historia litteraria, em philosophia geral e do direito, em *folk-lore* e historia nacional, em critica religiosa e politica, em questões sociaes, de 1868 em diante, época em que Castro Alves deixou o Recife, lides portanto, em que não tomou parte e nem poderia tomar, porque não estava preparado para ellas, sobreleva de muito a acção no méro terreno da poesia, em que elle teve parte conspicua.

Indicar, mesmo em resumo, o punhado de idéas e doutrinas lançadas então na leiva fertil das almas entusiastas e nellas floresceram e vieram espalhar dourados fructos por todo o paiz, não caberia, sem impertinencia, nesta occasião e lugar.

Em ensejo proximamente opportuno será debatido em toda a extensão, com todos os ardores da refrega.

Baste, por hoje, avançar que me não con-

tenta a affirmativa, já feita, da originalidade, por assim dizer, generica da obra e da acção do critico das *Questões Vigentes*, tomada em seu conjuncto.

Reléva resolutamente responder áquelles que o accusam e amesquinham, sem o haver jámais evidentemente lido, a esses que nunca se lembraram de exigir o *brevet d'invention* das originalidades doutros escriptores, vivos ou mortos, que desasisada é a teima de pretender transformar um critico em o que os francezes chamam, com evidente espirito de mofa, *un theoriste, un faiseur de système...* E todavia, tantas são as idéas novas, os pontos de vista originaes que se nos deparam nos escriptos do grande ensaista brasileiro, que ousou chamar rarissimo o trabalho seu em que não surjam a facilmente ser notados pelos olhares competentes.

Dest'arte, novidades escreveu em todos os ramos de critica de que se occupou: de litteratura, de direito, de philosophia, de politica, de de religião, de arte musical.

Bastante seria para destacar esse espirito innovador, notar as analyses que fez dos mais variados escriptores, S. Thomaz, Kant, Jouffroy, Leveque, Francisco Huet, Vacherot, Strauss, Jellinek. Jules Simon, Auerbach, Guiau, G. Le Bon, Carrara, Hartmann, Gneist, Ihéring, Alexandre Herculano, Zacharias de Góes, Tavares Bastos, Magalhães, Soriano de Sousa, Oliveira Martins... Ou apreciar o *humour* com que se insurgiu contra as paremias consagradas, tidas geralmente por verdades inconcussas, moedas de ouro de lei do mais elevado quilate, que não passavam, a seus olhos perspicuos, de solemnes tolices: *liberdade — igualdade — fraternida-*

de, idéa perseguida — idéa propagada, benigna amplianda — odiosa restringenda, o estylo é o homem, o direito não deve ser casuistico...

Ou meditar nos vivos quadros que traçou do Brasil litterario, municipal, cortesão, politico, religioso e social.

Pódem e devem, entretanto, ser desafiados os aristarchos a percorrer os dominios predilectos do criticar do malfadado escriptor.

Na critica litteraria, se lhes deparará o conceito mesmo de litteratura, corrigindo e alargando a definição do dinamarquez George Brandes; as notações que faz da indole e natureza do estylo, da poesia, da confusão desta com o senso religioso em determinados casos; a pintura que traça de Shakespeare, do pensador em V. Hugo, de Herculano estylista e critico, de alguns vultos da litteratura classica allemã; o parallello entre Feuerbach e Strauss e a determinação do que chama o momento tragico na vida deste ultimo...

Em critica juridica, varias idéas ácerca de tentativa, mandato criminal, co-delinquencia, direito autoral; o conceito mesmo que formava do direito, ampliando a definição de Ihéring, ou como a disciplina das forças sociaes, o processo de adaptação das acções humanas á ordem publica, ao bem estar da communhão politica, ao desenvolvimento geral da sociedade.

Por igual a analyse da theoria da imputação no antigo codigo criminal brasileiro. Releva sobretudo salientar o conceito do criminoso como um especial typo disteleologico, que sahe fóra da finalidade social, verdadeiro caso de teratologia, que, entretanto, não se deixa explicar pelos factores apregoados pelas escolas

já então em lucta, ainda que sejam todos reunidos, os *naturaes* (escola anthropologica), os *sociaes* (escola socialista), os do *livre arbitrio* (escola classica), factores estes, que, multiplicados entre si, segundo a phrase do autor, não chegam para exgotar a serie, porque entre elles ha termos medios, cujo valor não teem força de determinar.

Doutrina esta expendida logo que appareceram os primeiros escriptos de Lombroso e de seu oppositor Tarde, atirando a barra adiante delles.

Claro é que a *terza escuela* teve em nosso criminalista um genuino precursor, sendo que os conceitos do crime e do criminoso são no escriptor brasileiro mais largos do que os de von Liszt, o famoso jurista allemão.

Nova tambem foi a doutrina por elle ensinada dos delictos commissivos, praticados, entretanto, omissivamente. Novidades para quem anda sequioso atrás dellas apparecem na analyse do art. 10 do alludido Código, peculiarmente no que diz respeito a mulheres e menores camponios delinquentes.

E como esquecer as bellas e novas cousas accrescentadas á lição de Ihering contra a velha theoria do direito natural em prol da doutrina do puro culturanismo, e o que expendeu ácerca da morphologia, physiologia e psychologia nos phenomenos juridicos?

Em critica philosophica, além de ter sido elle quem iniciou a campanha seguida e vigorosa contra o extenuado espiritalismo eclectico de Victor Cousin e consocios, ensinando successivamente, como quem reformava seu proprio pensamento diante do publico, o naturalismo

idealista de Vacherot, o positivismo de Comte, o criticismo agnostico de Scherer e Renan, o pessimismo de Schopenhauer e Hartmann, o monismo de Hæckel e Noiré, parando definitivamente neste ultimo, cumpre advertir, aos conhecedores se deparam muitos casos originaes, espalhados em seus escriptos do genero.

Deste numero é o que deixou dito, contra Jouffroy, ácerca do papel da imaginação no facto da consciencia, e, contra Vacherot, do papel da memoria na mesma consciencia, até em se tratando de idéas, actos, paixões e sentimentos que fórman, segundo a pretensão desse philosopho, o fundo e essencia da alma humana. O que escreveu do nenhum valor da achega dos poetas, dramaturgos, romancistas, moralistas em psychologia, da impossibilidade desta traçar a historia de suas principaes descobertas de character subjectivo e fazer previsões exactas nos seus dominios.

A replica ao alludido Vacherot, quando ensina que o espirito humano se observa de duas maneiras, na parte individual e na parte geral de seu ser. A analyse fina que fez por quatro vezes diversas da philosophia de Kant, principalmente naquella em que mostra que o pensador de Königsberg inutilizou para todo sempre o chamado *racionalismo*, de qualquer natureza e fórma, não bastando affirmar, portanto, que demonstrara a impossibilidade da metaphysica como sciencia.

Varias das ponderações que adduziu contra a sociologia como corpo scientifico já organizado. O modo como explicou a falta de homochronismo entre a evolução intellectual e emocional do homem.

Em critica politica, — a analyse do parlamentarismo brasileiro, isto ha trinta e cinco annos, em confronto com o britannico. A pagina profunda em que delinea o que deveria ser o governo e a organização politica do Brasil, como um producto de sua propria historia e não uma copia do Estado inglez ou do americano.

A nota que lança de passagem sobre o facto singularissimo de não se haver o povo brasileiro constituido por si proprio, senão por um poder estranho, de tal arte que, como actividade, como força, como espirito, elle não se deu a si mesmo os órgãos e funcções de sua vida social, sendo-lhe tudo outorgado, como a um automato immenso, que devesse bulir e mexer-se por virtude de quem tivesse aquella magica e suprema *chave de toda a organização politica*, segundo a phrase do texto constitucional, metaphora tosca e futil, que, entretanto, se converteu em principio director dos destinos da nação !...

O que aventa sobre futuro realmente induzido ou simplesmente imaginado em politica. Como explica a razão da inexistencia de uma intensa vida municipal no Brasil em face de um provincialismo assaz vivace. A pagina em que descarna o systema representativo nos Estados modernos como a estranha organização da desconfiança. Os dizeres humoristicos contra a paremia de Thiers—*o rei reina e não governa*.

A censura que faz a um erro muito corrente, repetido por Tavares Bastos, do supposto caracter federativo do Estado inglez, cumprindo não esquecer a nota de ser em geral a fórmula de governo uma questão mais de esthetica do que de ethica politica.

Em critica religiosa historica — as conside-

rações, contra Herculano, sobre o caracter intrinseco dos males que atacam a igreja, a supposta immutabilidade antiga da dogmatica e pretensas innovações modernas, allegadas pelo historiador portuguez, e, portanto, sobre o sentido e caracter da evolução no seio do catholicismo.

Em critica religiosa biblica, entre outras idéas, as que expendeu do papel de Samuel na instituição da realza em Israel e a explicação que suggere da opposição que o texto sagrado lhe attribue á vontade do povo que lhe pedia um Rei.

As observações que ajunta á critica de Michel Nicolas a proposito das duas narrativas que o *Genesis* traz da creação.

A contestação que oppõe ao theologo francez no que se refere á critica deste a Ewald sobre as origens do *Pentateuco*. Na intervenção e corrigenda que faz de parte a parte no debate havido entre Vacherot e o padre Gratry ácerca da narrativa evangelica da paixão de Jesus.

Como estas, outras idéas jogadas no correr dos escriptos que intitolou — *Notas sobre a Critica religiosa, A Irreligião do Futuro, A Historia do Povo de Israel e o Sr. Oliveira Martins*.

Finalmente, em critica musical, além de repellir o velho séstro, nessa esphera reinante, de tomar méras metaphoras por analyse, substituindo-as pelo espirito philosophico-historico, teve ensejo de, a proposito de musicos, como Bellini, Carlos Gomes, Meyerbeer, Wagner, e criticos como Hanslick e Escragnolle Taunay, espalhar varias perolas de novo lavor. Bastante é lembrar a bella pagina em que a proposito da qualidade representativa ou não da musica,

se encontra indicada a theoria da *associação dos sentimentos* ou das *emoções* consensuaes.

Só isto era sufficiente para lhe conferir a laurea de pensador original. Oh ! não vos poder convidar para, acompanhados pela musa da *sympathia*, esquecidos os esconjuros dos negativistas que apostaram em tapar os olhos, percorrerdes alguns dos mais suggestivos ensaios do selecto escriptor ! Se os seus desavisados censores tivessem uma visão clara da evolução total do espirito brasileiro na poesia, uma visão clara da evolução total do espirito brasileiro em religião, philosophia, politica, direito e critica litteraria, deveriam saber qual o estado de todas estas cousas nesta terra, em 1862, quando o grande pensador do Norte iniciou no Recife o seu poetar, e em 1868, quando deu começo á sua evolução critica. Já se viu a detestavel posição dessas cousas no periodo alludido. Urge mostrar agora a mutação. A phase poetica, com ter grande valor, não tem a importancia e o alcance da phase seguinte.

O decennio que vae de 1868 a 1878 é o mais notavel de quantos no seculo XIX constituiram a nossa labuta espirital. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido directamente em si as mais fundas commoções da alma nacional. Até 1868 o catholicismo reinante não tinha soffrido nestas plagas o mais leve abalo; a philosophia espiritalista, catholica e eclectica a mais insignificante opposição; a auctoridade das instituições monarchicas o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionaes do aristocratismo pratico dos grandes proprietarios a mais indirecta opugnação; o romantismo, com seus

doces, enganosos e encantadores scismares, a mais apagada desavença reactiva. Tudo tinha adormecido á sombra do manto do principe illustre que havia acabado com o caudilhismo nas provincias e na America do Sul e preparado a engrenagem da peça politica de centralização mais cohesa que já uma vez houve na historia em um grande paiz.

De repente, por um movimento subterraneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as cousas se mostrou e o sophisma do imperio appareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguay estava a mostrar a todas as vistas os immensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociaes, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos captivos se agita e logo após é seguida da questão religiosa; tudo se põe em discussão: o apparatus sophistico das eleições, o systema de arroxos das instituições policiaes e da magistratura e innumerables problemas economicos; o partido liberal, expellido do poder, commove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programma de extrema democracia, quasi um verdadeiro socialismo: o partido republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar.

Na politica é um mundo inteiro que vacilla. Nas regiões do pensamento theorico o travamento da peleja foi ainda mais formidavel, porque o atrazo era horroroso.

Um bando de idéas novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta annos, hoje, que são ellas correntes e andam por todas as cabeças, não teem mais o sabor da novidade, nem lembram

mais as feridas que, para as espalhar, soffremos os combatentes do grande decennio. Positivismo, evolucionismo, darwinismo, critica religiosa, naturalismo, scientificismo na poesia e no romance, *folk-lore*, novos processos de critica e de historia litteraria, transformação da intuição do direito e da politica, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da escola do Recife. O escriptor dos *Menores e Loucos* foi o mais esforçado combatente, com o senso de visão rapida de que era dotado. Porque contestar o seu merecimento? Porque amesquinhar o seu esforço?

*

Vós, sr. Dr. Euclýdes da Cunha, tendes, felizmente, ficado e ficareis a coberto dessas asperas contingencias de precisar defender uma cousa que, no fundo, não vale dois minutos de lucta neste canto da terra: o renome, a reputação litteraria. De um impeto, adejastes por cima dos mais altos pincaros, onde fluctuam aos ventos as flammulas dos enthusiasmos e das glorificações brasileiras.

Lá chegastes e lá deveis ficar, porque não vos fizeram favor.

Fostes levado pelo merito inegavel de um livro que é uma das obras primas da mentalidade nacional.

Mas, cumpre dizer-vos, nada deveis á critica indigena; porque ella não vos comprehendeu cabalmente. Tomou o vosso livro por um producto meramente litterario, como as dezenas de tantos outros que se afez a manusear.

Viu nelle apenas as scintillações do estylo, os dourados da fórma, e, quando muito, consi-

derou-o ao demais como uma especie de pamphleto de opposição politica que dizia da organização do nosso exercito, de nossas cousas militares umas tantas verdades que ella, a critica, não se atrevia a dizer. D'ahi os applausos.

Não era desses que precisaveis.

Vosso livro não é um producto de litteratura facil, ou de politiquismos irrequietos. E' um sério e fundo estudo social de nosso povo que tem sido o objecto de vossas constantes pesquisas, de vossas leituras, de vossas observações directas, de vossas viagens, de vossas meditações de toda a hora. Começastes por querer surprehendel-o na indole, na constituição mais intima, na essencia intrinseca, nessa especie de *rendez-vous* que elle se deu a si proprio nos campos do Paraguay.

Achastes, talvez, desmesurado o plano, e recuastes até agora. Creio que o quizestes pegar em flagrante nas crúas luctas de *maragatos* e castilhistas do Rio Grande do Sul, ou nas curiosas aventuras da Revolta da Armada.

Tem sido a inilludivel necessidade de dividir o assumpto, agigantadamente extenso para uma só tēla. Andaes tentado hoje pelo Acre e pela Amazonia, que vos consomem os lazeres; porque vós tomaes ao sério vossos estudos e tendes o pundonor dos escriptores que forcejam por ser veridicos e escrupulosamente exactos.

Que a musa da felicidade, que deve ser o anjo da guarda dos genios comprehendedores, vos ampare e abrigue sob largas azas e propicie ao Brasil o ensejo de receber de vossas mãos outros livros como esse d'*Os Sertões*.

Nelle a narrativa, que occorre na segunda parte da campanha de *Canudos*, é uma simples

exemplificação de indole subalterna. O nervo do livro, seu fim, seu alvo, seu valor, estão na descriptiva do character das populações sertanejas de um dos mais curiosos trechos do Brasil.

Para os que as conhecem, foi inestimavel serviço vêr ligados, presos, articulados, os traços diversos, esparsos na imaginação e na memoria. Tomaram elles feição sob a vara magica e evocativa do poderoso estylo do observador.

Para os que não as conhecem, e é este o caso de todos os deliquescentes que enfiam phrases no Rio de Janeiro, foi como a revelação de um mundo longinquo, afastado, estranho, alheio a tudo que os toca, tudo em que pensam, tudo de que fabulam, em suas irisadas vacuidades de immortalisados em vida... Era como se se tratasse de populações da Mongolia, do Turquestan ou do Sahará...

Tanto é profundo o inconsciente desconhecimento de nós mesmos!

Tinheis o espirito cheio do ensino do divino Thomaz Buckle de quem me préso de haver sido o primeiro que lhe analysou as doutrinas em lingua portugueza, nos dous mundos, quando estudastes o vosso assumpto e escrevestes o vosso livro.

Usastes de seus processos, que são fundamentalmente os mesmos popularisados por Hippolyto Taine e diluidos na prosa docemente ondulosa de Ernesto Renan.

Estudastes a terra, sua organização, seus aspectos, sua flora, seu clima, suas falhas, seus recursos, e podera dizer, seus males, seus padecimentos, e tomastes nas mãos a mór porção dos fios invisiveis com que ella prende o homem e o faz á sua imagem e semelhança.

Surprehendes-la na lenta e segura laboração das almas e dos caracteres.

De vosso livro deve-se tirar, pois, uma lição de politica, de educação demographica, de transformação economica, de remodelamento social, de que depende o futuro daquellas populações e com ellas o dos doze milhões de brasileiros que de norte a sul occupam o corpo central do nosso paiz e constituem o braço e o coração do Brasil.

Dir-vo-lo-hei como; mas antes deixae-me que exerça livremente o meu direito de admirar.

Tambem sei queimar gostosamente bagas de incenso, quando o altar não está vasio e nelle existe realmente o que se deva venerar. Para tanto, no caso, não hei mister improvisar; basta-me abrir o vosso livro e ler nelle como se lê nos *Missaes* nas cerimoniaes do culto.

Vós sabeis retratar ao vivo a natureza physica, dando intensidade ás notas, sem prejudicar a veracidade dos factos, a qualidade dos phenomenos.

E' o grande escolho da arte da descriptiva: exactidão e relevo, naturalismo e brilho, consistencia e colorido, poesia e verdade.

Em vosso livro multiplicam-se as paginas comprovadoras do asserto.

Descreveis a terra, os ares, os horisontes, a flóra, as seccas, as trevoadas, os bons dias das renascenças hibernaes, as labutações dos homens, as vaquejadas, as partilhas, as festas das sasões propicias, os soffrimentos tragicamente heroicos dos grandes exodos inevitaveis e descreveis os costumes, as crenças, as almas, em summa, nas suas mais reconditas fibras.

As dez ou doze paginas consagradas á flóra

não vejo que encontrem superiores ou sequer iguaes em nossa lingua.

Pequenos trechos esplendidos no correr da descriptiva: «Dão-lhes na dehiscencia perfeita com que as vagens se abrem, estalando como se houvessem molas de aço, admiraveis apparelhos para a propagação das sementes, espalhando-as profusamente pelo chão. E teem todas, sem exceptuar uma unica, no perfume suavissimo das flôres, anteparos intacteis que nas noites frias sobre ellas se alevantam e se arqueiam obstando que as atinjam de chofre as quédas de temperatura, tendas invisiveis e encantadoras, resguardando-as...

«Estes vegetaes estranhos, quando ablaquecidos em roda, mostram raizes que se entranham a desproporcionada profundura. Não ha desenraizal-os; o eixo descendente augmenta-lhes maior á medida que se escava. Porfim se nota que elle se vai repartindo em divisões dichotomicas; progride pela terra dentro até a um caule unico e vigoroso, em baixo.

«Não são raizes, são galhos. E os pequeninos arbusculos, esparsos ou repontando em tufos, abrangendo ás vezes largas áreas, uma arvore unica e enorme, inteiramente soterrada...

«Teem o mesmo character os joazeiros, que raro perdem as folhas de um verde intenso, adrede modelada^s ás reacções vigorosas da luz.

«Sucedem-se mezes e annos ardentes; empobrece-se inteiramente o solo esbrazeado. Mas nessas quadras crueis, em que as soalheiras se aggravam, ás vezes, com os incendios espontaneamente ateiados pelas ventanias, attritando rijamente os galhos seccos e estonados, sobre o depauperamento geral da vida em roda agi-

tam as ramagens virentes alheios ás estações, floridos sempre, salpintando o deserto com as flôres côr de ouro, alacres, esbatidas no pardo dos restolhos, á maneira de oasis verdejantes e festivos.

«A dureza dos elementos cresce, entretanto, em certas quadras ao ponto de os desnudar: é que se enterroaram ha muito os fundos das cacimbas e os leitos endurecidos das ipueiras mostram, feito enormes carimbos, os rastos velhos das boiadas, e o sertão de todo se apropriou á vida.

«Então, sobre a natureza morta, apenas se alteiam os cereus esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em columnas polyedricas e uniformes, na symetria impecavel de enormes candelabros. E avultando, ao descer das tardes breves, sobre aquelles ermos, quando os abotoam grandes fructos vermelhos destacando-se, nitidos, á meia luz dos crepusculos, dão a illusão emocionante de cirios enormes, fincados a esmo no sólo, espalhados pelas chapadas, e accesos...

«Os mandacarús, attingindo notavel altura, raro apparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação cahotica, são novidade attrahente a principio. Actuam pelo contraste. Aprumam-se tesos, triumphalmente, emquanto por toda a banda a flóra se deprime. O olhar perturbado pelo acomodar-se á contemplação penosa dos acervos de esgalhos extorcidos, descança e rectifica-se percorrendo os seus caules direitos e correctos.

«No fim de algum tempo, porém, são uma obsessão acabrunhadora. Gravam em tudo monotonia irritante, succedendo-se constantes, uni-

formes, identicos todos, todos do mesmo porte, igualmente afastados, distribuidos com uma ordem singular pelo deserto...

«Teem como socios inseparaveis neste *habitat*, que as proprias orchidéas evitam, os *cabeças de frade*, deselegantes e monstruosos melocactos de fórmula ellipsoidal, acanalada de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vertice superior formado por uma flôr unica, intensamente rubra.

«Apparecem de modo inexplicavel, sobre a pedra núa, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo porque se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por alli a esmo, numa desordem tragica...

«E a vasta familia, revestindo todos os aspectos, decahe, a pouco e pouco, até aos quípás reptantes, espinhosos, humilimos, trançados sobre a terra á maneira de espartos de um capacho dilacerador... Aqui, alli, outras modalidades: as *palmatorias do inferno*, opuntias de palmas diminutas, diabolicamente erriçadas de espinhos, com o vivo carmim das cochonilhas que alimentam; orladas de flôres rutilantes, quebrando alacreme a tristeza solemne das pay-sagens...

«Vingando um comoro qualquer, postas em torno as vistas, perturba-as o mesmo scenario desolador: a vegetação agonisante, doente, informe, exhausta, num espasmo doloroso...

«Compreende-se a verdade da phrase paradoxal de St. Hilaire: ha alli a melancolia do inverno com um sol ardente e ardores do verão.

«A luz crúa dos dias longos flammeja sobre a terra immovel e não a anima. Reverberam as

infiltrações de quartzo pelos cerros calcareos, desordenadamente esparsos pelos ermos, num alvejar de *banquises*; e oscillando á ponta dos ramos seccos das arvores inteiriçadas, dependuram-se as illandsias alvacentas, lembrando flocos esgarçados, de neve, dando ao conjuncto o aspecto de uma paysagem glacial, de vegetação hibernante, nos gelos...»

Não é, todavia, a natureza physica que tem o condão de arrancar á paleta do escriptor imagens, que são photographias.

Os typos ethnicos, os caracteres das collectividades, as indoles individuaes, moldadas no cadinho dos vicios ambientes, os vincos deixados nas almas pela athmosphera social fazem-se reproduzir com firmeza e são, a meus olhos, mais meritorios; porque mais difficeis de concretisar.

Tal é o estado de diffusão da materia prima empregada.

Mas o escriptor sahe galhardamente da empreza.

Já viram cousas esplendidas. Ouçam agora cousas magnificas. Eis o sertanejo, o typo apparentemente molle, preguiçoso, nas horas da subita transfiguração, imposta pela necessidade:

«Não ha contel-o, então, no impeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moutas de espinhos ou barrancos de ribeirões, nada lhe impede encalçar o *garrote* desgarrado, porque *por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavallo...* Collado ao dorso deste, confundindo-se com elle, graças á pressão dos jarretes firmes, realisa a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando, nas macégas

altas; saltando vallos e ipueiras; vingando comoros alçados; rompendo, celere, pelos espinheiraes mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos taboleiros.

«A sua compleição robusta ostenta-se, nesta ocasião, em toda a plenitude.

«Como que é o cavalleiro forte que empresta vigor ao cavallo pequenino e fragil, sustendo-o nas redeas improvisadas de *caruá*, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso collado no arção, *escanchado no rastro* do novillo esquivo: aqui curvando-se agilissimo, sob uma galhada, que lhe roça quasi pela séla; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado ás crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no ultimo momento, e galgando, logo depois, num pulo, o selim; e galopando sempre atravez de todos os obstaculos, sopesando a dextra sem perder nunca, sem a deixar no emmananhado dos cipoaes, a longa aguilhada de ponta de ferro encastado em couro...»

São traços; mas são firmes; destacam com segurança uma das multiplas faces de um typo de nossas gentes dos centros.

Ha mister vêr o quadro inteiro no livro. E' admiravel. E' uma téla empolgante: desenho e colorido ajustam-se e dão-nos a illusão da realidade viva e palpavel.

Ha, porém, alli cousa melhor. Caminhamos por entre as filas dos crentes e sectarios do *Conselheiro*: parecem velhos conhecidos com quem já fallamos noutro tempo ou poderemos fallar ainda, tão lucidamente se destacam e como que voem ao nosso encontro: «...A multidão repar

tia-se, separados os sexos, em dous agrupamentos destacados... E em cada um delles um baralhamento enorme de contrastes...

«Alli estavam, gafadas de peccados velhos, serodidamente penitenciados, as beatas, — émulas das bruxas das igrejas, revestidas da capona preta lembrando a hollandilha funebre da Inquisição; as *solteiras* desenvoltas e despejadas, *soltas* na gandaice sem freios; as *moças donzellas* ou *moças damas* recatadas e tímidas; e honestas mães de familia, niveladas pela mesma reza...

«Faces murchas de velhas, esgrouviadas viragos em cujas boccas deve ser um peccado mortal a prece; rostos austeros de matronas simples; physionomias ingenuas de raparigas credulas, misturavam-se em conjuncto estranho. Todas as idades, todos os typos, todas as côres... Grenhas mal tratadas de creoulas retintas; cabellos corredios e duros, de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras, de brancas legitimas, embaralhavam-se sem uma fita, sem um grampo, sem uma flôr...!

«Aqui, alli, extremado-se a relanços nos acervos de trapos, um ou outro rosto formosissimo, em que resurgiam, supplantando impressionadoramente a miseria e o sombreado das outras faces rebarbativas, as linhas dessa belleza immortal que o typo judaico conserva immutavel atravez dos tempos. Madonas emparceiradas a furias, bellos olhos profundos, em cujos negrumes afuzilla o desvario mystico...

«...Destaca-se mais compacto o grupo varonil dos homens, mostrando identicos contrastes: vaqueiros rudes e fortes, trocando, como heroes

decahidos, a bella armadura de couro pelo uniforme reles de brim americano; criadores, abastados outr'ora, felizes pelo abandono das boiadas e dos pousos animados; e, menos numerosos, porém, mais em destaque, gandaeiros de todos os matizes, recidivos de todos os delictos...

«Prestigia-os o renome de arriscadas aventuras que a imaginação popular romanceia e amplia...

«De joelhos, mãos enclavinadas sobre o peito, o olhar tençoeiro e máu esvae-se-lhes contemplativo e vago... *José Venancio*, o terror da Volta Grande, deslembra-se das dezoito mortes commettidas e do espantallo dos processos á revelia, dobrando, constricto, a frente para a terra.

«Ladeia-o o afoito *Pajehú*, rosto de bronze vincado de apophysis duras, mal aprumado o arcabouço athletico. Estatico, mãos postas, volve, como as sussuaranas em noite de luar, olhar absorto para os céus.

«Logo após o seu ajudante de ordens inseparavel, *Ladau*, quéda-se igualmente humillimo, joelhos dobrados sobre o trabuco carregado...

«*Chiquinho e João da Motta*, dous irmãos aos quaes estava entregue o commando dos piquetes vigilantes nas entradas de Cocorobó e Uauá, apparecem unidos, desfiando, crédulos, as contas do mesmo rosario...

«*Pedraão*, cafuz entroncado e bruto, que com trinta homens escolhidos guardava as vertentes da Canna Brava, mal se distingue, afastado, proximo de um digno émulo de tropelias, *Estevam*, negro reforçado, disforme, corpo tatuado

á bala e á faca, que lograra vingar centenas de conflitos, graças á disvulnerabilidade rara. *Joaquim Trancapés*, outro specimen de guerrilheiro sanhudo que velava no Angico hombrea com o *Major Sariema*, de estatura mais elegante, lidador sem posição fixa, destemeroso mas irrequeto, talhado para as arrancadas subitaneas e atrevidas...

«Antepõe-se-lhe, no aspecto, o tragi-comico *Raymundo Bocca Torta*, do Itapicurú, especie de funambulo patibular, face contorcida em esgar ferino, como um traumatismo hediondo.

«...O velho *Macambira*, pouco affeiçãoado á lucta, de *coração molle*, segundo o dizer expressivo dos matutos, mas espirito infernal no gizar cilladas incriveis, especie de *Imanus* decrepito, mas perigoso ainda, tomba de bruços no chão...

«...Alheio á credulidade geral, um explorador solerte, *Villa Nova*, finge que ora, remas-cando cifras. E na frente de todos, o comman-dante da praça, o *chefe do povo*, o astuto *João Abbade*, abrange no olhar dominador a turba genuflexa... No meio destes perfis tragicos uma figura ridicula, *Antonio Beatinho*, mulato es-pigado, magrissimo, adelgaçado pelos jejuns, muito da privança do *Conselheiro*; meio sachristão, meio soldado, misseiro de bacamarte, es-piando, observando, indagando, insinuando-se geitosamente pelas casas, esquadrinhando todos os recantos do arraial, e transmittindo a todo o instante ao chefe supremo as novidades existentes. Completa-o como um prolongamento, *José Felix* o *Taramella*, quinhoneiro da mesma predilecção, guarda das igrejas, chaveiro e mor-domo do *Conselheiro*, tendo sob as ordens, as beatas de vestidos azues cingidas de cordas de

linho, encarregadas da roupa, da refeição exigua daquelle, e de accenderem diariamente as fogueiras para as rezas... E um typo adorável, *Manoel Quadrado*, olhando para tudo aquillo com indifferença nobilitadora. Era o curandeiro, o medico.

«Na multidão suspeita a natureza tinha, afinal, um devoto, alheio á desordem, vivendo num investigar perenne pelas drogarias primitivas das mattas...»

Eis ahi; é uma galeria de individuos que são como que indices ou summarios de um meio, de uma situação, de um momento.

São como feixes de factos, cada um com seu rotulo, sua rubrica inapagavel e eterna; são como expoentes indicadores das correntes subterraneas das multidões: formulas logicas, obtidas por processos inductivos, como integração completa de milhares de phenomenos observados. Mas são definições ditadas pela propria natureza: cada individuo é um resumo e um compendio. Alli estão as crystallisações humanas obtidas por quatrocentos annos do labutar de uma meia cultura incongruente, cheia de falhas, grosserias e indisciplinas de toda a casta. E todas são reaes e pegadas em flagrante.

Parece uma pagina do *Purgatorio* ou dos quadros tetricos de Dostoievsky. Mas onde o escriptor projecta em cheio os raios de seu aparelho de descrever é quando traça alguma scena de nevrose collectiva. Ouvimos o esplendido e o magnifico: oucamos agora o surpreendente: «E' a scena do *beija das imagêns*, após as rezas interminaveis: Antonio Beatinho, o altareiro, tomava de um crucifixo; contemplava-o com um olhar diluido de um fakir em

extasis; aconchegava-o do peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe osculo prolongado; e entregava-o com gesto amolentado, ao fiel mais proximo, que lhe copiava, sem variantes, a mimica reverente.

«Depois erguia uma virgem santa, reeditando os mesmos actos; depois o bom Jesus.

«E lá vinham, successivamente, todos os santos, e registros, e veronicas, e cruces, vagarosamente, entregues á multidão sequiosa, passando um por um, por todas as mãos, por todas as boccas e por todos os peitos. Ouviam-se os beijos chirriantes, innumerados e, num crescendo, extinguindo-se-lhes a assonancia surda, o vozear indistincto das predicas balbuciadas á meia voz, dos *mea-culpa*, anciosamente socados nos peitos arfantes e das primeiras exclamações abafadas, reprimidas ainda, para que se não perturbasse a solemnidade.

«O mysticismo de cada um, porém, ia-se a pouco e pouco confundindo na nevrose collectiva. De espaço a espaço a agitação crescia, como se o tumulto invadissem a assembleia adstricto ás formulas de programma preestabelecido, á medida que passavam as reliquias sagradas.

«Por fim as ultimas sahiam entregues pelo *beato*, quando as primeiras alcançavam as verdadeiras filas dos crentes.

«E daquellas almas simples cumulava-se a ebriez e o estonteamento. Desbordavam as emoções isoladas, confundindo-se repentinamente avolumadas, presas no contagio irreprimivel da mesma febre; e, como se as forças sobrenaturaes que o animismo ingenuo emprestava ás imagens, penetrasse afinal as consciencias, desequilibrando-as em violentos abalos, salteava a multidão o desvairamento irreprimivel.

«Estrugiam exclamações entre piedosas e coléricas: desatavam-se movimentos impulsivos de illuminados; estalavam gritos lancinantes, de desmaios. Apertando ao peito as imagens babujadas de saliva, mulheres allucinadas tombavam escabujando nas contorções violentas da hysteria, crianças aterradas desandavam em choros; e, invadido pela mesma aura da loucura, o grupo varonil dos luctadores, dentre o estrepito, e os tinidos, e o estardalhaço das armas entrebattidas, vibrava no mesmo ictus assombroso, em que explodia, desapoderado, o mysticismo barbaro.»

Nada, porém, iguala a gravura do fluxo e refluxo, da troca reciproca de influencias entre o grande louco e a multidão que o seguia. Feitura della a principio, veio a actuar como causa por seu turno; mas só chegou á posse completa de sua mesma vesania, quando a viu comparthada pelas gentes que o cercavam. Essas variantes subtis, que só poderiam ser notadas por uma alma por sua vez complicada, resaltam nestes periodos:

«Dominava-os, por fim, sem o querer. No seio de uma sociedade primitiva pelas qualidades ethnicas e influxos das *santas missões* mallevolas comprehendia melhor a vida pelo incomprehendido dos milagres, o seu viver mysterioso rodeou-o logo de não vulgar prestigio, aggravando-lhe, talvez, o temperamento delirante.

«A pouco e pouco todo o dominio que, sem calculo, derramava em torno, parece haver refluído sobre si mesmo. Todas as conjecturas ou lendas que para logo o circumdaram fizeram o ambiente propicio ao germinar do proprio desvario. A sua insania estava, alli, exteriorisada.

«Espelhavam-na a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo arbitro incondicional de todas as divergencias ou brigas, conselheiro obrigado em todas as decisões.

«A multidão poupava-lhe o indagar torturante ácerca do proprio estado emotivo, o esforço dessas interrogativas angustiosas e dessa intuspecção delirante, entre os quaes evolve a loucura nos cerebros abalados.

«Remodelava-o á sua imagem. Creava-o.

«Aquelle dominador foi um titere. Agiu passivo, como uma sombra...»

Bello ! Bello !...

A Academia recebe em seu seio um poderoso escriptor, mas um que póde collocar idéas, além de pronomes, porque estuda e medita, porque sabe vêr e inquirir. Mas, afinal, é preciso generalisar e concluir.

*

Que lição podemos tirar do discurso, dos artigos, dos estudos, do livro do Snr. Euclides da Cunha, eu digo lição que possa aproveitar ao povo que já anda cansado de phrases e promessas, desilludido de engodos e miragens, sequioso de justiça, de paz, de socego, do bem estar que lhe foge, esse amado povo brasileiro pauperrimo no meio das incalculaveis riquezas da sua terra ?

E' a terceira tentação a que não posso fugir e não me furtarei a dizer meia duzia de palavras.

Já andamos fartos de discussões politicas e litterarias. O Brasil social é que deve attrahir

todos os esforços de seus pensadores, de seus homens de coração e boa vontade, todos os que teem um pouco de alma para devotar á patria.

E' onde pulsa a mór intensidade dos problemas nacionaes, que exigem solução, sob pena, senão de morte, de retardamento indefinido no aspirar ao progresso, no avançar para o futuro

Vós, Snr. Euclides da Cunha, em vosso discurso, alludindo celere, de raspão, aos nossos desvarios e aos nossos desengonçados e tumultuarios esforços e planos de refôrma, dizeis que soffremos da vesania de *reformular pelas cimalthas...*

E' a verdade.

Mas porque?

Reformar pelas cimalthas e não pela base, pelo alicerce... Porque?

De onde provem esse perpetuo desatino de tantos homens intelligentes?

Em vosso livro, logo nas primeiras paginas, estabeleceis que a nossa evolução biologica reclama a garantia da evolução social;—*estamos condemnados á civilização; ou progredimos ou desaparecemos...*

Logo é que nos julgaes no todo civilizados, e, a despeito de tantas apparencias enganadoras, corremos perigo... Porque?

Claro, existe ahi um problema a resolver, uma antinomia a explicar.

Noutro lanço do vosso livro, como uma synthese delle, como a lição que brota de vossas meditações, chegastes a este resultado ácerca das populações sertanejas do Brasil: «A sua instabilidade de *complexus* de factores multiplos e diversamente combinados, alliada ás vicissitudes historicas e deploravel situação men-

tal em que jazem, as tornam talvez ephemeras, destinadas a proximo *desapparecimento* ante as exigencias crescentes da civilisação e a concorrência material intensiva das correntes immigratorias que começam a invadir profundamente a nossa terra... Retardatarios hoje, amanhã se extinguirão de todo... Além disto, mal unidos áquelles patricios pelo solo, em parte desconhecido, delles de todo nos separa uma coordenada historica, — o tempo».

Logo, temos aqui a mais singular das situações sociaes, alguma coisa de gravemente inquietante que é indispensavel esclarecer para afastar, para corrigir, para conjurar, se possivel, como que duas nações que se desconhecem, separadas no espaço, e ainda mais no tempo, e uma dellas votada ao *desapparecimento*, no pensar de um dos maiores talentos da nossa actualidade, um dos mais completos conhecedores do nosso povo !...

Mas essa parte das nossas gentes, destinada, a seu vêr, a apagar-se da vida e da historia, é a maior parte da nação e é aquella que fundou as nossas riquezas, e é aquella que tem mantido a nossa independencia; porque é aquella que sempre trabalhou e ainda trabalha, sempre se bateu e ainda se bate...

Não ha nisso uma anomalia, uma rarissima extravagância da evolução historica? Evidentemente; e porque? Eis o problema.

Responder a elle cabalmente não é cousa para ser feita nas quatro palavras do final de um discurso academico.

Uma vista completa do assumpto exigiria, por assim dizer, o desmontar das diversas peças que formaram e vão formando o nosso po-

vo; o serem ellas estudadas uma a uma na sua constituição intima e na grande alteração que tem soffrido pela fusão neste clima, neste meio. Haveria mister estudar o paiz, zona por zona, porque existem differenciações varias a notar aqui e alli, exigidoras de diagnosticos divergentes e terapeuticas especiaes. Não é aqui, claro, o logar de o tentar.

Baste-me consignar que o nosso estremecido povo brasileiro apresenta a symptomatologia geral das nações, a cujo grupo pertence, esse grande numero de povos de indole e formação *communaria*, especialmente os latino-americanos, que tem de supportar a nova concorrência das nações de formação particularista, collocadas actualmente á frente da civilização industrial do nosso tempo: inglezes, allemães, americanos, canadenses, australianos, flamengos, holandezes, francezes do norte, povos que retem em suas mãos os capitaes movimentadores do mundo moderno.

Mas apresenta essa symptomatologia, ao lado de caracteres que lhe são proprios e o individualizam mais de perto.

Indicar estes ultimos, mesmo de relance, é ter uma resposta á pergunta formulada. Aponderei, por brevidade, minhas observações em phrases synopticas.

A crise universal hodierna entre a velha e a nova educação, entre a cansada intuição *communaria*, que procura resolver o problema da existencia, apoiando-se na *collectividade*, na *communhão*, no *grupo*, quer da *familia*, quer da *tribu*, quer do *clan*, quer dos *poderes publicos*, do *municipio*, da *provincia*, do *Estado*, dos *partidos*, jogando como uma arma principal

das classes ditas dirigentes a *politica alimentaria*, o *emprego publico*, as faceis *profissões liberaes* ou o mero commercio, a crise entre esta intuição e a educação particularista que encara aquelle problema, principalmente como cousa a ser solvida pela energia individual, a autonomia creadora da vontade, a força propulsora do character, a iniciativa particular no trabalho, as ousadias productoras do esforço, essa crise universal acha-se no Brasil complicada por causas e circumstancias especiaes de seu desenvolvimento ethnologico e historico. Entre nós a raça colonisadora, acostumada, geralmente, ao commercio, e, em varias zonas do sul e das montanhas de sua terra, á vida de um facil pastoreio, e, no resto do paiz, á cultura doce, que é quasi uma *jardinagem*, da vinha, dos fructos arborescentes, como as castanhas, as nozes, os figos, as azeitonas, e, em muito menor escala, do centeio e do trigo, foi obrigada a uma cultura rude e penosa. Recorreu, pela força, ao captiveiro de indios e negros, gentes selvagens alheias ao trabalho agricola.

Os mestiços das tres raças eram, por via de regra, pela mór parte incorporados entre os escravos.

Os colonos reinos, de gradações e categorias varias, se encarregavam do suavissimo officio de *mandar*.

E como não, se eram os *senhores* dos outros e os *donos* da terra?

Mas todo o mundo não podia ser no campo senhor de engenho, fazendeiro de gado ou de café, proprietario de datas auríferas ou diamantinas, o que importa dizer, que grande parte da população, o grosso proletariado rural—não

escravo—não possuía um palmo de terra, porque esta foi desde o começo ficando açambarcada em enormes latifúndios pelos concessionários das sesmarias interminas.

O alludido proletariado teve fatalmente de acostar-se como aggregado á patronagem dos grandes proprietários. E' a origem dos doze milhões de brasileiros que habitam todo o interior do paiz: mattas, sertões, campos geraes, chapadas, chapadões e planaltos, fóra das restrictas gentes das grandes villas e cidades da costa ou do centro. Destas, dos habitantes das villas e cidades, os mandões, directamente vindos da Europa ou já nascidos no paiz, apoderavam-se dos cargos publicos ou exerciam o commercio, a mercancia, que teve, no correr de seculos, entre nós todos os caracteres de uma pirataria em grosso. O resto da população livre, o maior numero, dividia-se nos povoados ainda em dous grupos, o dos que mourejavam na pratica de uns officios reles que lhes garantiam uma existencia penosissima e o dos que resvalavam numa pobreza abjecta, repulsiva.

Ainda hoje, por essas terras além, o Brasil é fundamentalmente isto mesmo, sendo apenas a grande novidade moderna a incorporação dos ex-escravos nessa enorme massa de população proletaria, quer dos campos, quer das povoações. Originaram-se dessa anomalia inicial varias antinomias que ainda hoje nos atropellam e fazem manquejar. A primeira dellas é a disparidade entre uma pequena *élite* de possuidores e proprietários e o avultadissimo numero dos que nada teem, nada possuem, principalmente nas populações ruraes.

Segunda extravagancia do genero é a anti-

nomia entre outra *élite*, a dos intellectuaes, eivada de estrangeirices de toda a casta, principalmente na capital e nas grandes cidades, e o immensissimo numero de analphabetos ou incultos que constituem a nação por toda a parte.

Esta ultima extravagancia agrava-se de um peculiar despropósito que, repetido, a toda hora, nos jornaes, nos discursos e nos escriptos dos que entre nós dirigem a opinião, tem produzido somma incalculavel de males, desviando os Governos, e todos os que disso podiam curar, de cumprir o seu dever para com a máioria da população nacional.

Quero fallar da singularissima teima dos nossos intellectuaes de toda a ordem de dizerem mal das gentes do centro, sertanejos ou não, sem se lembrarem que, ha quatrocentos annos, ellas é que trabalham e produzem, ellas é que se batem, isto é, sem se lembrarem que ellas é que tem sustentado o Brasil como povo que vive e como nação que se defende.

Aos fazendeiros e senhores de engenho tratam como adversarios e máus sujeitos.

Magnatas, senhores feudaes, despotas, insaciaveis parasitas são as gentilezas com que os brindam.

Aos homens do trabalho do campo consideram uma turba amorpha que vae desaparecer, bandos de *sertanejos, jagunços, matutos, tabaréos, caboclos, caipiras, gaúchos*, quasi sem valia.

E não lhes occorre, repito, que essas gentes é que, com os ex-escravos, nellas hoje incorporados, crearam, com todas as falhas, a fortuna, a riqueza existente no paiz.

O fazendeiro exerceu e exerce ainda a na-

tural patronagem, propria do regimen agricola ou pastoral dos paizes como o nosso; os sertanejos, matutos e caipiras, gaúchos e roceiros de todas as gradações — são os unicos operarios pastoris ou agricolas — com que temos contado, não mettendo em conta alguns milhares de colonos que só recentemente fôram introduzidos e em raras zonas do territorio vastissimo.

A força de resistencia, em que pese aos phantasistas, da população nacional, está precisamente nessas gentes do interior, nos 12 milhões de sertanejos, matutos, tabaréos, caipiras, jagunços, caboclos, gaúchos...

O problema brasileiro por excellencia consiste exactamente em comprehender este facto tão simples e tratar de fazer tudo que fôr possivel em prol de taes populações, educando-as, ligando-as ao solo, interessando-as nos destinos da patria.

O maior obstaculo a isto tem sido as *litteratices* dos escriptores e politicos que se julgam, elles, esses disfructadores de empregos publicos, posições e profissões liberaes, os genuinos e unicos brasileiros, a alma e o braço do povo e por isso se arvoraram em nossos directores...

Outra singularidade latino-americana, agravada no Brasil, e oriunda das precedentes, é que não conseguimos formar ainda um povo devidamente organizado de alto a baixo.

Faltam-nos a hierarchisação social, o encaideamento das classes, a solidariedade geral, a integração consensual, a disciplina consciente de um ideal commum, a homogeneidade intima.

Falta-nos a radicação á terra pela propriedade espalhada largamente, pelo cultivo, pela producção autonoma da riqueza nacional. O

nosso povo está em geral desenraizado do sólo ou nelle subsiste como uma vegetação estranha.

Faltam-nos o aferro ao trabalho, a base economica livre, ampla e segura, e, mais, a masculinidade da vontade, o espirito de iniciativa, a audacia do esforço, do emprehendimento, da lucta pelo progresso e bem-estar.

Nota-se de sobra a indisciplina, o espirito de *clan*, a divisão, a desharmonia, a falta de solidariedade, de consciencia collectiva nacional. Dest'arte, se, por um lado, não temos o operariado rural organizado, affeito ao trabalho regular e seguido, nem uma classe numerosa, por toda a parte espalhada, de pequenos proprietarios agricolas; nem a dos medios proprietarios da mesma especie; porque as terras são devolutas, de heréos, ou estão nas mãos dos grandes latifundiarios, hoje geralmente decadentes; não possuimos, por outro lado, o vasto operariado urbano nacional pelo Brasil em fóra; nem a pequena burguezia proprietaria, farta e abastada; nem tão pouco, a grande burguezia comparavel á das fortes nações particularistas, opulenta, poderosa, progressiva, e, menos ainda, a vasta aristocracia do dinheiro, o grupo dos millionarios, dos banqueiros, dos capitalistas compatricios emprehendedores.

Não possuimos os grandes mineradores, os grandes criadores, os grandes agricultores, os grandes industriaes á moderna.

Esta geral falta de base economica estavel e independente, que repercute na familia e na indole do povo, pela incerteza dos meios e modos de viver, leva-nos a não ter nem como os povos orientaes, a estabilidade patriarchal, de uma parte, e nem de outra, a iniciativa da coragem e espirito emprehendedor particularista.

E' tambem uma antinomia, e das mais sérias. de nossas gentes.

Este mal provém, como se viu, das origens, da materia prima humana empregada no povoamento, na formação da nação e tambem da natureza do meio, *aspero*, em grande parte do paiz, e ao mesmo tempo *enganoso*, pelas facilidades outorgadas á vadiagem com a abundancia de productos espontaneos, aproveitaveis sem labor; *duro* para a grande e a intensa cultura, *doce* para a vida imprevidente dos im-progressivos.

A estes dois factores fundamentaes juntam-se, neste particuar, effeitos que estão desde o começo actuando como causas maleficas; os vicios, accumulados por quatrocentos annos, da escravidão, da politica meio de vida, da em-prego-mania, do horror pela vida afanosa do campo no meio das industrias productivas, da attracção para os folgados affazeres dos cargos officiaes, das profissões lettradas e da mercancia nas cidades.

Outra grande singularidade da evolução brasileira é o facto originalissimo que não tem sido notado e menos apreciado na sua genuina significação, e é explicavel pelos phenomenos sociaes e politicos já adduzidos.

Refiro-me á negação pelo Brasil dada á lei historica, observada na millenaria evolução do Occidente, por toda a parte, quando os escravos e servos se tornaram em homens livres.

Em todo o Occidente a mór porção daquelles trasmudou-se nessa massa de pequenos proprietarios agricolas, presos, pois, ao sólo pelos mais solidos interesses, e que veio a constituir

o cerne, o amago, o nervo das nações modernas; a outra porção transformou-se nesse corpo de operarios ruraes, tambem ligados ao solo, e que é outra das bases firmes das nações fortes e futuras. No Brasil nada disto.

Tivemos por duas vezes a solemne abolição em massa. A primeira vez foi na ultima phase do seculo XVIII, quando fôram libertados os escravos indios e mestiços de indios.

Fugiram quasi todos para os mattos e os que ficaram em aldeamentos não se transformaram em proprietarios de terras e nem se entregaram á cultura.

Prolongaram uma vida de miserias, servindo officios inferiores até se obliterarem quasi inteiramente na massa do proletariado anonymo e apagado das visinhanças.

A outra vez foi hontem, em nossos dias, quando se libertaram os escravos de origem africana e mestiços delles na penultima decada do seculo XIX.

A debandada foi ainda mais geral.

Os ex-escravos, que não tinham sido preparados pelo colonato, nem pela adscrição ao solo, devido á solemne incapacidade da famosa elite de bachareis palreiros que tem sido sempre Governo nesta terra e tem tido nas mãos os destinos do Brasil, os ex-escravos deram em geral na calaçaria e emigraram para os povoados...

Ahi vivem aos trambolhões nuns empregos pifios.

Alli, nas cidades, como nesta Capital, nenhuma aspiração elevada e nobre lhes desponhou na alma.

Augmentaram apenas a nota comica que nos cerca por todas as faces da existencia. Uma

das mais características dos dois ultimos decennios é o sério com que distinctos e graves damas de côr imitam os trajos, os gestos, os caçoetes das mais finas aryanas europeias ou fluminenses, e a doce ternura com que se tratam de *Excellencias*... V. Exc.^a para aqui, V. Exc.^a para acolá. E' um regalo.

Mas não era disto que havíamos mister.

A politicagem, embevecida no desfrutar das pingues posições, estupidificada pela dupla miragem dos capitaes e dos braços estrangeiros, como se esses tivessem sido creados para estarem á nossa disposição e nos serem offertados de mão beijada, nada viu, de nada curou e nem sabia curar...

Pois poder-se-hia lá pensar que avesados cultores da advocacia administrativa, insignes inventores de malabarescas concessões, elles e seus alliados dos Governos, dos Ministerios, dos Parlamantos, do jornalismo, espreitadores de lucros, favores e vantagens, interrompessem seus graves affazeres para pensar no povo, na plebe, nos matutos, nos sertanejos, nos ex-escravos, na lavoura !...

Afeiar o estylo, aleijar a phrase, esquecer, por instantes que fôsse, os embevecimentos idiomáticos, com esses plebeismos rebarbativos, especialmente agora que tudo deve ser *chic*, como as avenidas e os palacetes da moda.

Que loucura !...

Mas eu insisto: não era disto que havíamos mistér. O que precisavamos, e seria de uma vantagem maxima, incalculavel, era que não tivéssemos desmentido a lei historica; era que no seculo XVIII e mais ainda no seculo XIX a massa enorme de tres milhões de escravos, ou mais,

levando em conta as libertações parciais operadas em todo o correr dos dous seculos, tivesse sido transformada num corpo solido de proprietarios e operarios agricolas.

Havia meios de o conseguir, se o governo em nossa terra tivesse sido sempre uma funcção dos mais capazes e não essa selecção inominada, essa floração inclassificavel que tem sido o espanto das almas dignas.

E eis porque perdeu-se, em duas occasiões solemnes, o ensejo de se irem enchendo os quadros da população livre com a sua natural hierarchisação. E eis porque, e é mais uma das nossas peculiares originalidades, no Brasil são só facilmente realisaveis, sem intervenção estrangeira, os factos politicos e até sociaes, que pódem espontaneamente ser transformados em *themas* litterarios, em *assumptos* de escriptos e discursos, que deixem larga margem a phrases bonitas, a periodos elegantes, a meneios rhetoricos, eloquentes.

Illudem os falladores toda a gente com os bellos e sonoros palavreados. Apontam os discolos como retardatarios, senão inimigos da patria e do povo, o pobre *João Sem Terra*, na phrase de Proudhon, que é no Brasil amarissima realidade. Temos chegado a perder até a consciencia de nossos destinos e não sabemos mais para onde nos levam.

E eis porque, quando aporta em nossas plagas o estrangeiro intelligente, illustrado, sabedor, como esse saudoso Luiz Couty, cujo livro *O Brasil em 1884* deveria andar em todas as mãos e estar traduzido e espalhado por todas as escolas, apenas lança os olhos para a nossa população, não essa que flana na rua do Ouvi-

dor, julgando-se digna rival da que percorre o *Bois de Boulogne* ou a *Unter den Linden*, senão a outra, a que produz os pesados milhões com que se pagam os encargos e esbanjamentos da lista civil, do funcionalismo publico, das loucuras de uma administração tumultuaria ou imbecil; essa que trabalha, porque é ella quem supporta os asperos affazeres dos seringaes, da canna de assucar, do café, da mineração, dos criatorios e pastoreios, das charqueadas e de todos os duros mistéres da producção nacional, lá fóra nos campos e nos recessos do paiz, ou nas cidades, nas fabricas e nos mais agros officios; essa que *trabalha e se bate*, porque é tambem ella que na generalidade enche os quadros do exercito e da armada, e, quando chega a hora do perigo, deixa, na phrase do poeta, a *pagina da vida dobrada e parte para morrer...* eis porque, dizia, o estrangeiro, que tem olhos para vêr, logo que os lança sobre o nosso tão querido e tão mal dirigido Brasil, é para ter phrases como estas tão verdadeiras, que nos fustigam como flammaz:

«Tomemos a questão do alto, estudemos o conjuncto da população. O estado funcional da população brasileira póde-se resumir numa palavra: o Brasil não tem povo !

«Dos seus doze milhões de habitantes (hoje serão talvez quinze, o que não muda em nada o raciocinio), um milhão é de indios inuteis ou quasi, um milhão e meio é de escravos (hoje os ex-escravos e seus descendentes andam quasi inuteis, esparsos nos povoados e raros nas antigas fazendas e engenhos). Ficam nove milhões (serão talvez, agora doze), mais ou menos. Destes, 500 mil pertencem a familias proprietarias

de escravos: são fazendeiros, advogados, médicos, engenheiros, empregados, administradores, negociantes. Acontece, porém, que o largo espaço compreendido entre a alta classe dirigente e os escravos (agora creados e empregados de toda a ordem) por ella utilizados não se acha sufficientemente preenchido. Seis milhões (actualmente mais) de habitantes, pelo menos, nascem, vegetam e morrem sem ter quasi servido a sua patria.

«No campo serão aggregados de fazendas, caipiras, matutos, caboclos: nas cidades, serão capangas, capoeiras, ou simplesmente vadios e ébrios. Capazes todos elles muitas vezes de labores penosos, como os da desbravação das matas e arroteamento das terras, ou da criação de gados, não terão, porém, nem idéa da economia nem do trabalho seguido e perseverante.

«Os mais intelligentes, os mais activos, dous milhões talvez, serão negociantes, empregados ou criados.

«Em parte alguma se encontrarão, nem as massas fortemente organisadas dos livres productores agricolas ou industriaes, que, nos povos civilisados são a base da ordem e da riqueza, nem tão pouco as massas dos eleitores conscientes, sabendo votar e pensar, capazes de imporem aos governos uma direcção definida». E' forçoso accrescentar que, com todos esses defeitos e lacunas, trabalham muito mais que a faustosa *elite* dirigente, cujos esforços negativos tem sido quasi sempre em pura perda do paiz. São os agentes da politica alimentaria, cujas vantagens praticas para a nação são puramente illusorias.

E ainda não está terminada a lista das nos-

sas antinomias latino-americanas, nomeadamente nacionaes. Uma dellas, e das mais sérias, é que não tivemos nunca, durante quatro seculos, se não revoluções e movimentos politicos, que longe de facilitarem a constituição social do povo, embaraçaram-na ao envez consideravelmente. O começo de falha revolução social que se devia iniciar com a emancipação dos escravos, foi logo entravado e desviado pelo abalo politico da proclamação da Republica.

O movimento social que devia proseguir no intuito de se crear um povo de pequenos proprietários agricolas e de trabalhadores livres, todos ligados á terra, já com elementos nacionaes, já com elementos alienigenas, remodelando a propriedade territorial, parou de subito e tudo atordoou-se com a inesperada e intensa reviravolta politica, que attraheu todas as attentões. Veiu á tona, um momento ao menos, o militarismo, cercado de abusos.

Surgiu de todos os lados o espirito de revolta e desordem.

Reappareceu a velha tendencia oligarchica mais ou menos apagada pela acção do imperio e retomou posição em todos os estados. Desencadeou-se febrilmente o espirito de ganancia e fortuna facil ou a loucura do ensilhamento; parou a colonisação; surgiram as crises do trabalho e da producção.

Ensilhamentos, revoltas, das quaes a de Canudos tão vigorosamente descripta pelo nosso consocio foi apenas um rapido episodio, trouxeram a bancarota, a moratoria, o *funding-loan*, a desordem economica geral.

E como era preciso que nos illudissemos, fascinando-nos com faustosas miragens, decre-

taram-se avenidas e *boulevards*, multiplicando fantasticamente os empréstimos, avolumando as dividas a um ponto inacreditavel e gravemente perigoso.

O capital estrangeiro, sempre soffrego por empregar-se, canalisou-se para cá, mas com a segurança de garantias definidas na *hypotheca* de rendas aduaneiras e, em varios pontos, com agentes seus nas repartições fiscaes.

A escravidão foi abolida e com ella a realleza; mas, com as nossas loucuras politicas todas feitas pelas admiraveis classes dirigentes, não curamos de educar as populações no trabalho remunerador e autonomo, não cuidamos de preparar o operariado livre nacional nem da colonisação habilmente encaminhada nem da exploração da terra pela industria magna—a cultura.

Chegamos dest'arte á suprema degradação de retrogradar, dando de novo um sentido historico ás oligarchias locaes e outhorgando-lhes nova funcção politica e social, que estão a exercer nos estados com o mais afoito desembaraço: e essa nova funcção vem a ser a consciencia geralmente espalhada da impossibilidade de se deitar uma oligarchia abaixo sem que se levante outra, porque ou oligarchia ou anarchia...

E mais, digo-o com dôr, chegamos ao ponto de não poder atirar em terra qualquer um desses *governichos* criminosos e asphyxiadores senão pela traição ou pelo assassinato!

Com estas nefandas preoccupações politicas, cujo principal movel é fazer uma parte da população trabalhar para sustentar a outra, não admira que seja detestavel o estado social da nação e peculiarmente instavel e embaraçosa sua posição economica.

Não admira que se levantem clamores constantemente de todos os lados. Intelligente, a seu modo, a afanosa *élite* sonha reformas aptas a calarem os brados das populações e mais aptas ainda a conserval-a na direcção dos negocios.

E' então que surge o negativo esforço de *re-formar pelas cimalthas*, na vossa phrase, snr. Eucluydes da Cunha. No principal, o estado social do povo que deve ser remodelado por uma educação adequada á vida moderna, e pelo aproveitamento habil da colonisação estrangeira e nacional, não se cogita.

Nas suas reformas começam pelo fim. Julgam que com o alargamento de ruas pódem resolver os tremendamente inquietadores problemas brasileiros. A nação chegou ao seculo XX, o seculo em que se vae resolver o seu destino, inteiramente desaperecebida para a lucta.

A crise de nossa transformação para o moderno viver, tivemos a infelicidade que viesse a coincidir com o surto assombroso de força e riqueza dos grandes povos progressivos de formação particularista. Assás temos já sentido a garra do leão em nossas carnes.

As forças vivas da economia da nação estão passando ou já estão quasi todas nas mãos delles, o grande commercio bancario, o farto jogo dos cambios, o alto commercio importador e exportador, as melhores emprezas de mineração, de viação, de transportes, de navegação, genero de obras de toda a casta — acham-se nesse numero.

Classes inteiras da antiga mercancia nacional desapareceram na miseria ou debatem-se nos paroxysmos de um morrer inglorio como essa dos commissarios de café.

A singular rubiacea, incrível facto, chega hoje para enriquecer com milhões as casas importadoras do Havre, Hamburgo, Londres, Nova York e as filiaes exportadoras que aqui montaram, além dos grandes torradores estrangeiros, e só não chega para enriquecer quem a produz: o fazendeiro nacional, reduzido á miseria com a aggravação dos impostos e o operario assalariado que vence minimas pagas por seu trabalho...

Só falta que os millionorios alienigenas, blindados pelos *trusts*. se apoderem directamente das fontes da producção, das fazendas. Caminhamos para lá, porque esta evolução já está iniciada.

Deste modo, claro, não é de *reformatar pelas cimalthas* que havemos mister.

Não estamos no caso de ter academias de luxo, quando o povo não sabe ler; de ter palacios de Monröe, quando a mór parte da gente mora em estalagens e cortiços, e as casas de pensão proliferam; de ter avenidas á beira-mar e theatros monumentaes, que vão ficar fechados, quando não temos fartas fontes de renda, quando a miseria é geral e quasi todas as cidades e todas as villas do Brasil são verdadeiras tapéras; de ter cá a reunião do Congresso Pan-Americano, para dar-lhe, como illustração, as trucidões de Matto-Grosso e o assassinato de deputados e senadores, em pleno dia, nos desregramentos de uma politica feroz!...

Não estamos no caso de contrahir emprestimos loucamente avultados e ruinosos para os applicar em obras sumptuarias, quando os serviços mais simples estão por organizar por todo o paiz; quando temos enorme *deficit*, não

fallo do orçamentario, o *deficit* da União, dos Estados, das Municipalidades, fallo do *deficit* do povo, aquelle que os economistas chamam *deficit de subsistencias*, porque possuindo o paiz talvez mais fertil do mundo, precisamos de comprar fóra a mór porção das coisas indispensaveis á vida... e assás consideravel parte da população desceu até á degradação do *jogo do bicho*...

Os governos, os chefes politicos, os directores dos partidos, os grandes, os potentados, todos os que fórmam essa classe dirigente, que nada dirige, não teem querido cumprir o seu mais elemental dever para com as populações nacionaes, inquirendo de seus mais inquietantes males, de suas mais urgentes necessidades. A litteratura não o tem tambem cumprido, estudando-as, dizendo-lhes a verdade, educando-as, estimulando-as, corrigindo-as... entretanto é urgentissimo que nos apparelhemos. A situação é esta:

O grande proprietario e productor de toda a ordem do interior perdeu o escravo, nervo do trabalho; não lhe sendo possivel reduzir o colono estrangeiro, nos pontos onde elle existe, á condição do antigo trabalhador, não tem tido a plasticidade exigida para a transformação imposta pelo novo estado social. E, como não tem capacidade por si para o trabalho, nem o encontra amplo na população rural ambiente, nem lhe occorre dividir os enormes latifundios e tentar a criação da pequena exploração agricola, deblatera-se e decahe.

Perdeu o Brasil o quasi monopolio do assucar, do ouro, dos brilhantes, está muito abalado no do café, e, pelo systema seguido no Amazonas, não admira que venha a ficar abalado tambem no da borracha; e que fará elle ?

Isto nos seus eminentes e culminantes ramos economicos, nas suas mais pingues fontes de riqueza.

O grosso da população é pauperrima e desarticulada. Nos campos, nas roças, nos sertões, no interior, produz, mas produz pouco e sem systema. Nas villas e cidades quasi nada produz em pequenos e mal organizados officios e um pouco mais nas modernas fabricas installadas em varios pontos, onde não avultado operariado nacional, impellido loucamente por pessimos elementos estrangeiros, explora um capitalismo que se poderia chamar *quebrado*: porque nós não temos grandes fortunas, fartas sommas accumuladas.

E aqui occorre assignalar ainda uma inqualificavel extravagancia da nossa invencivel mania liberalisante. Quero fallar das duas contradictorias especies de immigrantes que com máis frequencia demandam agora as nossas plagas, e que nos irão fatalmente trazer, e já estão trazendo, consideraveis tropeços: *frades e anarchistas* !...

Os que ninguem quer, os que as velhas nações cultas expellem de seu seio, os obscurantistas refeces e os desordeiros incuraveis, nós os acolhemos com a mais criminosa leviandade. Tal o motivo da exquisita situação em que nos debatemos, assistindo ao original connubio do fanatismo e da desordem. Tal a razão, porque temos as *paredes* quasi diarias, antes de termos as industrias...

Singular paiz !

Singularissimos governos !

Um funcionalismo incontavel se vae encarregando de encher o vacuo. E' o caso de con-

cluir comvosco, snr. Euclýdes da Cunha: ou *nos transformamos pela base ou succumbiremos.*

Vós vos referistes aos esquecidos e desavisados sertanejos de entre o Itapicurú, da Bahia, e o Parnahyba, do Piauhý. Não vejo motivo para essa selecção da morte, essa escolha dos que vão desaparecer !

Desappareceremos então todos; porque todos soffremos fundamentalmente dos mesmos vicios e defeitos. Mas ha alguma coisa a tentar para resistir. Olhemos para o Japão; transformemo-nos, como elle. Nesta ordem de assumptos, dizia-me, não ha muito, um intelligente viajante estrangeiro: Vós brasileiros entrastes agora numa grande febre de melhoramentos nesta cidade e creio que noutras pelo paiz em fóra — Sim; é factó.

Mas, obtemperou, tendes tido idéa de iniciar a colonisação e povoamento nas admiraveis terras do Rio Branco, reserva providente, que será a unica base que tereis para manter a posse do valle amazonico? Não.

Tendes tido o cuidado de systematizar os trabalhos dos seringaes, vedando o estrago das plantas, e, principalmente, tendes procurado prender alli em pontos varios, a população ao solo, pela agricultura e industrias estaveis? Não.

Tendes providenciado para que renasça nas vossas extensissimas zonas pastoris, desde o norte até as fronteiras do Rio Grande, a excellente industria da criação em todas as suas multiplas variedades? Não.

Tendes com o systema das barragens romanas, corrigido as condições do solo de vosso paiz na famosa região das seccas? Não.

Haveis cogitado do renascimento da industria do assucar, fonte outr'ora da vossa riqueza, e que, por cuidados especiaes, póde levar de vencida a beterraba, attenta a superioridade incalculavel da canna? Não.

E o da magnifica industria da mineração, noutro tempo tão florescente? Não.

E haveis, sem duvida, já vos preocupado com o florescimento das culturas do algodão brasileiro, que não tem superior no mundo, e, peculiarmente, com a do tabaco, que rivaliza com o de Cuba? Não.

Com certeza, porém, tendes attendido, com peculiar carinho, á producção dos cereaes nas regiões aptas do norte e sul, para que não andeis a comprar fóra os meios de subsistencia? Não.

Sem a menor vacillação, andaes preocupados com os meios praticos do povoamento da terra, aproveitando o que se póde chamar a *colonisação nacional*, attrahindo para o trabalho rural as populações desherdadas, esses esforçados cearenses, por exemplo, fazendo-lhes concessões, dando-lhes terras, meios de trabalho? Não.

Haveis, em compensação, envidado herculeos esforços para a diffusão cuidadosa dos colonos estrangeiros por todas as boas zonas brasileiras no intuito de ir reforçando as gentes existentes? Não.

E, nomeadamente, estaes preparando a assimilação dos nucleos germanicos que subsistem integros em terras vossas? Não.

Mas não vos deve, por certo, ter escapado a necessidade urgentissima de articular o paiz com vias ferreas de norte a sul e de leste a

oeste, vias ferreas que levam sempre consigo o povoamento do paiz, sem fallar em estradas vicinaes? Não.

Afinal, porém, haveis acabado com os velhos abusos, com a famosa moleza do meridional, estaes, por uma educação rija, segura, forte, energica, adequada, transformando o caracter nacional e preparando-o, pela disposição de coragem, espirito de progresso, de actividade, de iniciativa, de ardor pelo trabalho productivo, para dispensar os habitos communitarios, a tutella do Estado e outros achaques latinos, que teem sido a praga de nossas gentes? Não.

Então, meu caro senhor, não tendes feito nada!...

Tendes sido apenas o joguete do capital estrangeiro, soffrego por emprego a bom juro, e de certas corporações ou individuos, postos por elle a seu serviço, e que precisavam de apañhar grossas sommas numa especie de novo encilhamento... Não consta, que, em todo correr da historia de mais de dez mil annos, alargamentos de ruas e aberturas de avenidas numa cidade qualquer, méro luxo a que as nações se entregam quando, cansadas de riqueza, entram a caducar, tivessem sido meio de solver os fundos males sociaes, as gravissimas inquietações de um povo.

Despediu-se e deixou-me triste. Tinha-se desmoronado, a meus olhos, todo o prestigio da *Avenida á Beira-Mar*, por onde eu já andava a vêr desfilar o Brasil glorioso e prospero, dando leis ao mundo... E mais ainda essa phantastica raridade do *Canal do Mangue*, que devia offus-

car todas as Venezas existentes e por existir.¹ E, todavia, o programma esboçado, a correr, em meia duzia de palavras por meu interlocutor estrangeiro é o que temos a fazer, especialmente na sua ultima parte. Senão cahiremos na vossa alternativa, snr. Dr. Euclides da Cunha. O Brasil progredirá, é certo; porque elle tem de ser arrastado pela enorme reserva de força, poder e riqueza, que está nas mãos das tres ou quatro grandes nações postadas á frente do imperialismo hodierno. Progredirá quasi exclusivamente, com os braços, os capitaes, os esforços, as idéas, as iniciativas, as audacias, as creações dos estrangeiros, já que não queremos

¹ Em relação aos tão gabados melhoramentos do Rio de Janeiro, á famosa obra do tumultuario e despotico Dr. Passos, meu interlocutor usou destas phrases que eu não quiz reproduzir no texto do discurso:— Mesmo pelo que toca a esta cidade, ousou perguntar-vos: pensou-se em expungil-a dos terriveis *cortiços* e *estalagens* que a enchem e afeiam pestilencialmente quasi por todos os lados? Não.

Pensou-se em tirar de seu centro tantas *cocheiras* e *estabulos*, e de seus arrabaldes tantos *capinzaes* que a deturpam e corrompem-lhe o ar? Não.

Cuidou-se de rectificar e canalisar os lobregos e nojentos *riachos* que a damnificam, do *Rio Comprido*, da *Joanna*, do *Trapicheiro*, da *Banana Podre*, *Maracanã*, e outros que a inundam na época das chuvas? Não.

Elevaram o solo de zonas inteiras urbanas no intuito de impedir essas desastrosas inundações? Não.

Tratou-se de melhorar o systema dos esgotos, o abastecimento d'agua, a não ser no papel? Não.

— Então, mesmo por esse lado, quasi nada tendes feito, a não ser *obra para inglez vêr*, segundo vossa característica expressão.

E é a verdade, em que pese aos *basbaques de encomenda*, que fazem officio de elogiar a todo transe, á troca de dinheiro ou de emprego...

ou não podemos entrar directamente na faina, occupando os primeiros lugares como collaboradores.

Progredirá, certo; porque, afeiçoado o paiz pouco a pouco a seu geito, elles, de posse das grandes forças productoras, de todas as fontes de riqueza, virão chegando opportunamente e tomando posição selecta, entre os habitantes da terra; e, senão estivermos aparelhados, apercebidos, couraçados por todos os recursos da energia do character, para a concorrência, iremos, nós os latino-americanos, insensivelmente e fatalmente, para o segundo plano...

Assistiremos, como Ilotas, o banquetear dos poderosos; ficaremos, os da *élite* de hoje, na mesma posição a que temos, mais ou menos geralmente condemnado os africanos e indios e seus filhos mais proximos que trabalharam para nós...

Triste vingança da historia !

Sabe Deus a magoa com que o digo...

Portanto, *excelsior, excelsior! Sursum corda!*

Trabalhem, eduquemo-nos, reformemo-nos para viver...

XX

AS OLIGARCHIAS E SUA CLASSIFICAÇÃO

(Discurso pronunciado aos 31 de Maio de 1908)

Meus senhores:

Almas vêsgas, esterilizadas pelo odio e pelo egoismo; espiritos fechados a quaesquer sollicitações do bem, do amor, do devotamento a causas nobres; caracteres comboridos por paixões mesquinhas, sem o menor surto para os lados do ideal, — hão de perguntar, no alvoroço febril dos amaldiçoadores de profissão, como é possível que eu me apresente hoje, entre vós, a dissertar de cousas politicas, eu que, não ha muito, fizera expressa declaração de estar desligado de todos os grupos partidarios existentes no paiz?

A resposta não é difficil e todos vós já atinastes com ella na largueza de vossos animos, na generosa amplitude de vossas cogitações.

Vim, porque isolamento não é synonymo de absenteismo; vim, porque a desligação de todos os grupos, de todos os *clans* politicantes, que infestam o nosso malaventurado Brasil, não importa em abrir mão de meu direito de criticar

os desregramentos dos poderosos, as infâmias dos oligarchas, os crimes dos sacrificadores da patria; vim, porque ainda uma vez quero declarar, alto e bom som, que continuo no mesmo posto de afastamento dos grupos, mas de attenção aos gemidos dos que soffrem, ás miserias dos que padecem, aos clamores dos que sentem as fauces requeimadas pela ausencia de toda justiça; vim, porque desejo sempre e sempre profligar abusos, denunciar aos corações que pulsam por nobres aspirações, as fundas torpezas que degradam os detentores do poder por este Brasil em fóra; vim, porque tinha de declarar isto mesmo: meu isolamento, a independencia de minha critica, a ausencia em meu animo de quaesquer pretensões de natureza partidaria.

Para tudo dizer, Senhores. de uma só vez; desejo pura e simplesmente occupar na politica do Brasil a mesma posição que me cabe na litteratura, — afastamento completo de todas as cotteries, de todos os bandos, de todas as malócas que a infestam.

Ha já cerca de quarenta annos sacudi para longe as ridiculas injuncções de todos os Verissimos existentes e por existir (*gargalhadas...*)

De certo tempo a esta parte resolvi em politica atirar no sorvedouro das cousas inuteis, imprestaveis, e quasi sempre maleficas, as medonhas cataduras de todos os Pinheiros havidos e por haver... (*Risos*).

Mas qual o assumpto que devo suggerir ás vossas attensões? Tantos são elles, tão graves se mostram e tão descurados andam esses problemas, desattendidos, uns, pela ignorancia e incapacidade dos que se arrogaram o privilegio

de nos governar; desorientados, — outros, pelos instinctos depredadores da maior parte de truculentos mandões, que causa dó o estado de aviltamento moral em que jaz despenhada a nação...

De que deverei tratar? Da Republica e a Instrucção? Da Republica e a Educação Popular? Da Republica e a Defesa Nacional? Da Republica e a Organização das Classes Armadas? Da Republica e a Assistencia aos Desvalidos? Da Republica e a Vida Economica Nacional? Da Republica e as Finanças? Da Republica e a Elevação selectiva da População? Da Republica e a Sciencia? Da Republica e a Literatura? Da Republica e a Politica Internacional hodierna? Da republica e o Direito e a Organização da Justiça? Da Republica e as Oligarchias?

Na hora actual este ultimo é o assumpto que se impõe formidavel: ha mister destruir, cortar, amputar o monstruoso parasita que nos envillece, deturpa, amesquinha e mata...

De certo tempo a esta parte, depois que por occasião do centenario do Duque de Caxias em 1903, o incandescente espectro foi, pela primeira vez, indicado como o fecundo manancial de nossas desgraças, o assumpto se impoz á consideração de todos e chegou até para ser o thema predilecto de varios *ratés* politicos que costumam dessorar seus desalentos e desventuras da tribuna do Congresso Nacional.

Mas esses monopolisadores das fanfarrices rhetoricas indigenas ouviram *cantar o gallo e não sabem onde...* E não n'o sabem, porque esses politiqueiros, como genuinos *ratés*, postos á margem dos altos labores das ideias, ter-

riveis e disfarçados inimigos dos verdadeiros intellectuaes, não são gente para se preocupar com cousas serias e fazer estudos que passem além do alinhamento de phrases para pintalgar discursos, como as cortesans arrebicam as faces com as tintas e cosmeticos adequados.

Não basta, é claro, fallar de oligarchias, dizer mal dellas com esses phraseados grosseiramente impertinentes de declamadores incuráveis que dellas fabulam ao geito de creações mysteriosas e enygmaticas. como se na historia pudessem apparecer factos sem causa, phenomenos politicos sem determinadas origens sociaes !...

Não basta enfiar as vestes da tribunicia vulgar, receber as ordens do sacerdocio da vaniloquia parlamentar, ter funcção nos ritos da banalidade para fallar com vantagem á nação no agro assumpto das oligarchias.

Mister ha mostrar porque se formaram. como não poderia ser por outra sorte, e, acima de tudo, que se ha de fazer para sahir dellas. ¹

Só os ensinamentos da anthroposociologia de um Lapouge ou de um Ammon, adjunctos aos processos de sciencia social de um Tourville ou de um Rousiers, e ao criterio historico de um Freemann ou de um Taine poderiam mostrar ao vivo, porque é que o Brasil é esse producto amorpho, originalissimo, que se não parece de todo com algum outro povo conhecido...

¹ O presente discurso versa sobre o estado do paiz e a classificação das oligarchias. O estudo das suas causas, origens e remedios para suffocal-as — será objecto de outro disourso.

Com a sua divisão da população nos vinte Estados em dous grupos — o dos que governam, mandam, opprimem e dispõem para si e seus amigos ou apaniguados de todos os cargos, empregos e proventos das rendas publicas directa ou indirectamente, e — o dos adversarios, verdadeiros Pariás, que ou trabalham mal ou vivem da mendicidade ou da rapina; com a sua implacavel politica-meio-de-vida, politica que não passa da symbolisação de reles e vil egoismo, politica de extorsão que fornece o goso e o alimento a um vasto mandarinato de incapazes, cujo valor se reduz a manchas e traças para guardar as posições; com a empregomania e pendor para o genero facil e commodo de vida das carreiras officiaes, grave molestia que devasta a mocidade, annulla os talentos e deteriora os caracteres; com a sua incuravel e devassa advocacia administrativa, sugadoiro de toda a vergonha dos governos; com as suas obras publicas, quasi todas de indole sumptuaria, decretadas pelo estado, com o duplo fim, já de calar as vociferações dum socialismo bastardo que se deixou medrar por inepecia, já de apparentar grandezas e prosperidades fingidas aos olhos das populações premidas pela miseria; com seus emprestimos repetidamente solicitados ao estrangeiro pela União, pelos Estados, pelas grandes Cidades; com suas roubalheiras chronicas na administração; com seus desfalques nos cofres das repartições fiscaes; com sua falsificação das eleições, o descaro com que os donos e senhores dos Estados opprimem os povos, sugam-nos com impostos, denegam com negregado desplante a justiça; com o desmantelo de todos os serviços publicos, nomeadamente os que se re-

ferem á instrucção, á educação e á applicação do direito; com o seu abatimento geral de todas as forças ideaes, impulsionadoras da alma dos povos á segurança de altos destinos autonomos; com o abatimento de tudo que não seja *pedir dinheiro para gastar e mentir para fascinar*, função unica dos governos desta boa terra na hora presente, com todas essas maculas e mil outras que todas se calam por não poderem entrar num só periodo, o nosso querido e desventurado Brasil tem sido levado a não se parecer com povo algum da terra.

Não se parece com os antigos imperios militares da Assyria, da Babylonia, da Persia:— Monarcha e os seus Satrapas...

Não se parece com o Imperio Romano:— o Imperador e seus proconsules...

Não se parece com a Russia:— o Czar, os Grãos-Duques, o povo tumultuando pela liberdade em haustos tremendos...

Não se parece com a Allemanha de hoje:— o Imperador, a Aristocracia e uma Burguezia vivace que se entrega desassombrada ás industrias, á navegação, ao commercio, á sciencia, ás letras, ás artes, no mais amplo vigor autonomico...

Não se parece com a China, com a sua população enormissima, sua cultura original, sua vida agricola intensa, sua organização patriarchal estavel...

Não se parece com o Japão, com sua formidavel consciencia da força, seu industrialismo vigoroso, sua peculiar actividade progressiva...

Não se parece com a Inglaterra do *self-government*, da iniciativa pessoal, do liberalismo pratico, da riqueza e do poder...

Não se parece com os Estados Unidos, livres, opulentos, industriaes, fortes, conscios da propria prosperidade...

Não se parece com a França unitaria, culta, severa no emprego da justiça, grande na evolução das ideias...

Não se parece com a Suissa, democratica, a terra do *referendum*, da pratica segura da liberdade effectiva do povo.

Não, nada disso. O Brasil de hoje, como foi organizado por certos phantasistas sem cultura real, sem plasticidade organica de talento e de doutrinas, confundidores famosos de phrases com idéas, e como tem andado ao sabor e sob o tacão de criminosos exploradores. — é uma desarticulada dictadura, de joelhos perante o exercito, repartida em vinte oligarchias fechadas, feudos escusos, pertencentes a vinte bandos de sicarios...

Semelha-se a um enorme mastodonte, dividido em vinte pedaços que apodrecem lentamente sob o corvejar de abutres que os devoram...

A prova resalta da analyse das varias zonas do paiz. Por toda a parte campeam o filhotismo, a denegação da justiça, o desconhecimento de direito aos adversarios, a oppressão das opposições, a impunidade dos amigos e correligionarios, as malversações de toda a casta, os desfalques nas rendas publicas, a miseria de populações inteiras, tosquiadas pelo fisco, os calotes officiaes, o immenso functionalismo mezes e annos sem receber vencimentos, os simulacros de eleições a bico de penna, os *deficits* em todos os orçamentos, a torpe advocacia administrativa, a traição como meio de obter e guardar o

mando, o desvergonhado hetairismo nos palácios governamentais, em que chafurdam varios presidentes estadoaes, as escandalosas concessões de dinheiros publicos a marafonas conhecidas...

Tudo isto escorado em duas fortes alavancas: Uma dellas, empréstimos e mais empréstimos do estrangeiro, sob todas as fórmias e com todas as humilhações, inclusive a de hypotheca das rendas das alfandegas, e, em varios casos, a presença de funcionarios estranhos, como sentinellas á vista!... nas repartições fiscaes... (*Sensação*).

A outra, grupos de bandidos organizados, como forças alliadas dos oligarchas, obedientes ás suas ordens, mantendo o terror onde este se faz mister...

Nada de serio se tem tentado em parte alguma para reerguer e aviventar o povo. Nenhum desses grandes processos, desses energicos estímulos que fortalecem as nações tem sido postos em pratica.

Percorre-se o paiz inteiro. Nada se encontra nelle de novo, além da negrura e da desfatez das oligarchias...

Que novas fontes de riqueza fôram creadas?

Que novas industrias desenvolvidas?

Que novos methodos ensinados ao trabalho nacional?

Que se fez para organizar o credito?

Que medidas se tomaram para a educação popular, no sentido de blindar o character da raça no caminho das fortes iniciativas, tendentes ao abandono das praticas politiqueiras?

Que altos ideaes se fizeram brotar na alma do povo?

Que grandes lições de moral lhe fôram dadas?

Que larga diffusão se fez da instrucção?

Como se tem servido as lettras, as artes, as sciencias?

Nada... nada! A novidade unica a destacar no Brasil hodierno, adrede inventada para contrastar a negra realidade que o opprime, são os melhoramentos da Capital...

Fazem estes parte dum triplice systema de *argentinisacão*, quero dizer de *illusionismo diante do mundo*, para d'elle obter os capitaes indispensaveis aos nossos desvarios de gastos sem criterio:

a) uma Capital catitamente embellezada;

b) a vinda de Lettrados estrangeiros gananciosos, postos a soldo para exaggerar lá fóra as nossas maravilhas;

c) dilatada propaganda, a peso de *argentum*, na imprensa mundial por penas mercenarias, de um lado, e, doutro, pela famosa *embaixada de ouro*...

E com essas encenações pensamos que está tudo feito: sanada a miseria da população nacional de norte a sul, nomeadamente as gentes sertanejas, jugulado o barbarismo progressivo que as invade, barbarismo que medra e se avoluma na proporção do desprestigio da justiça, do menospreço da liberdade, do abandono da instrucção, do spectaculo da traição ou do morticínio, como obtenção do poder e meio de governar.

E julgamos ingenuamente que, com o havermos mostrado a estranhos, que põem a palavra em almoeda, o Rio de Janeiro, como enfeitada sultana de cinto e faxas multicôres, distendido

no valle á beira-mar entre collinas; ou São Paulo, a Odalisca do planalto, reclinada na verdejante cochilha; ou alli á mão, Petropolis, como Bohemia serrana a enfeitigar sorrisos, havemos enveredado a nação na larga senda de seus destinos.

O caminho a trilhar deve ser outro. Não é com garridices e derrickos que se educam e masculinizam povos: não é com mentirosas fanfarronadas que se ajuntam forças e amassam riquezas, se adamantinam caracteres e acrysolam ideaes.

Não é como farças e comedias que se constroem as patrias...

Cuidado!

Antes de tudo a verdade e o dever; antes de tudo o sério, indispensavel á vida na trilha da liberdade e da justiça.

Sem os escrupulos da honradez não se educa a mocidade, nem se disciplinam as massas.

A realidade é que a *congerie* de nossos mandões nos faz patinar na lama: atiram moedas para o ar a serem apanhadas pelos apaniguados e espalham o sangue de suas victimas para esgarmento dos recalitrantes... (*Sensação*).

A verdade é que estamos divididos em *clans*, com seus donos, em grupos, com seus chefes, em bandos, com seus cabecilhas: politica, social, economicamente — é esse o espectaculo geral.

A verdade é que não temos o culto, a emulação, o estimulo por nenhuma missão historica, que nos deva caber, nenhum systema de doutrinas, nenhum punhado de aspirações nobilitantes.

Substituímos tudo isso pelos nomes dos que

possam distribuir favores, cargos, arranjos e sinecuras...

A questão toda hoje no Brasil é saber com que patrão se ha de estar.

Até os grandes nomes e os grandes potentados não se furtam á regra geral.

Com quem está o snr. Penna? Com o *bloco* e o Pinheiro Machado ou com o João Pinheiro e Carlos Peixoto?

Com quem está o snr. Ruy? com o Nilo Peanha ou com o Backer? com o Severino Vieira ou com o José Marcellino?

Com quem está o snr. Seabra? com o Severino ou com o Marcellino? Não é incompatível com o snr. Ruy? E o snr. Glycerio com quem está? com o Tibiriçá ou com o Campos Sales?

Quando a gravitação geral dos problemas dum povo, duma nação chega até ahi, é que tem ella doecido muito e não se salvará com avenidas e exposições de encomenda...

O que mais assombra hoje é a grosseria moral das almas, alheias a todos os nobres impulsos que devem aviventar a consciencia collectiva da raça.

O povo, infallivel em seus presentimentos, tem um registro em que se estampa a temperatura e reflecte a coloração typica da epocha: a linguagem corrente.

Cabar a vida é a phrase que toda a gente hoje pronuncia, a toda a hora e a cada passo, no sentido de assediado de pedidos os que pódem dispensar favores, posições e dinheiro.

Para tanto ha mister principalmente *engrossar* os grandes, os detentores do poder em toda a escala politica, administrativa e social.

Os *engrossadores* sabem os segredos e manhas do officio.

Se encontrarem difficuldades, serão estas removidas por um bom *pistolão*, como se se tratasse pura e simplesmente de queimar foguetes aos figurões do dia...

De quem se locupletou com a fazenda do Estado — o mais que se diz é: *soube arranjar-se...*

E' até onde chega a censura publica... E' de desanimar a todas as almas a quem resta um pouco de pudor patrio. (*Sensação*).

Mas não deve esquecer a questão das questões, o problema dos problemas: as oligarchias estadoaes.

A analyse, por mais leve que seja, e por mais sympathica que se deseje mostrar aos truculentos dictadores, descobre para logo quatro modalidades typicas nas oligarchias que retalham este crucificado Brasil.

Eil-as:

Abrem a fieira as que mais propriamente se poderiam denominar *oikoarchias*, ou *oikocracias*, porque não passam de reproducções do obsoleto *familismo primitivo*, mero *communismo de familia*. conhecido em remotos tempos, de ha muito desaparecido dentre gentes cultas, formula bastarda de organisação politico-social, cujo exemplar mais completo entre nós é o que se poderá appellidar — o *accyolismo* — cearense. Neste caso — a *familia*, com todos os parentes e adherentes, faz o açambarcamento dos postos da governança, da administração e dos mais rendosos negocios. Alonga tentaculos por toda a extensão do Estado, suga directamente dos cofres publicos grossas sommas, sob

a fórma de ordenados, e outras maiores, disfarçadas em arranjos varios. Nesta formula a familia governamental, a tribu dirigente assume feições de *casa reinante*; o chefe, o *tuxaua*, rebento atavico evidente de *caciques* indigenas, dá-se ao luxo de se fazer substituir no throno durante as ausencias, em viagens de recreio, pelo *principe herdeiro*...

Um escandalo !

Os membros mais eminentes da *casa* revezam-se nas funcções da governança local e do Congresso federal: quando deixam de ser senadores ou deputados passam a ser governadores, se não se fazem reeleger... A contradança é sempre entre parentes graduados: pae e filho ou genro, irmão, cunhado, etc. Um escandalo ainda maior !...

Esse *accyolismo oikoarchico* é o typo mais generalizado das oligarchias brasileiras: o typo *familista*.

Reproduz-se em modalidades analogas, divergentes de leve, conforme a maior ou menor força da imaginação creadora dos chefes.

No Amazonas, no famoso *nerysmo*, cujo alto desembaraço, em certo sentido ainda mais criminoso que o seu paradigma, tem sido descarnado numa centena de artigos, por testemunha occular, o Dr. Orlando Lopes, em cerrada documentação, até hoje sem resposta séria.

Em Alagoas, no comico *maltismo* que além das depredações internas, já nos tem envergonhado no estrangeiro, quando mendiga *empres-timos refugados*, particularidade em que tem comparsas em outros Estados.

Não é só: o typo *accyolista*, reproduz-se tambem no Pará na futura dynastia dos Le-

mos; no Rio Grande do Norte na immorredoura dynastia — *Pedro Velho*; na Parahyba do Norte no tronco ferreo dos *Machados*, successores régios dos *Neivas*, *Machados* de bom córte que promettem ir longe...

O segundo typo de oligarchia, a que corresponde mais de perto o significado da palavra, é o de pequeno grupo, no qual o *familismo* não deixa de exercer influencia, mas não tendo pessoal sufficiente, não chega para alastrar por si só a área completa do mando e o divide com alguns amigos e camaradas do peito. E' uma especie de *hybridação* a que se póde dar o nome de *grupismo semi-familista e amigueiro*. Reina e depréda no Maranhão, sob o acceno dos *Benedictos Leites*; no Piauhy, sob o mando dos *Pires Ferreira*s e *Anisios de Abreu*; em Pernambuco, sob a perfumada chefia dos *Rosas e Silva*; em Sergipe, sob a ora deposta e ora reposta troupe de certos *caciques e pagés*, cheios de irmãos, sobrinhos e mais acolytos aptos a officiarem com elles ou substituirem-nos, quando estiverem na Camara ou no Senado Federal; em S. Paulo, com os *Glycerios*, os *Rodrigues Alves*, os *Bernardinós de Campos*, os *Tibiriçás*, eximios potentados *presidenciaveis*, os quaes, não satisfeitos com o mandarem em sua terra, trepados nas tulhas de café e nos milhões emprestados, leem pelo cabresto a Republica; em Minas, com os seus *Pennas*, os seus *Bias Fortes*, os seus *Salles*, os seus *Pinheiros*, os seus *Peixotos*, os seus *Veigas*, que chegam para abrir concorrência a S. Paulo, rivalisar com elle, no mando supremo do desconsolado Brasil, em Paraná, onde os *Vicentes Machados* ensinaram o querer e o mandar aos *Alencares Guimarães*, que lhes

recolheram guapamente a herança; em Santa Catharina, onde os *Hercilios* e os *Lauros* e outros garridos chefetes sabem dividir irmanmente entre si o queijo do Estado; em Malto Grosso, finalmente, onde a tribo dos *Ponces* trouxera á vida, exhumando-os do chão da historia, o trabuco e o obuz dos velhos bandeirantes, caçadores de indios e faiscaidores de ouro, cinematographando em dias de agora os terriveis morticinios cuyabaenses do seculo XVIII...

O terceiro grupo de oligarchias tem medrado principalmente na Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro e Goyaz.

E' a reproducção atavica do systema dos *Indunas* africanos e por isso tem reinado preferentemente nas terras onde o mestiçamento dessa origem é mais intenso no paiz: a subserviencia matreira, como meio de successão no poder e a subsequente *traição*, como meio de substituir um grupo oligarchico a outro.

Na terra classica do antigo operariado negro no cultivo do tabaco e da canna de assucar, — *Severino* desthrona a *Vianna* e é desthronado por *Marcellino*, que o será infalivelmente por alguém; nas terras do *Rio da escravidão*, *Peçanha* trahe a *Portella* e outros e é trahido por *Backer*, que o será por seu turno; nas regiões do tabaco goyano e dos pastoreiros de coribocas, — *Bulhões* é trahido por *Xavier de Almeida*, que o será tambem opportunamente por outro; no Espirito Santo, *Moniz Freire* é trahido por *Henrique Coutinho*, que ha de mais tarde ter o mesmo destino. Uma verdadeira degradação !...

A quarta e ultima especie de oligarchia é a do *castilhismo* positivoide.

E' um agrupamento *sui generis*, de indole semi-doutrinaria, que sabe espalhar o *terror*, tendo tido sempre a fortuna de estribar-se em tres alavancas: a dinheirama originada do *contrabando* das fronteiras, os recursos das *tropas federaes*, e a tal ou qual prosperidade, produzida pelos *colonos*, de origem estrangeira.

Grande parte da população, porém, vive foragida no Estado Oriental, na Argentina e em varios Estados brasileiros, sob o estyigma de federalistas ou maragatos. Como chefe no Rio de Janeiro tem o castilhismo destacado um celebre caudilho, — tutú de todos os covardes e protector de todos os imbecis...

Tal o quadro em *raccourci* do Brasil real, o Brasil que não se mostra aos Doumers, Tu-rots e Ferreros.

As minudencias, que valem por verdadeiros crimes ou miseras vergonhas, não é para aqui o expôl-as.

FIM

INDICE

| | Pag. |
|---|------|
| I — Uma escriptora brasileira. | 9 |
| II — Visionario | 33 |
| III — A questão da orthographia. | 47 |
| IV — Joaquim Nabuco | 63 |
| V — Um livro de viagens | 68 |
| VI — Edmond Demolins | 75 |
| VII — Nosso maior mal | 102 |
| VIII — O allemanismo no sul do Brasil. | 115 |
| IX — Realidades e illusões no Brasil | 170 |
| X — A escola de Le Play no Brasil | 187 |
| XI — As zonas sociaes e a situação do povo | 195 |
| XII — Que é um caipira | 205 |
| XIII — Um livro sobre Tobias Barreto | 211 |
| XIV — A Escola Litteraria do Recife no ultimo quartel do seculo XIX. | 217 |
| XV — A proposito da «America Latina» | 223 |
| XVI — Pinheiro Chagas | 238 |
| XVII — Concurso de logica. | 260 |
| XVIII — O Duque de Caxias e a integridade do Brasil | 270 |
| XIX — Academia Brasileira de Lettras | 335 |
| XX — As oligarchias e sua classificação | 401 |

AUCTORES BRASILEIROS

EDITADOS PELA

LIVRARIA CHARDRON, DE LELLO & IRMÃO

SYLVIO ROMERO

| | |
|--|-----------|
| <i>Discursos</i> , 1 vol. | 500 |
| <i>Martins Penna</i> , 1 vol. | 400 |
| <i>America Latina</i> , 1 vol. | 500 |
| <i>Provocações e Debates</i> , 1 vol. | 800 |
| <i>Quadro synthethico da evolução dos generos na literatura brasileira</i> | no prélo. |

COELHO NETTO

| | |
|---|----------|
| <i>Sertão</i> , 1 vol. | 600 |
| <i>A Bico de Penna</i> , 1 vol. | 700 |
| <i>Agua de Juventa</i> , 1 vol. | 700 |
| <i>Romanceiro</i> , 1 vol. | 500 |
| <i>Fabulario</i> , 1 vol. | 500 |
| <i>Jardim das Oliveiras</i> , 1 vol. | 500 |
| <i>Esphinge</i> , 1 vol. | 600 |
| <i>Miragem</i> , 1 vol. | 600 |
| <i>Theatro</i> , vol. 1. ^o — O Relicario; Os raios X; O Diabo no corpo, 1 vol. | no prélo |
| <i>Theatro</i> , vol. 2. ^o — As Estações; ao Luar; Ironia; A Mulher; Fim de Raça, 1 vol. | 400 |
| <i>Theatro</i> , vol. IV — Quebranto; Nuvens, 1 vol. | 500 |
| <i>Apologos</i> , contos para creanças, 1 vol. com illustrações. | no prélo |
| <i>Mysterio do Natal</i> , edição com illustrações | » |
| <i>Fé</i> , novela sertaneja. | » |

No prélo, a seguir em novas edições:

| | |
|----------------------------------|--------|
| <i>Capital Federal</i> | 1 vol. |
| <i>O Rei Phantasma</i> | » |
| <i>Inverno em Flor</i> | » |
| <i>O Morto</i> | » |

| | |
|----------------------------|--------|
| <i>O Paraíso.</i> | 1 vol. |
| <i>O Rajah de Pendejab</i> | 2 vol. |
| <i>A Conquista</i> | 1 vol. |
| <i>A Tormenta</i> | » |
| <i>O Turbilhão</i> | » |

CASIMIRO D'ABREU

| | |
|------------------------------|-----|
| <i>As Primaveras,</i> 1 vol. | 500 |
|------------------------------|-----|

EUCLYDES DA CUNHA

| | |
|-------------------------------------|-----|
| <i>À margem da historia,</i> 1 vol. | 800 |
|-------------------------------------|-----|

ARARIPE JUNIOR

| | |
|----------------------|----------|
| <i>Ibsen,</i> 1 vol. | no prélo |
|----------------------|----------|

VICENTE DE CARVALHO

| | |
|-----------------------------------|----------|
| <i>Poemas e Canções,</i> 1 vol. | 600 |
| <i>Versos da mocidade,</i> 1 vol. | no prélo |

LUIZ MURAT

| | |
|----------------------|----------|
| <i>Ondas,</i> 1 vol. | no prélo |
|----------------------|----------|

JOÃO DO RIO

| | |
|-------------------------------|----------|
| <i>Cinematographo,</i> 1 vol. | 700 |
| <i>Frivola-City,</i> 1 vol. | no prélo |

GARCIA REDONDO

| | |
|----------------------------------|----------|
| <i>Salada de fructas,</i> 1 vol. | 500 |
| <i>Atravez da Europa,</i> 1 vol. | 500 |
| <i>Conferencias,</i> 1 vol. | no prélo |
| <i>Cara Alegre,</i> 1 vol. | » |

SOUSA BANDEIRA

| | |
|------------------------------|----------|
| <i>Peregrinações,</i> 1 vol. | no prélo |
|------------------------------|----------|

PINTO DA ROCHA

| | |
|--------------------------|----------|
| <i>Talitha,</i> 1 vol. | 600 |
| <i>Rainha do Mondego</i> | no prélo |

THOMAZ LOPES

| | |
|--------------------------------------|----------|
| <i>Paisagens de Hespanha,</i> 1 vol. | no prélo |
| <i>O Cysne Branco,</i> 1 vol. | no prélo |

ALCIDES MAIA

| | |
|---------------------------------------|----------|
| <i>Ruinás,</i> romance gaúcho. 1 vol. | no prélo |
|---------------------------------------|----------|

MANOEL ARÃO

Transfiguração, romance, 1 vol. 1\$000

VIRGILIO VARZEA

O brigue fibusteiro, 1 vol. 500

CARMEN DOLORES

Ao esvoaçar da ideia, 1 vol. no prélo

Alma complexa, 1 vol. »

ALMAÇIO DINIZ

Zoilos e Esthetas, 1 vol. 400

OSCAR LOPES

Conferencias, 1 vol. no prélo

LEOPOLDO DE FREITAS

Políticos e litteratos, 1 vol. no prélo

TAVARES BASTOS

Instituições juridicas na Republica brasileira,
1 vol. no prélo

JOÃO DE CASTRO LOPES

Theatro, 1 vol. no prélo

VEIGA DE MIRANDA

Passaros que fogem, contos, 1 vol. 600

REEDICÇÃO DE CLASSICOS

P.e ANTONIO VIEIRA

Sermões, nova edição completa em 15 volumes, cuidadosamente revista e impressa sobre a primeira edição. Toda a obra oratoria do genial prégador em 15 vol. broch. 9\$000 reis, encardenedos 12\$000

PADRE NANOEL BERNARDES

Nova Floresta, edição cuidadosamente revista sobre a primeira, por José Sampaio (Bruno). Publicação em 5 volumes, broch. 3\$500, encadernado . . . 4\$500

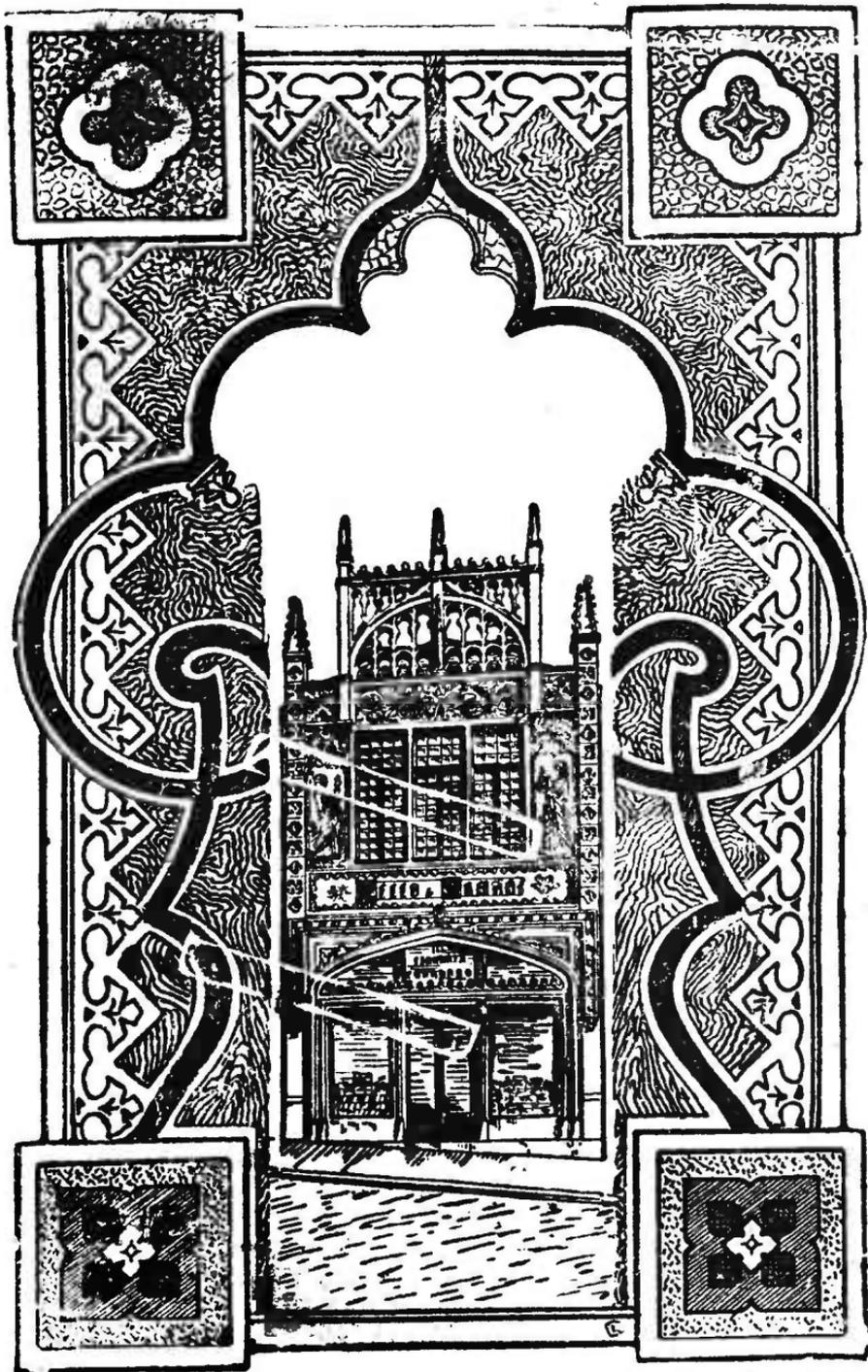
O catálogo da **Livraria Chardron**, envia-se gratis a quem o requisitar.

COLECÇÃO LUSITANIA

Volumes enc. em percalina

Volumes publicados até Outubro de 1919:

- 1 — *Amor de Salvação*, por C. C. Branco.
- 2 — *Riquezas do pobre*, por C. C. Branco.
- 3 — *Eusébio Macário*, por C. C. Branco.
- 4 — *Corja*, por C. C. Branco.
- 5 — *Cartas de Amor*, por Sôror Mariana.
- 6 e 7 — *Nossa Senhora de Paris*, por V. Hugo.
- 8 — *Amores do Diabo*, por C. C. Branco.
- 9 — *Frei Luis de Sousa*, por A. Garrett.
- 10 — *José Bálamo*, por C. C. Branco.
- 11 e 12 — *Madama Bovary*, por Flaubert.
- 13 — *Mentira e Mõça*, por Bernardim Ribeiro.
- 14 — *Brasileira de Prússia*, por C. C. Branco.
- 15 — *Cumêdes*, por A. Garrett.
- 16 — *Romance dum homem rico*, por C. C. Branco.
- 17 — *Cartas do meu moínho*, por A. Daudet.
- 18 — *Freira no subterrâneo*, por C. C. Branco.
- 19 — *Viagens na minha terra*, por A. Garrett.
- 20 — *Cariusco de Vitor Hugo*, por C. C. Branco.
- 21 — *Rafael*, por Lamartine.
- 22 — *Arco de Sant'Ana*, por A. Garrett.
- 23 — *Mosaico e Silva*, por C. C. Branco.
- 24 e 25 — *Noventa e três*, por V. Hugo.
- 26 — *A Religiosa*, por Diderot.
- 27 — *Livro de Consolação*, por C. C. Branco.
- 28 — *Atala, René, o Último Abencerragem*, por Chateaubriand.
- 29 e 30 — *Últimos dias de Pompeta*, por Lord Lytton.
- 31 — *Mulheres da Beira*, por Abel Botelho.
- 32 — *O Aljageme de Santarém e D. Filipa de Vilhena*, por Garrett.
- 33 — *Fior a'Alsa*, por Lamartine.
- 34 — *Maria da Fonte*, por C. C. Branco.
- 35 — *O illustre Dr. Mateus*, por Erkmann-Charlián.
- 36 — *Ciáudio*, por Lamartine.
- 37 — *Dama das Camélias*, por A. Dumas.
- 38 — *No Bom Jesus do Monte*, por C. C. Branco.
- 39 — *Manon Lescaut*, pelo Abade de Prévost.
- 40 — *Contos escolhidos*, por J. Brandão.
- 41 — *Os Sacrificados*, por J. Grave.
- 42 — *O Senhor Deputado*, por J. L. Pinto.
- 43 — *Eugénia Grandet*, por Balzac.
- 44 — *Os que amam e os que sofrem*, por J. Grave.
- 45 — *Infâmia de Frei Quintino*, por U. Loureiro.
- 46 — *Regina e Grasiela*, por Lamartine.
- 47 — *D. Branca*, por Garrett.
- 48 — *Fábulas*, por La Fontaine.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).